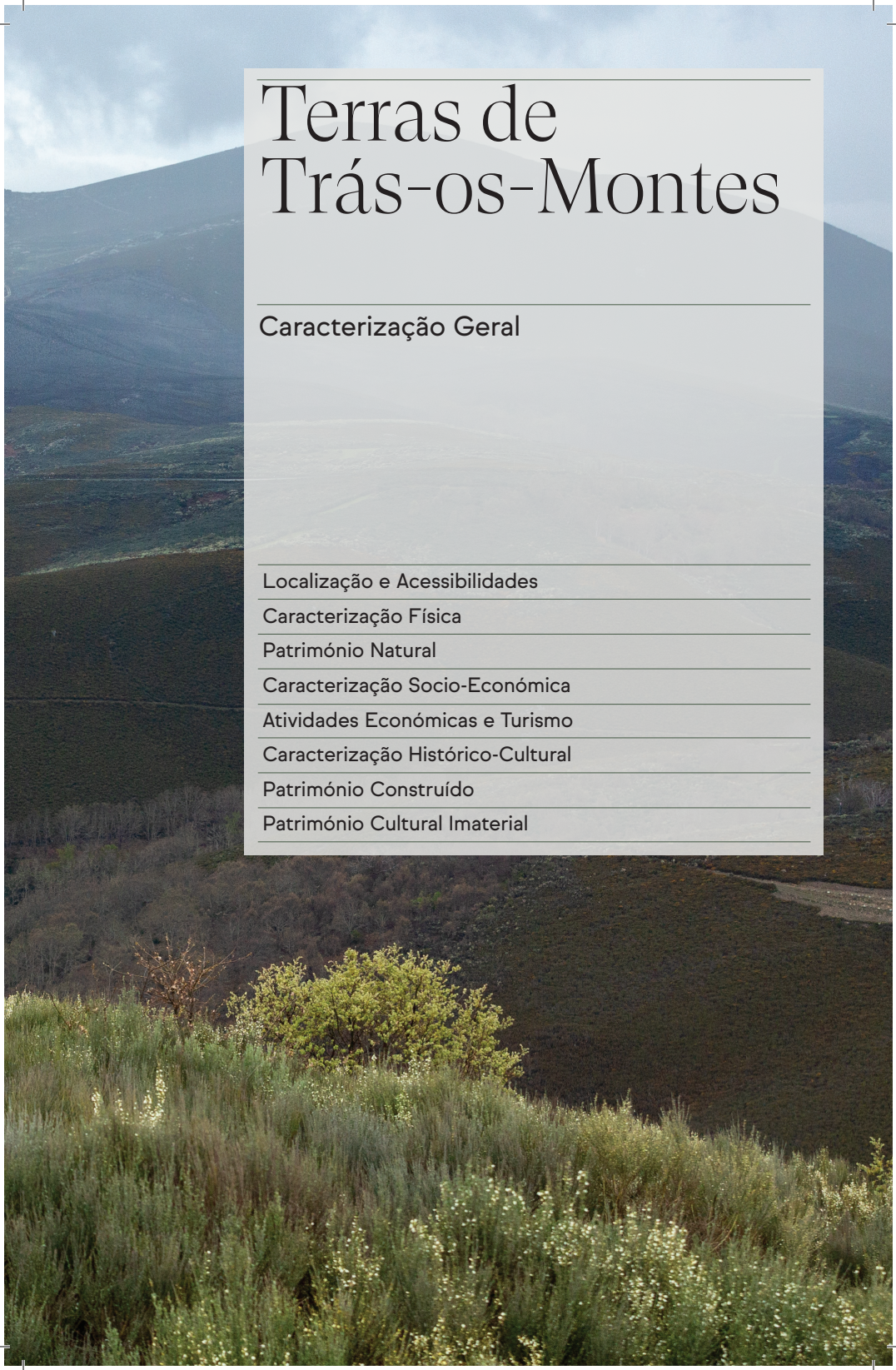
“Vê-se primeiro um mar
de pedras. Vagas e vagas
sideradas, hirtas e hostis,
contidas na sua força
desmedida pela mão
inexorável dum Deus criador
e dominador. Tudo parado
e mudo. Apenas se move
e se faz ouvir o coração no
peito, inquieto, a anunciar
o começo duma grande hora.”

Miguel Torga
“Um Reino Maravilhoso” (1941)





Terras de Trás-os-Montes

Caracterização Geral

Localização e Acessibilidades

Caracterização Física

Património Natural

Caracterização Socio-Económica

Atividades Económicas e Turismo

Caracterização Histórico-Cultural

Património Construído

Património Cultural Imaterial

Um lema, um povo

"Para cá do Marão, mandam os que cá estão" é o dito mais orgulhosamente reiterado pelos habitantes das Terras de Trás-os-Montes. Numa só afirmação, encontram-se lema e sentença, ordem de vigília e bandeira – e a descrição mostra-se cada vez mais certeira quanto mais descobrimos a profundidade das relações entre as pessoas e o território.



O povo das Terras de Trás-os-Montes forma comunidades onde a individualidade não se dilui pelo conjunto nem se sujeita a terceiros, especialmente se estes forem de fora. Cada um é capaz de "mandar", o que se traduz na escolha autónoma do seu caminho, acarretando as decisões e responsabilidades que lhe concernem. Ainda assim, há uma ligação partilhada por todos, que começa na identidade de lugar e se estende pela vontade comum de resistir a qualquer tipo de gestão externa – se foram os modelos e os costumes do poder central que batizaram o território em termos que sugerem a sua intransponibilidade, então que seja feita a sua vontade. A implicação é clara: aqui, cada pessoa é senhora de si e, através desse traço comum, formam um só povo, no âmago do qual não se distinguem poderes ou autoridades superiores.

"Para cá do Marão" reclama uma fronteira, através da qual se confirma o sentido de território e a diferença – todos os que "cá estão" são independentes dos de fora e emancipados entre si. Para entender o desenvolvimento deste espírito tão particular, devemos debruçar-nos sobre as características do território.

"Sente-se um calafrio.
A vista alarga-se
de ânsia e de assombro.
Que penedo falou?
Que terror respeitoso
se apodera de nós?
Mas de nada vale
interrogar o grande
oceano megalítico, porque
o nume invisível ordena:
– Entre!
A gente entra, e já está
no Reino Maravilhoso."

Miguel Torga
"Um Reino Maravilhoso"
(1941)

"Léguas e léguas de chão raivoso, contorcido, queimado por um sol de fogo ou por um frio de neve. Serras sobrepostas a serras. Montanhas paralelas a montanhas. Nos intervalos, apertados entre os rios de água cristalina, cantantes, a matar a sede de tanta angústia. E de quando em quando, oásis da inquietação que fez tais rugas geológicas, um vale imenso, dum húmus puro, onde a vista descansa da agressão das penedias."

Miguel Torga
"Um Reino Maravilhoso"
(1941)

Pisando o chão, cruzando as Serras, sentindo a passagem dos dias, apercebemo-nos do aspeto que serve de redoma a todas as outras características do território: a dureza. É aparente no solo ríspido, tanto na sua expressão granítica como xistosa.

É evidente no clima contrastante, entre frentes de calor e picos de frio, períodos de humidade e barragens de secura, nas horas de vendavais ou tempos de acalmia.

Expressa-se até na luta entre os dedos colossais que se levantam da crosta terrestre sobre a forma de serranias contra as torrentes caídas do céu que os parecem querer despedaçar.

Incrivelmente, estes contrastes conciliam-se para promover um espetáculo íntimo, um mapa "intocado", que deslumbra pela naturalidade da sua beleza. Sobre um céu eterno, a paisagem multiplica-se em montanhas corpulentas e planícies vastas, onde rochas desagregadas pela força das chuvas e coberturas vegetais espontâneas ladeiam plantações e culturas como a vinha, o carvalho, o castanheiro ou a oliveira, que – apesar de introduzidas pelo homem – parecem despontar com a benção do próprio território.

Aqui reside a magia tantas vezes esquiva à descrição: é precisamente da violência dos fenómenos que resulta um mundo profundamente acolhedor para quem ousa descobri-lo.

Quando nos debruçamos sobre o seu vasto e frequentemente contrastante leque de características orográficas e climáticas, é possível encontrar duas sub-regiões principais: a Terra Fria Transmontana, localizada essencialmente a norte, onde a altitude é mais elevada e o clima mais frio e húmido; e a Terra Quente Transmontana, situada mais a sul, que apresenta uma altitude menos acentuada e um clima mais quente e seco.



Situando-se no extremo Nordeste de Portugal continental, as Terras de Trás-os-Montes abrangem uma área terrestre de cerca de 5.540 km^2. Esta extensão é uma das ecologicamente mais ricas de toda a Europa, dadas as suas características biofísicas e a relação de harmonia que estas estabelecem com as suas outras especificidades, tais como os fatores demográficos e sociais.

Com 1486m de altitude, a Serra de Montesinho é a quarta serra mais alta de Portugal.



A Terra Fria (Vinhais, Bragança, Miranda do Douro, Vimioso e Mogadouro) caracteriza-se por relevos montanhosos e acidentados, sobre os quais se estendem invernos longos e rigorosos, frequentemente nevosos e com noites que podem chegar aos graus negativos, seguidos de verões quentes e intensos – tal como ilustrado pela expressão popular "nove meses de inverno e três de inferno". No início do ano, somos brindados por visões encantadoras como a das Serras da Nogueira e Montesinho, ou de Sanabria e da Culebra, cobertas de neve. Ou a dos vales profundos, que ladeiam os rios Sabor, Rabaçal e Maçãs, pincelados por geadas gloriosas. Com a início do espetáculo primaveril do florescimento, o território eleva-se em verdes de onde despontam outras manchas coloridas. À chegada do verão, os amarelos estalam e tomam conta do cenário. Gradualmente, estes vão dando lugar aos ocres, vermelhos e pardos que anunciam o outono, envolvendo a paisagem num cobertor idílico.

Já a Terra Quente (Alfândega da Fé, Macedo de Cavaleiros, Mirandela e Vila Flor), sendo uma área de transição entre montanha e planície, distingue-se pelas suas superfícies aplanadas e levemente onduladas, onde os verões são pronunciados e os invernos chuvosos e com geadas frequentes. Entre os vales do rio Sabor e as serras de Bornes e de Santa Comba, também a passagem das estações revela fascinantes variações na paisagem, inspirando à profunda contemplação. A aridez invernal deslumbra pela acutilância dos tons fulvos que produz, enquanto que a capa primaveral desvenda manchas floris brancas e rosáceas. No verão, a intensidade do sol espelha-se no cenário, dourando-o e avivando ainda mais a paleta terrosa típica do território. No outono, os brilhos fulgurosos acentuam a riqueza das estruturas naturais e dos espaços humanos.

O rendilhado paisagístico é também influenciado pelos diferentes aproveitamentos dos solos que prevalecem em cada sub-região. A Terra Fria é amplamente associada à produção de castanha em termos de expressão agrícola, mas não são apenas soutos que se distinguem no horizonte. Grande parte do território é ocupado por extensões florestais espontâneas onde prevalece o carvalho negral (*Quercus pyrenaica*) mas que se fazem cravejar também por sobreiros, azinheiras, oliveiras, freixos e zimbreiros. Estes alternam-se com áreas de pastagem e lameiros, nome dado aos seus enormes prados verdejantes, e ainda volumosas searas de trigo e centeio.

Na Terra Quente, a produção agrícola assume um padrão mais mediterrânico, que se associa ao cultivo de oliveira mas que também compreende a amêndoa, a cereja, o figo e a uva. Aqui, as florestas naturais confluem com manchas de matos e pastagens, e os seus bosques são sobretudo cobertos por sobreirais (*Quercus suber*), que alimentam a importante actividade de produção de cortiça.

O património biológico e geológico das Terras de Trás-os-Montes é riquíssimo e, cada vez mais, constitui alvo de estudo e motivo de atração – até porque estabelece o coração da Reserva da Biosfera Transfronteiriça (RBT) Meseta Ibérica, classificação atribuída pela UNESCO à região do nordeste de Portugal e áreas transfronteiriças das províncias de Zamora e Salamanca (Espanha).

Um símbolo maior da região são os seus magníficos produtos gastronómicos tradicionais. Seguindo os princípios da baixa transformação, muitos deles foram já agraciados com os selos de Denominação de Origem Protegida (DOP) e Indicação Geográfica Protegida (IGP). Estas iguarias fornecem autênticos testemunhos das tradições ancestrais, da cultura e do modo de vida das suas comunidades.



A Serra de Bornes destaca-se pelas suas colinas, pequenos planaltos, vales profundos e esculpidos, alguns cursos de água e áreas de vales abertos.

Este território é constituído pelos municípios de Alfândega da Fé, Bragança, Macedo de Cavaleiros, Miranda do Douro, Mirandela, Mogadouro, Vila Flor, Vimioso e Vinhais, apresentando todos eles características e patrimónios culturais muito particulares – sendo enquadrados, sem exceção, por uma impressionante riqueza natural.

Na Terra Fria, o Porco Bísaro, raça autóctone portuguesa, é incontornável. Tal como são irresistíveis os enchidos de Vinhais – a alheira, a chouriça de carne, a chouriça doce, o chouriço azedo, o butelo –, o Cordeiro Bragançano ou a posta mirandesa. Ou, ao nível do pescado, a truta das ribeiras de água fria, o barbo e a carpa. Indispensável ainda é a Castanha da Terra Fria, disponível em dez variedades – Amarelal, Aveleira, Boa Ventura, Côta, Judia, Lamela, Longal, Martaínha, Negral e Trigueira. Mesmo referindo as casulas, os cuscos, o presunto e o folar, a lista de delícias regionais que há aqui a descobrir não estará completa.

A Terra Quente oferece a típica alheira de Mirandela, cujos ingredientes contemplam carne e gordura de porco, carne de aves, pão de trigo, azeite e banha, bem como o Queijo Terrincho e o Borrego Terrincho, obtidos do leite cru e da carne de ovelha de raça Churra da Terra Quente (e distinta da Churra da Terra Fria) o Cabrito e o queijo de Cabra Transmontano. Muito apreciado é também o seu azeite, produzido a partir das variedades Verdeal transmontana, Cobrançosa, Cordovil ou Madural.

Igualmente inconfundíveis são os seus méis, contando com o Mel da Terra Quente e o Mel de Montesinho, ambos produzidos pela espécie de abelha *Apis mellifera iberiensis* mas que revelam sabores muitos distintos. Indiscutivelmente a referir, há ainda os pratos e produtos de caça, como o javali, a perdiz, o pombo-torcaz, a lebre e o coelho.

Se a gastronomia codificada nos fornece indícios culturais que remontam, pelo menos, há vários séculos atrás, os vestígios físicos presentes na região dão-nos provas de ocupação humana que se estende por mais de vinte mil anos de história. Desde a arte rupestre, cujas expressões mais arcaicas remontam ao Paleolítico Superior, passando pelos monumentos megalíticos, povoados fortificados da Proto-história e edificações dos períodos romanos e medievais, até às construções modernas, o território oferece variadíssimos testemunhos das práticas populares, eruditas, religiosas e pagãs dos seus habitantes ao longo das eras.



A época festiva estende-se de 31 de outubro até à Quarta-feira de Cinzas, com os tradicionais mascarados a agitarem as ruas das vilas e aldeias.

Admiravelmente, e apesar da enorme distância temporal que os separa, muitos laivos destas práticas parecem vingar ainda hoje nas tradições culturais que são tão orgulhosamente conservadas pelas povoações. As Festas de Inverno, por exemplo, tipificam ritos advindos de tempos em que a vida se organizava em torno dos ciclos agrário. Os titulares Caretos são historicamente associados a manifestações festivas pagãs. Na música secular e popular transmontana, o uso de instrumentos como a gaita-de-foles e o bombo sugere um enraizamento proveniente da Idade Média. Algumas teorias sugerem que a dança dos Pauliteiros de Miranda deriva de rituais de preparação para combate típicas da Segunda Idade do Ferro. Mais, a língua Mirandesa funciona como depoimento vivo de uma expressão que desafia as linhas territoriais que hoje tomamos por divisórias.

A dança dos Pauliteiros encontra-se circunscrita a alguns concelhos de Entre-Douro e Sabor.



Localização e Acessibilidades

As Terras de Trás-os-Montes situam-se no nordeste de Portugal, afirmando-se enquanto sub-região do Norte do país, compreendendo nove concelhos: Alfândega da Fé, Bragança, Macedo de Cavaleiros, Miranda do Douro, Mirandela, Mogadouro, Vila Flor, Vimioso e Vinhais. O seu território, vulgo Nordeste Transmontano, abrange uma área aproximada de 5538 quilómetros quadrados – perfazendo 26% da região Norte –, e alberga uma população de cerca de 107.300 habitantes (INE, 2021).

A norte e a leste, enquadram-nas as províncias espanholas da Galiza e Castela e Leão, respetivamente. A sul, limitam-nas a sub-região do Douro e, a oeste, a sub-região do Alto do Tâmega e Barroso. Mais amplamente, o Nordeste Transmontano perspetiva-se sobre o eixo central da Europa e salienta-se também pela sua centralidade ibérica e proximidade com Espanha.

As Terras de Trás-os-Montes apresentam uma cobertura de rede viária alargada e diversificada, composta por estradas municipais, nacionais, de itinerário principal (IP2), itinerário complementar (IC5) e autoestrada (A4). Esta rede garante ligações escorreitas aos grandes centros urbanos nacionais e acessos rodoviários transfronteiriços diretos.

Em maior detalhe, os pontos de entrada para conexões nacionais e transnacionais estão presentes nos concelhos de Bragança, Macedo de Cavaleiros e Mirandela, enquanto que Vilar Flor, Mogadouro e Alfândega da Fé são os mais bem servidos aos nível das tipologias itinerário principal e complementar. Em termos de ligações entre aglomerados urbanos sedes de concelho, Vimioso, Mirandela e Macedo de Cavaleiros concentram o maior número de vias.

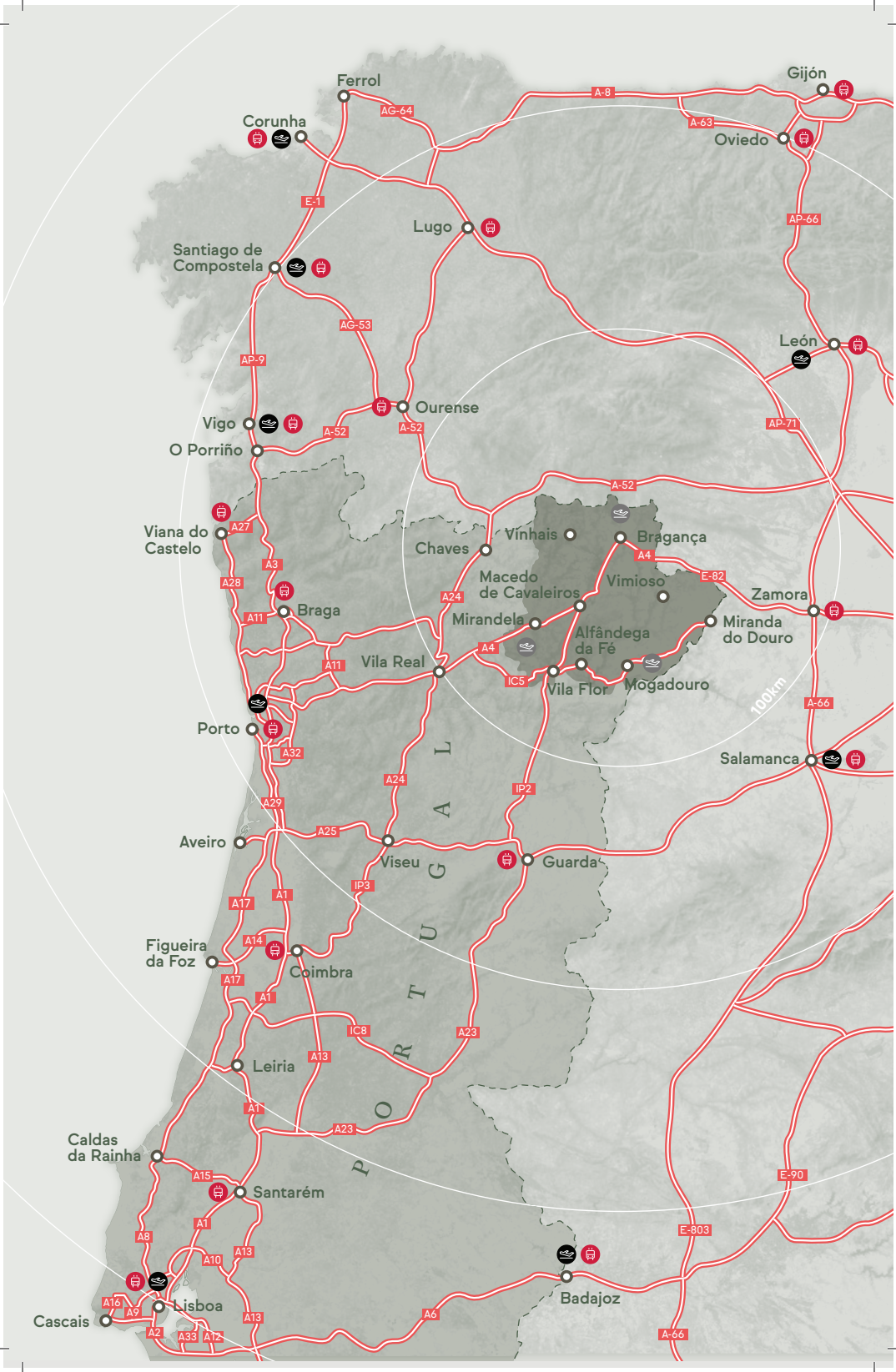
Em termos de transporte público, a maior parte das deslocações dentro do território são asseguradas por serviços de transporte coletivo rodoviário – habitualmente designados "carreiras"–, destacando-se em termos sociais pela subscrição estrita ao regime de preços máximos anualmente tabelados por Portaria. Assim, a sub-região é servida por 8 operadores distintos, que oferecem 91 linhas de serviço base, 12 parcelares e 1 variante. A par destas carreiras tipicamente municipais, existem ainda serviços expressos, utilizados maioritariamente em deslocações de médio/longo curso e que ligam as Terras de Trás-os-Montes aos principais polos urbanos nacionais.

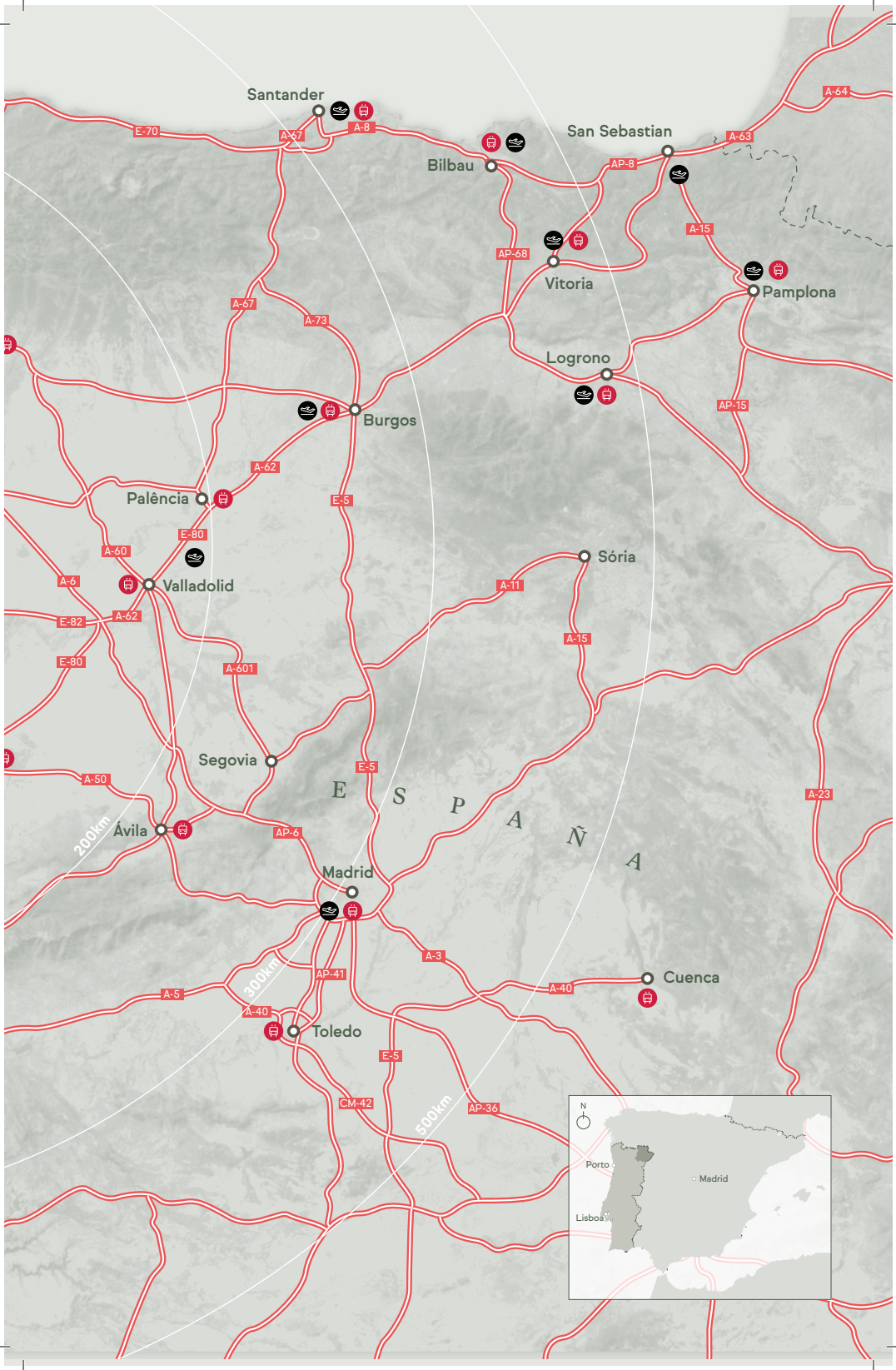
Outrora, a sub-região era servida pelas linhas de caminho de ferro do Sabor e do Tua. Neste contexto, é importante referir a proximidade do território às estações espanholas de comboios de alta velocidade AVE, particularmente à de Sanábria, a 50 quilómetros de Bragança.

No que respeita ao transporte aéreo, o maior fluxo de atividade concentra-se no Aeródromo de Bragança, localizado na freguesia de Baçal, contando com duas pistas de aproximadamente 1700 x 30 metros, hangar e outras estruturas associadas, como uma aerogare com bar e sala de embarque. É daqui, por exemplo, que parte a concorrida ligação aérea Bragança-Lisboa-Portimão. Neste âmbito, funcionam ainda no território o Aeródromo Municipal de Mogadouro, o Aeródromo Municipal de Mirandela e o Heliporto Municipal de Macedo de Cavaleiros.



O percurso da Rota das Terras de Trás-os-Montes, permite descobrir aldeias, vilas, cidades e concelhos ricos em sabores, paisagens e cultura.

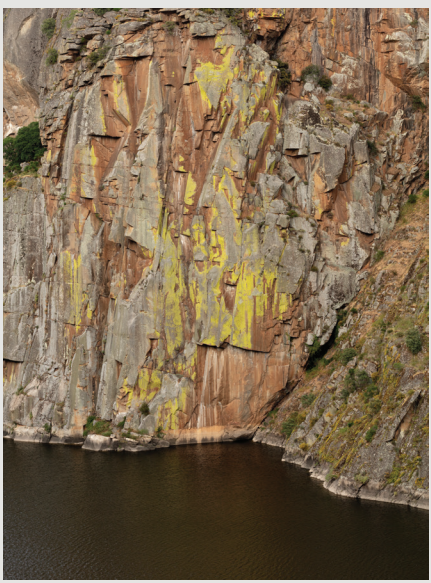

Ferrol
Gijón
Corunha
Oviedo
Lugo
Santiago de Compostela
León
Ourense
Vigo
O Porriño
Viana do Castelo
Chaves
Vinhais
Bragança
Macedo de Cavaleiros
Vimioso
Zamora
Braga
Mirandela
Miranda do Douro
Alfândega da Fé
Vila Real
Vila Flor
Mogadouro
100km
Porto
Salamanca
Aveiro
Viseu
Guarda
Figueira da Foz
Coimbra
Leiria
Caldas da Rainha
Santarém
Badajoz
Lisboa
Cascais
PORTUGAL
AG-64
A-8
A-63
AP-66
E-1
AG-53
AP-9
A-52
AP-71
A27
A3
A28
A11
A24
A4
E-82
IC5
A-66
A32
A29
IP2
A25
IP3
A1
A17
A14
IC8
A23
A13
A15
A8
A10
A16
A9
A2
A33
A12
A6
E-90
E-803


Santander
E-70
A-67
A-8
Bilbau
San Sebastian
A-64
A-63
AP-8
A-15
AP-68
Vitoria
Pamplona
A-67
A-73
Logrono
Burgos
AP-15
A-62
Palência
E-5
E-80
A-60
Sória
A-6
Valladolid
A-11
E-82
A-62
A-15
E-80
A-601
Segovia
E-5
A-50
E S P A Ñ A
A-23
200km
Ávila
AP-6
Madrid
A-3
300km
AP-41
A-5
A-40
A-40
Cuenca
Toledo
E-5
CM-42
500km
AP-36
N
Porto
Madrid
Lisboa

Caracterização Física

Em termos gerais, as Terras de Trás-os-Montes situam-se em plataformas altas e suavemente onduladas, recortadas por vales profundos.

As escarpas graníticas vigorosas e abruptas que marcam o encaixe do rio Douro na superfície fundamental da Meseta Ibérica, são uma das paisagens mais representativas do vale do Douro Internacional. Aqui é também possível observar o "2" gravado pela natureza.



Orografia

A sub-região das Terras de Trás-os-Montes apresenta uma assinalável diversidade altimétrica, variando entre os 150 metros (Vila Flor) e os 1400 metros (Bragança). A classe altimétrica mais representativa situa-se entre os 400 e os 700 metros e faz-se notar especialmente nos concelhos de Miranda do Douro, Mogadouro e Vimioso, integrando-se estes na Meseta Ibérica – unidade morfológica que se configura como um extenso planalto com posicionamento central na península ibérica.

Em termos gerais, as Terras de Trás-os-Montes situam-se em plataformas altas e suavemente onduladas, recortadas por vales profundos. Mais detalhadamente, o território abarca duas realidades distintas no que toca à altimetria, motivando classificações independentes: a Terra Fria Transmontana, composta por cotas altimétricas mais elevadas; e a Terra Quente Transmontana, caracterizada por baixas altimétricas mais frequentes, sobretudo nos vales e bacias dos rios Tua e Sabor.

Altimetria da Terra Fria

A parte mais significativa das cotas altimétricas do território da Terra Fria Transmontana encontra-se entre os 400 e os 1000 metros de altitude. As zonas menos elevadas, abaixo dos 400 metros, estão associadas aos vales e talvegues das principais linhas de água.

Junto ao rio Sabor, no município de Mogadouro, encontra-se a zona mais baixa da Terra Fria, a cerca de 200 metros de altitude. Este curso de água atravessa vários municípios da região, implicando os seus vales e descrevendo as suas zonas mais baixas. Os vales dos rios Maçãs e Angueira, que marcam a paisagem em Vimioso, situam-se abaixo dos 400 metros de altitude. Em Vinhais, também a paisagem assinala dois rios com altitudes inferiores a este nível, o Tuela e o Rabaçal. Miranda do Douro e Mogadouro são ainda delimitados pelo rio Douro, curso que determina também a fronteira com Espanha.

Em contrapartida, a Terra Fria Transmontana apresenta algumas zonas de alto relevo, com valores altimétricos acima dos 1200 m. A serra de Montesinho – que abrange território português e espanhol – apresenta cotas de 1400 metros em solo transmontano, embora as mais elevadas se situam do outro lado da fronteira. A serra da Coroa, localizada no município de Vinhais, apresenta picos acima dos 1200 metros de altitude, sendo que as cotas altimétricas máximas da serra de Nogueira, centralizada em Bragança e Macedo de Cavaleiros, ultrapassam os 1300 metros.

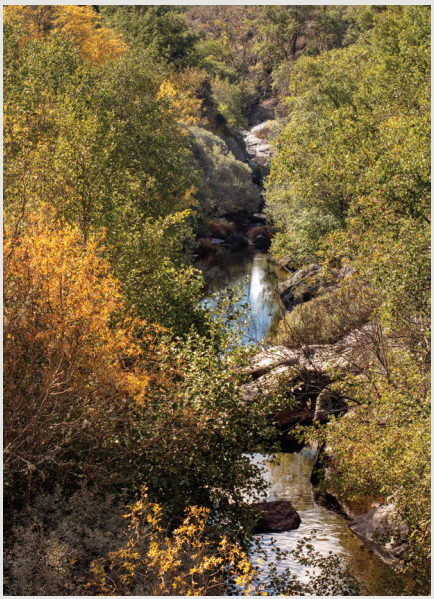
Por sua vez, as superfícies planálticas dos concelhos de Miranda do Douro, Mogadouro, Bragança e Vimioso fazem parte da extensa Meseta Ibérica, onde as diferenças altimétricas são menos acentuadas. No que toca a esta tipologia, são ainda de referir as unidades do Planalto Mirandês, o Planalto de Deilão, as plataformas de Grijó de Parada a Quintela de Lampaças, assim como a unidade que é determinada pela ribeira de Penacal e o rio Fervença. Já os concelhos de Vinhais e Bragança integram os Planaltos Centrais, caracterizando-se pelo relevo mais acentuado e irregular, ainda que contenham também alguns planaltos associados às linhas de água.

Altimetria da Terra Quente

Na generalidade da sua extensão territorial, a Terra Quente Transmontana (Alfândega da Fé, Macedo de Cavaleiros, Mirandela e Vila Flor) é composta por classes altimétricas mais baixas e um relevo mais suave do que a Terra Fria. Deve evidenciar-se o caso da "bacia de Mirandela", por onde correm os rios Tuela, Rabaçal e a ribeira de Carvalhais, confluentes no Tua nas proximidades da cidade de Mirandela, com altitudes entre os 200 e os 400 metros. O restante território da Terra Quente Transmontana situa-se maioritariamente entre os 400 e os 700 metros de altitude.



Os Vales dos rios Angueira, Sabor e Maçãs apresentam características de conservação ímpares que beneficiam, em perfeito equilíbrio, tanto a natureza como o homem.



Na bacia do Tuela, descobrem-se encostas pedregosas, irrigadas por muitas linhas de água que derivam do caudal principal do rio, marcando o terreno de colinas e outeiros. Urze, estevas e rosmaninho despontam dos matos rasteiros, a par e passo com os dominantes castanheiros.

Este território integra os Planaltos Centrais, uma unidade geomorfológica de relevo acidentado composto por vários níveis de aplanamento. Aqui, a Serra de Bornes assume uma posição central. Num alinhamento sudoeste-nordeste, esta elevação estabelece o limite entre os concelhos de Macedo de Cavaleiros (a Norte) e Alfândega da Fé (a Sul), atingindo o seu ponto mais alto a 1.199 metros de altitude.

No seu extremo Nordeste, destaca-se a Serra da Nogueira. Aqui, registam-se pontos a 1.319 metros de altitude-se no concelho de Bragança e, no concelho de Macedo de Cavaleiros, perto da aldeia de Bousende, a 1.231 metros.

A poente, merece referência a Serra de Santa Comba, no limite de Mirandela com Valpaços, que atinge os 1.013 metros no Alto do Picoto. Nesta serra, salientam-se ainda os pontos altos do Colado, na freguesia do Franco (883 m), de Orelhão (932 m) na freguesia de Lamas de Orelhão, e da Soalheira (946 m) na freguesia de Passos.

Apesar da sua altitude não ultrapassar os 822 metros, a Serra do Faro, em Vilar Flor, sobressai na paisagem pelas suas características e beleza invulgares. É também aqui que se localiza o notório Santuário de Nossa Senhora da Assunção, no alto dos 766 metros do cabeço de Vilas Boas.

Declives e exposição solar

Na sub-região das Terras de Trás-os-Montes, os declives mais acentuados associam-se principalmente às zonas das encostas de algumas das linhas de água. Entre estes, realçam-se os declives associados aos rios Rabaçal e Tuela, no município de Vinhais, que são na sua maioria superiores a 25%.

No geral, a Terra Quente define-se por declives menos acentuados. Contudo – e curiosamente – é aqui que se encontram alguns dos declives mais acentuados do território geral de Trás-os-Montes, em associação ao rio Sabor e à Serra da Nogueira.

No que toca à exposição solar, a sub-região das Terras de Trás-os-Montes não apresenta homogeneidade, contendo áreas de exposição mais direta (a sul) e outras de exposição menos direta (a norte). A diversidade das orientações de vertentes está sobretudo ligada aos principais elementos morfológicos do território – as serras e os vales de rios. No entanto, é possível distinguir um conjunto de vertentes predominantemente paralelas – isto é, norte-sul ou este-oeste, separadas pelas linhas de água e de cumeada.

Bacias e sub-bacias hidrográficas

As Terras de Trás-os-Montes são integralmente enquadradas pela bacia hidrográfica do rio Douro (RH3). A Região Hidrográfica do Douro tem uma área total de 97.477,66 km², dos quais 18.587,85 km2 se situam em Portugal (19,07%) e 78.889,0 km² em Espanha (80,93%), afigurando-se como a maior entre as bacias dos rios peninsulares. Considerando apenas o território nacional, esta bacia hidrográfica é também a maior de entre as de todos os rios que atravessam Portugal.

Do ponto de vista hidrogeológico, a Região Hidrográfica do Douro insere-se na unidade hidrogeológica designada de Maciço Antigo Indiferenciado, que se carateriza por sistemas de natureza fissurada. Aqui, raramente ocorrem aquíferos porosos, como aluviões ou coluviões. Cerca de 95% da área da Região Hidrográfica do Douro é constituída exclusivamente por granitos e formações metamórficas, com condutividade hidráulica baixa, de onde resultam produtividades reduzidas. O caudal médio de exploração neste tipo de rocha não ultrapassa, geralmente, 1 l/s – no entanto, dada a representatividade deste tipo de aquíferos na sub-região, o seu papel é fundamental no abastecimento local. As especificidades hidráulicas dos aquíferos resultantes de rochas fissuradas caraterizam-se por uma forte heterogeneidade, estando sempre associado um grande grau de incerteza quanto à sua aptidão hidrogeológica.

São numerosos os recursos hidrográficos que marcam o território da sub-região Terras de Trás-os-Montes, sendo uma parte substancial da sua paisagem esculpida pelos meandros do Sabor, do Rabaçal e do Tuela, do Tua e, afamadamente, do rio Douro. Para além das suas bacias e sub-bacias hidrográficas, afiguram-se reservatórios de água e barragens, bem como as nascentes e fontes termais.

No território, encontram-se 4 sub-bacias que integram a bacia hidrográfica do rio Douro: Sabor, Rabaçal/Tuela, Tua e Douro.

De todas as sub-bacias, a do Douro é aquela que apresenta um maior escoamento médio anual (16.434 hm^3 em ano húmido), seguindo-se a sub-bacia do Sabor, a do Rabaçal/Tuela e, por fim, a do Tua. É de notar que a diferença de escoamento médio anual entre os anos húmidos e os anos secos é menor nas sub-bacias do Douro (-55,2%) e do Rabaçal/Tuela (-56,3%), por comparação com a do Sabor (-63,7%) e a do Tua (-61.1%).

Barragens e Albufeiras

As três grandes barragens com maior destaque coincidem com as três que têm aproveitamento hidroelétrico, todas elas construídas no rio Douro, inauguradas entre 1958 e 1964 – a barragem de Bemposta, no concelho de Mogadouro, e as barragens de Miranda do Douro e de Picote, no concelho de Miranda do Douro.

Das três, a de Bemposta é aquela com maior potência instalada (439 MW), sendo que a de Picote é a que tem maior altura (100m) e a de Miranda do Douro a que apresenta um maior coroamento (535m).

Para além das albufeiras destes barragens, existem na região 13 outras albufeiras de águas públicas classificadas, todas sob a alçada da Administração da Região Hidrográfica do Norte – Açude das Gralhas, Açude Ponte de Mirandela, Alfândega da Fé/Esteveínha, Azibo, Bastelos, Burga, Carvalheira, Montesinho, Peneireiro, Salgueiro, Sambade, Serra Serrada e Valtorno.

Para lá das suas funções técnicas – tipicamente, o regadio – muitas destas configuram alguns dos espaços mais procurados da região em termos de lazer, paisagística e desportos de aventura. A barragem do Azibo, possivelmente a mais emblemática deste leque, goza do estatuto de Paisagem Protegida, apresentando um imenso lago que serve de abrigo a diversas espécies, uma rede de percursos sinalizados e deslumbrantes praias fluviais.

A área envolvente da Albufeira do Azibo, em Macedo de Cavaleiros, oferece uma oportunidade de conexão com o mundo natural que funciona também como portal para a compreensão da cultura dos povos da Terra Quente. Neste imenso lago, confluem espécies protegidas e há uma rede de percursos sinalizados que encantam os adeptos de caminhadas e BTT.





Em termos de espetáculo para os sentidos, é impossível não referir também os magníficos Lagos do Sabor, ligados entre si por gargantas e penhascos, constituindo um verdadeiro santuário para a vida selvagem. Apesar da barragem que lhe dá origem não se situar tecnicamente nas Terras de Trás-os-Montes, as suas extensas águas abrangem os concelhos de Mogadouro, Alfândega da Fé e Macedo de Cavaleiros.

Adicionalmente, é possível ainda identificar outras barragens que não se encontram classificados pela Agência Portuguesa do Ambiente, mas que desempenham um papel importante no armazenamento e gestão dos recursos hidrográficos da sub-região. São disso exemplos as Barragens de Camba e de Santa Justa/Eucísia (Alfândega da Fé), as Barragem das Veiguinhas e da Castanheira (Bragança), as Barragens de Bouçais-Sonim e de Vale Madeiro (Mirandela), a Barragem de Nabo (Vila Flor) e as Barragens de Nunes, Prada e Rebordelo (Vinhais).

Implantada no rio Douro, na linha de fronteira natural entre Espanha e Portugal, destaca-se a barragem de Bemposta, com 87 metros de altura e 297 metros de comprimento no coroamento.



São conhecidas as vocações terapêuticas das águas da Terronha, com efeitos ao nível muscular, esquelético, dermatológico, reumático e respiratório.

Fontes termais

De acordo com a Direção-Geral de Energia e Geologia (DGEG), existem no território nacional um total de 82 Águas Minerais Naturais Qualificadas, sendo que 42 destas têm como tipologia de aproveitamento o termalismo, 15 o engarrafamento, 12 o engarrafamento e termalismo e ainda 8 a geotermia.

No território da sub-região Terras de Trás-os-Montes, existem quatro Águas Minerais Naturais qualificadas: Águas de Bem Saúde (Vila Flor), Águas de Sandim (Vinhais), Nascente da Água de Gostei (Bragança) e Termas de Terronha (Vimioso).

Com exceção das Termas de Terronha, exclusivamente utilizadas para a atividade termal, todas são utilizadas com o fim de engarrafamento. As Águas de Bem Saúde encontram-se concessionadas ao grupo Sumol + Compal Marcas, S.A., responsável pelo engarrafamento das águas minerais gasocarbónicas "Frize".

O tipo de água da Nascente de Gostei e das Termas de Terronha é sulfúrea, enquanto as Águas de Sandim e as de Bem Saúde são gasocarbónicas.

Geologia

O Maciço Hespérico constitui a mais extensa unidade morfoestrutural da Península Ibérica, abarcando quase todo o seu território ocidental e central. Cerca de dois terços do território de Portugal continental enquadram-se na sua área, incluindo a sub-região das Terras de Trás-os-Montes. O Maciço Hespérico é uma plataforma Varisca – um dos ciclos orogénicos, os ciclos de formação e erosão de cadeias montanhosas – constituída, essencialmente, por um substrato rochoso de idade paleozóica e proterozóica superior.

O ciclo Varisco teve início há cerca de 550 milhões de anos atrás e, compreendendo as fases de sedimentação, tectogénese e destruição. Do ponto de vista geodinâmico, esta cadeia é o resultado do choque de blocos continentais, culminando na formação do supercontinente Pangeia. Assim, as primeiras fases terão ocorrido no período paleozóico, sendo marcadas por diversos episódios de colisão e acreção tectónica.

A plataforma Varisca terá tido origem, essencialmente, da colisão de África (Noroeste de Gondwana) e Laurentia-Báltica. Neste processo, vários mares existentes terão também fechado. A sub-região das Terras de Trás-os-Montes apresenta um património geológico com importância internacional no registo deste ciclo, sendo disso exemplo o Maciço de Morais – conhecido localmente como o "Umbigo do Mundo".

Apesar de relativamente pequena, esta cadeia montanhosa (cujo ponto principal é o Monte de Morais no concelho de Macedo de Cavaleiros) desperta especial interesse junto dos geólogos, uma vez que é constituída maioritariamente por rochas ultra-básicas provenientes do manto e extremamente raras à superfície terrestre. Este fator, ao conjugar-se com a singularidades das tradições e viveres locais, garantiu a integração do concelho de Macedo de Cavaleiros na rede mundial de geoparques da UNESCO a partir de 2014, conquistando o selo Geoparque Terras de Cavaleiros.

Um outro marco importante na região é o Maciço de Vinhais-Bragança, também ele recoberto por uma sequência monometamórfica que cavalga os terrenos envolventes. Aqui, tal como no Maciço de Morais, identificam-se duas unidades distintas: a Centro-Transmontana, estabelecendo-se na periferia imediata dos maciços, e a Peri-Transmontana, que irradia da anterior, envolvendo-a parcialmente.

Ainda um outro atrativo geológico importante é a Falha Geológica da Vilariça, local onde é possível observar um dos maiores acidentes tetónicos que afeta Portugal – apresentando a sua caixa de falha aproximadamente 10 metros de largura.

Frequentemente, as caraterísticas geológicas das Terras de Trás-os-Montes são descritas a partir do ponto de vista da sua inserção na Meseta Ibérica. No entanto, importa esclarecer que a sua leitura morfológica só está completa quando analisada também enquanto integrante do Maciço Hespérico, uma vez que estes não são conceitos coincidentes.

A sub-região das Terras de Trás-os-Montes conta com uma paisagem rica e diversa, amplamente influenciada pelas condições geológicas e pedológicas. A Geologia analisa a história e estrutura da crosta terrestre, enquanto que a Pedologia se foca no estudo dos solos. Estas interpretações permite compreender a natureza, as propriedades e estruturas que servem de suporte à paisagem e a influencia que estas têm sobre os restantes fatores biofísicos.



A Meseta Ibérica é a maior Reserva da Biosfera Transfronteiriça da Europa (UNESCO) e abrange territórios de Espanha e Portugal, onde se incluem os nove municípios das Terras de Trás-os-Montes.

A Meseta Ibérica é uma designação geomorfológica que se aplica aos fragmentos aplanados e à cobertura tabular do soco. Por sua vez, o Maciço Hespérico encontra-se por baixo de espessas colunas sedimentares, principalmente do período Terciário. A Meseta corresponde a um planalto interior modelado em argilas e em margas miocénicas, que assentam sobre o soco hercínico. Estas áreas aplanadas, cobertas por sedimentos terciários, funcionam como bacias interiores. Assim, a Meseta corresponde quer a uma superfície de erosão talhada em rochas do Maciço Hespérico, quer a uma superfície de acumulação de materiais Terciários, que assentam sobre a referida superfície de erosão.

Aprofundando o seu enquadramento no Maciço Hespérico, o território da sub-região das Terras de Trás-os-Montes insere-se na Zona Centro Ibérica. Uma das caraterísticas definidoras desta Zona é a quase total ausência de formações do pré-Câmbrico (período anterior a 600 milhões de anos), com exceção de um afloramento de gnaisse do tipo "olho-de-sapo" em Miranda do Douro. Este corresponde a uma sedimentação do tipo *flysch* da idade do pré-Câmbrico Superior/Câmbrico. Aqui, afloram extensas manchas de granitóides hercínicos, com atributos variados, resultantes do intenso magnetismo ocorrido neste território.

Pedologia

O solo é um recurso natural, não renovável à escala da vida humana e altamente suscetível ao impacto, uma vez que constitui o suporte para a maior parte das atividades. A compreensão das suas caraterísticas e especificidades é essencial para a identificação de potencialidades, limitações e riscos associados ao seu uso e aptidão.

O nordeste de Portugal continental é dominado por Leptossolos, em particular nas áreas de montanha e de maior declive. A distribuição dos solos na sub- região das Terras de Trás-os-Montes é-lhe muito semelhante. Aqui, a maior prevalência é a de Leptossolos (84,4%) e de Cambissolos (10,12%). A esta ocorrência opõem-se ainda alguns solos mais evoluídos, como os Luvissolos (0,67%) e os Alissolos (2,85%). A mais extensa área de Fluvissolos ocorre em Mirandela, associando-se aos vales fluviais.

Os Leptossolos são considerados solos delgados e de elevada pedregosidade, sendo por isso catalogados como incipientes. Por sua vez, os Cambissolos apresentam Horizonte B câmbico, não limitados por rocha dura, podendo apresentar diferentes tipos de formação: materiais de alteração da rocha subjacente, depósitos de vertente de declive acentuado ou ainda depósitos coluviais de base de encosta ou fundo de vale. Desta forma, os Cambissolos são catalogados como solos pouco evoluídos. De forma geral, o relevo acentuado é o principal fator de formação de solos nesta sub-região, a par da erosão típica dos declives acentuados.

Dada a prevalência de solos incipientes, geralmente de espessura inferior a 50 cm e com fraca capacidade de retenção de água nas camadas superiores, os terrenos apresentam várias limitações nas suas aptidões e potencialidades. Os Leptossolos estão geralmente associados a zonas de declives mais acentuados e que assentam diretamente sobre rocha dura, granítica ou de xisto. Por sua vez, os Cambissolos estão associados a zonas menos declivosas. Apesar de estes serem considerados solos menos evoluídos, é neles que se apresentam as zonas agrícolas mais expressivas.

Localizado próximo à aldeia de Lagoa, o geossítio Gnaisses, é um exemplo de rocha metamórfica, formada a partir de granitos que sofreram metamorfismo. Este gnaisse, com cerca de 500 milhões de anos, representa uma testemunha da história geológica e da existência do continente Armórica.



Como constante do Atlas Climático Ibérico, o território da sub-região das Terras de Trás-os-Montes enquadra-se nas variações "CSA" e "CSB" da classificação de Köppen, o que corresponde à frequência de um clima temperado com um verão quente e seco no primeiro caso e de um clima temperado com verão seco, mas suave, no segundo.

Despontando do Maciço Antigo, uma das cordilheiras ancestrais da Península Ibérica, a encantadora Serra de Bornes é ladeada pelos rios Sabor e Tua, situando-se a sul do concelho de Macedo de Cavaleiros e a norte do concelho de Alfândega da Fé.



Os Luvissolos têm cor castanha avermelhada, sendo pouco ácidos ou mesmo neutros devido ao material litológico sobre o qual evoluíram (rochas básicas). Pelo contrário, os Alissolos são ácidos, de cor avermelhada, e desenvolvem-se sobre depósitos sedimentares antigos, argiláceos e com calhau rolado. A maioria dos Luvissolos ocorre no concelho de Bragança e numa pequena parte no concelho de Vinhais. Os Alissolos são mais frequentes no concelho de Miranda do Douro e de Mogadouro, embora também surjam em Bragança e Vimioso. Estas duas unidades pedológicas estão confinadas aos declives mais suaves dos relevos ondulados de planalto, constituindo a escassa reserva de solos férteis do território, o que explica a sua utilização mais intensiva. Por sua vez, os Fluvissolos ocorrem tipicamente nas manchas aluviais das linhas de água. Devido às suas propriedades – disponibilidade de água, declive suave e espessura – são normalmente bastantes produtivos em termos agrícolas.

Clima

As Terras de Trás-os-Montes são marcadas pelo contraste e pela transição entre dois climas com características distintas, designadas por Terra Quente e Terra Fria.

A Terra Quente apresenta verões muito quentes, longos e secos, concorrendo para tal a fisiografia da região, onde o cordão montanhoso ao litoral (Marão-Alvão) reduz as influências atlânticas e enfatiza os climas continentais. Corresponde aos territórios dos concelhos de Vila Flor, Alfândega da Fé, Mirandela e ainda a áreas significativas dos concelhos de Macedo de Cavaleiros e de Mogadouro.

Já a Terra Fria, cujos atributos refletem a tipicidade das zonas de elevada altitude, acompanha as áreas montanhosas que se situam acima dos 1000 metros, caraterizando-se pela presença de prados extensos, paisagens arbustivas e grandes áreas florestais. Bragança, Vinhais, Macedo de Cavaleiros e Alfândega da Fé apresentam áreas abrangidas por este clima, particularmente nas altitudes das serras da Coroa, Montesinho, Nogueira e Bornes.

Se a distinção Terra Quente/Terra Fria nos é útil em termos de identificação e classificação numa escala alargada, pode ser simplista quando nos propomos a uma particularização detalhada. De facto, estes não são territórios homogéneos, apresentando uma grande diversidade climática, decorrente das suas variações geográfica e fisiográficas.

Traçando a interseção dos regimes de temperatura e de precipitação é possível identificar zonas distintas climaticamente homogéneas, sugerindo estas delimitações mais finas, dentro das designações de Terra Quente e Terra Fria. Neste sistema, compreendem-se no território os sub-climas de Terra Fria de Alta Montanha, Terra Fria de Montanha, Terra Fria de Planalto, Terra de Transição e Terra Quente.

Terra Fria de Alta Montanha

As zonas de Terra Fria de Alta Montanha correspondem a territórios acima dos 1200 metros, cuja paisagem se distingue pela presença de vegetação arbustiva e pastagens de altitude, estando sujeita a fenómenos de geada frequentes, mesmo em época estival. Aqui, o Inverno é marcado pela forte presença de neve num manto não-contínuo, que perdura nas áreas topográficas favoráveis à sua acumulação, assim como de nevoeiros frequentes.

Habitualmente, a temperatura média anual situa-se abaixo dos 9,5° C, sendo a precipitação variável. Somente uma pequena parte da serra do Montesinho, a norte de Vinhais, se encontra abrangida por este sub-clima, apresentando valores de precipitação abaixo dos 1600 mm.

Terra Fria de Montanha

As zonas com sub-clima de Terra Fria de Montanha situam-se entre os 1000 e os 1200 metros de altitude, tendo expressão nas serras da Coroa, Montesinho, Nogueira e Bornes (zonas altas dos concelhos de Vinhais, Bragança, Macedo de Cavaleiros e Alfândega da Fé).



A Terra Fria caracteriza-se por relevos montanhosos e acidentados, sobre os quais se estendem invernos longos e rigorosos. No início do ano, somos brindados por visões encantadoras como a das Serras da Nogueira e de Montesinho, ou de Sanabria e da Culebra, cobertas de neve. Estas áreas são protegidas pela Reserva da Biosfera Transfronteiriça da Meseta Ibérica, resultado da cooperação entre Portugal e Espanha.



Oferecendo um rendilhado paisagístico, aconchegando-se entre arribas verticais e ondulantes searas douradas, o Planalto Mirandês estende-se pelos concelhos de Miranda do Douro, Mogadouro, Vimioso, partindo de Freixo de Espada à Cinta e Torre de Moncorvo. Outeiros coroados por bosques de azinheiras e carvalhos, lameiros bordejados de freixos, rios em vales encaixados de enorme riqueza biológica.

Tipicamente, observam entre 20 a 30 dias de queda de neve, sendo o risco de geada permanente durante quase todo o ano (à exceção de julho e de agosto), elevando-se este particularmente nas situações topográficas favoráveis à acumulação de ar frio.

Aqui, as temperaturas médias anuais situam-se entre os 9,5° C e os 10,5° C.

Terra Fria de Planalto

Esta zona carateriza-se por um clima com características continentais, situando-se a temperatura média anual entre os 10,5° C e os 12,5° C. O período livre de geadas ocorre entre meados de maio a meados de setembro ou princípios de outubro, o que provoca algumas limitações na atividade agrícola, especialmente nas culturas frutícolas. Este sub-clima apresenta valores bastante variáveis de precipitação, oscilando estes entre os 400 e os 1200mm e variando consoante a sua localização.

Terra de Transição

Apresentando uma temperatura média anual entre os 12,5° C e os 14,0° C, a zona climaticamente homogénea de Terra de Transição enquadra elementos paisagísticos que ainda refletem aspetos típicos da Terra Fria, enquanto, concomitantemente, apresenta já outros característicos da Terra Quente.

Assim, apresenta paisagens agrárias em que o castanheiro, a oliveira e a vinha se misturam, revezam ou convivem de muito perto. Macedo de Cavaleiros é representativo deste sub-clima.

O período livre de geadas tem um ligeiro alargamento relativamente ao clima da Terra Fria, ocorrendo somente de meados/final de abril até meados/final de outubro.

Os valores de precipitação são também aqui variáveis, estabelecendo-se entre os 600 e os 800 mm no planalto de Macedo de Cavaleiros e entre os 400 e 600 mm nas proximidades dos vales do Douro e dos seus principais afluentes (Sabor e Tua).

Terra Quente

O sub-clima de Terra Quente apresenta valores de temperatura média anual acima dos 14,0° C e assinala-se sobretudo ao longo dos vales dos rios Douro, Sabor e Tua.

De todas as zonas climaticamente homogéneas, a da Terra Quente é aquela que apresenta o mais longo período livre de geadas, estendendo-se do início de abril a meados de novembro. No entanto, verifiquem-se também fenómenos de inversão térmica muito acentuados, explicados pela topografia. Nestes casos, como nas situações de fundo de vale, a duração do período livre de geada aproxima-se ao da Terra Fria.

A fisiografia da região, aliada às situações de bloqueio anticiclónico no período invernal, conduz também à formação de nevoeiros de radiação e de advecção-radiação (o que dificulta, por exemplo, o trabalho de apanha da azeitona). Estes nevoeiros afetam igualmente a insolação, contribuindo para que, nos meses de dezembro e janeiro, esta seja verificavelmente menor na Terra Quente do que na Terra Fria.

No que concerne à precipitação, predomina o intervalo entre 400 e os 600 mm.

Nesta zona, há a salientar a peculiaridade do microclima do Vale da Vilariça. Conhecido também como Vale do Nilo português, este território estende-se pelos concelhos de Alfândega da Fé, Mogadouro, Torre de Moncorvo e Vila Flor, apresentando um microclima marcado pela elevada amplitude térmica e pela baixa pluviosidade. Adicionalmente, as cheias do rio Sabor e da ribeira da Vilariça, conhecidas como Rebofas, ajudam na fertilidade dos solos e criam condições únicas que favorecem a produção de diversos bens hortícolas e frutícolas.

Entre os géneros produzidos no Vale da Vilariça, destacam-se a vinha, que se tornou dominante no século XX, o olival, a cereja, o pêssego, a abóbora, o melão, as couves, o feijão, o tomate e os morangos.

As Terras de Trás-os-Montes são marcadas pelo contraste e pela transição entre dois climas com características distintas, designadas por Terra Quente e Terra Fria.

Entre ocasionais bosques de sobreiro e as já conhecidas cristas quartzíticas do Parque Natural Regional do Vale do Tua, emerge uma diversa gama de culturas agrícolas como a vinha e o olival em comunhão com a vegetação natural específica à região.



Futuro Climático

No que diz respeito às alterações climáticas previstas para o território das Terras de Trás-os-Montes até ao final do século, perspetiva-se a subida da temperatura média anual (1,6 ºC), o aumento da intensidade e frequência das ondas de calor, e ainda o aumento da precipitação média anual com incremento da ocorrência de episódios de precipitação extrema.

Em particular na Terra Quente espera-se uma diminuição anual do número médio de dias de chuva, enquanto que na Terra Fria se prevê uma manutenção do número médio de dias de chuva.

Solos

O território das Terras de Trás-os-Montes apresenta uma ocupação relativamente dispersa, pontuada por centros urbanos de baixa densidade, aos quais correspondem as nove sedes de concelho. As atividades produtivas são marcadas pelas limitações naturais do seu estrato pedológico – composto maioritariamente por solos incipientes e pouco profundos – e também pelas particularidades do relevo.

Assim, e apesar da presença de um considerável número de explorações agrícolas, a economia da sub-região assenta na exploração de culturas permanentes – como a vinha, pomares e olival –, bem como de extensas manchas florestais de árvores. Outras ocupações significativas passam pelas culturas temporárias de sequeiro e regadio.

O elevado número de áreas de valor ecológico e/ou com necessidade de proteção de recursos naturais resulta numa forte presença de instrumentos de restrição de utilidade pública, tais como a RAN (Reserva Agrícola Nacional) e a REN (Reserva Ecológica Nacional). Em particular, destaca-se a proteção dos solos com alguma produtividade – áreas escassas na região – com a salvaguarda de cerca de 50% dos territórios na RAN dos concelhos de Mirandela e Miranda do Douro.

Paisagem

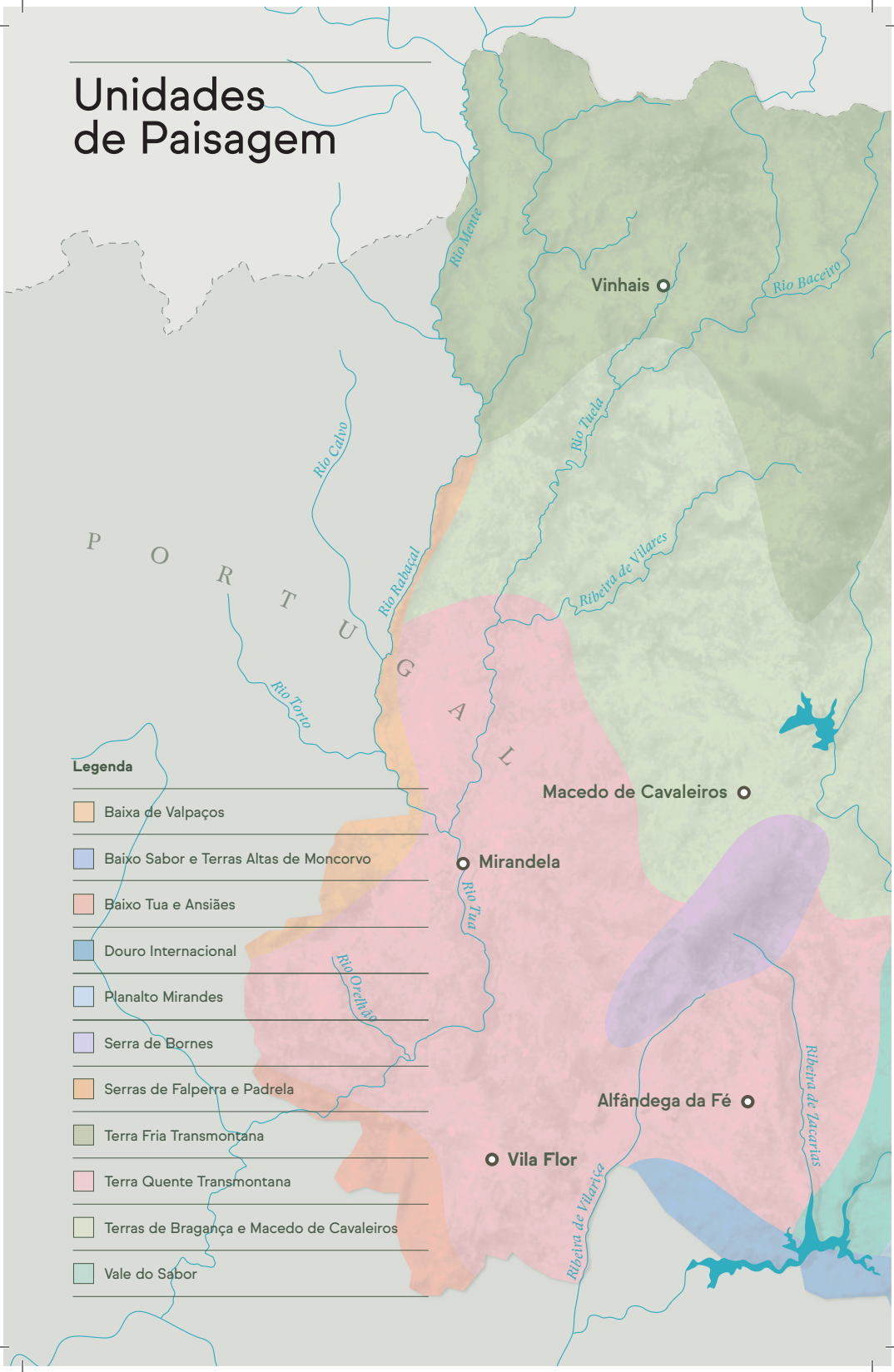
A beleza envolvente das Terras de Trás-os--Montes é cantada há séculos. Perante os nossos olhos, abrem-se vales extensos que contrastam com relevos acentuados e, não tão distantes, avizinham-se já superfícies planálticas. Aproximando a lente, percebemos nas zonas mais baixas o movimento da agricultura, nas zonas intermédias as plantações de cereais e as pastagens, e nas zonas de maior altitude os afloramentos rochosos e a espontaneidade dos matos.

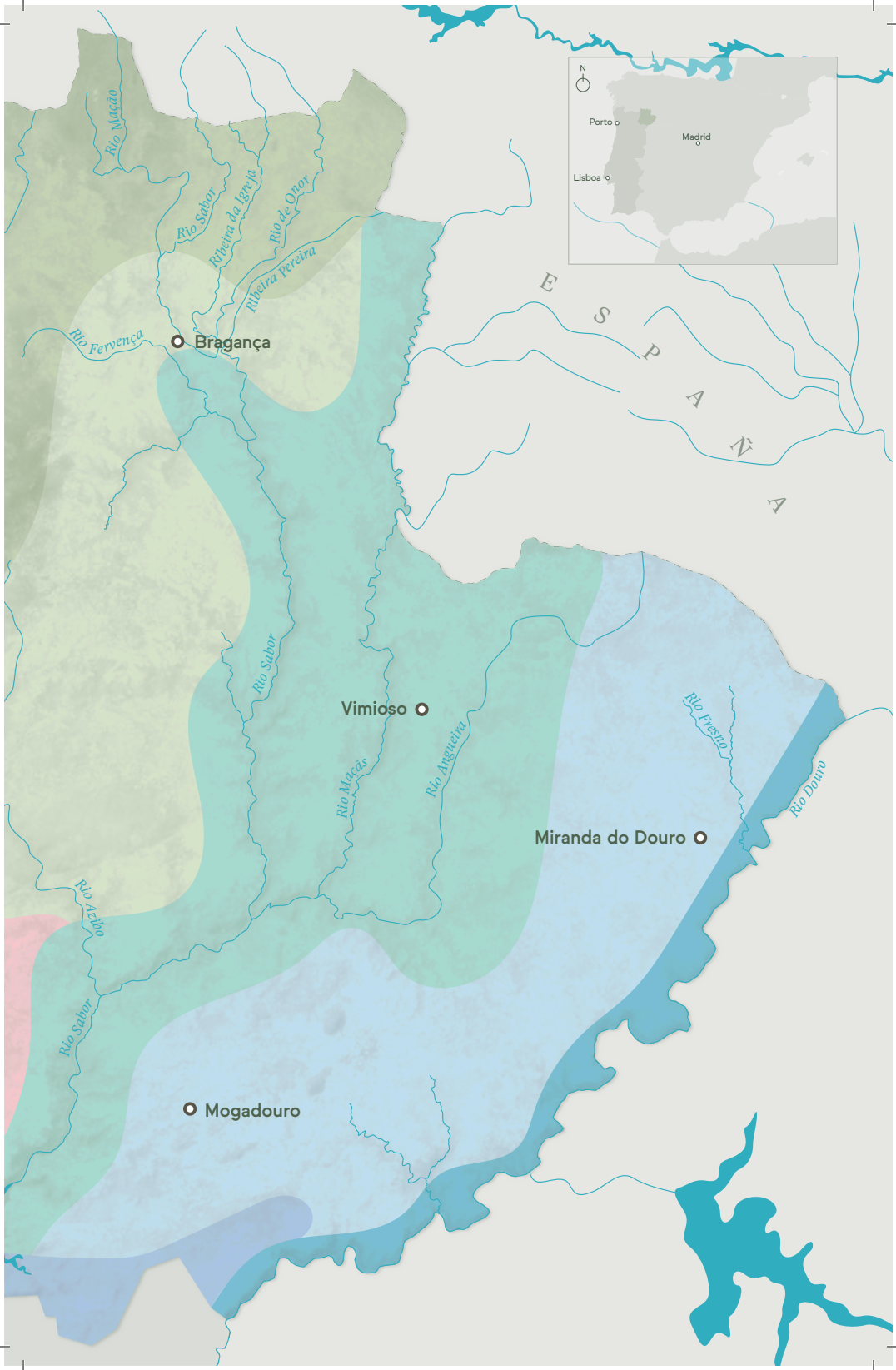
Se a diversidade paisagística é acentuada – montanha, planalto, vale, e ainda de paisagens de vale particularmente encaixadas no rio Douro sucedem-se, entrecortam-se, revezam-se – é de salientar que esta riqueza natural também está associada à sagacidade da ocupação humana. Ao longo dos tempos, o trabalho incansável do homem também contribuiu para a sua distinção em termos ambientais, culturais, visuais e cromáticos. Assim, o mosaico agrícola está há muito integrado e não constitui um fator menor na diferenciação territorial, contribuindo também para a dinamização turística do território assente no património paisagístico – sempre com foco na valorização da Natureza e na sustentabilidade.

O Parque Natural de Montesinho, situado nos concelhos de Bragança e Vinhais, foi reconhecido em 1979 como Parque Natural devido à riqueza natural e paisagística e devido aos valiosos elementos culturais das comunidades humanas aqui presentes.

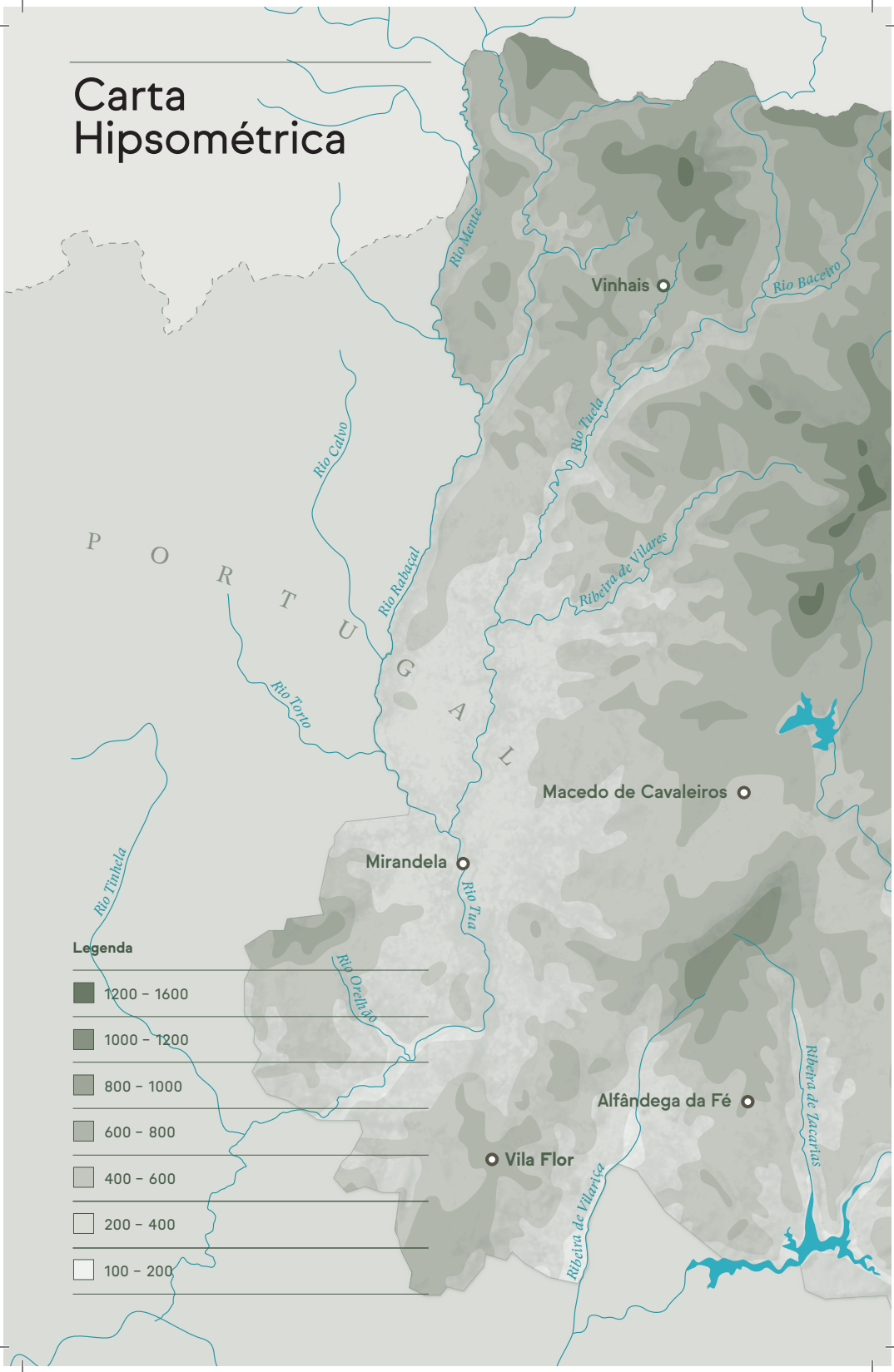


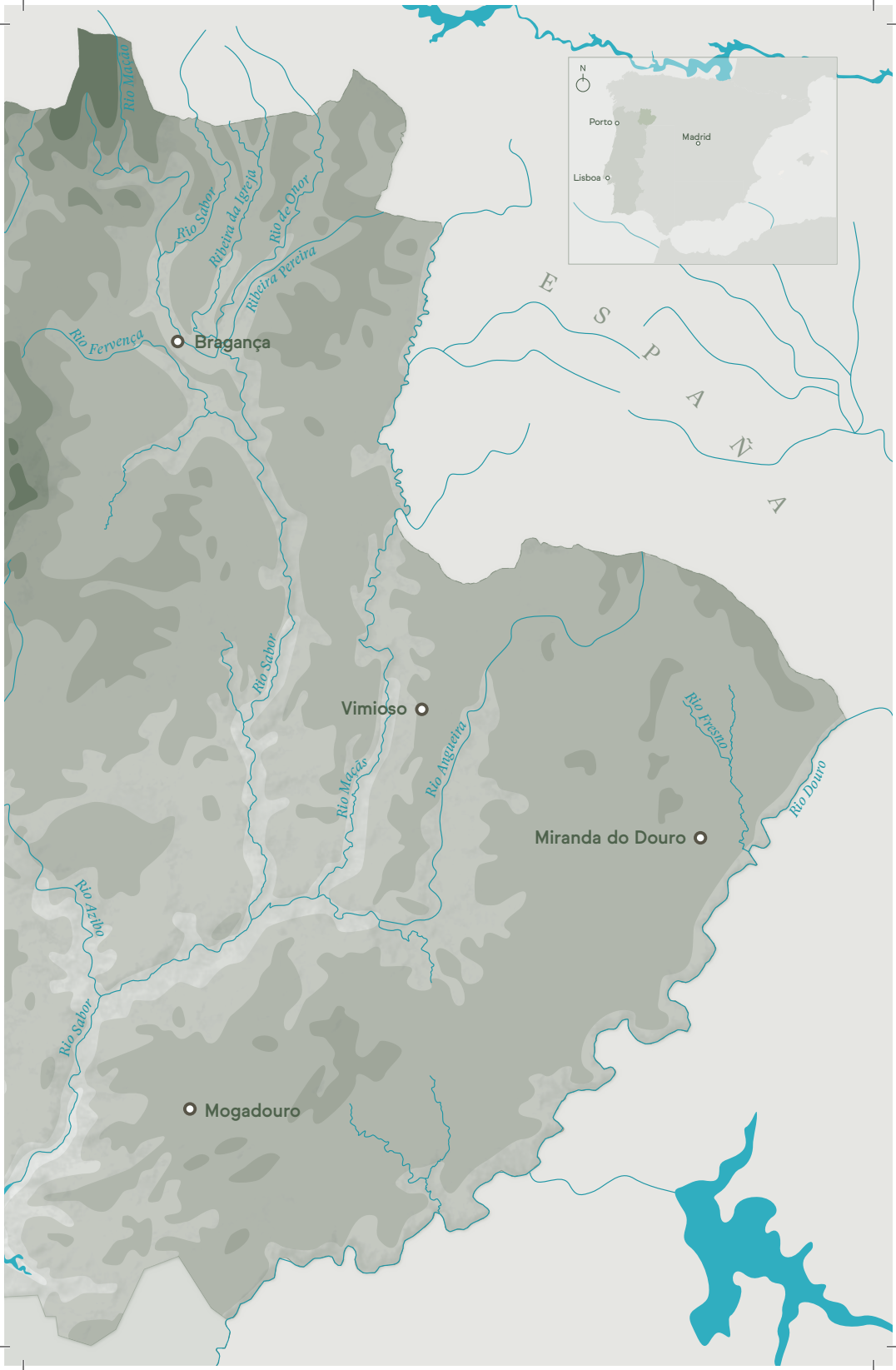
Unidades de Paisagem



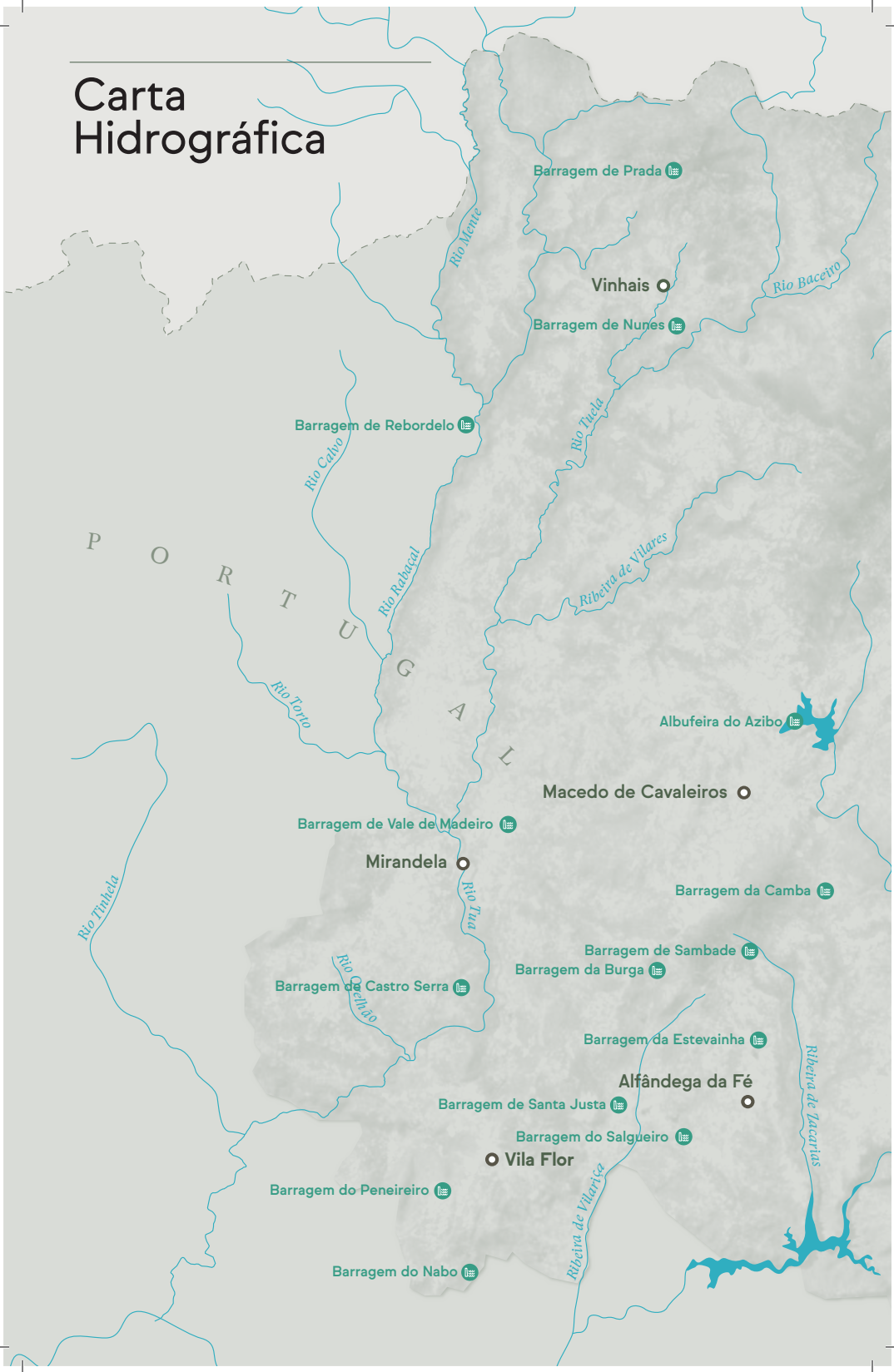

N
Porto
Madrid
Lisboa
Rio Macão
Rio Sabor
Ribeira da Igreja
Rio de Onor
Ribeira Pereira
Rio Fervença
Bragança
E S P A Ñ A
Rio Sabor
Vimioso
Rio Macãs
Rio Angueira
Rio Fresno
Rio Douro
Miranda do Douro
Rio Azibo
Rio Sabor
Mogadouro

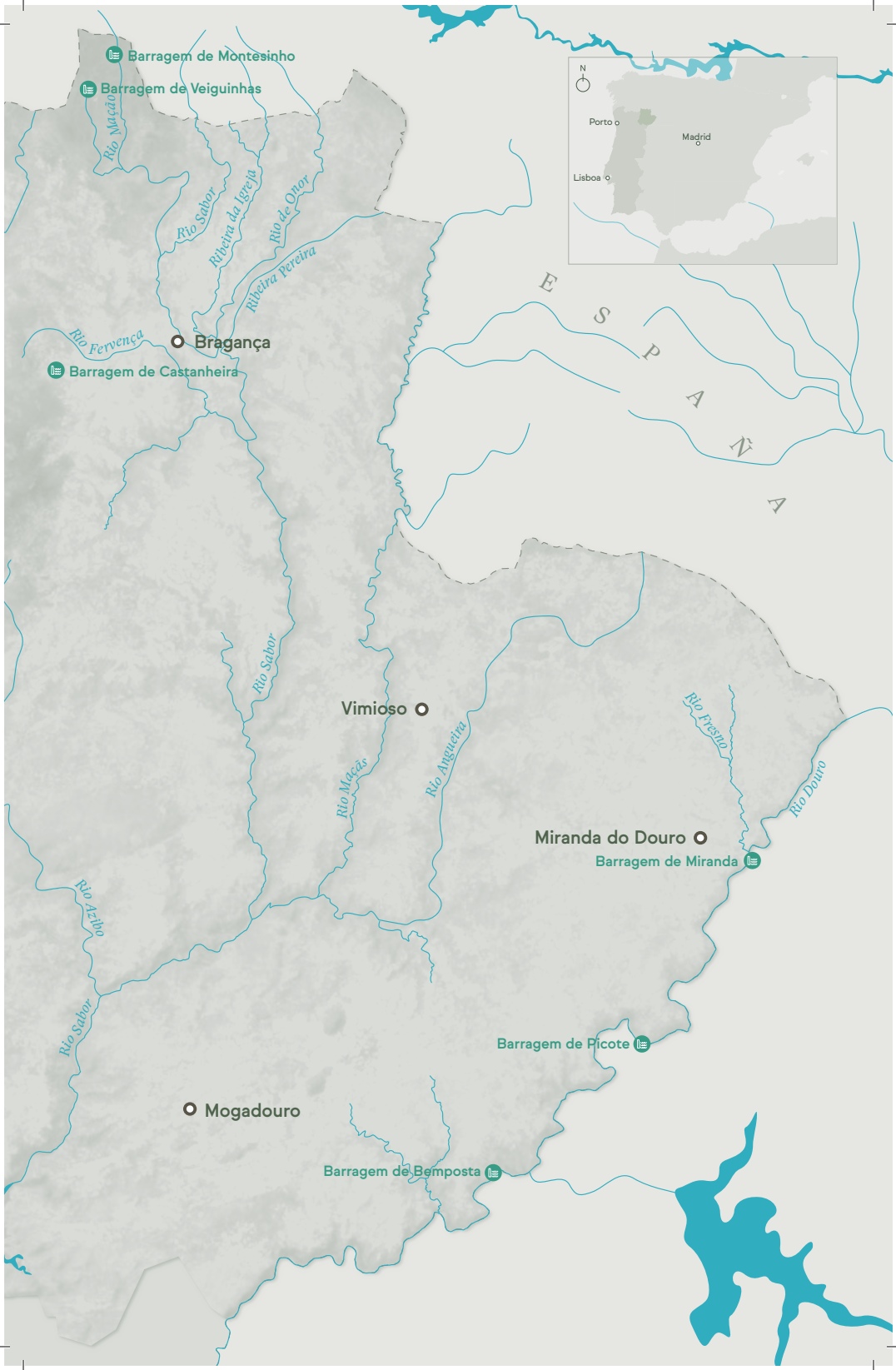
Carta Hipsométrica



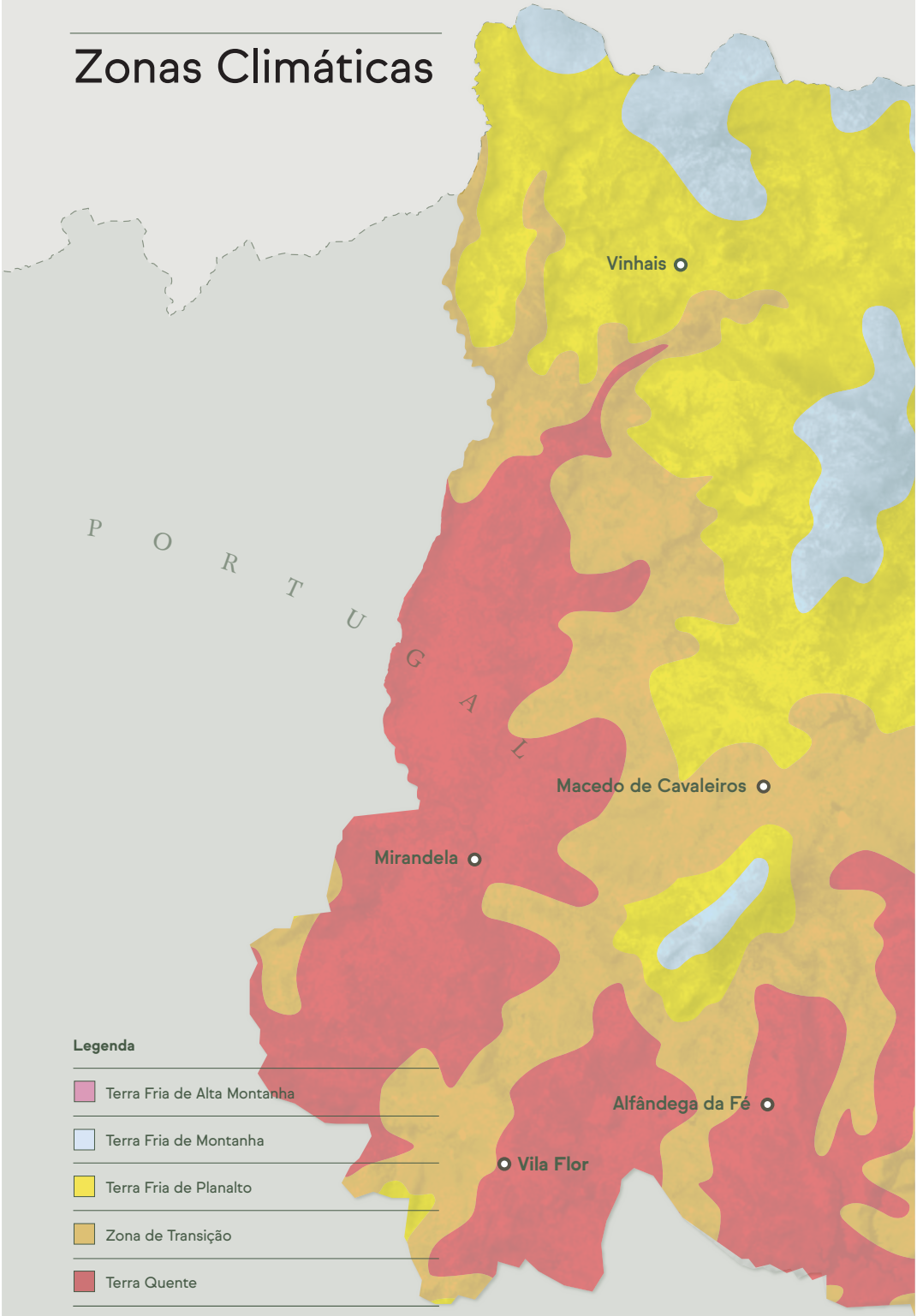

N
Porto
Madrid
Lisboa
Rio Maçãs
Rio Sabor
Ribeira da Igreja
Rio de Onor
Ribeira Pereira
Rio Fervença
Bragança
E S P A Ñ A
Rio Sabor
Vimioso
Rio Maçãs
Rio Angueira
Rio Fresno
Rio Douro
Miranda do Douro
Rio Azibo
Rio Sabor
Mogadouro

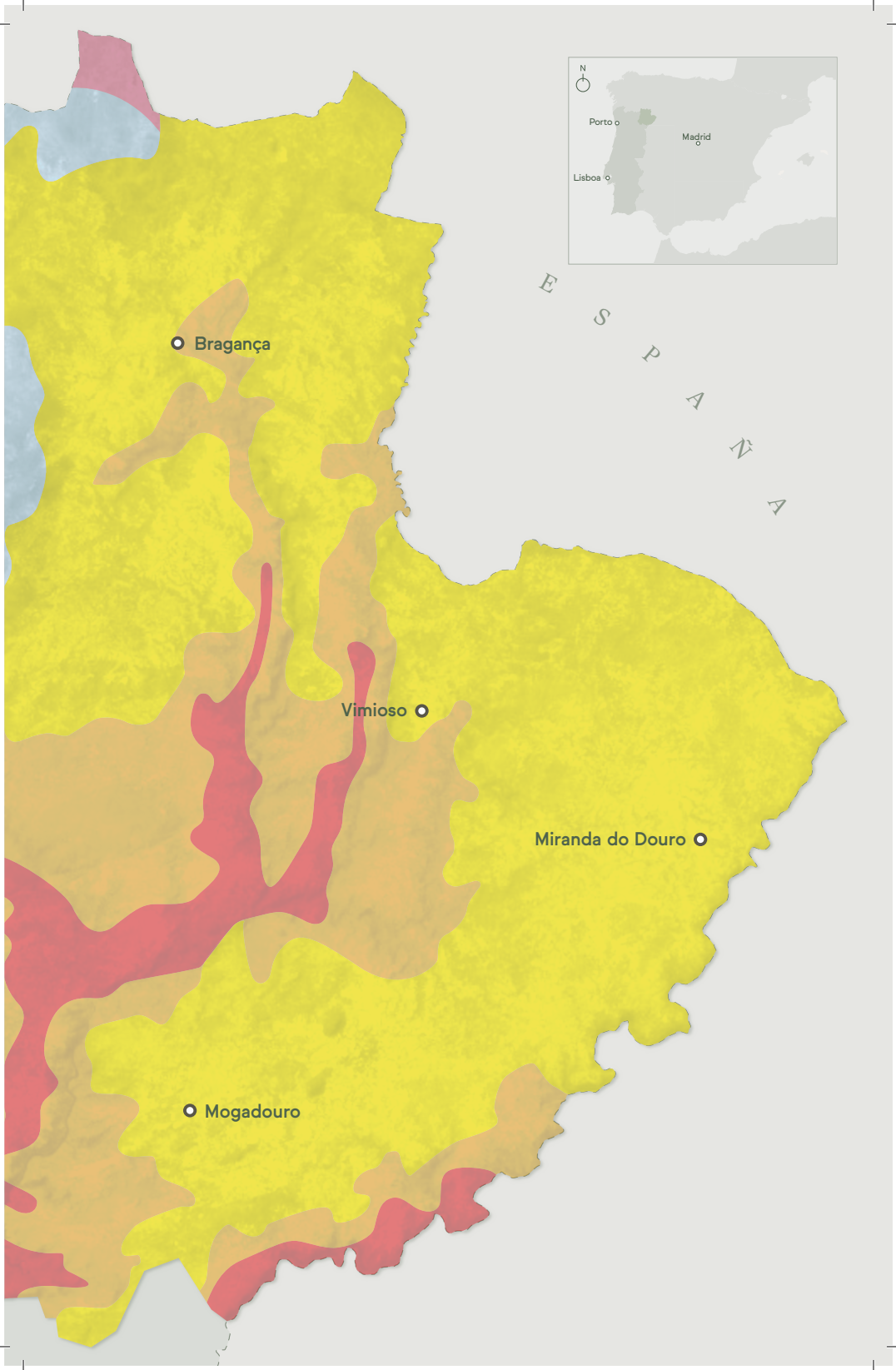
Carta Hidrográfica



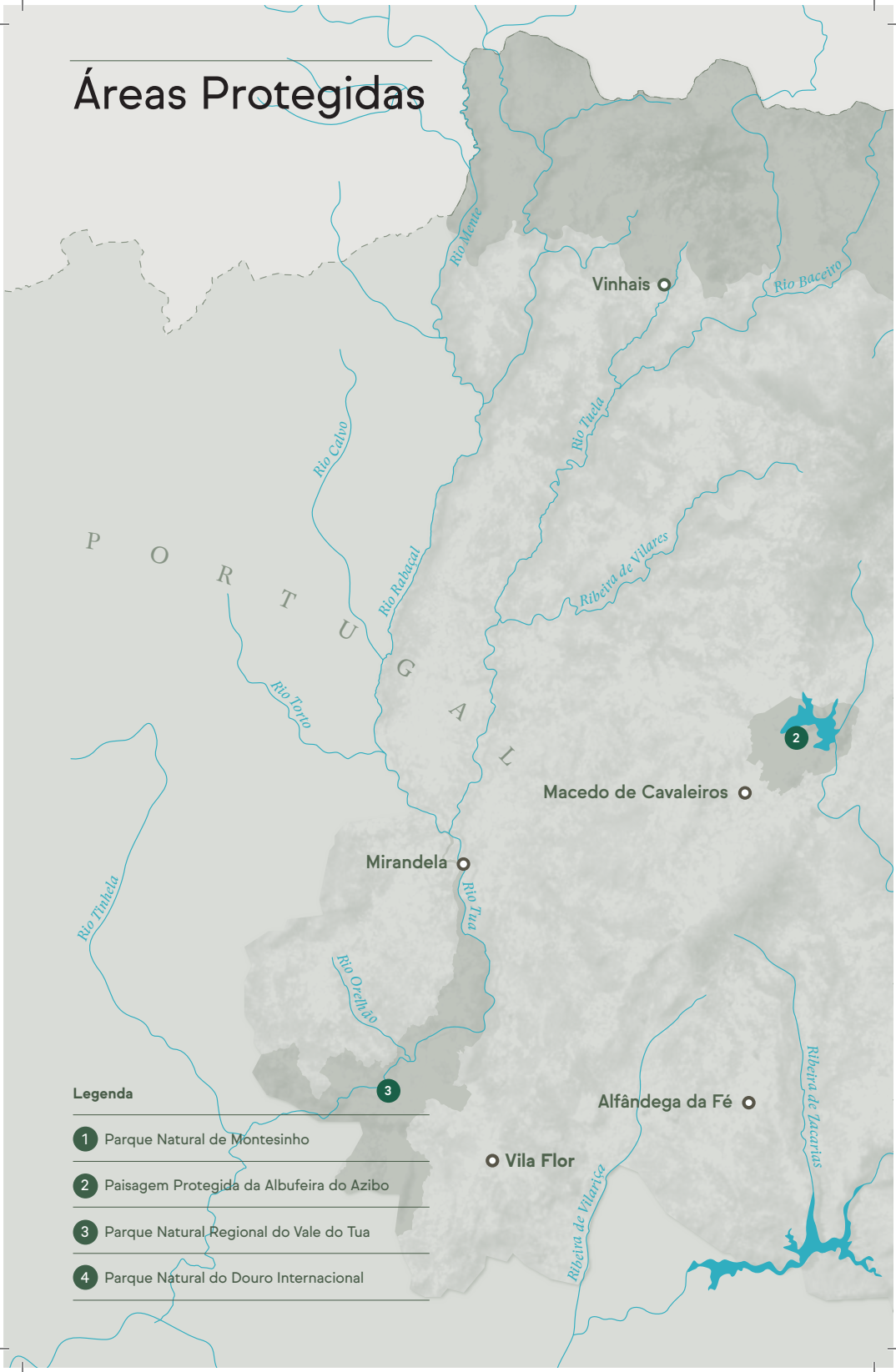

Barragem de Montesinho
Barragem de Veiguinhas
Rio Maçãos
Rio Sabor
Ribeira da Igreja
Rio de Onor
Ribeira Pereira
Rio Fervença
Bragança
Barragem de Castanheira
N
Porto
Madrid
Lisboa
E S P A N H A
Rio Sabor
Vimioso
Rio Macãs
Rio Angueira
Rio Fresno
Rio Douro
Miranda do Douro
Barragem de Miranda
Rio Azibo
Rio Sabor
Barragem de Picote
Mogadouro
Barragem de Bemposta

Zonas Climáticas



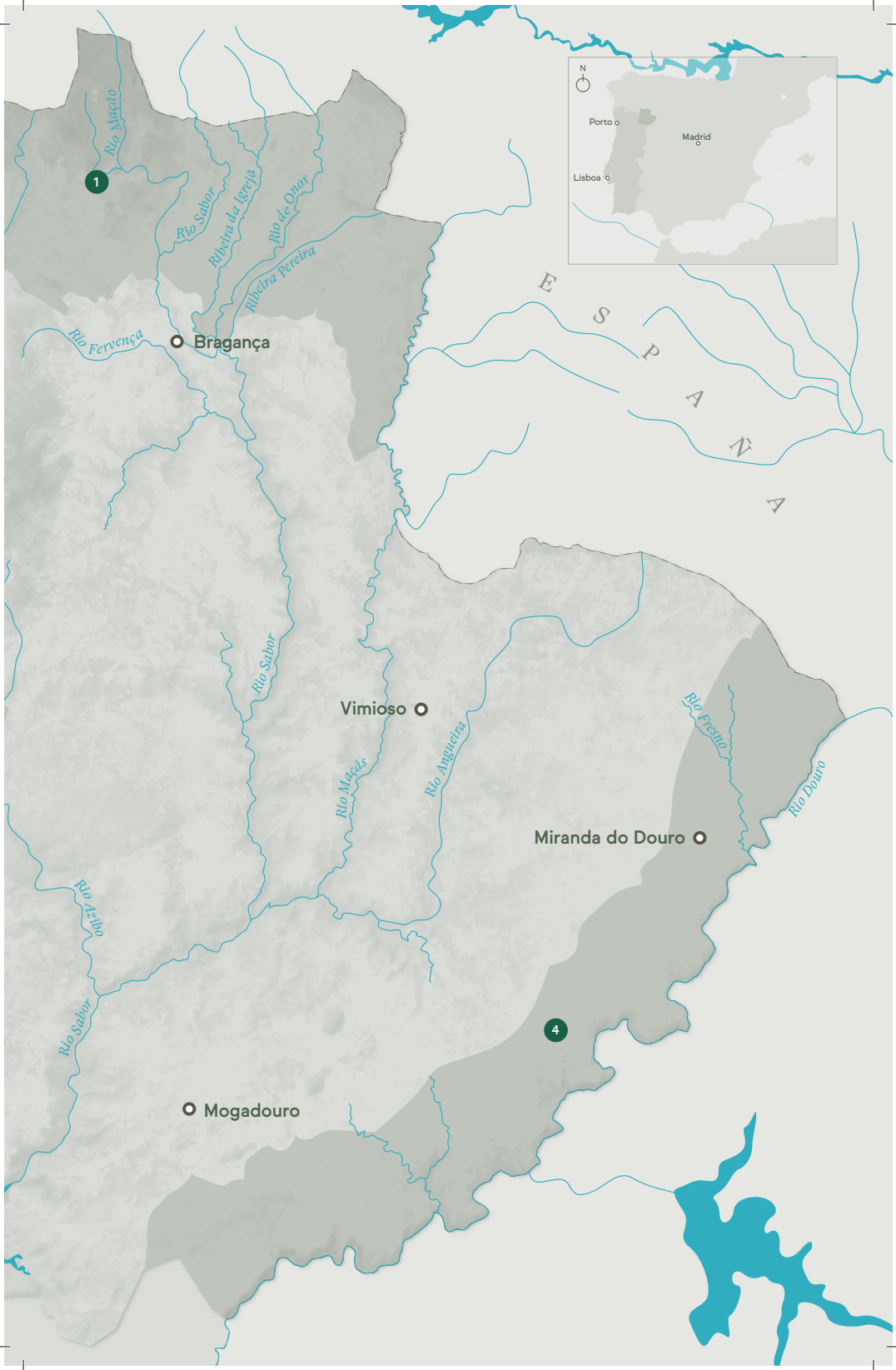

N
Porto
Madrid
Lisboa
E S P A Ñ A
Bragança
Vimioso
Miranda do Douro
Mogadouro

Áreas Protegidas



Legenda

1. Parque Natural de Montesinho
2. Paisagem Protegida da Albufeira do Azibo
3. Parque Natural Regional do Vale do Tua
4. Parque Natural do Douro Internacional


N
Porto
Madrid
Lisboa
ESPANA
1
Rio Macão
Rio Sabor
Ribeira da Igreja
Rio de Onor
Ribeira Pereira
Rio Fervença
Bragança
Rio Sabor
Vimioso
Rio Macãs
Rio Angueira
Rio Fresno
Rio Douro
Miranda do Douro
Rio Azibo
Rio Sabor
4
Mogadouro

Património Natural

A sub-região das Terras de Trás-os-Montes apresenta um património natural particularmente rico e diversificado, configurando diversos eixos de elevado valor ambiental. Salienta-se a biodiversidade associada às suas manchas inseridas na Rede Nacional de Áreas Protegidas e nas Áreas de Rede Natura 2000 – a rede ecológica de conservação das espécies e dos habitats no espaço comunitário da União Europeia. Em muitos casos, estas mesmas áreas prefiguram ainda Sítios de Importância Comunitária e Zonas de Proteção Especial.

No extremo nordeste da região, o Parque Natural de Montesinho excede-se na sua paleta de diversidade biológica e geológica. Ali, 74229 hectares pintados de bosques de carvalho-negral, sardão e soutos são partilhados por alcateias de lobo ibérico, exemplares do elusivo lince ibérico, e largas populações de javali, raposa, veado e corço. Por cima da cúpula altiplânica de vidoeiros, podemos observar o voo da águia-real – que, de olho nas escarpas e poisos compostos de rocha básica e ultrabásica dos quais brotam coloridos Jasiones, procura o lugar ideal para o seu ninho.

Ainda no domínio da Terra Fria e das suas áreas protegidas, há a destacar igualmente o Parque Natural do Douro Internacional. Uma atração popular deste enclave é o abutre-do-egito – conhecido localmente como "criado do cuco" – que se apresenta também como símbolo do parque por se fazer valer das suas formações de granito e xisto enquanto casa durante o período de nidificação. Aqui, os bosques abrem espaço para penhascos quartzíticos e vales alcantilados, cravados pela água passageira do rio Douro. Onde o verde do carvalho, do lodão e do zimbro recua, as arribas ladeadas de planaltos tomam o centro do palco – geomorfologia esta cujo valor cénico é apenas comparável ao seu valor científico.

É da colisão entre os corpos graníticos e outras rochas magmáticas e a indomável natureza das águas que resultam duas outras maravilhas naturais de inquestionável imponência: a Cascata da Faia da Água Alta e a Cascata do Cachão da Malhadinha.

A Cascata da Faia da Água Alta faz da flora circundante a sua roupagem, cedendo esta só ao fim de 35 metros, momento em que se inaugura um magnífico panorama visual, complementado pelo som reverberante da água a bater sobre as pedras. A 1 quilómetros da aldeia de Negreda, a Cascata do Cachão da Malhadinha corre os seus impressionantes 100 metros, multiplicados em diversas quedas de água que se envaidecem em toda a sua glória natural, particularmente quando avistadas do miradouro adjacente e excecionalmente bem colocado.

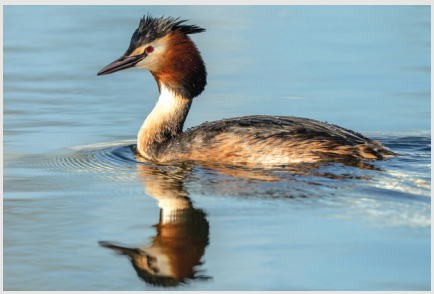
Já na Terra Quente transmontana – seguindo o fio condutor das serras irregulares e o vales esculpidos por rios – chegamos ao Parque Natural Regional do Vale do Tua. Os habitats ripícolas reinam nesta área, graças à grande variedade de litologias e estruturas geológicas presentes e acentuadas pelas curvas do rio Tua. Entre os seus bosques de sobreiro e as suas famosas cristas quartzíticas, emerge uma diversa gama de culturas agrícolas em harmonia com a vegetação natural.

Particularmente impressionante é o número de espécies de fauna aqui identificadas – 943 até ao momento. Especialmente dignos de menção são o territorial bufo-real, o chasco-preto (que apesar de perigosamente ameaçado ainda faz a sua presença notória) e a rara e elusiva lampreia-de- riacho.

Numa zona onde o rio Azibo e as ribeiras do Azibeiro e do Reguengo se beijam, encontra-se mais uma prova da vasta diversidade destas áreas protegidas e também de conservação de espécies: a Paisagem Protegida da Albufeira do Azibo.

Tomemos como exemplo o lagostim-de-patas-brancas, uma espécie praticamente extinta em Portugal, mas que graças ao aproveitamento hidroagrícola do Azibo, tem encontrado aqui todas as condições para reconstituir os seus números. Afortunadamente, a especificidade deste ecossistema tem demonstrado ser um forte aliado para a recuperação de muitas outras espécies animais associadas a habitats aquáticos.

Continuando o percurso de norte para sul, é certo que nos deparemos com a imponente Serra de Bornes. Com 1200 metros de altitude no seu ponto máximo, os seus 12 quilómetros de comprimento abrigam uma panóplia de flora composta por castanheiros, sobreiros, oliveiras, amendoeiras, cerejeiras e vinhas.



Na albufeira são frequentes várias espécies de avifauna, com destaque para o mergulhão-de-crista (*Podiceps cristatus*), que tal como o abutre-do-egito, empresta a sua crista e o seu pescoço branco à identidade da Paisagem da Albufeira do Azibo.



Não obstante a sua aparência rústica, o Burro de Miranda é um animal resistente e forte, capaz de suportar condições climáticas extremas, qualidades perfeitas para o transporte de carga pelos trilhos montanhosos.

A Cabra Preta de Montesinho encontra-se predominantemente nos concelhos de Bragança, Vinhais, Vimioso, e Alfandega da Fé, sendo considerado o solar da raça, o Parque Natural de Montesinho.



A imagem rústica da região – que se desdobra em margens fluviais, planícies eluviais, bosques nativos, manchas puras de carvalho contrastados por planaltos intercalados por cumes resistentes à erosão – agiganta-se ainda pela presença de um outro elemento tão importante para este cenário como para o resto da sub-região: as espécies autóctones.

O Burro Mirandês é considerado um símbolo da identidade e tradição portuguesas e sua casa natural situa-se nas Terras de Trás-os-Montes, sendo esta espécie hoje protegida por legislação bem demarcada e que visa garantir a sua preservação. A sua pelagem longa, orelhas grandes e caídas, ponta do focinho branca e corpo castanho, tornam-no facilmente identificável. Se o seu temperamento dócil trai a sua aparência rústica, esta última é fidedigna: trata-se de um animal resistente e forte, capaz de suportar condições climáticas extremas, qualidades ideias para o transporte de carga pelos trilhos montanhosos.

Outrora conhecida como "a vaca leiteira dos pobres", a Cabra Preta de Montesinho esteve no centro do quotidiano das populações das zonas mais remotas e rochosas do nordeste transmontano durante incontáveis gerações, até perder a sua preponderância e quase enfrentar a extinção. Hoje, após vários esforços de conservação, podemos novamente observá-la em relativa abundância. Para lá da sua coloração negra ou castanha-escura, a imagem popular mais associada à Cabra Preta de Montesinho é a combinação de barba predominante e chifres em espiral atirados para trás apresentada alguns machos, o que confere aos grupos destes animais uma ainda maior textura de autenticidade e rusticidade.



A Cabra Serrana Transmontana encontra-se presente nas cadeias montanhosas, vales profundos e planaltos de concelhos dos distritos de Bragança e Vila Real.

A Cabra Serrana é facilmente reconhecível pela sua pelagem comprida e coloração cinza, características que indiciam a sua proximidade genética com a cabra selvagem. Este animal é especialmente querido no imaginário popular local pela sua inteligência, sensibilidade e temperamento. É desta raça que se produz o Cabrito Transmontano DOP e também o Queijo de Cabra Transmontano DOP.

Por sua vez, a Ovelha Churra Badana distingue-se pelas madeixas pontiagudas que constituem a sua pelagem, geralmente num tom branco-sujo ou amarelado e, por vezes, acastanhado. Sendo também conhecida pela sua doçura temperamental e forte instinto maternal, esta espécie produz uma das lãs mais apreciadas pelo artesãos locais, dada a sua superior qualidade. O leque de ovinos autóctones é ainda composto pela Ovelha Churra Badana, Ovelha Churra Galega Bragançana, Ovelha Churra da Terra Quente e a Ovelha Churra Galega Mirandesa, da qual se produz o afamado Canhono Mirandês.

De estatura média e malhas pretas em volta dos olhos, focinho e orelhas, as Ovelhas Churras povoam incultos e pousios alimentando-se das ervas espontâneas.





O Porco Bísaro é um outro testemunho vivo da ancestralidade da região. A raça descende dos porcos trazidos pelos povos celtas no Século VI a.C. e as suas características físicas inconfundíveis parecem teimar em lembrar-nos que na sua genética resistem ainda traços de javali. Porém, se a sua corpulência e perna alta indiciam o seu primitivo antepassado, o temperamento dócil do Bísaro trai essa pretensão. Tal como o fazem as suas orelhas pendentes e andar algo desajeitado que, no entanto, contribuem vivamente para o seu fabulado charme, tantas vezes refletido e celebrado nas manifestações culturais locais. Reconhecível também pela sua pele geralmente malhada, mas também preta ou branca, o Porco Bísaro é uma espécie autóctone que está intimamente ligada à subsistência tradicional dos povos. Daí resultam incontáveis anos de conhecimento e refinamento de receitas, modos de transformação e preservação da carne, e até de diferentes segredos para o aproveitamento integral do animal.

E há ainda uma outra visão muito conhecida: entre os campos cultivados e os lameiros verdejantes das Terras de Trás-os-Montes, pastam corpulentos bovinos castanhos. À medida que nos aproximamos, reparamos nos seus cornos claros, que enegrecem na ponta, nas flores brancas que enquadram os seus olhos, nos seus focinhos elegantes. São nobres exemplares da Raça Mirandesa. Desta distância, percebem-se as qualidades destes bovinos para a produção de carne, depreende-se a sua genética antiga e compreende-se a sua rusticidade. Talvez tenhamos a sorte de testemunhar o apurado instinto maternal das vacas ou os passos fáceis e seguros dos touros.

O Porco Bísaro é uma raça autóctone da qual resultam vários produtos com Denominação de Origem Protegida (DOP) e Indicação Geográfica Protegida (IGP).

A Vaca Mirandesa era considerada uma raça de trabalho por excelência.



Como temos vindo a sugerir, também as espécies endémicas encontram nas Terras de Trás-os-Montes habitats de grande importância ecológica e que, para lá do seu papel na conservação de fauna e flora, têm possibilitado o crescimento sustentável do Turismo de Natureza.

Assim, listaremos algum dos exemplares que mais recolhem a admiração dos visitantes e o interesse dos biólogos.

Nos invertebrados, destacam-se a fritilária-dos-lameiros e o mexilhão-de-rio. Nos peixes dulciaquícolas, a vardemã-do-norte, o escalo-do-norte e a lampreia-de-riacho. Nos grupos dos répteis e anfíbios, a rã-verde, o sapo-comum, o sapo-parteiro-ibérico, a rã ibérica, a lagartixa-de-Bocage e o cágado-de- carapaça-estriada.

O sempre popular grupo da avifauna, que encontra aqui uma área essencial para a nidificação de algumas das espécies com maior interesse de conservação do país, inclui o grifo, o já mencionado abutre-do-egito, a cegonha-negra e o chasco-preto.

A águia-real utiliza frequentemente as escarpas das serras transmontanas para nidificar.





Mais conhecido por Abutre-do-Egito (Neophron percnopterus, na página seguinte), o "criado do cuco" é o símbolo do Parque Natural do Douro Internacional (PNDI) por escolher as formações de granito e xisto como sua casa durante o período de nidificação.

As aves rupícolas estão também representadas, entre outras, pelo bufo-real e pela já referida águia-real.

Quanto aos mamíferos – que em muitos casos apresentam aqui populações sustentáveis em contraste com uma quase extinção noutros pontos do território nacional –, são emblemáticos o gato-bravo, a lontra, a toupeira-de-água, os morcegos e os já apontados lince e lobo ibérico.

Em termos de flora, a diversidade no território é praticamente inesgotável, atravessando todo o reino vegetal. Entre centenas de outros organismos, podemos descobrir carvalho-cerquinho, sobreiro, azinheira, estêva, giesta, urze, gilbardeira, narciso, rosa-albardeira, piorno, cornalheira, rosmaninho, trovisco, medronheiro, borrazeira-branca, ulmeiro, choupo, salgueiro, lódão-bastardo, sabugueiro, juncais, salgadeira, santolina, arenária, arméria, lentisco-bastardo, erva-peixeira e poejo.

Caracterização Socio-Económica

Evolução Demográfica

De acordo com o recenseamento realizado em 2021, a população residente nas Terras de Trás-os-Montes era de 107.302 habitantes, estando entre as sub-regiões estatísticas menos povoadas a nível nacional.

Ao nível concelhio, regista-se uma grande concentração populacional no concelho de Bragança – compreendendo, em 2021, 32,2% da população da sub-região, o que representa um aumento comparativamente a 1960 quando apenas reunia 19,5%.

Bragança, juntamente com Mirandela (19,9%) e Macedo de Cavaleiros (13,3%), representavam praticamente dois terços de toda a população residente na sub-região (65,4%). Por outro lado, Vimioso (3,9%), Alfândega da Fé (4%) e Vila Flor (5,7%) apresentavam as menores populações.

Desde 1960, o território tem vindo a apresentar um decréscimo populacional contínuo. No entanto, este decréscimo tem vindo a ser menos acentuado nos últimos anos, sendo que o maior declínio foi registado entre 1960 e 1970.

Ainda assim, o cenário de perspetiva de evolução demográfica para a próxima década afigura-se como negativo, podendo atingir valores abaixo dos 100.000 habitantes. O modelo de projeção mais otimista prevê reduções populacionais em torno dos 7,4% para o período 2019-2030 e de 21,3% para o período 2019-2050. Esta realidade é semelhante à projetada para as sub- regiões do Douro e do Alto Tâmega.

Saldo Natural e Migratório

Os indicadores demográficos relativos à evolução do saldo natural e migratório facilitam a compreensão do fenómeno de decréscimo populacional que se tem registado no território, permitindo a identificação de duas tendências:

O saldo natural manteve-se negativo nos últimos anos, com tendência a agravar-se, consequência de uma redução da natalidade, explicada também pelos fluxos migratórios das décadas anteriores, sendo acompanhada por um aumento do número de óbitos;

O saldo migratório tem vindo a evoluir e é positivo desde 2017, uma vez que a imigração tem vindo a superar a emigração. Bragança destaca-se como município com maior número de população estrangeira com estatuto legal de residente.

Estrutura Etária

A análise da estrutura etária do território indica uma presença acentuada de população cada vez mais idosa, que se reflete no aumento do índice de envelhecimento da região. Apesar de esta ser uma realidade transversal a várias sub-regiões no país, torna-se ainda mais evidente em Terras de Trás-os-Montes, sendo, em 2020, a percentagem da população idosa superior a 25% em todos os concelhos do território. Neste indicador, destacam-se Vinhais (41,9%), Mogadouro (35,8%) e Miranda do Douro (33,7%), apresentando estes também o co-relacionado menor peso da população infantil. Por outro lado, Bragança (25,4%), Mirandela (28,8%) e Vila Flor (31%) eram, no mesmo ano, os concelhos com menor peso da população idosa na população total residente.

Recorrendo aos dados recolhidos em 2001, 2011 e 2021, é possível concluir que os municípios de maior dimensão são também aqueles que apresentam menor índice de envelhecimento, salientando-se nesta análise Bragança, Mirandela e de Macedo de Cavaleiros.

Relativamente à população em idade ativa, em 2020, Bragança, Mirandela e Vila Flor, eram os concelhos em que a população em idade ativa representava uma maior percentagem da população. Por outro lado, Vinhais, Vimioso e Mogadouro, apresentavam o menor peso da população em idade ativa.

Educação

Em termos educacionais, de acordo com os dados dos Censos 2021, 51,2% da população residente na sub-região possuía apenas o ensino básico completo e cerca de 14,9% não tinha nenhum nível de ensino completo.

As Terras de Trás-os-Montes apresentam níveis de qualificação da população muito próximos aos encontrados nas sub-regiões envolventes (Alto Tâmega e Douro), com um predomínio do ensino básico, mas inferiores se comparados ao contexto da Região Norte e de Portugal. Positivamente, destaca-se uma tendência de redução da taxa de abandono e retenção no ensino básico transversal a todos municípios.

População Ativa e Emprego

De acordo com os dados disponíveis, a taxa de atividade em Terras de Trás-os-Montes estabelece-se nos 37,3%. Quando à empregabilidade, identificou-se um predomínio do setor terciário apesar da tradicionalmente forte presença do setor primário. Analisando os dados sobre o desemprego, conclui-se que é nos municípios com maior presença do setor terciário que existem mais desempregados, sendo que, de uma forma geral, estes encontram-se à procura de novo emprego, munidos apenas do ensino básico completo.

Rendimento das Famílias

Em 2019, o ganho médio mensal da população das Terras de Trás-os-Montes era de 953€. Ao nível municipal, apenas em Bragança e Mirandela o ganho médio mensal superava a média sub-regional de Terras de Trás-os-Montes, sendo identificados, respetivamente, os valores de 1.019,6€ e 957,8€. Por outro lado, todos os restantes municípios registavam um ganho médio mensal inferior a 900€, sendo o valor mais reduzido, 810,2€, encontrado em Vinhais.

O rendimento das famílias – desde o ganho médio mensal, ao valor mediano do rendimento bruto anual declarado por agregado, aos rendimentos brutos declarados por sujeito passivo e por agregado fiscal – ficava aquém das unidades territoriais superiores e, nestes indicadores, apenas Bragança e Mirandela sobressaíram positivamente entre a realidade sub-regional.

É necessário salientar ainda o elevado peso das prestações sociais nos rendimentos da população em todo o território, que tem permitido reduzir as assimetrias em termos de poder de compra da população.

Dinâmicas Económicas

Nas Terras de Trás-os-Montes, identifica-se uma forte concentração das dinâmicas económicas em Bragança. Este concelho, para lá de apresentar uma economia descolada em termos de valores brutos, também dispõe de médias mais elevadas em termos de volume de negócios, Valor Acrescentado Bruto, exportações e investimentos em Investigação & Desenvolvimento por empresa.

O crescimento da sub-região, de uma forma geral, é marcado pelo aumento do número total de empresas, pela redução da média de pessoal ao serviço e pelo aumento do Valor Acrescentado Bruto – apesar do menor volume de negócios apresentando comparativamente ao ano de 2015.

Em termos de dimensão das empresas, de acordo com dados do INE, a sua quase totalidade são Pequenas e Médias Empresas (PME), o que acompanha a realidade que se verifica na região Norte (99,9%) e no contexto nacional. Mais concretamente, naquele ano, existiam apenas duas grandes empresas no território, uma no Concelho de Bragança e a outra em Vila Flor.

Especialização Produtiva

Na sub-região de Terras de Trás-os-Montes, os códigos de atividade económica com maior expressão são o "comércio por grosso e a retalho" e "reparação de veículos automóveis e motociclos", apresentando estes a maior relevância em termos de número de pessoal empregado bem como em volume de negócios gerado.

Num segundo patamar, encontra-se a "indústria transformadora", com impacto significativo também nestas duas variáveis. O código de atividade "agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca" também se salienta no indicador do número de pessoal empregado– no entanto, compreende um volume de negócios relativamente reduzido.

Setor Agrícola

No contexto territorial do Nordeste Transmontano, o setor agrícola apresenta, tanto em termos históricos como vigentes, uma elevada importância não apenas na produção de bens alimentares, mas também na estruturação do território e na dinamização económica – sendo sempre de referir, apesar de mais relevante noutros enquadramentos, a sua influência no tecido cultural.

Ao longo dos últimos anos, tem-se registado o aumento do número de explorações agrícolas no território, constatando-se uma forte presença de SAUs (Superfície Agrícola Utilizada), ainda que aqui a produtividade de recursos naturais como o solo seja escassa, tomando assim bastantes áreas a função de pastagens permanentes.

Neste âmbito, destaca-se também a diversidade e multiplicidade de produtos locais designados como DOP e IGP, que contribuem amplamente para a valorização das Terras de Trás-os-Montes pelas suas características ímpares e confeção tradicional.

Denominação de Origem Protegida (DOP) e Indicação Geográfica Protegida (IGP)

A denominação de Origem Protegida (DOP) designa e identifica um produto originário de um local ou região, cuja qualidade ou características se devem fundamental ou exclusivamente ao seu meio geográfico específico, incluindo fatores naturais e humanos, cujas fases de produção têm lugar na área geográfica assim delimitada.

No território, são disso exemplos o Azeite de Trás-os-Montes, a Azeitona de Conserva Negrinha de Freixo, o Borrego Terrincho, o Cabrito Transmontano, a Carne Mirandesa, a Carne de Bísaro Transmontano ou Carne de Porco Transmontano, o Cordeiro Bragançano, o Cordeiro Mirandês ou Canhono Mirandês, a Castanha da Terra Fria, o Mel da Terra Quente, o Queijo de Cabra Transmontano, o Queijo Terrincho, a Amêndoa Douro e o Mel do Parque de Montesinho. No que toca aos seus afamados vinhos, a Região vitivinícola de Trás-os-Montes é dividida em três sub-regiões: Chaves, Valpaços e Planalto Mirandês. Outra parte da vinha do território – que inclui freguesias dos concelhos de Mirandela e Vila Flor e uma freguesia de Alfândega da Fé – é ainda capacitada pela cobiçada Denominação de Origem Controlada Vinho do Douro.

Já a Indicação Geográfica Protegida (IGP) designa e identifica um produto originário de um local ou região, que apresenta uma determinada qualidade, reputação ou outras características que podem ser essencialmente atribuídas à sua origem geográfica, sendo que pelo menos uma das suas fases de produção tem lugar na área geográfica delimitada.

Exemplos incluem a Alheira de Mirandela, Alheira de Vinhais, Batata de Trás-os-Montes, Butelo de Vinhais, Chouriça Doce de Vinhais, Chouriço Azedo de Vinhais, Chouriça de Carne de Vinhais ou Linguiça de Vinhais, Presunto de Vinhais IGP ou Presunto Bísaro de Vinhais e ainda o Salpicão de Vinhais.

Os produtos DOP e IGP das Terras de Trás-os-Montes destacam-se pela produção recorrendo a métodos tradicionais, sendo a sua qualidade assegurada pela certificação da sua designação – para lá, claro está, da sua multiplicidade de características e atributos.

Ainda assim, há um leque de outros produtos típicos da região que partilham dos mesmos princípios, sendo amplamente reconhecidos pela sua qualidade e inimitabilidade, embora não gozem ainda de certificação. A procuradíssima Couve Penca de Mirandela, a Bola Sovada, o Folar Transmontano ou o Pão de Trigo e Centeio são outros exemplos de maravilhas gastronómicas locais que não exibem selo e que nem por isso são menos procurados ou populares.

Atividades Económicas e Turismo

A matriz etnográfica e cultural do território apela naturalmente a um perfil de turista interessado em experiências genuínas e participativas. Por sua vez, este fluxo de interesse contribui para a valorização da identidade local e preservação do património material e imaterial, resultando em mais valias ao longo de todo o ciclo económico e robustecendo a notoriedade da região.

As atividades relacionadas com o sector do Turismo têm vindo a fortalecer o desenvolvimento das Terras de Trás-os-Montes, apresentando já um considerável impacto na economia da região. Os esforços de promoção ao nível da gastronomia, cultura, hotelaria, comércio e agricultura local têm fomentando o tipo de dinamismo que impulsiona o crescimento sustentando, gerando emprego e permitindo fixar a população. Neste contexto, a propagação de oferta ao nível do Alojamento Local ao longo dos últimos anos – e em particular do alojamento rural –, destaca-se na atração de novos públicos.

Se o território é há muito afamado pela sua gastronomia ao nível nacional, tem-se verificado uma procura assinalável das suas maravilhas vinda de além fronteiras. O impacto do turismo gastronómico sente-se não apenas diretamente na restauração mas também no comércio local. Os produtos regionais são valorizados pelos visitantes, o que contribui para a dinamização da área agroalimentar e resulta igualmente na venda direta dos produtos nos mercados tradicionais.

Por sua vez, o turismo de natureza tem vindo a conhecer uma procura exponencial, fruto da divulgação da riqueza natural das Terras de Trás-os-Montes e do seu fundamento geográfico na Meseta Ibérica. À sua vasta rede de parques naturais, montanhas, rios e extenso leque de biodiversidade associam-se também o crescimento do turismo de aventura e do turismo rural. Estes atrativos têm proporcionado novas oportunidades para a hotelaria e serviços turísticos, contribuindo também para o desenvolvimento de novas infraestruturas, modelos de acolhimento – e, crucialmente, para a melhoria das condições de vida das populações.

No entanto, o maior desafio para o Turismo da região continua a ser sua sazonalidade, concentrando-se 43,1 % do total de dormidas entre julho e setembro. Ainda assim, este valor é mais reduzido do que os das sub-regiões mais próximas e vários outros dados estatísticos indiciam uma sustentada trajetória de crescimento.



Por exemplo, em 2022 registaram-se 257 165 dormidas, o que representa um aumento significativo face às 179 644 registadas em 2021. Outro indicador importante é o aumento da estadia média, que de 1.6 noites em 2020, subiu para 1.7 em 2021 e alcançou o valor de 1.8 em 2022.

A partir do miradouro da Fraga do Puio, é possível contemplar uma vista deslumbrante sobre o rio Douro, correndo mais fundo e vigoroso, descrevendo um dos meandros mais majestosos do seu curso Mirandês.

Caracterização Histórico-Cultural

A herança cultural e patrimonial transmontana pode, até determinada medida, ser compreendida pela análise dos vestígios deixados pelos vários povos que ocuparam o território ao longo dos tempos. Se a documentação é naturalmente escassa no que respeita aos períodos prévios ao VIº milénio a.C., as análises paleobotânicas apontam que na região da Terras de Trás-os--Montes já existiriam indícios de utilização humana – como a agricultura, criação de gado e recoleção – desde o início do Vº milénio.

Período Pré-Histórico (Idade da Pedra)

A tomada inicial dos territórios das Terras de Trás-os-Montes remonta ao período Neolítico, por volta do VIº milénio a.C., quando os ainda semi-nómadas e esparsos grupos humanos fazem uso sazonal dos abrigos naturais ali presentes. A partir do Vº milénio, indicia-se já a ocupação permanente, funcionando a agricultura de cereais e a criação de gado como complementos à recoleção de bolotas, pinhões e uvas silvestres. As largas cavidades, como o Buraco da Pala, em Mirandela, potenciam ainda o uso dos espaço para armazenamento. Terá sido neste tipo de locais que o Homem iniciou a sua atividade artística, através das pinturas parietais e gravuras em rocha.

Durante o IVº milénio a.C., o crescimento populacional e a intensificação das práticas agrícolas e pastoris favorecem o desenvolvimento da atividade ritual – particularmente nos contextos sepulcrais e de cultos religiosos e/ou de fertilidade. Monumentos megalíticos como a Mamoa de Donai (Bragança) ou de Menir de Bouça (Vila Flor) oferecem-nos um testemunho do tipo de edificações de carácter comunitário que serviam de palco a estas manifestações.

Período Proto-Histórico (Idade dos Metais)

O início do Calcolítico, no IIIº milénio a.C., trouxe consigo o desenvolvimento de novas técnicas que permitiram o fabrico de ferramentas e armas em cobre. Esta inovação aflorou o crescimento social e tecnológico, favorecendo a criação de povoados mais organizados e permanentes, como os castros. Estas aldeias fortificadas sublinharam então a estrutura hierárquica e grupal que se vinha a tornar definidora das relações sociais humanas. Entre os exemplos mais notáveis incluem-se o Castro de S. João das Arribas (Miranda do Douro) e o de Ciradelha (Vinhais).

A par destas mudanças, multiplica-se a produção artística. As esculturas zoomórficas conhecidas como "berrões"– representando javalis ou porcos – são particularmente expressivas deste período, tendo funcionado como tótemes de proteção para os habitantes e os seus rebanhos. Diversos "berrões" podem ser encontrados em locais como Vila Flor e Picote, tendo sido reapropriados pelas populações ao longo dos séculos, sobretudo como ícones identitários ou delimitadores de território.



O abrigo do Buraco da Pala, em Mirandela, por exemplo, oferece testemunhos da recolha de bolota, pinhão e uva silvestre datados do início do Vº milénio.



A Ponte de Gimonde ou Ponte Velha, faz a travessia a cerca de oito quilómetros de Bragança, cem metros a montante da ponte de finais de século XIX.



A norte do concelho de Macedo de Cavaleiros, entre as freguesias de Argana, Lamalonga e Vila Nova da Rainha, atravessa a Via Romana XVII, que ligava Braga a Astorga.

Presença Romana

Com a chegada dos povos romanos, no Iº milénio a.C., dá-se uma intensa reorganização política e social. As Terras de Trás-os-Montes integram-se no sistema administrativo romano, incorporando-se na província da Hispânia Tarraconense, sob gestão política do Conventus Asturum. Um dos maiores impactos da romanização passa pela construção de uma extensa rede viária, como o troço Via XVII do Itinerário de Antonino, que ligava Braga a Astorga, e facilitava a circulação de produtos e pessoas.

Esta ocupação transforma amplamente a economia local, também pela introdução da exploração de minas de ouro, ferro e estanho. Os recursos agropecuários passam a ser desenvolvidos com maior eficiência, levando à criação de excedentes e à consolidação de uma economia de mercado.

Neste seguimento, surgem novos espaços de vivência (civitas, vicus, villae e outros), intensificando-se a utilização de materiais como pedra, barros e madeiras – o que contribuiu para o desenvolvimento de novas técnicas construtivas. Pontes, arcos e aquedutos passam a pontilhar a paisagem, a par de monumentos de culto à autoridade do Imperador e ao panteão romano – orquestrados estes enquanto estratégia política para a hegemonização dos povos. Ainda assim, alguns hábitos e cultos indígenas conseguiriam resistir, perpetuando-se para lá deste período.

Período Medieval

Com a decadência progressiva do Império Romano, a região foi sendo sucessivamente ocupada por Suevos, Visigodos e, por um breve período, Muçulmanos. A passagem destes povos reflete-se ainda hoje no imaginário popular, com particular presença nas lendas e tradições orais. Durante o domínio Suevo, dá-se a introdução do centeio e uma ruralização da economia e, sob os Visigóticos, robustece-se a estruturação social. No entanto, seria a reafirmação do Cristianismo, largamente influenciada pelo trabalho e pregação de São Martinho de Dume, a deixar em Trás-os-Montes a marca civilizacional mais duradoura do período medieval.

Com a progressão da Reconquista Cristã, erguem-se os emblemáticos castelos e reforçam-se os povoados fortificados, robustecendo o seu papel enquanto zona estratégica de defesa.

A partir do século XII, a formação de vilas e a concessão de cartas de foral consolidam o domínio português na região. A Ordem dos Templários assume um papel crescente na defesa e ordenação do território. Castelos associados a esta organização, como o de Penas Róias e de Mogadouro, mantêm ainda parcelas visitáveis atualmente.

É igualmente neste contexto que se multiplicam as igrejas românicas e os mosteiros – como o emblemático Mosteiro de Castro de Avelãs –, indiciando a centralidade da religião na sociedade medieval. As comunidades rurais estabelecem-se cada vez mais em pequenos núcleos autossuficientes, preservando práticas agrícolas herdadas dos períodos romanos e germânicos, contribuindo para a solidificação de uma identidade social que ainda hoje marca a região.



O Castelo de Penas Roias foi uma das principais fortalezas medievais de Trás-os-Montes durante o século XII. Ao longo desse período, enquanto o reino de Portugal se afirmava perante o Islão e o vizinho reino de Leão, este castelo teve um papel fundamental na defesa das regiões fronteiriças.

Idade Moderna

A Idade Moderna traz novas dinâmicas associadas à centralização régia e ao crescimento urbano. O comércio ao nível europeu e a integração de Trás-os-Montes na economia do reino propiciaram um aumento da densidade populacional e do desenvolvimento agrícola, ainda que a região mantenha uma forte componente rural e um relativo isolamento. A pastorícia e o artesanato, sedimentadas nas tradições locais, continuam a ser economicamente importantes.

É neste período que as festas populares e as celebrações religiosas mais se formalizam e destacam. As festividades em honra dos santos padroeiros, como as romarias, ou as danças codificadas – como a dos Pauliteiros de Miranda – ganham complexidades e maior expressão cultural, entrelaçando ainda mais a religiosidade e a vida quotidiana das comunidades transmontanas.



A Igreja de Nossa Senhora da Encarnacão de Valverde, em Alfândega da Fé, conserva um conjunto de pinturas murais de elevado interesse patrimonial e artístico com mais de 400 anos.

É de notar, no entanto, que muitas destas manifestações configuravam há muito ritos comuns entre as populações, praticados desde os tempos de domínio celta e romano. O processo de cristianização soube recontextualizá-las, instrumentalizando os costumes ancestrais a favor da consolidação e promoção da sua fé.

Idade Contemporânea

É na Idade Contemporânea que se dão fenómenos como o desenvolvimento industrial e a migração rural-urbana, transformações profundas com amplas consequências – primariamente económicas e sociais, mas também culturais. Se, durante o século XX, a melhoria das infraestruturas de transporte favoreceu a integração da região em contextos mais alargados, também as tradições correram o risco de desaparecer. Felizmente, foram rapidamente iniciados esforços montantes de preservação.

O reconhecimento da língua mirandesa como segunda língua oficial de Portugal é fruto desse tão importante processo de consciencialização para a valorização das tradições e do património imaterial. A gastronomia regional, coroada pelos enchidos, cabrito assado e muitos outros pratos típicos, é uma das vertentes da cultura transmontana que mais atrai hoje visitantes. Outras componentes de identidade, como o artesanato, têm vindo a desempenhar um papel crescente na promoção e visibilidade da cultura local.



O escrinho é uma arte tradicional da aldeia de Vilar Seco – Vimioso. Esta técnica artesanal usa a palha de centeio e a casca de silva como matéria prima na construção de cestos que serviam, no passado, para armazenar farinha e cereais.

Património Construído

O Castro de S. João das Arribas, é um povoado fortificado situado na Aldeia Nova, que terá sido utilizado durante a época romana como local de passagem.



Património Arqueológico

O património arqueológico de Trás-os--Montes possibilita uma viagem temporal até às primeiras ocupações humanas. Abundam no território grutas e abrigos rupestres, completos com pinturas e gravuras parietais que nos oferecem testemunhos e vestígios tangíveis da sua semi-sedentarização inicial. A região é também rica em castros e povoados fortificados, estruturas defensivas construídas nos altos dos montes pelas comunidades proto-históricas da Idade do Bronze e da Idade do Ferro. O Castro de S. João das Arribas, em Miranda do Douro, por exemplo, constitui um exemplo significativo deste tipo de edificação, indiciando a organização militar e social destas comunidades ancestrais.

Este património assenta também em monumentos megalíticos como antas e mamoas, centros de comunhão usados em rituais funerários e religiosos durante o período Neolítico. Exemplos como a Anta da Arcã (Mirandela) e a Mamoa de Donai (Bragança) oferecem vislumbres das práticas espirituais e comunitárias dos primeiros habitantes, preservando até hoje uma herança com grande significado simbólico e cultural na região. É de salientar também a presença in loco de um grande número de esculturas zoomórficas e antropomórficas, bem como um espólio bem preservado de artefactos e utensílios – sobretudo ligados à caça e às atividades agropecuárias –, e ainda fornos, cerâmicas, peças de adorno e ourivesaria arcaica.

Arquitetura Religiosa

A arquitectura religiosa é um dos elementos mais característicos e omnipresentes de Trás-os-Montes, englobando largos conjuntos de igrejas, mosteiros, capelas e ermidas que transparecem a importância e influência da fé – e em particular do Cristianismo – na cultura local. Na realidade, a maior parte dos templos anteriores à formação de Portugal encontram-se em ruínas ou foram alvos de intervenções profundas, pelo que os templos românicos subsistentes na sub-região dizem maioritariamente respeito ao período da Baixa Idade Média. Em contraponto, o Mosteiro de Castro de Avelãs, que constitui um raro exemplo de construção românica-mudéjar em alvenaria de tijolo, mantém-se até hoje inalterado enquanto ícone da expansão da religião cristã e da presença da Ordem de São Bento.

As igrejas românicas de fundamento típico ocupam então um lugar destacado neste contexto, sendo marcadas quase universalmente por naves únicas, absides rectangulares e campanários de dupla sineira. A Igreja de São Pedro, em Santa Comba da Vilariça, Vila Flor, e a antiga Sé de Bragança são exemplos emblemáticos da sobriedade e funcionalidade que orientavam a espiritualidade – e, por consequente, a arquitetura – medieval. É de notar que, no período barroco, muitas destas igrejas foram reformuladas, ganhando interiores decorativos mais complexos e retábulos em talha dourada, como exemplificado na Catedral de Miranda do Douro.

A corrente Maneirista também marcou a região, evidenciada pela presença de templos com dimensões acrescida, de plano longitudinal com espaços mais longos e menor largura, naves escuras e iluminação sob diferentes ângulos. Já nas igrejas dos séculos XVII e XVIII, é notório o impacto da arte Barroca e do Rococó – que, dado o impulso do ouro vindo do Brasil, apresentam elaborados e ostensivos altares e retábulos. Paralelamente a estas edificações de maior porte, são ainda observáveis outros sinais de devoção, designadamente pela omnipresença de Cruzeiros, Alminhas e Nichos.



A talha dourada da Concatedral de Miranda do Douro é um dos elementos mais notáveis e impressionantes do seu interior, representando o esplendor do barroco português do século XVII e XVIII.



O Castelo de Bragança é um dos mais importantes e bem preservados castelos portugueses. Do alto dos seus muros avistam-se as Serras de Montesinho e de Sanabria (a norte), a de Rebordões (a nordeste) e a de Nogueira (a oeste).

Arquitetura Militar

A arquitetura militar de Trás-os-Montes, composta por uma vasta rede de castelos e fortificações táticas construídas ao longo de vários séculos, não apresentou, no geral, a mesma resiliência que as construções religiosas face à passagem do tempo. No entanto, contrapondo ruínas e vestígios, resistem ainda secções inteiras de Castelos como os de Bragança, Algoso, Penas Róias, Miranda do Douro, Vinhais e Mogadouro, que continuam a funcionar como exemplos icónicos da edificação militar medieval, lembrando o seu papel enquanto pontos de defesa durante a reconquista e a consolidação do reino português. O Castelo de Bragança é especialmente relevante pela sua Torre de Menagem e pela proximidade à Domus Municipalis, único exemplar da arquitetura civil românica existente em toda a Península Ibérica.

Para lá de impedirem e contrariarem diversas invasões, estes castelos serviram também como locais de governação e administração do território. As suas espessas muralhas e torres de menagem ofereceram o tipo de proteção que permitiu o desenvolvimento e adaptação a novas estratégias militares de século para século. Nalguns casos, estas fortificações foram restauradas e acondicionadas para preservar ao máximo a sua estrutura original, estabelecendo-se cada vez mais na paisagem histórica da região.

Arquitetura Civil

O património civil transmontano reflete a multiplicidade social e económica que a região conheceu ao longo dos séculos. A par das típicas habitações rurais de granito e de um conjunto de edifícios públicos, evidenciam-se os imponentes solares e casas senhoriais que põem a descoberto a influência e poder das elites locais – geralmente ostentando fachadas simétricas e ornamentadas com brasões de família, muitas vezes contando ainda com capelas ou igrejas adjacentes. Estes edifícios constituem verdadeiros testemunhos da autoridade das classes nobres, que durante tanto tempo comandaram a organização social que estruturou a vida das aldeias e vilas circundantes.

No final da Idade Média e durante os primeiros séculos da Idade Moderna, as Terras de Trás-os-Montes viram crescer os seus aglomerados urbanos, resultado do aumento populacional como consequência dos decretos reais e senhoriais. Muitas dessas povoações obtiveram Carta de Foral, constituindo-se como "vilas", fenómeno geralmente acompanhado pela implantação de um pelourinho – sinal suplementar da presença coerciva régia, associada a uma certa legitimação religiosa. Em todos os municípios da região, é possível encontrar ainda hoje pelo menos um destes exemplares.

Marcantes na visualidade do território são igualmente as pontes medievais – geralmente recuperando ou reabilitando pontes romanas –, vias de comunicação por excelência, cujo papel foi determinante no desenvolvimento económico local ao longo dos séculos.

A ponte de Mirandela, também conhecida por Ponte Velha, é um dos exemplos mais emblemático deste tipo de construção, notabilizando-se pela sua extensão e múltiplos arcos.



O património civil da região inclui ainda outros elementos de génese maioritariamente medieval e dos primórdios da Idade Moderna, como fontes e edificações com funções político-administrativas e judiciais.

No entanto, para uma real compreensão da identidade transmontana será essencial visitar os elementos patrimoniais associados às vivências e tradições das populações como as forjas comunitárias, os moinhos, os pombais ou os lagares de azeite e vinho – alguns ainda em funcionamento na atualidade.

A aldeia de Moimenta conserva ainda a memória do passado em inúmeros vestígios como é o caso dos moinhos, os lagares, as fontes, os fornos e a forja comunitária – testemunhos fundamentais da cultura popular.



Museus e Centros Interpretativos

Os vários museus e centros interpretativos presentes na região, frequentemente apoiados em edifícios e património protegido de interesse público, desempenham um papel crucial na preservação e promoção do seu património material e imaterial. Muitos destes espaços oferecem aos visitantes uma compreensão aprofundada da cultura transmontana no seu sentido mais categórico e pedagógico, levando a público colecções de achados arqueológicos, exposições sobre a arquitetura, etnografia, indústria, história e religiosidades locais, e ainda perspetivas sobre a importância ecológica, geológica e ambiental do território. Mas não se pense que a sua multiplicidade se esgota nesse sentido tradicional de preservação memorial, natural ou rural – a oferta abrange também expressões contemporâneas e em desenvolvimento, como a arte moderna ou a fotografia, abordagens sociológicas e científicas, ou até explorações mais *sui generis* como o legado do contrabando e da fiscalização transfronteiriça na região. Destacam-se os museus nacionais – o Museu do Abade de Baçal e o Museu da Terra de Miranda.



Abrindo a público em 1927 e funcionando com a denominação de Museu Regional de Obras de Arte, Peças Arqueológica e Numismática de Bragança sob a direção do Abade de Baçal, acabou por tomar a designação atual em 1935 à data da jubilação do mesmo.

Património Cultural Imaterial

Graças à sua vasta herança cultural e natural, as Terras de Trás-os-Montes conservam locais e tradições listados pela UNESCO como Património Mundial.

Festas de Inverno

As Festas de Inverno perpetuam-se enquanto um dos aspectos mais emblemáticos do património cultural transmontano, tendo-se vindo a notabilizar cada vez à escala internacional. A sua origem remonta a rituais ancestrais pré-cristãos, tendo por base o ciclo agrícola e o solstício de inverno. Funcionam num calendário alargado que se estende desde o fim do mês de outubro até ao final da época do Carnaval, embora a maior concentração de manifestações ocorra durante o ciclo dos 12 dias que vai do Natal ao dia de Reis.

Entre estas festividades, o Carnaval de Podence – com os seus alegóricos Caretos – classificado como Património Cultural Imaterial da Humanidade pela Unesco. Recentemente, a Festa de Santo Estevão, dos Rapazes, e dos Caretos de Torre de Dona Chama passou também a integrar o Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial (DGPC).



No entanto, são inúmeras as aldeias transmontanas que apresentam manifestações análogas durante este período, cada qual com complexidades e narrativas próprias. O traço comum a todas será uma vivacidade quase eufórica, sempre com um espírito de resistência focado no preservação dos valores comunitários em pano de fundo.

Língua Mirandesa

A língua Mirandesa – ou o Mirandês – fala-se no concelho de Miranda do Douro e em algumas aldeias do concelho de Vimioso, remontando a sua origem a um período anterior à formação do atual território português. Constitui-se enquanto língua românica, descendente do latim, e pertencente à família das línguas astur-leonesas. É, desde 1999, a segunda língua oficial de Portugal.

Se ao longo dos séculos se verificou uma tendência de declínio do seu uso, desde o último quartel do século XX que se tem solidificado um movimento de afirmação do seu papel identitário. Estes esforços resultaram na introdução do Mirandês no ensino a partir do ano letivo 1987/88, na elaboração de um norma escrita publicada em 1999, e na introdução de legislação que regulamenta o direito à sua aprendizagem.

Em termos formais, a língua Mirandesa apresenta semelhanças com o Português e o Castelhano, mas distingue-se por particularidades fonéticas como a palatização do 'l' inicial, a inclusão de ditongos crescentes e a conservação do 'f' latino.

Para lá do Mirândes, resistem ainda na região outros dialetos de descendência asturo-leonesa, nomeadamente o Guadramilês e o Rionorês.

"E quem são estes terríveis mascarados, que a todos infundem respeito e pavor? Simples trabalhadores rurais, ou modestos artífices, em geral de todos conhecidos e por todos estimados, respeitadores, bondosos e crentes, que perdem a personalidade, que se esvaecem, que morrem, ao envergarem um fato extravagante e ao taparem o rosto com uma medonha careta de pau, de lata, de sola, ou de qualquer outro material."

D. Sebastião Pessanha
in "Mascarados e Máscaras Populares de Trás-os-Montes" (1940)

Originários da aldeia de Podence, no concelho de Macedo de Cavaleiros, estes Caretos representam imagens diabólicas e misteriosas inseridos nas festividades carnavalescas.



A Festa dos Moços de Constantim insere-se no quadro das celebrações seculares do solstício de Inverno. É organizada em honra de São João Evangelista e tem como principal atração o peditório que é realizado pela aldeia.

Os Pauliteiros de Miranda cativam particularmente os públicos, com a sua dança guerreira em que homens empunham paus, numa demonstração de destreza e coordenação ao som do bombo, da caixa e da gaita de foles mirandesa. As modas e as cantigas tradicionais continuam muito presentes e são frequentemente levadas a cabo em arruadas (atuações em cortejo).

Expressões e Tradições Etno-musicais

Nas expressões etno-musicais das Terras de Trás-os-Montes deteta-se uma estreita ligação entre o fulgor identitário e as temáticas quotidianas – onde o campo, o trabalho, o lar ou as manifestações pagãs, civis ou religiosas compõem o leque de referências líricas, geralmente pautadas por alguma austeridade poética e tonalidades muito particulares.

Constituindo formas populares de manifestação verbal, musical e coreográfica, fazem uso dos seus distintos instrumentos para estabelecer uma identidade estética inconfundível. Entre as figuras com maior destaque – e que continuam a reunir interesse nas festas populares – encontram-se os gaiteiros (tocadores de gaita de foles, caixa e bombo) e os tamborileiros (tocadores em simultâneo de flauta pastoril e de tamboril).

Lendas

O imaginário popular transmontano constitui como um dos mais ricos acervos da sua cultura. Sendo o conhecimento maioritariamente transmitido através da via oral até à tempos não tão distantes, as lendas e tradições orais circulavam entre pessoas e gerações, marcadas tanto por laivos de pedagogia como de entretenimento. Assim, narrativas de moralidade, humor, paixão, drama e autenticidade eram disseminadas e, não raras vezes, pautadas por veracidade histórica.

Para além da abordagem de temáticas bélicas, amorosas ou bucólicas, é detetável nos exemplos documentados um forte cunho moral e religioso, para além de reminiscências do passado Árabe da região Transmontana, corroborando a abundância de personagens Mouras a resiliência da tradição oral.



Gastronomia

À mesa transmontana, cada ingrediente aponta para uma história – com os seus arcos de resistência, saberes antigos e modos de vida profundamente entrelaçados com a paisagem e com o ritmo das estações. Comer nestas terras é participar de um ritual que celebra as suas dádivas e as gentes que as habitam.

Os produtos locais, muitos deles com Denominação de Origem Protegida (DOP) ou Indicação Geográfica Protegida (IGP), constituem uma das mais fulgurantes expressões desta identidade regional. Uma vez transformados em pratos tradicionais, saciam igualmente apetites locais e forasteiros, alimentando a memória coletiva e perpetuando costumes que são orgulhosamente passados de geração em geração.

Nas mais diversas comunhões dos dias, as carnes das raças autóctones ocupam um incontestável lugar de destaque. O Cabrito Transmontano DOP, oriundo da raça Serrana, é criado em pastoreio livre e alimentado de forma natural, o que se traduz numa carne tenra, suculenta e intensamente saborosa. É habitualmente assado no forno – depois de habilmente temperado com sal, alho, louro, colorau e vinho branco – ou na brasa. Constituindo um dos pratos mais emblemáticos da gastronomia transmontana, é praticamente indispensável quando o convívio e as celebrações se cruzam, quer assinalem estas acontecimentos familiares, dias santos ou outras ocasiões festivas.

Também o Cordeiro Bragançano DOP, proveniente da ovelha Churra Galega Bragançana, reflete um maneio cuidado e uma alimentação imaculada, exclusivamente à base de leite materno e forragens tradicionais. A sua carne macia e suculenta, cujo sabor é sumptuosamente realçado pela presença de alguma gordura, é particularmente apreciada quando assada na brasa, modo de preparação que enfatiza ainda mais o seu caráter genuíno. Já o Cordeiro Mirandês DOP – ou Canhono Mirandês DOP – , com a sua carne macia e rosada, pouco marmoreada e extremamente tenra e suculenta, obtém-se de outra antiquíssima raça de ovelha, a Churra Galega Mirandesa,

descendente do tronco introduzido pelos celtas ao Planalto Mirandês. Em termos da sua degustação, as costelinhas grelhadas na brasa são uma das iguarias mais apreciadas mas também os guisados ocupam lugares cimeiros entre as maravilhas culinárias da região. Independentemente da variação da raça, a confeção do cordeiro é, em muitas aldeias, associado às celebrações religiosas.

Não menos icónica é a Carne Mirandesa DOP, obtida a partir da corpulenta raça bovina de mesmo nome. Identificável pela sua cor entre o rosa claro e o vermelho, com gordura uniformemente distribuída, esta carne é base de um dos pratos mais afamados da região: a Posta à Mirandesa. Trata-se de um bife alto e almofadado, cortado da perna em nacos, e grelhado apenas com sal grosso – respeitando à risca a receita originária das antigas feiras de gado. O resultado traduz-se numa posta suculenta, habitualmente servida com batata e legumes. Em restaurantes e casas particulares, é frequentemente acompanhada pelos vinhos tintos encorpados da região.

Já o Borrego Terrincho DOP é obtido da raça Churra da Terra Quente, ovino que pastoreia em áreas ligados aos olivais. A sua carne é extremamente clara e quase isenta de gordura, o que agracia ainda mais a sua textura macia e sabor delicado, com notas suaves a leite e a ervas silvestres. Fornece a base para pratos genuinamente rústicos e atemporais, como o borrego assado no forno ou o extraordinário ensopado de borrego. O leite deste animal é também utilizado para a produção do Queijo Terrincho DOP.

Outro protagonista é o Porco Bísaro Transmontano DOP. Sendo criado livremente no campo e alimentado a castanha, batata e abóbora, oferece uma esplêndida carne marmoreada, rica e tenra, cujo sabor inconfundível se revela ainda mais distintamente quando grelhada. Para além dos cortes frescos, é também matéria-prima para os enchidos associados ao Fumeiro de Vinhais IGP.



Os enchidos são uma categoria de produtos de origem animal com grande tradição nesta sub-região. A maioria sofre um processo de fumeiro que tradicionalmente era utilizado como forma de aumentar o tempo útil para o consumo dos alimentos.



O Butelo é um enchido artesanal feito a partir do aproveitamento da suã, (coluna vertebral), costelas e rabos de porco, envolvidos pela bexiga ou pelo bucho do porco. Tradicionalmente, acompanha com as cascas de feijão secas, também chamadas de casulas que, depois de demolhadas durante várias horas, são cozidas juntamente com o enchido na água da segunda cozedura deste.

A confeção de enchidos pela prática do fumeiro, importa referir, constitui, por excelência, o elemento gastronómico comum a todos concelhos das Terras de Trás-os-Montes. Ao centro da sua produção está o aproveitamento integral do porco, conceito aliás imortalizado no dizer popular "do porco nada se desperdiça, tudo se aproveita." Tradicionalmente, é nos "lareiros" das casas rurais que o fumo lento e constante cura os salpicões, chouriças, alheiras, butelos e chouriços doces ou azedos. Estas iguarias de sabor pronunciado tanto servem de entrada ou merenda como compõem pratos robustos como o cozido à transmontana ou o butelo com casulas, receita típica de Carnaval.

Entre todos os enchidos, o salpicão é considerado o mais nobre, uma vez que é produzido a partir do lombo, a parte mais cobiçada do porco. Já a conceituada alheira, que ostenta as IGP de Vinhais e de Mirandela, é tipicamente grelhada na brasa e servida por si mesmo como entrada ou, enquanto prato principal, acompanhada por batatas cozidas e grelos abundantemente "regados" com azeite transmontano. O folclore histórico dita que, curiosamente, a receita original de alheira não conteria carne de porco – de facto, o seu objetivo seria constituir exatamente um simulacro dessa carne. Terá sido inventada pelos judeus enquanto forma de circundar a inquisição, aparentando uma conversão ao cristianismo.

De suma importância nas mesas e nos costumes transmontanos é o azeite. Tudo envolve o azeite – temperam-se carnes, regam-se legumes, finalizam-se pratos, amassa-se o pão, coze-se o folar. Em tempos idos, avaliar a qualidade do azeite novo constituía um ritual significativo, tomado em torno da fogueira, num pedaço de pão torrado ainda quente.

Este gesto ainda persiste nalgumas casas e tem vindo a ser reintroduzido em muitos restaurantes. Já a ida ao lagar nunca perdeu popularidade e continua a estabelecer-se como um momento de convívio. A ancestralidade do seu consumo na região informa há séculos as condições de cultivo de oliveira e os saberes da apanha manual da azeitona – razões que estão por detrás da sua prestigiosa designação DOP.

Também o mel, recolhido quer nas encostas floridas do Parque de Montesinho quer a partir das colmeias da Terra Quente, tem um papel assinalável na gastronomia. É especialmente apreciado enquanto acompanhamento aos queijos locais – como o Queijo de Cabra Transmontano DOP ou o Terrincho IGP. Frequentemente, estes mesmos queijos são apresentados em lisonjeiras combinações com compotas de cereja, pêssego ou castanha provenientes dos pomares regionais.



Os olivais estão presentes em todos os municípios das Terras de Trás-os-Montes sendo um suporte financeiro de resultados apreciáveis para a economia rural da região.

O Mel da Terra Quente DOP é extraído da flora mediterrânea típica desta região montanhosa onde a urze, o eucalipto, a alfazema, a giesta e, especialmente, o rosmaninho dominam.







A Castanha da Terra Fria é o produto endógeno com maior capacidade produtiva da sub-região e também aquele que gera um volume de negócios mais significativo, tendo sobretudo como destino o mercado internacional.

Por falar em castanha, cujas variantes abundam no território e entre as quais se salienta a Castanha da Terra Fria DOP, há a assinalar a ampla versatilidade com que esta enriquece a culinária local. Chega à mesa de várias formas: por si mesma, é servida crua, assada ou cozida; como acompanhamento, lisonjeia o lombo de porco bísaro ou peças de caça como javali ou perdiz. Entre outras iguarias a que dá origem, são particularmente apreciados tanto o caldo como o pudim de castanha. Outrora teve também um papel importante no fabrico do pão, sendo utilizada como farinha – função que, aliás, tem sido recuperada e até reinterpretada na atualidade.

Entre as muitas maravilhas no domínio da doçaria, a Bola Doce Mirandesa é possivelmente uma das mais emblemáticas. É típica de Miranda do Douro e confecionada com farinha de trigo, fermento padeiro, manteiga, açúcar branco e amarelo, ovos, azeite, água e canela. A sua massa elegante é intercalada por (geralmente 7) camadas de recheio de açúcar e canela. Embora seja um produto típico da Páscoa, pode hoje ser encontrada durante todo o ano. Ainda assim, a tradição não perde fulgor e continua a ser comum as famílias irem para o campo na segunda-feira a seguir à Páscoa para, entre o convívio, se deliciarem com a Bola Doce, a par do Folar, bolos secos e Cordeiro Mirandês assado na brasa.

Este mesmo Folar Transmontano é uma iguaria célebre e apreciada pela qualidade dos ingredientes que o compõem – é um pão confecionado à base de farinha, azeite e ovos, e recheado com deliciosas carnes fumadas como presunto, chouriça de carne, salpicão ou pá de porco. Manda a tradição que seja cozido em forno de lenha e saboreado com um bom vinho, café ou chá. O Folar carrega muitas vezes uma grande simbologia religiosa ou afetiva, uma vez que é frequentemente usado como oferenda ou convite à partilha entre vizinhos e familiares.

Outro pão de celebração que muita incita a curiosidade e o apetite é a Bola Sovada. Trata-se de um pão de azeite concebido somente a partir de farinha de trigo, sal, água e azeite – sem recurso a qualquer tipo de levedura. O seu nome advém da valente "sova" que leva antes de ir ao forno, explicitando o trabalho árduo e demorado que envolve o seu amassar.

Mencionando processos trabalhosos, há a referir os cuscos – um produto que só quase miraculosamente conhecemos ou temos a oportunidade de provar nos dias de hoje. Estes grãos aglomerados de farinha, cozidos a vapor com o auxílio de um recipiente próprio (a cuscuzeira), e secos ao ar ou ao sol, fizeram parte do dia a dia alimentar das populações até há alguns séculos. No entanto, o seu moroso processo de fabrico manual foi-se tornando incompatível com os ritmos da vida e assim se foi dando o seu quase desaparecimento. Felizmente, algumas mulheres em Vinhais e Bragança mantiveram viva a tradição e os segredos da sua confeção, razão pela qual é possível assistir hoje a uma pequena revitalização desta iguaria – e que tem feitas as delícias de novos apreciadores sobretudo através do ressurgimento da tradicional receita de Cuscos com Chouriça de Carne.

Mas a natureza também sabe ser generosa com as suas gentes e, no outono, brotam em abundância por Trás-os-Montes os deliciosos cogumelos silvestres. Rapidamente, estes passam a constar de qualquer mesa enquanto entrada, petisco, acompanhamento ou mesmo prato principal. Tal é o seu estatuto de iguaria acessível que é comum dizer-se na região que "no tempo dos cogumelos não há más cozinheiras."

O leque de receitas, pratos e produtos transmontanos é ainda muito mais extenso – mas tal é a sua multiplicidade que mesmo a mais exaustiva tentativa de os elencar a todos incorreria em omissões. O melhor é provar e descobri-los por si mesmo. O que podemos dar por definitivo é que, em Trás-os-Montes, a gastronomia é a mais sincera forma de hospitalidade.



Também conhecida como Bôla de Azeite, a Bôla Sovada (à direita) faz amplo uso do "ouro líquido" na sua confeção. Tradicionalmente, as mães coziam-nas para os filhos as levarem como merenda. Talvez daí a sua simbologia tão associada ao amor e carinho.

No Portugal do século XV, o consumo de cuscos fazia parte do dia a dia alimentar das populações, mas, com a introdução da batata e do milho das Américas, deu-se o seu quase desaparecimento.





Artesanato e Ofícios

Em Terras de Trás-os-Montes, a produção de peças de artesanato e os ofícios que lhe estão associados permanecem intrinsecamente ligados aos materiais que a natureza tem historicamente providenciado ao ser humano. Simultaneamente, muitas destas criações, capacidades e saberes expressam também a ideia de uso quotidiano motivado pela necessidade, com origem em tempos em que a atividades agrícolas e pastoris se encontravam no centro das vidas.

O que perdura é uma mestria e um conhecimento específico na região que se reflete na produção exímia de artefactos do quotidiano – muitas vezes elevados com fatores ornamentais – como cestas e cestos, talhas, albardas, loiças em barro, ou tapetes e mantas em lã ou linho. A cutelaria e a tanoaria assumem uma importância crescente, apresentando já características que as levam a ser procuradas para lá do contexto artesanal. Também os trabalhos em madeira, ferro e lata são marcantes, estando muitas vezes associados às cerimónias e às Festas de Inverno, como a construção de máscaras e dos instrumentos musicais. Crucialmente, estas técnicas evitam tanto o desaparecimento como a adulteração através de um processo de proximidade, sendo partilhadas no seio familiar ou em oficinas tradicionais.

Nos últimos anos, algumas especializações locais têm vindo a gozar de um interesse turístico renovado, especialmente no domínio da apreciação cultural e artística. Entre muitos outros possíveis exemplos, destacam-se as majestosas Capas de Honras Mirandesas, as cantarinhas de Pinela, a tecelagem em lã associada aos fatos dos diferentes Caretos do território, os tapetes de lã de Lamas de Orelhão, as navalhas de Palaçoulo e as máscaras.



Os caretos de Parada de Infanções são figuras centrais nas tradicionais festas de inverno da aldeia, celebradas entre o Natal e o penúltimo dia do ano. Os seus fatos são confeccionados a partir de colchas de fabrico caseiro recamados com espessas franjas de lã colorida. Para completar o visual, os caretos utilizam coleiras de couro, munidas de campainhas, que são colocadas a tiracolo, e cintos largos com uma enfiada de chocalhos, utilizados para "chocalhar" as mulheres numa atitude provocatória com um sentido simbólico de fecundidade.



Na Festa da Santíssima Trindade, em Fonte de Aldeia, depois da eucaristia, grupos das aldeias vizinhas fazem "rondas" à volta da Capela segurando grandes ramos de árvores. Diz-se que os desentendimentos surgidos ao longo do ano eram resolvidos nesta festa.



Festas Religiosas e Romarias

As festas religiosas e romarias encontram-se disseminadas por todas as localidades das Terras de Trás-os-Montes. Podendo apresentar variações mais ou menos assinaláveis de lugar em lugar, a sua importância social e espiritual é, no entanto, monolítica – funcionam em todo o território como força motriz dos laços comunitários e da devoção popular. Estes eventos são essencialmente dedicados a Nossa Senhora e/ou ao santo padroeiro de cada localidade. Tipicamente, a par das celebração Eucarística, ocorrem romarias acompanhadas de enfeites na ruas e momentos performativos e musicais, podendo os arraiais incluir até concertos de bandas filarmónicas.

Outros Eventos de Cariz Não Religioso

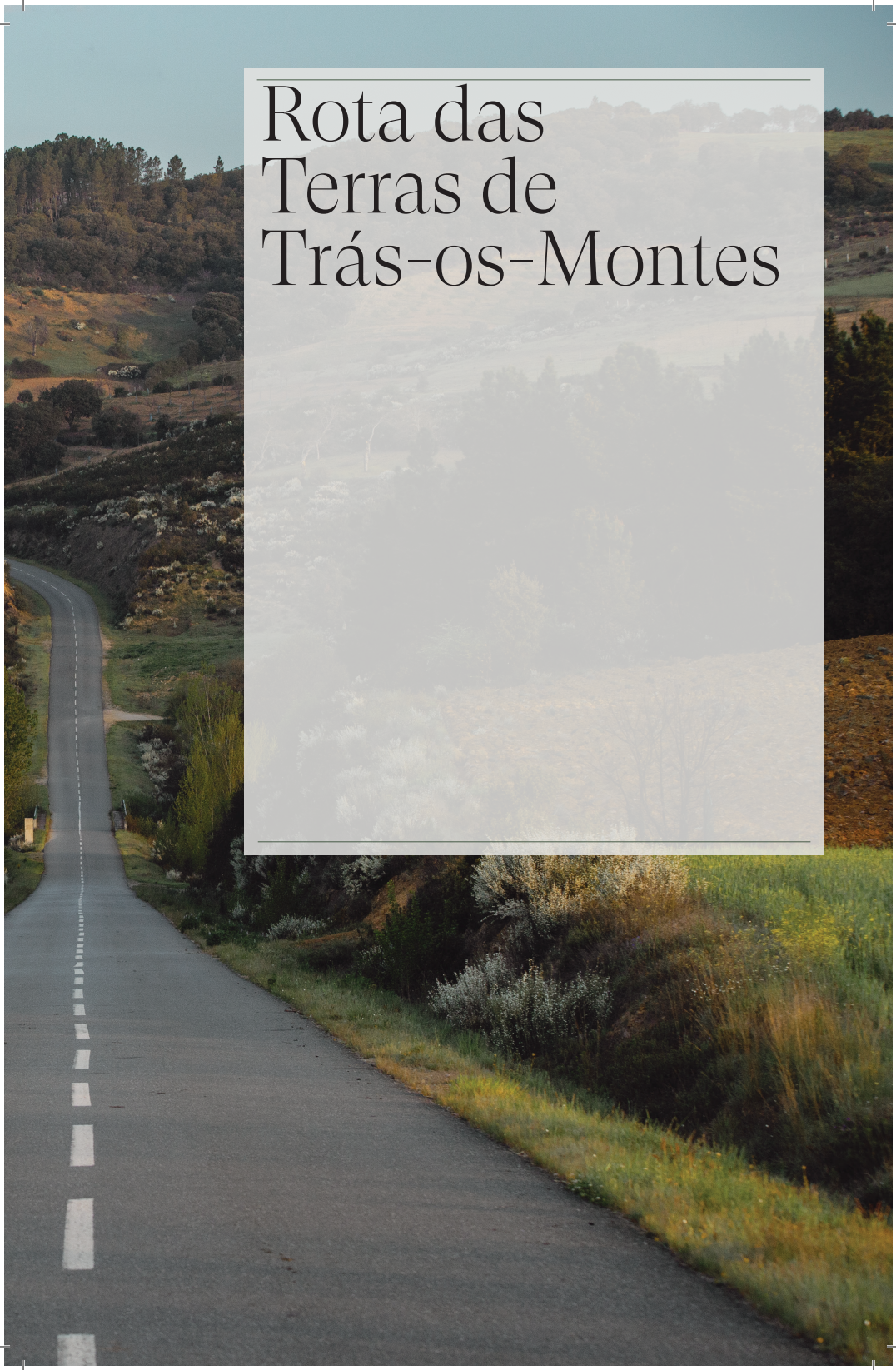
Apesar da força dos eventos religiosos, as manifestações seculares continuam a ser essenciais na consolidação da identidade transmontana – promovendo a cultura, as expressões e os produtos locais – e servindo também de alicerce ao espírito de comunidade através da valorização dos costumes.

Desde as feiras com enfoques temáticos às mostras gastronómicas, passando pelos festivais musicais, recreativos e desportivos, até às convenções de danças tradicionais, folclore ou cantares, a dinâmica transmontana tem provado ser cada vez mais atrativa tanto para visitantes à procura de experiências genuínas como para os novos e antigos habitantes.



As Festas em honra de Nossa Senhora do Amparo que têm início no dia 25 de julho com a Feira de São Tiago e terminam no primeiro Domingo de agosto. A majestosa procissão é um dos momentos mais aguardados, com os seus andores ornamentados acompanhados pelas bandas filarmónicas e pela fanfarra.





Rota das Terras de Trás-os-Montes

"Ora, o que pretendo mostrar, meu e de todos os que queiram merecê-lo, não só existe, como é dos mais belos que se possam imaginar. Começa logo porque fica no cimo de Portugal, como os ninhos ficam no cimo das árvores para que a distância os torne mais impossíveis e apetecidos. E quem namora ninhos cá de baixo, se realmente é rapaz e não tem medo das alturas, depois de trepar e atingir a crista do sonho, contempla a própria bem-aventurança."

Miguel Torga
"Um Reino Maravilhoso"
(1941)

Nenhuma terra se esgota na sua descrição. Podemos analisá-la, confrontá-la com as ciências, encaixá-la em mapas, versar a sua história e cantar os seus louvores vezes sem conta – e ainda assim, algo ficará por tocar. Não que estes esforços sejam fúteis, bem pelo contrário, mas serão sempre aproximações ao espírito e nunca à verdadeira vontade da terra. A terra, essa, pede que a visitem. Que lhe conheçam os filhos e os irmãos, que se entreguem ao que ela guarda e ao que oferece.

As Terras de Trás-os-Montes são pródigas em sabores e saberes, culturas e cultivos, modos e gentes. Tão férteis são, de facto, que é difícil precisar por onde se deve orientar um sentido de visita sem arriscar que se passe ao lado de algo tão ou mais definidor do território como qualquer outro ponto de interesse que chame pelos curiosos. Por essa razão, debruçámo-nos longamente sobre a questão até chegar a um modo consensual de estruturar a descoberta do território: sugerimos então a divisão da experiência em duas grandes rotas, a Rota da Terra Fria e a Rota da Terra Quente. Fatores endógenos e climatéricos justificam-no, bem como a existência prévia de agregações alinhadas com a mesma sistematização.

Cada uma das Rotas engloba atrações e manifestações que, apesar de muito diversas, não se encontram simplesmente pulverizadas. Foi-nos possível definir áreas de confluência de pontos de interesse e, a partir dos mesmos, definir troços mais curtos que se especializam na projeção de facetas particulares do território. Crucialmente, estes troços foram desenhados tendo em conta a sua sequencialidade, para que o visitante possa comandar o ritmo e abarcar na sua experiência diária o número de segmentos que desejar sem ter que retroceder.

Assim, a Rota da Terra Fria possibilita descobertas temáticas que passam pelas maravilhas naturais dos Vales de Vimioso, as culturas fronteiriças da Raia Seca, o legado histórico das Terras de Miranda, as paisagens do Douro Internacional, a monumentália dos Castelos da Raia, a conspicuidade dos Pombais Transmontanos, a envolvente da Serra da Nogueira, a cultura fluvial em torno do Tuela, a extensão pedonal do Rabaçal, o esplendor biológico de Montesinho e ainda as ancestralidades da Lombada.

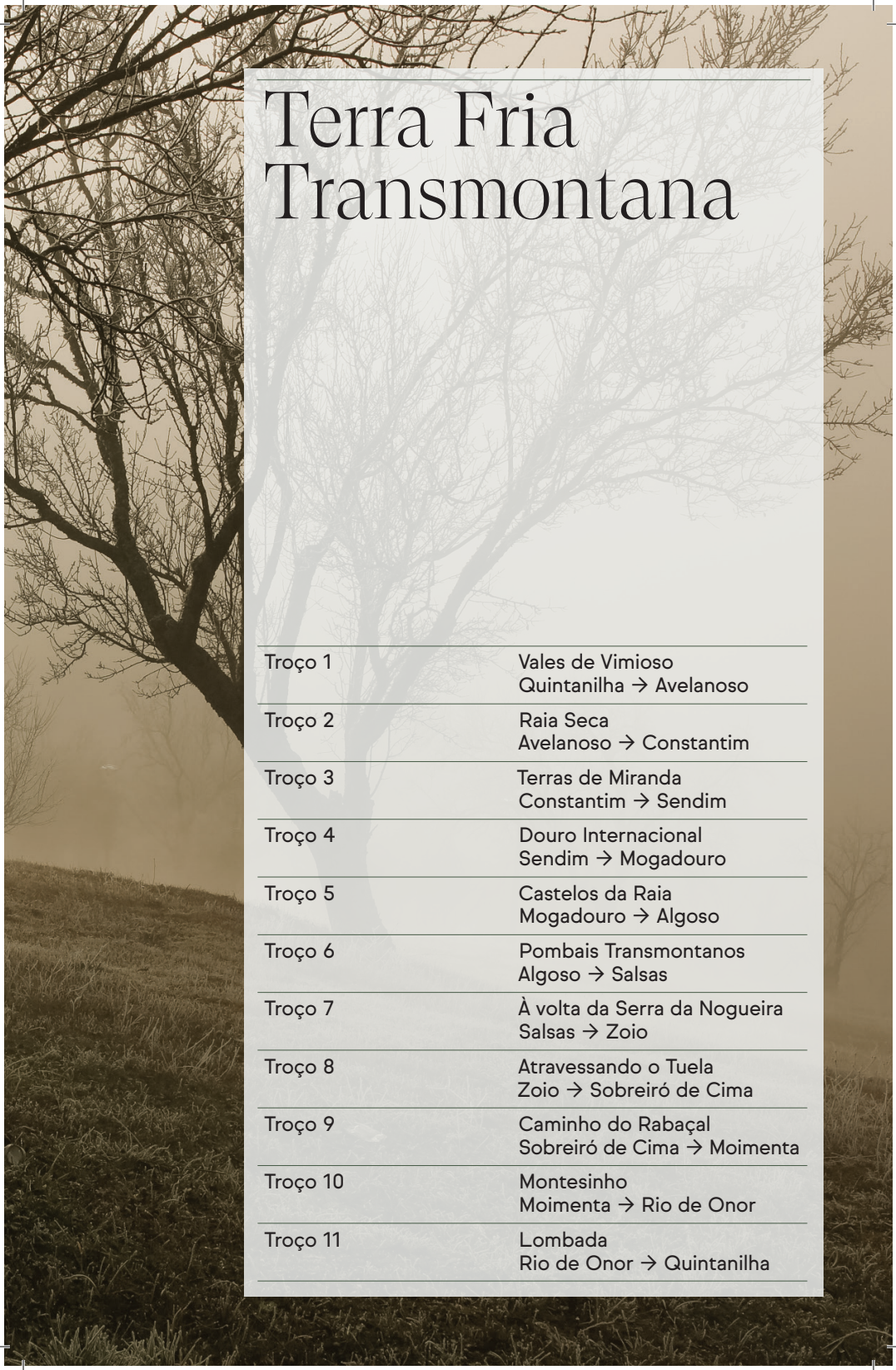
Por sua vez, a Rota da Terra Quente propõe que ali se desvendem os encantos micro-climáticos do Vale da Vilariça, os entusiasmos náuticos dos Lagos do Sabor, a excecionalidade geográfica do Quadrassal, as Paisagens Protegidas do Azibo, as heranças culturais das Terras de Ledra, os encontros dos Três Rios na Bacia da Tua e ainda o portento verdejante do Vale do Tua.

Em nome das Terras, estendemos-lhe o convite para que as visite.



O serpentear das águas das ribeiras de Medal, Estevais e Meirinhos é uma das imagens mais impressionantes dos Lagos do Sabor, representativas da beleza deste lugar.



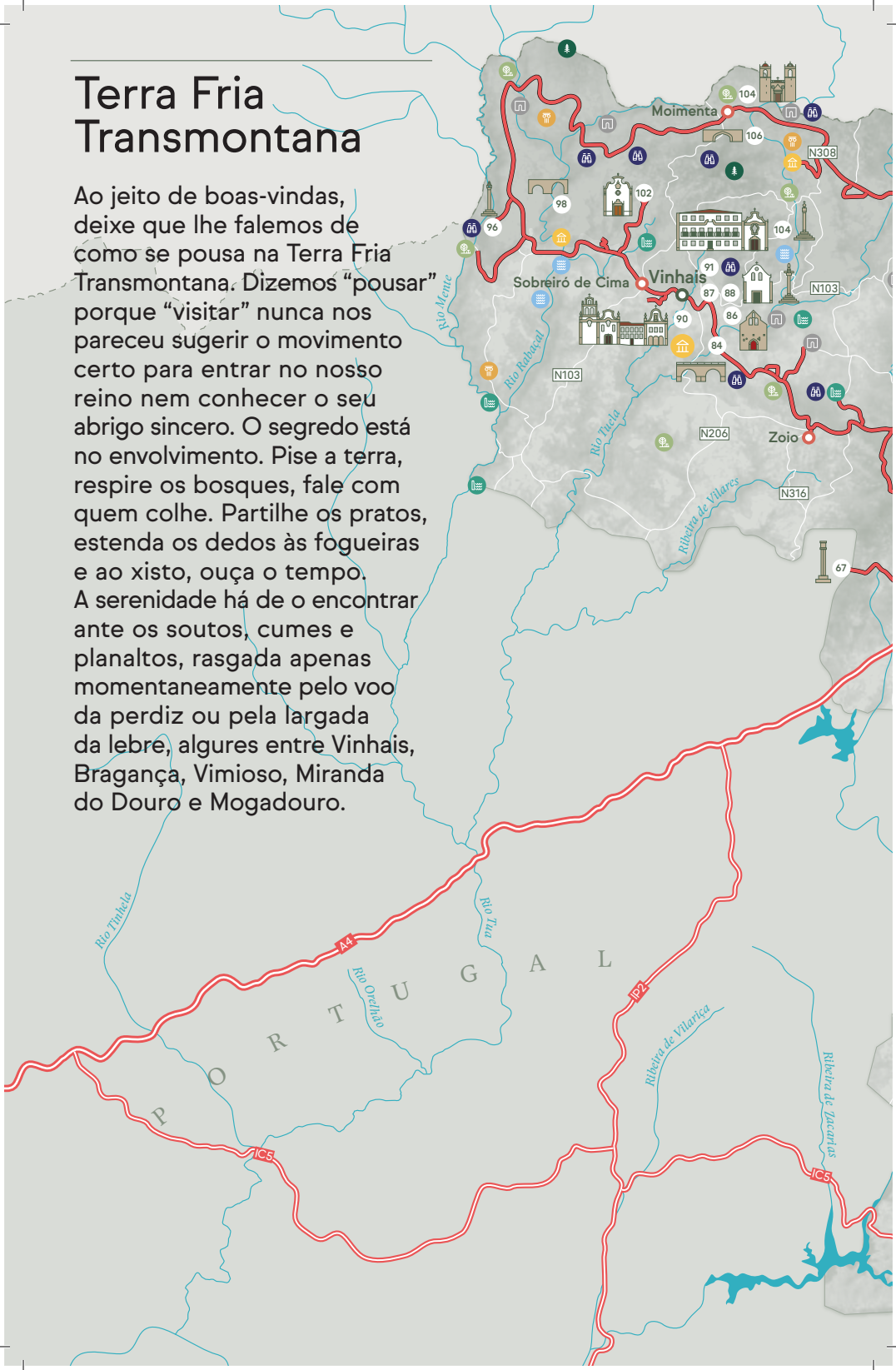


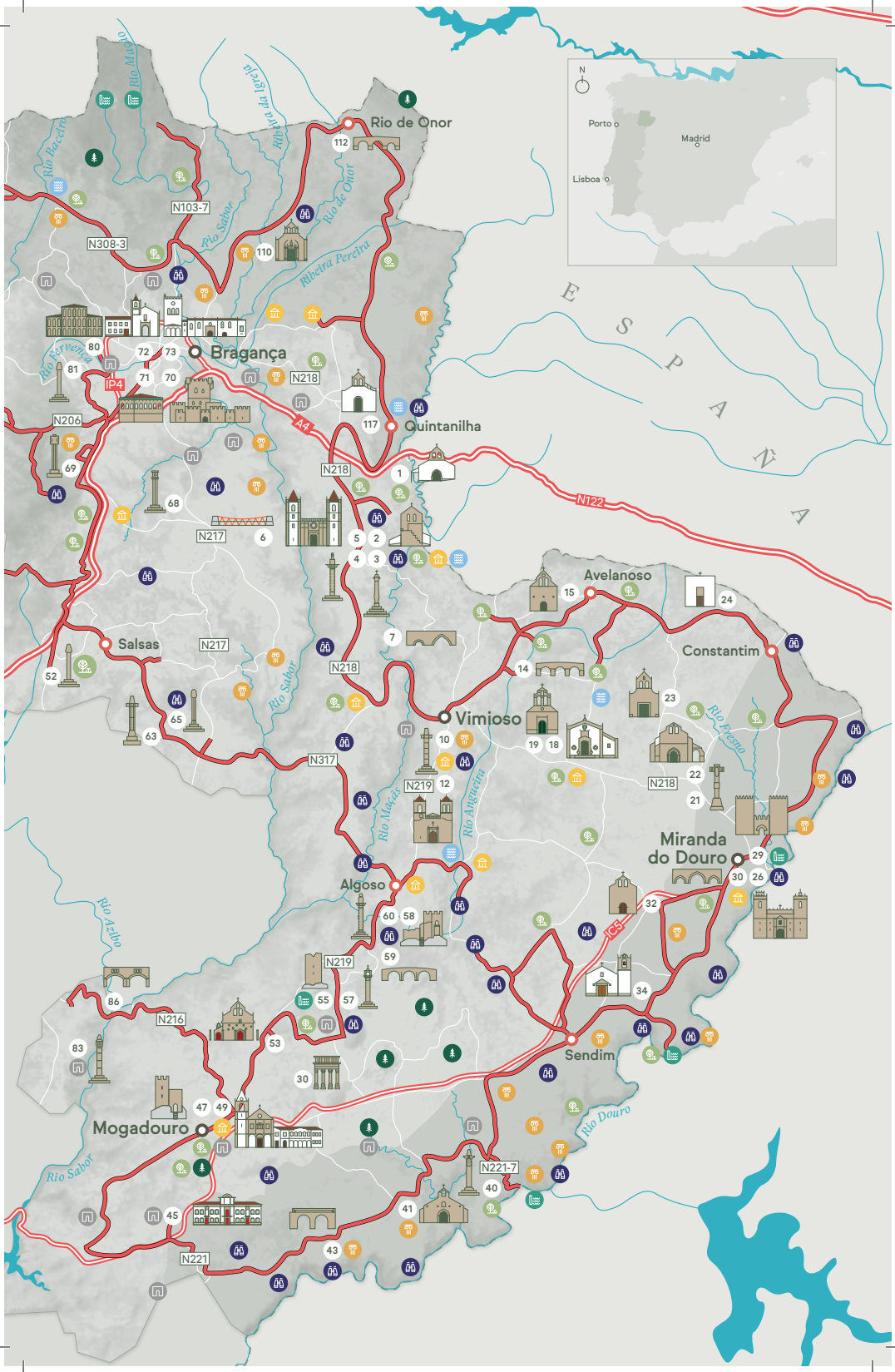
Terra Fria Transmontana

Troço 1	Vales de Vimioso Quintanilha → Avelanoso
Troço 2	Raia Seca Avelanoso → Constantim
Troço 3	Terras de Miranda Constantim → Sendim
Troço 4	Douro Internacional Sendim → Mogadouro
Troço 5	Castelos da Raia Mogadouro → Algoso
Troço 6	Pombais Transmontanos Algoso → Salsas
Troço 7	À volta da Serra da Nogueira Salsas → Zoio
Troço 8	Atravessando o Tuela Zoio → Sobreiró de Cima
Troço 9	Caminho do Rabaçal Sobreiró de Cima → Moimenta
Troço 10	Montesinho Moimenta → Rio de Onor
Troço 11	Lombada Rio de Onor → Quintanilha

Terra Fria Transmontana

Ao jeito de boas-vindas, deixe que lhe falemos de como se pousa na Terra Fria Transmontana. Dizemos "pousar" porque "visitar" nunca nos pareceu sugerir o movimento certo para entrar no nosso reino nem conhecer o seu abrigo sincero. O segredo está no envolvimento. Pise a terra, respire os bosques, fale com quem colhe. Partilhe os pratos, estenda os dedos às fogueiras e ao xisto, ouça o tempo. A serenidade há de o encontrar ante os soutos, cumes e planaltos, rasgada apenas momentaneamente pelo voo da perdiz ou pela largada da lebre, algures entre Vinhais, Bragança, Vimioso, Miranda do Douro e Mogadouro.




N
Porto
Madrid
Lisboa
E S P A Ñ A
Rio de Onor
Bragança
Quintanilha
Avelanoso
Constantim
Salsas
Vimioso
Miranda do Douro
Algoso
Sendim
Mogadouro
N103-7
N308-3
N206
N218
N217
N122
N317
N219
N216
N221-7
N221
A4
IP4
IC5
Rio Sabor
Rio de Onor
Ribeira Pereira
Rio Fervença
Rio Maçãs
Rio Angueira
Rio Fresno
Rio Azibo
Rio Douro

Vales de Vimioso

Troço 1 Quintanilha → Avelanoso

Ao longo deste percurso, descobrirá templos religiosos e edificações ancestrais com origens fascinantes, passando por pontes históricas, castelos e até minas de alabastro e calcário. Vestígios romanos, marcas do legado judaico e sinais do Caminho de Santiago povoam igualmente este traçado, ao longo do qual se vão revelando sublimes vales profundos que abraçam rios e ribeiras, sendo entrecortados por terrenos avermelhados, searas soalheiras e planícies ondulantes.



6
Ponte dos Mineiros
Argozelo

Ponte metálica sobre o rio Sabor que foi diariamente utilizada por centenas de pessoas que trabalhavam nas minas da Ribeira, em Coelhoso.



7
Ponte Gótica
Pinelo

Ponte de dois lanços sobre o rio Maçãs, entre Pinelo e Argozelo. Exemplar raro, com sinais de estilo gótico e calçada. Terá sido edificada nos finais do século XIV, princípios do XV.



8
Ponte Sobre o Rio Maçãs
Carção

Veigas
Quintanilha
Rio Frio
N218
Paçô
Paradinha
Outeiro
Coelhoso
Argozelo
Carção
Calvelhe
Izeda
N217
N317
A4
Rio Sabor
Rio Maçãs
PORTUGAL



5

Basílica de Santo Cristo
Outeiro

A Basílica de Santo Cristo do Outeiro foi edificada por devoção a este santo que terá suado sangue num pequeno templo existente à entrada da povoação.



4

Pelourinho de Outeiro
Outeiro



3

Cruzeiro de Outeiro
Outeiro



13

Termas de Terronha
Vimioso



11

Igreja de São Vicente
Vimioso

A Igreja matriz de Vimioso, dedicada ao mártir São Vicente, é um templo maneirista que se destaca pelas suas dimensões, próximas das de uma sede episcopal.



14

Ponte de São Joanico
Vale de Frades
N218



Avelanoso
Vale de Frades
Pinelo
Serapicos
S. Joanico
Caçarelhos
Vimioso
N122
ESPAÑA
Rio Angueira



1

Capela de Nossa Senhora da Ribeira
Quintanilha

A construção da Capela de Nossa Senhora da Ribeira está associada a uma lenda medieval que relata o aparecimento da Virgem a uma pastora. O templo terá sido construído no segundo quartel do século XIII nas terras do Outeiro, então pertencentes à Coroa e que até 1220 tinham integrado os coutos do mosteiro beneditino de Castro de Avelãs. No ano de 1282 já há notícia da existência de uma ermida que albergava a imagem milagrosa de Nossa Senhora.

Combinando arquitetura religiosa quinhentista, seiscentista e barroca, apresenta uma planta retangular composta por três naves, de seis tramos cada, e uma capela-mor, mais baixa e estreita. Tem ainda adossados à fachada lateral esquerda sacristia e alpendre, iluminados apenas por frestas unilaterais e coberturas de madeira. A fachada principal é truncada por uma dupla sineira e rasgada por um portal em arco apontado com modinatura de estilo gótico. As fachadas laterais são rasgadas por portas transversais em arco de volta perfeita, com aduelas largas e modinatura quinhentista, sendo que a da direita apresenta frestas e janelas com capialço.

A nave da Epístola assentava em rocha viva, mais alta, antes de ter sido nivelada pelas outras duas naves, obrigando a que os plintos das colunas fossem então calçados sobre maciços, mantendo, contudo, ainda uma pendente que se acentua na porta travessa.

2

Igreja de Nossa Senhora da Assunção
Outeiro

Em acentuado declive no centro da povoação, a Igreja de Nossa Senhora da Assunção é uma modesta construção, característica de um meio rural medieval, de escassos recursos e de âmbito periférico. A sua construção remonta aos anos finais do século XIII, altura em que se procedeu à construção do castelo.

Trata-se de uma Igreja paroquial de planta longitudinal composta por nave, capela-mor, sacristia, alpendre e campanário de sineira dupla adossados. O portal principal é em arco de volta perfeita, moldurado pelas respetivas aduelas. O interior possui coberturas diferenciadas de madeira, em masseira na nave e em abóbada de berço abatido na capela-mor. Junto à parede fundeira, situa-se a pia batismal, no lado do Evangelho, surgindo o púlpito igualmente deste lado. Apresenta retábulo-mor de talha dourada do estilo nacional, sobre supedâneo.





5

Basílica de Santo Cristo de Outeiro
Outeiro

Tendo a sua construção sido iniciada em 1698 em resultado de um milagre ocorrido numa pequena capela que se encontra ao lado, o santuário de Santo Cristo foi concluído na primeira metade do século XVIII. De caraterísticas arcaizantes em pleno barroco, é um templo grandioso com fachada flanqueada por duas torres, abóbada de cruzaria no interior e sacristia revestida de pinturas setecentistas. Possui ainda preciosos retábulos de talha barroca.

De acordo com uma inscrição patente na igreja, datada de 26 de abril de 1698, suou sangue o Santo Cristo num pequeno templo existente à entrada da povoação do Outeiro. Este milagre, que haveria de conhecer grande divulgação e originar ainda maior devoção, levou a que, ainda nesse mesmo ano de 1698, fosse lançada a primeira pedra do novo santuário.

Localizando-se junto à fronteira com Espanha, onde as guerras da Restauração e da Sucessão se fizeram sentir mais veementemente, esta igreja imponente e majestosa é um caso raro e possivelmente único no panorama arquitetónico português dos anos do Barroco. Embora a arquitetura do século XVIII tenha sido caracterizada por um forte ecletismo, o Santuário do Santo Cristo do Outeiro destaca-se por se assumir como experiência revivalista, à revelia dos modelos eruditos que à época se produziam na capital.

6

Ponte dos Mineiros
Argozelo

Esta antiga ponte utilizada pelos mineiros foi recentemente recuperada pela população local em memória da extração mineira de volfrâmio e estanho, que aqui perdurou até 1986.

Por ser estreita, a ponte propõe uma pequena aventura a quem gostar de emoção – mas recompensa imediatamente esses visitantes com a mais encantadora vista sobre o rio Sabor.

Distinguindo-se pela sua construção em metal, a Ponte dos Mineiros foi diariamente utilizada por centenas de pessoas que trabalhavam nas minas da ribeira, em Coelhoso. Tem 35 metros de comprimento e está suspensa a uma altura de 10 metros do leito do rio.





8

Ponte Sobre o rio Maçãs
Carção

A ponte de Carção é uma construção medieval de origem românica composta por um arco de volta perfeita, que atravessa o rio Maçãs e liga Carção a Vimioso. No entanto, a partir de meados do séc. XX, altura em que foi construída a estrada e a ponte nova de ligação a Vimioso, esta construção deixou de ter a utilização e importância que havia conhecido até então.

O concelho de Vimioso é atravessado por três rios com vales encaixados e de uma beleza e importância paisagística inigualável: o vale do rio Sabor, o vale do rio Angueira e o vale do rio Maçãs. É em Junqueira, aldeia pertencente à freguesia de Matela, que o rio Maçãs desagua no Sabor, num sítio localmente conhecido por "canto". Essa área oferece uma paisagem de tirar o fôlego, um refúgio tranquilo onde os sons da natureza prevalecem sobre tudo o mais. É um lugar perfeito para contemplar a paisagem, desfrutar de um piquenique ou, durante o verão, dar um mergulho nas refrescantes águas dos dois rios.

Vimioso

Integrando o distrito de Bragança, o município de Vimioso situa-se no Planalto Mirandês e é atravessado pelos vales profundos dos rios Angueira, Maçãs e Sabor. Aqui, a encantadora paisagem natural estabelece um diálogo permanente com um vasto património edificado de amplo valor cultural e histórico. A arquitetura civil local é reconhecida pelo uso inventivo do xisto e do granito, motivando também a atenção dos visitantes as suas pontes romanas e românicas, bem como a abundante arquitetura religiosa e, em particular, a sua arquitetura militar.



9

Castelo e Atalaia de Vimioso
Vimioso

Embora se encontre hoje completamente despojado e marcado apenas por algumas ruínas, o Castelo de Vimioso tem o seu papel historicamente reconhecido no contexto defensivo do nordeste transmontano. Sendo sobranceiro ao interflúvio Maçãs – Angueira, a sua raiz parte de um castro da Idade do Ferro, que sobrevive e se adapta durante a ocupação romana. Reedificações posteriores são sucessivamente ordenadas pelos reis leoneses Sancho II e Afonso VI, pelo Conde D. Henrique nos finais do séc. XI e, eventualmente, por D. Afonso Henriques e D. Dinis – estando o seu posicionamento estratégico sempre na base da sua valorização militar. O castelo propriamente dito terá sido desenhado por Duarte D'Armas em 1509, projetando-o este em formato quadrangular, com torre de menagem e três cubelos angulares abobadados.

O seu planeamento arquitetónico não deixa dúvidas quanto à estratégia defensiva programada: contava com uma única porta e os seus panos de muralhas, vazados por inúmeras troneiras, eram rodeados por fosso. Durante as Guerras da Independência e da Restauração foi teatro de múltiplas confrontações, motivando uma completa reconstrução abaluartada, ordenada em 1660 pelo Conde de Mesquitela, à data Governador das Armas da Província. Apesar de contar já com séculos de resistência, o seu fim chegaria em 1762, sendo arrasado por ordem do general espanhol Marquês de Sarria, que invadiu a região à frente de um exército de trinta mil homens.

10

Ruínas do Castelo e Arquivo Municipal
Vimioso

Prosseguindo com a sua política integrada de reorganização dos serviços municipais, Vimioso sentiu a necessidade de atualizar o sistema de arquivo do município, garantindo a valorização e preservação do seu acervo documental enquanto património do concelho. Desta forma, o Arquivo Municipal de Vimioso foi inaugurado no dia 7 de outubro de 2013, Dia Nacional dos Castelos. Data simbólica, pois o Arquivo Municipal, que reaproveita o edifício da antiga Escola Primária Conde de Ferreira, está implantado sobre as ruínas do antigo castelo da vila.

A intervenção arqueológica no atual arquivo colocou a descoberto o que já era apontado pela leitura dos documentos existentes, tendo sido revelados formalmente a entrada do castelo e respetivo fosso, uma troneira in situ, o alicerce da Torre de Menagem e o arranque da muralha norte, para além do arranque de uma escada para o darve, um compartimento retangular não identificado, vestígios do chão ladrilhado e ainda o primitivo cemitério paroquial. Hoje, podemos já observar as ruínas do Castelo subjacentes ao pavimento através de um periscópio, assim como acompanhar a evolução do castelo e da sua re-descoberta no centro interpretativo adjacente.





12

Pelourinho de Vimioso
Vimioso

Estima-se que este pelourinho tenha sido erguido em 1516, por ordem do rei D. Manuel I.

Denuncia um cariz arcaico partilhado por muitos outros pelourinhos da região. A picota ergue-se sobre um soco de quatro degraus quadrangulares, dos quais apenas três estão visíveis. A coluna é oitavada, embora o troço inferior seja talhado de forma a simular um coxim cúbico. O fuste é constituído por quatro blocos de tamanho idêntico.

Sobre o fuste destaca-se o capitel, composto por um ábaco circular, de onde irradiam quatro braços curtos em cruz, ornamentados com pequenos botões esféricos nos topos arredondados. O remate é em pirâmide cónica, ornada com botões esféricos e uma sequência de hastes em H.

Este pelourinho foi deslocado para a implantação atual em 1958, ano no qual ocorreu igualmente o seu derrube acidental, durante uma festividade. É plausível que o brasão se tenha partido nesta altura. Este brasão exibiria, provavelmente, as armas dos Condes de Vimioso.



11

Igreja Matriz de Vimioso
Vimioso

A igreja matriz de Vimioso, dedicada ao mártir São Vicente, é um templo de linhas maneiristas que se evidencia pelas suas dimensões, próximas das de uma sede episcopal.

A fachada principal, sóbria, apresenta duas torres sineiras ligadas por balaustrada, com relógio na da esquerda, e um pórtico maneirista sobrepujado por uma cruz vazada.

Embora alguma bibliografia situe a edificação da igreja no período filipino, é possível que as obras de construção se tenham iniciado alguns anos antes.

Possui abóbada nervada, arcaizante. Adossada à parede sul há uma capela com armas dos Antas. Aos cinco retábulos barrocos que possuía, foram-lhe modernamente acrescentados mais três. Merece particular referência o altar mor, com seis colunas salomónicas e profusa ornamentação entalhada e dourada.

A fachada é rematada por dois torreões, sendo um do relógio e outro sineiro e inclui um pórtico simples, ainda de tradição renascentista, sobrepujado por um vão cruciforme.

Raia Seca

Troço 2 Avelanoso → Constantim

Entre antigas povoações praticamente inalteradas e espaços soberbos de culto religioso, descobrem-se, ao longo deste trecho, veneráveis construções em xisto, muitas datadas da Idade do Ferro, e deslindam-se vistas panorâmicas perante a fronteira entre Portugal e Espanha. Mantenha-se atento às variações da paisagem, que aqui se rendilha a cada quilómetro, entre freixos, retalhos de sequeiro, castanheiros, matos e montados de sobro e azinho.

Avelanoso

15

16 Angueira



16

Zona de Lazer do rio Angueira
Angueira

Rio Angueira



18

Capela de Santo Cristo
Caçarelhos

A Capela de Santo Cristo, também conhecida como Capela de São Bartolomeu, partilha um largo com um cruzeiro barroco provavelmente contemporâneo à sua edificação.



19

Igreja Matriz de São Pedro
Caçarelhos

No decorrer do século XVII, com o crescimento da paróquia e ruína da igreja primitiva, este templo tão importante para a vida religiosa local sofreu a profunda intervenção que nos chega até aos dias de hoje.



18 19
17 20 Caçarelhos

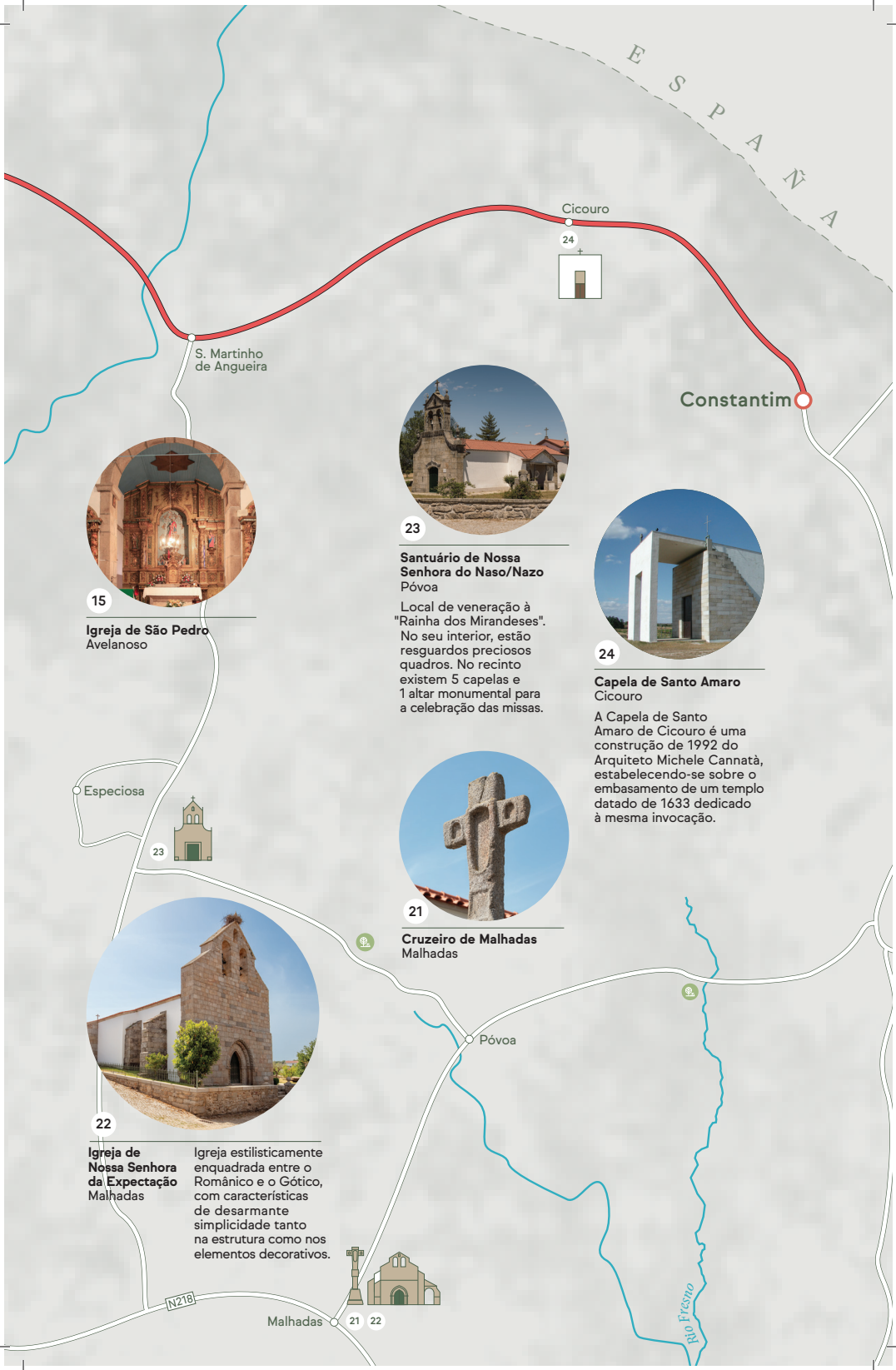


17

Cruzeiro de Caçarelhos
Caçarelhos

PORTUGAL

Genízio


E S P A Ñ A
Cicouro
24
S. Martinho
de Angueira
Constantim
15
Igreja de São Pedro
Avelanoso
23
Santuário de Nossa
Senhora do Naso/Nazo
Póvoa
Local de veneração à
"Rainha dos Mirandeses".
No seu interior, estão
resguardos preciosos
quadros. No recinto
existem 5 capelas e
1 altar monumental para
a celebração das missas.
24
Capela de Santo Amaro
Cicouro
A Capela de Santo
Amaro de Cicouro é uma
construção de 1992 do
Arquiteto Michele Cannatà,
estabelecendo-se sobre o
embasamento de um templo
datado de 1633 dedicado
à mesma invocação.
Especiosa
23
21
Cruzeiro de Malhadas
Malhadas
Póvoa
22
Igreja de
Nossa Senhora
da Expectação
Malhadas
Igreja estilisticamente
enquadrada entre o
Românico e o Gótico,
com características
de desarmante
simplicidade tanto
na estrutura como nos
elementos decorativos.
N218
Malhadas
21
22
Rio Frieira





18

Capela de Santo Cristo
Caçarelhos

A Capela de Santo Cristo das Chagas, também conhecida como Capela de São Bartolomeu, situa-se num largo no qual se encontra também implantado um cruzeiro barroco, provavelmente contemporâneo à sua edificação.

Delimitada por pilastras nos cunhais, com pináculos no seu prolongamento, a fachada principal da capela termina em empena, constituindo a composição que envolve o portal, o seu motivo mais estudado.

A composição prolonga-se através da cartela superior com inscrição, profusamente decorada com motivos concheados e vegetalistas, terminando num óculo recortado, envolto por uma moldura com diferentes elementos decorativos. Dois óculos em forma de elipse ladeiam o portal, juntamente com uma cercadura simples e uma concha no remate superior.





19

Igreja de São Pedro
Caçarelhos

Templo de uma nave, de planta retangular, precedido por uma escadaria que dá acesso ao portal principal, com corrimão de pedra dos lados. Este portal é do tipo retábulo, tem um arco de volta perfeita, está flanqueado por duas colunas toscanas assentes em pedestais e suporta uma cornija pouco saliente. Sobre o portal, há um relógio oferecido em 1967, sobre o qual surgem três vãos onde se encontram três sinos. No topo desta composição surge uma cruz assente numa peanha com volutas.

O crescimento da paróquia e a ruína da igreja primitiva deverão ter originado a edificação de uma nova, de dimensões superiores e linguagem arquitetónica atualizada em relação ao seu tempo.

As pinturas a fresco que ainda se conservam na nave e que representam "Nossa Senhora entregando o rosário a São Domingos" integrada num retábulo fingido e, do lado oposto, "São Miguel", têm vindo a ser atribuídas ao período maneirista.

No decorrer do século XVIII, a igreja foi alvo de uma profunda intervenção que incidiu sobre a capela-mor, totalmente refeita, e ainda sobre a sacristia e parte do corpo do templo, adquirindo este uma porta lateral, de linguagem barroca.

20

Cabanal de Caçarelhos
Caçarelhos



Os Cabanais, construídos em granito, funcionam como local de encontro e convívio das gentes da aldeia – embora o seu papel central nas comunidades se tenha vindo a perder ao longo dos tempos. Tradicionalmente, era aqui que padeiros, doceiros e produtores de fumeiro se juntavam para vender as suas iguarias, servindo estes de resguardo a comerciantes e almocreves. Além das trocas comerciais, eram aqui também servidas refeições. Este património cultural é já quase inexistente em todo o país, mas resiste em Caçarelhos.

Este cabanal, de planta retangular simples com treze pilares quadrangulares e cobertura em telhado de uma água, constitui um exemplo da arquitetura vernacular da região e terá provavelmente sido construído no século XIX. Embora esta tenha vindo a perder a dinâmica que outrora teve, é de salientar a realização anual da Feira do Pão no Domingo de Ramos, onde se procura reviver e preservar os velhos costumes e tradição do uso deste espaço.





21

Cruzeiro de Malhadas
Malhadas

O cruzeiro localizado no centro da aldeia de Malhadas tem uma significativa importância histórica, pois fazia parte de uma rota medieval importante que ligava Bragança e o ocidente transmontano a Miranda do Douro e ao planalto leonês. Classificado como um monumento medieval, é provavelmente uma construção tardia desse período. A sua característica distintiva é a utilização do granito, com um trabalho escultural simples e austero. Infelizmente, todos os elementos escultóricos que originalmente estariam integrados nos pequenos nichos da estrutura foram perdidos ao longo do tempo, o que dificulta uma classificação mais precisa.

A sua estrutura é descomplicada, limitando-se praticamente ao essencial. A base é troncocónica, de ligeira moldura inferior saliente, decorada numa das faces por pequena cruz inscrita, de terminações patadas e com quatro minúsculas circunferências de esgrafitos a ladeá-la.

Nas faces laterais existem duas figuras, de difícil interpretação, mas uma delas parece representar um touro. Também se refere a possível representação dos Evangelistas, presumivelmente nunca concluída ou continuada nas partes superiores, entretanto perdidas. O fuste do cruzeiro poderia ser decorado nas duas faces, mas uma delas apresenta quatro encavos que correspondem ao lugar de peças de escultura desaparecidas.

22

Igreja de Nossa Senhora da Expectação
Malhadas

A Igreja Paroquial de Malhadas enquadra-se estilisticamente entre o românico e o gótico, mas a sua principal característica é a desarmante simplicidade partilhada tanto pela sua estrutura como pelos seus elementos decorativos.

Motivo de algum mistério é a indefinição cronológica que rodeia a sua construção. Na principal monografia do leste transmontano, o Abade de Baçal colocou-a entre os séculos XII e XIII, nas abordagens mais recentes têm avançado a sua edificação até ao século XIII pleno ou, mesmo, até ao século XIV.

Os pormenores decorativos do templo integram-se no românico transmontano dos séculos XIII–XIV. O portal é de três arquivoltas, sem tímpano, ornado unicamente por fiadas de esferas. Sobre ele, eleva-se um alto campanário, solução que é também comum nos templos medievais transmontanos. A estrutura da igreja reforça a simplicidade do conjunto: a capela-mor é barroca, mas conserva-se, ainda, a nave única, seccionada em três tramos marcados por dois longos arcos quebrados e um terceiro abatido, de época moderna, destinado a suportar o coro-alto.



Terras de Miranda

Troço 3 Constantim → Sendim

Entre arribas íngremes e ondulantes searas douradas, onde o solo vai transitando do avermelhado para o granítico, há impressionantes jóias patrimoniais e culturais a descobrir neste percurso. Escute-se a língua mirandesa, desvendem-se esculturas rupestres e lendas ancestrais, observem-se animais selvagens, aves de rapina e espécies autóctones e, inescusavelmente, desfrute-se da rica, riquíssima gastronomia local.



36

Miradouro da Fraga do Puio
Picote

Do miradouro da Fraga do Puio podemos observar o Douro agora liberto das amarras da Barragem, descrevendo um dos meandros mais majestosos do seu curso Mirandês.

Teixeira
Atenor
Palaçoulo
Águas Vivas
Genízio
N218
P O R T U G A L
Prado Gatão
IC5
Fonte da Aldeia
Duas Igrejas
32
P A R Q U E N A T U R A L
33
N221
Sendim
34
Barrocal do Douro
37
Picote
35
36
Freixiosa



34

Igreja de São Cristóvão
Vila Chã de Braciosa

Igreja de raiz românica de uma só nave, com capela-mor e sacristia. As paredes são de cantaria, o teto é de madeira e no solo há lajes de pedra. O retábulo-mor é uma obra rocaille-joanina.



35

Porca de Picote
Picote



32

Igreja de Santa Eufémia
Duas Igrejas



28

Castelo de Miranda
Miranda do Douro

Esta edificação de cariz militar está associada à transferência do poder para a região em 1286, às mãos de D.Dinis.



Planalto Mirandês

Aconchegado entre arribas verticais e ondulantes searas douradas, o Planalto Mirandês estende-se num rendilhado paisagístico ímpar.

Constantim



31

Fonte dos Canos
Miranda do Douro

Fonte barroca em cantaria, do tipo relicário, sustentado por pilares de secção quadrada e com um alpendre de planta quadrada. Encontra-se coberta por um telhado piramidal, em escama.

Póvoa

Malhadas

Ifanes

Paradela

Rio Fresno

PARQUE NATURAL INTERNACIONAL DO DOURO



30

Ponte dos Canos
Miranda do Douro

Palancar

25

Rio Douro

Aldeia Nova

Vale de Águia

Miranda do Douro

ESPAÑA

Cércio

31 30 28 27 29 26



29

Museu da Terra de Miranda
Miranda do Douro



26

Concatedral de Miranda
Miranda do Douro

A Antiga Sé de Miranda do Douro, atualmente Concatedral de Miranda do Douro, está classificada como Monumento Nacional desde 1910.



27

Menino Jesus da Cartolinha
Miranda do Douro



25

Miradouro da Penha das Torres
Paradela

Miranda do Douro

A deslumbrante parte antiga da cidade pode ser percorrida facilmente a pé, desde a antiga muralha até à Praça D. João III. Ao centro deste largo, encontrámos duas estátuas em tamanho real de um casal Mirandês: ele envergando uma Capa de Honras, uma peça única do vestuário tradicional português e ainda usada em várias cerimónias.

É na Praça D. João III que ficam os Paços do Concelho e o fascinante Museu da Terra de Miranda, que incide sobre o modo de vida no planalto Mirandês. Miranda do Douro foi elevada a cidade e a sede de diocese em 1545, pelo que se tornou necessária a edificação de um novo templo.



26

Concatedral de Miranda
Miranda do Douro

A Antiga Sé de Miranda do Douro, atualmente Concatedral de Miranda do Douro, está classificada como Monumento Nacional desde 1910. Tipologicamente, insere-se na arquitetura religiosa. Caracteriza-se por ter uma planta cruciforme, com três naves separadas por pilares e com frontispício harmónico. Este edifício foi encomendado por D. João III, assim como as Sés de Leiria e Portalegre.

Nestes edifícios, entrecruzam-se vários estilos, passando pelo gótico, renascentista e maneirista. Aqui, na Concatedral, encontrámos uma carranca tida como tão horripilante que deu origem à expressão popular "és mais feio do que a carranca da Sé de Miranda". É também aqui que se encontra o famoso Menino Jesus da Cartolinha, uma estátua com um guarda-roupa feito só para si e que cujo traje vai mudando regularmente.

"Ban-te roubando l'alma
Mie tierra pequenina!
I deixan-te sien calma,
Sien fala i sien sentir,
Mudando l tou bibir...
–Morrendo-te a la squina!...
La fala de ls abós
Yá nun la queremos nós!...
Cantigas
qu'éran streilhas
Acában sien dar
por eilhas!..."

António Maria Mourinho
"Le Que Ye Buono, Bai-se"
(in "Nuossa Alma i Nuossa Tierra"; Lisboa, Imprensa Nacional, 1961).



O Mirandês

O Mirandês – ou Língua Mirandesa – é muito mais do que um dialeto ou variante na evolução do português. Não se distingue por simples diferenças tónicas, mas sim morfológicas, sintáticas e lexicais. Encontra as suas raízes no latim, mesclando o leonês e o galego-português, e remonta ao povoamento, no final da Idade Média, dos enclaves raianos da antiga Terra de Miranda – onde permaneceu entrincheirado até aos dias de hoje, dado o isolamento geográfico. Apesar de ser falado essencialmente numa área geográfica de aproximadamente 500 km^2, reconhecem-se-lhe como variantes o guadramilês, o riodonorês e o sendinês, com expressão nas áreas de Guadramil, de Rio de Onor e de Sendim.

A população que o fala ainda hoje é tecnicamente bilingue, utilizando o Mirandês na intimidade familiar e recorrendo ao português nas relações sociais mais solenes. Embora tenha estado quase em vias de desaparecimento, nas últimas décadas deram-se vários esforços para a sua conservação que culminaram no seu ensino atual nas escolas e reconhecimento oficial enquanto língua europeia minoritária e segunda língua oficial portuguesa.





28

Castelo de Miranda
Miranda do Douro

Em 1286, sobre o território de Miranda do Douro, D.Dinis fundou a vila que lhe daria nome, marcando desta forma a transferência de poder do antigo castelo de Algoso, cabeça-de-terra até então. À dianteira de tal oficialização, nasceria esta fortaleza.

Escasseiam as informações relativas aos primórdios desta construção dionisina. Sabemos que nos séculos posteriores foram introduzidas diversas alterações na estrutura e que, em maio de 1762, no decurso da invasão espanhola, uma violenta explosão desfigurou partes fundamentais da obra. Ao que tudo indica, o castelo tinha a forma retangular e as suas muralhas ligavam "a formidável torre de menagem, situada num dos ângulos, a três outras torres mais baixas também em posição angular, duas delas quadrangulares e uma hexagonal".

Esta descrição indicia uma fortaleza tipicamente gótica, com portas e ângulos defendidos ativamente por altas torres que permitiam o tiro vertical sobre os pontos mais sensíveis. A porta principal, a que se associava uma das torres, era em forma de cotovelo, desenho igualmente característico da arquitetura militar do século XIV.



30

Ponte dos Canos
Miranda do Douro

Esta ponte de origem medieval ergue-se acima do rio Fresno, fazendo parte de uma antiga estrada que ligava Miranda do Douro aos povoados de Duas Igrejas. No seu ponto mais largo, atinge os 4 metros e assenta em três arcos quebrados desiguais, sendo o arco central o maior. Apresenta ainda dois talha-mares altos e guardas de alvenaria de xisto, rematadas por silhares graníticos. A construção primitiva foi reconstruída no século XVIII, resultando na estrutura que hoje nos chega.



33

A Solhapa
Miranda do Douro

O abrigo da Solhapa – que acolhe arte rupestre datada entre os finais do Neolítico e o início da Idade do Bronze – situa-se num ermo granítico sobranceiro ao rio Douro, a cerca de três quilómetros da localidade de Duas Igrejas. Até à década de 1950 era utilizado por pastores, tendo sido justamente um destes a alertar o etnógrafo e arqueólogo padre António Maria Moutinho para a existência de insculturas rupestres naquele local. Entre as várias gravuras ali encontradas, destaca-se uma representação esquemática de uma figura humana com características consistentes com o conceito de feiticeiro.





35

A Porca de Picote
Picote

Poucos são os exemplares escultóricos pré-romanos que chegaram à atualidade. Entre estes, os mais conhecidos são aqueles que figuram quadrúpedes. Embora a sua identificação precisa seja difícil, conclui-se que possam representar porcos, javalis ou touros. Vulgarmente, estes exercícios escultóricos são conhecidos por "berrões", "verracos" ou "varrascos". A Porca de Picote é um dos achados que figura neste grupo, tendo sido recuperada nas imediações da aldeia que lhe dá nome, ornamentando hoje o largo principal desta localidade. Embora não seja possível precisar o seu papel, durante a época proto-histórica poderá ter funcionado como símbolo protetor do povoado e do seu gado, como demarcador de pastos ou ainda como símbolo de uma elite social.



36

Miradouro da Fraga do Puio
Picote

Ao fundo da aldeia de Picote, persiste uma sinalização que nos leva ao miradouro da Fraga do Puio (em Mirandês *Peinha de L Puio*), onde é possível contemplar uma vista deslumbrante sobre dois troços profundos do Douro. Apesar das agruras da natureza, o trabalho árduo do homem permitiu que estas margens fossem povoadas de oliveiras, acrescendo a sua marca a esta paisagem tão grandiosamente esculpida pelo rio há dois milhões de anos.

A intervenção efetuada após o incêndio florestal que dizimou o local concentrou-se na reabilitação, acrescentando, porém, condições que antigamente não existiam. Entre estas, destaca-se a plataforma em vidro, suspensa a uns bons metros de altitude, que lhe confere profundidade e transparência e permite ao visitante uma visão ainda mais próxima do rio.

Do miradouro da Fraga do Puio podemos observar o Douro agora liberto das amarras da Barragem, correndo agora mais fundo e vigoroso, descrevendo um dos meandros mais majestosos do seu curso Mirandês.

Serpenteando ao longo de cerca de 130 km, perto da fronteira com Espanha, o canhão fluvial do Douro é um troço do rio onde este se estreita e afunda, formando impressionantes falésias verticais que vão desde os 150 aos 640 metros de altitude.

Sendo também conhecido pelo título de "Grand Canyon da Península Ibérica", constitui uma das áreas mais selvagens e inalteradas do sul da Europa. Ao longo do seu curso, são particularmente imponentes e majestosas as vistas proporcionadas pelos miradouros da Penha das Torres, São João das Arribas e da Fraga do Puio. A partir destes pontos, podemos abarcar visualmente alguns dos meandros e torneados mais encantadores do seu percurso – e, para os mais atentos, descobrir até algumas das lendas que giram à sua volta no imaginário local.

Planalto Mirandês

Oferecendo um rendilhado paisagístico ímpar e aconchegando-se entre arribas verticais e ondulantes searas douradas, o Planalto Mirandês estende-se pelos concelhos de Miranda do Douro, Mogadouro, Vimioso, partindo de Freixo de Espada à Cinta e Torre de Moncorvo. Outeiros coroados por bosques de Azinheiras e Carvalhos, lameiros bordejados de freixos, rios em vales encaixados de enorme riqueza biológica, são habitat preferencial de aves majestosas como o Grifo, o Abutre-do-Egito, a Águia-real e a ameaçada Águia-de-Bonelli, assim como de mamíferos como Lontras, Corços e Raposas. Num raro equilíbrio que teima em manter-se ao longo dos tempos, as paisagens humanizadas integram-se na própria natureza, com as aldeias dispostas em novelos de casas rústicas, vigiadas nas encostas pelos pombais e nas hortas por elegantes picotas, que permanecem como testemunhos vivos de utilizações seculares. É aí que são preservadas tradições, usos e costumes únicos, como o artesanato executado por mãos sábias, a música com sonoridades que dão – ao corpo e à alma – vontade de bailar, a rica gastronomia que traz para a mesa os sabores do campo e ainda a língua mirandesa, que permanece como elo entre avós e netos.





37

Eremitério Os Santos
Sendim

O Eremitério "Os Santos" é composto por uma capela em estado de ruína e por um abrigo decorado com frescos hagiográficos, retratando a vida dos santos – e daí o nome pelo qual o eremitério é conhecido. Essas pinturas foram realizadas no século XVI no local hoje conhecido como São Paulo, próximo à capela com o mesmo nome, localizada a cerca de 700 metros e mais próxima do rio. As imagens pintadas revelam um trabalho minucioso e cuidadoso, sendo dotadas de um nível artístico assinalável. O eremitério exibe a data de 1553, enquanto a capela possui uma inscrição com a data de 1596. Situado nos limites das freguesias de Sendim e Picote, o eremitério está localizado num lugar isolado onde foram encontradas esculturas e sepulturas rupestres, indicando a natureza sagrada da área e a continuidade dos rituais e cultos que ali ocorreram.

A construção das pequenas ermidas estava relacionada com a prática da vida eremítica, bem como aos itinerários de devoção.



Festa do Menino
Vila Chã de Braciosa

Celebrando-se no primeiro dia do ano, esta festa de cariz cristão desenvolve-se em torno da apresentação de Jesus no Templo. É também conhecida como festa do Ano Novo e Festa da Velha. A ronda do peditório e de saudação aos moradores decorre durante toda a manhã, com música de gaita-de-foles e danças executadas pelas personagens da Velha, Bailador e Bailadeira. Tradicionalmente, a Velha transporta nas costas quadras de peditório. Após a dança, estes saúdam os donos da casa e recebem os donativos.

A missa solene acontece por volta do meio-dia e, contando com presença dos habitantes locais, inclui necessariamente os atores e o gaiteiro que vão vida às festividades. Segue-se o arraial, com o acender da magistral fogueira no largo da igreja e o bailarico pela noite dentro, enquanto os figurantes continuam a pedir a «esmola» a quem se vai juntando à tão típica Festa do Menino.

Festa dos Moços
Constantim

Esta tradição vivida na aldeia de Constantim, tem raízes ancestrais e insere-se no quadro das celebrações seculares do solstício de Inverno, desenvolvendo-se ao longo dos dias que circundam essa data.

É organizada em honra de São João Evangelista e tem como principal atração o peditório que é realizado à volta da aldeia, acompanhado pelas suas duas personagens principais, o Carocho e a Velha, e pelos Pauliteiros com a sua tradicional dança símbolo da cultura e história das Terras de Miranda.

O Carocho exibe um fato de pano grosseiro e largo, apresentando a cabeça coberta com uma máscara de couro que lhe tapa também a fronte até ao pescoço. No pescoço tem um rosário de carretas de linhas, já vazias. Nas mãos suporta um garfo de madeira de grande dimensão e com o qual recolhe as peças de fumeiro – como chouriças, salpicões, costelas, orelhas e pés de porco. Do queixo da máscara pende uma barbicha de bode como no chocalheiro de Bemposta.



Sobre o trajo grosseiro o carocho ostenta ainda uma bofanda de lã.

A Velha ou "Tiê Biélha" veste saia, blusa de chita estampada, lenço na cabeça, xaile a tiracolo, um rosário de castanhas assadas ao pescoço e um saco ou surrão no ombro esquerdo. Na mão direita traz uma estaca, com a qual recolhe as esmolas de chouriça e outras peças que lhe vão sendo oferecidas de casa em casa.

Esta tradição, espelhando-se particularmente nas figuras do Carocho e da Velha, conserva ainda ritos de origem dionisíaca e declarados sinais do comunitarismo antigo.



Douro Internacional

Troço 4 Sendim → Mogadouro

Dos tesouros de fauna e flora que povoam o Parque Natural do Douro Internacional, passando pelas vistas deslumbrantes apenas acessíveis a partir da "Capital das Arribas", descobrindo vestígios de povoados fortificados e vias romanas em contraponto com a vastidão da Barragem de Bemposta ou a precisão com que os artesões locais moldam as suas navalhas, este troço oferece maravilhas para todas as disposições.

PORTUGAL

Soutelo

N216

Penas Roias

Azinhoso

Vale da Madre

Mogadouro

Santiago

Rio Sabor



46

Capela de Santa Cruz
Meirinhos

Valverde

Vilar de Rei

IC5

Vale de Porco

PARQUE

Castelo Branco

45

Vilarinho dos Galegos

46

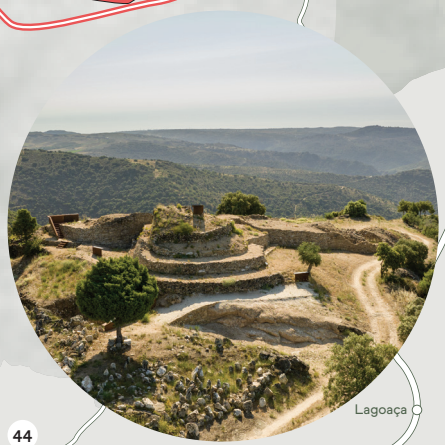
Meirinhos

43

N221

44

Bruçó



44

Castro de Vilarinho dos Galegos
Vilarinho dos Galegos

Lagoaça

N221

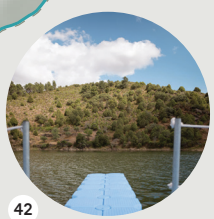
N220



45

Solar dos Pimentéis
Castelo Branco

O Solar dos Pimentéis é reconhecido como uma das maiores mansões nobres de Trás-os-Montes. Esta antiga residência da família Pimentel é uma construção que, provavelmente, remonta à segunda metade do século XVIII.



42

Praia Fluvial e Cais de Juncais
Bemposta



Parque Natural do Douro Internacional

O vale profundo do rio é caracterizado por margens escarpadas que criam desfiladeiros imponentes, servindo como local de nidificação para diversas espécies de aves ameaçadas.



38

Igreja de Santa Bárbara
Sendim



39

Ruínas da Capela de São Fagundo
Urrós

A Igreja de São Fagundo corresponde a um antigo templo medieval que, apesar da qualidade da sua construção à época, vê hoje as suas paredes transformadas em pouco mais do que alicerces. Localiza-se no topo de um pequeno vale e mantém preservados o portal frontal e o arco triunfal da capela-mor.



Lagarico
Urrós

O Lagarico é um lagar de pequenas dimensões esculpido na rocha, consistindo num simples tanque retangular com um orifício de escoamento. Encontra-se numa encosta elevada com vista para o rio Douro e uma pequena ribeira, sendo que é possível vislumbrar, do outro lado da margem, os fornos de cal da Caleira.



41

Igreja de Algosinho
Algosinho

A Igreja de Santo André é um templo de notável monumentalidade interior. Este templo deverá datar de uma época avançada do século XIII ou mesmo do século XIV.



43

Ponte de Vilarinho dos Galegos
Vilarinho dos Galegos

Granja
Travanca
Sendim
N221
38
Vilariça
Brunhozinho
Urrós
39
Tó
Lamoso
Bemposta
40
N221-7
Rio Douro
CL527
Rio Tormes
Algosinho
41
Vila dos Sinos
Ventozelo
Peredo da Bemposta
42
Vilarinho dos Ares
Cabeça de Framontanos
Aldeiadávila da Ribeira

PARQUE NATURAL DO DOURO INTERNACIONAL

ESPAÑA



Parque Natural do Douro Internacional

A região fronteiriça do rio Douro, que separa Portugal de Espanha, é caracterizada por um vale profundo, estreito e com margens íngremes. Com uma área de 86.834,82 hectares, o Parque Natural do Douro Internacional (PNDI) estende-se por uma vasta área ao longo do rio, onde a vegetação predominante é a azinheira (*Quercus rotundifolia*, conhecida localmente como carrasco). Além disso, faz-se notar a presença de bosques de zimbro (*Juniperus oxycedrus*), sobreirais (*Q. suber*) e áreas com carvalho-negral (*Q. pyrenaica*).

O Parque Natural do Douro Internacional ocupa parte dos municípios de Miranda do Douro, Mogadouro, Freixo de Espada à Cinta e Figueira de Castelo Rodrigo, ao longo do trecho fronteiriço do rio Douro, que se estende por aproximadamente 122 quilómetros.

As margens escarpadas do profundo vale do rio formam desfiladeiros imponentes, desfiladeiros esses que são escolhidos por diversas espécies de aves ameaçadas de extinção, a nível nacional e internacional, como local de nidificação. Entre as aves que visitam o PNDI destacam-se o Abutre do Egito ou Britango, que viria a ser escolhido para símbolo do Parque. As aves são atraídas pela proximidade das áreas agrícolas e pecuárias, onde facilmente podem encontrar alimento.





Raça Bovina Mirandesa

A visão é conhecida: entre os campos cultivados e os lameiros verdejantes do nordeste transmontano, pastam corpulentos bovinos castanhos. À medida que nos aproximamos, reparamos nos seus cornos claros, que enegrecem na ponta, nas flores brancas que enquadram os seus olhos, nos seus focinhos elegantes. Desta distância, percebem-se as qualidades destes bovinos para a produção de carne, depreende-se a sua genética antiga e compreende-se a sua rusticidade. Talvez tenhamos a sorte de testemunhar o apurado instinto maternal das vacas ou os passos fáceis e seguros dos touros.

É destes animais que se retira a tão celebrada "Posta Mirandesa", mas as maravilhas culinárias que a sua carne proporciona não ficam por aí. Como todo o transmontano sabe, os pratos famosos, que fazem uso dos cortes mais nobres, encontram rivais à altura nas receitas que aproveitam o resto do animal, como a Língua de Vitela, a Sopa de Rabo de Boi, os Bifinhos de Coração, as Iscas de Fígado ou as Molejas.



Burro Mirandês

De acordo com alguns autores, o burro, companheiro do Homem desde tempos imemoriais, terá sido domesticado ainda antes do cavalo. Apesar deste animal ter sido sistematicamente subestimado durante muito tempo, as características do mundo rural, e em particular das regiões do interior, permitiram que o burro não desaparecesse por completo por cá. Foi precisamente no Nordeste Transmontano que se conservou uma das últimas variedades autóctones de asininos no território nacional: a Raça Asinina de Miranda.

Felizmente, nos tempos mais recentes, têm sido dados passos para a valorização e dignificação da raça. Através de uma série de eventos, apontados também à revitalização de antigos costumes, os criadores têm sido incentivados à adoção deste animal tendo em vista novas utilidades. Desta forma, este património genético parece estar agora apontado para um futuro sustentável.

O seu temperamento dócil é bem conhecido, sendo um excelente animal de companhia e também um prestável animal de trabalho e de transporte. Fisicamente, diferencia-se de outras espécies de asno por algumas características bem vincadas. A sua pelagem é comprida e grossa, de cor castanha escura, apresentando muitas vezes manchas claras nas costas e na região inferior do tronco. As suas orelhas peludas, grandes, largas na base e redondas na ponta contribuem para o seu aspeto simpático.



40

Pelourinho de Bemposta
Bemposta

O pelourinho de Bemposta terá sido construído após a emissão do foral manuelino, como indicado pela sua tipologia e semelhanças com monumentos idênticos que podemos encontrar no mesmo concelho, como o Pelourinho de Azinhoso, apresentando elementos de decoração típicos do início do século XVI.

Localizado num pequeno largo da aldeia, é provável que antigamente também abrigasse a casa da câmara, o tribunal e a prisão. O pelourinho repousa sobre uma base de dois degraus quadrangulares de aresta, feitos recentemente para substituir os originais, que aparecem em fotografias antigas bastante danificadas.

De estilo bragançano, o pelourinho é feito de granito e tem uma aparência um tanto rústica. A base da coluna é circular e o fuste é liso e cilíndrico, composto por dois tambores. Numa das faces do fuste, encontra-se o brasão de armas do Reino, invertido. Sobre a coluna, há um remate simplificado com a mesma seção do fuste, de onde emergem quatro braços curtos em forma de cruz.

44

Castro de Vilarinho dos Galegos
Vilarinho dos Galegos

Este antigo povoado fortificado está localizada num monte proeminente sobre o rio Douro. A sua localização estratégica oferece uma vista abrangente sobre um pedaço considerável do rio, possuindo características defensivas naturais favoráveis.

As estruturas defensivas estão concentradas na zona de acesso, afetadas pela construção de terraços agrícolas. No topo do acesso, existe uma grande torre circular, que é o ponto de partida da única linha de muralha do povoado, estendendo-se ao longo do flanco oeste. Logo abaixo do torreão, há um amplo fosso escavado na rocha, ainda visível e relativamente bem preservado. Em frente ao fosso, existe um extenso campo de pedras fincadas, talvez a parte mais bem preservada das estruturas defensivas.

No interior do povoado, os artefactos são escassos, consistindo maioritariamente em cerâmica manual da Idade do Ferro, para além de alguns fragmentos de telhas e cerâmica comuns da época romana.

Importa realçar que o Abade de Baçal menciona a existência de uma rocha onde possivelmente haveria um santuário semelhante ao de Panóias. Essa rocha, chamada Fraga do Calço, está adjacente ao povoado, na encosta sudoeste, mas atualmente só é possível observar uma única pia arredondada escavada na rocha.



Chocalheiro
Bemposta

Tudo começa na véspera com o leilão do traje do chocalheiro na casa do mordomo. Os interessados em participar fazem-no durante a noite e até a meia-noite, ou por intermédio de pessoas de confiança ou até mesmo eles próprios, fazer as suas "mandas" (nome dado ao ato de leiloar o fato do Chocalheiro). A identidade do vencedor, essa, mantém-se em segredo. Aqueles que geralmente fazem as suas "mandas", ou pedem a alguém para fazer em seu nome, fazem-no para cumprir promessas feitas ao santo. No dia 26 de dezembro, o dia de Santo Estêvão, o chocalheiro "manso" sai para realizar os seus ritos mágicos, enquanto que no dia 1 de janeiro é a vez do "bravo".

Na manhã do dia 26, o chocalheiro, o mordomo e a sua comitiva saem para a recolha de donativos, chamada localmente de "apanha" da esmola.



Após a conclusão do peditório, no final da manhã, o chocalheiro encerra as suas funções e todos se dirigem à casa do mordomo para uma refeição em conjunto. Na festa do menino, no Ano Novo, os mesmos rituais são repetidos com outros mordomos e com outro chocalheiro. Todas as esmolas arrecadadas pelo chocalheiro ao redor da aldeia e de Lamoso são revertidas a favor de Nossa Senhora das Neves e do Menino Jesus.





Cogumelos

Os cogumelos, que tantas vezes despertam a curiosidade com a sua variedade de formas, usos e feitios, constituem, na realidade, a parte visível de um fungo geralmente oculto e subterrâneo – o micélio. Vivem da decomposição da matéria vegetal morta em associação simbiótica com as espécies arbóreas.

A imensa variedade destes macrofungos explica-se pela diversidade e a natureza do coberto arbóreo a que se associam, bem como das condições edafo-climáticas dos locais onde prosperam.

Os extensos carvalhais, soutos e pinhais da Terra Fria acolhem diversos tipos de cogumelos úteis para vários fins, desde o consumo humano e animal até à aplicação na indústria farmacêutica. Na economia rural local, a sua colheita tem já algum significado, particularmente no que toca aos cogumelos comestíveis, que são exportados em grande escala. Entre estes, salientam-se as pinheiras (*Lactarius deliciosus*), os tortulhos ou míscaros amarelos *(Tricholoma equestre*) e os boletos (*Boletus pinophilus*), geralmente coletáveis nos pinhais. Já entre os soutos, castinçais e carvalhais, destacam-se as variedades das amanitas dos Césares (*Amanita caesarea*), as carneiras (*Hydnum rufescens*), as línguas de vaca (*Fistulina hepatica*), outros tipos de boletos (*Boletus reticulatus* e *Boletos edulis*) e os cantarelos (*Cantharellus cibarius*).



Amendoeiras

Trás-os-Montes é uma região que há já muito tempo adotou para si esta árvore, que pode atingir uma altura entre os 8 e os 10 metros. Trata-se de uma espécie de árvore de folha caduca, cujas folhas longas e pontiagudas caem pelo outono. As suas flores, com cinco pétalas brancas ou rosadas e cinco sépalas avermelhadas (que protegem os botões florais quando estão fechados), despertam mais cedo do que grande parte das espécies semelhantes.

Quando as amendoeiras invadem os montes e vales da região com flores brancas e rosas, algures entre janeiro e março, é sinal de que o clima quente se aproxima. Acredita-se que tenha sido essa floração antecipada, que lembra a neve e as suas sementes nutritivas e duradouras, que motivou a sua escolha e o respetivo cultivo, a partir do Médio Oriente.

Graças à sua capacidade de adaptação e resistência, a amendoeira é habitualmente cultivada em condições de sequeiro, muitas vezes em associação com oliveiras e vinhedos, ou figueiras e alfarrobeiras.



Castelos da Raia

Troço 5 Mogadouro → Algoso

Este troço toma especial atenção às maravilhas arquitetónicas medievais da região, estabelecendo uma viagem repleta de particularidades em direção a essa época. As histórias a descobrir através destes mágicos castelos e fortificações, pontes, torres, pelourinhos, igrejas e até um monóptero, falam-nos sobretudo de um passado marcado por disputas fronteiriças com invasores e reinos vizinhos.



49

Convento de São Francisco
Mogadouro

Diversos estilos arquitetónicos, pinturas classificadas, ricos adornamentos em talha dourada e muitos outros elementos de interesse cultural e religioso conjugam-se neste complexo, tornando a sua visita indispensável para a compreensão do património local.



57

Pelourinho de Penas Roias
Penas Roias



55

Castelo de Penas Roias
Penas Roias

No século XII, durante o período de afirmação do reino de Portugal, o castelo de Penas Roias desempenhou um papel fundamental na defesa das regiões fronteiriças.

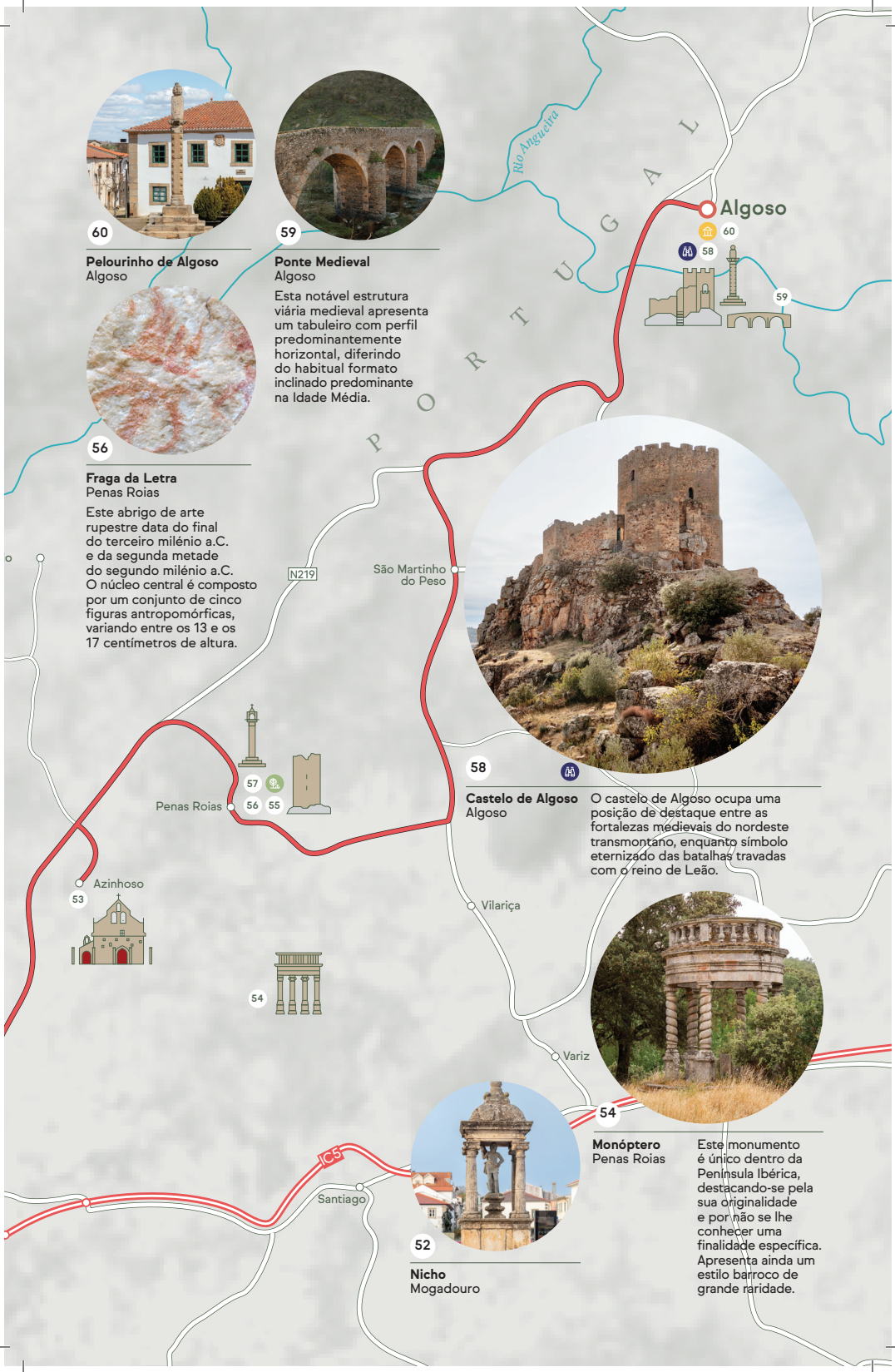


47

Castelo de Mogadouro
Mogadouro

A torre de menagem e parte das antigas muralhas desta outrora imponente fortaleza, encontram-se preservadas até aos dias de hoje.

Rio Azibo
Rio Sabor
Rio Sabor
N217
N216
N221
Castro Vicente
Sampaio
Remondes
Paradela
Vale da Madre
Mogadouro
47 52 49
50 51 48



60

Pelourinho de Algoso
Algoso

59

Ponte Medieval
Algoso

Esta notável estrutura viária medieval apresenta um tabuleiro com perfil predominantemente horizontal, diferindo do habitual formato inclinado predominante na Idade Média.

56

Fraga da Letra
Penas Roias

Este abrigo de arte rupestre data do final do terceiro milénio a.C. e da segunda metade do segundo milénio a.C. O núcleo central é composto por um conjunto de cinco figuras antropomórficas, variando entre os 13 e os 17 centímetros de altura.

58

Castelo de Algoso
Algoso

O castelo de Algoso ocupa uma posição de destaque entre as fortalezas medievais do nordeste transmontano, enquanto símbolo eternizado das batalhas travadas com o reino de Leão.

54

Monóptero
Penas Roias

Este monumento é único dentro da Península Ibérica, destacando-se pela sua originalidade e por não se lhe conhecer uma finalidade específica. Apresenta ainda um estilo barroco de grande raridade.

52

Nicho
Mogadouro

Mogadouro

Situando-se na parte mais meridional da Terra Fria, Mogadouro estabelece-se como vila histórica, funcionando também como sede de Município, marcado este pelo seu relevo acidentado com variações entre áreas montanhosas e vales, cujo povoamento pode ser recuado a tempos ancestrais. A documentar esta ocupação existem na região vários vestígios in loco e achados, hoje coletados na Sala Museu de Arqueologia da Vila, bem como imponentes monumentos megalíticos e exemplares de arte rupestre.



47

Castelo de Mogadouro
Mogadouro

As origens do Castelo de Mogadouro continuam a ser objeto de debate. Contudo, escavações recentes realizadas nas proximidades da atual igreja matriz revelaram vestígios de ocupação romana, que possivelmente sucedem a um núcleo proto-histórico primitivo, embora não existam contextos preservados que o comprovem.

Ao longo dos séculos, o conjunto de Mogadouro sofreu muitas alterações, tornando-se impossível reconstituir o seu traçado original. No entanto, é provável que não fosse muito diferente do Castelo de Penas Róias, cuja reforma sob a Ordem dos Templários é comprovada por uma inscrição datada de 1172. Assim, o castelo seria uma fortaleza com uma torre de menagem isolada no centro do recinto muralhado, que, por sua vez, seria defendida por torres quadrangulares.

O castelo desenhado por Duarte d'Armas incluía exclusivamente três torres: a torre de menagem e mais duas torres adossadas às muralhas, uma pentagonal e uma quadrangular.

Paralelamente, o reduto possuía uma barbacã mais baixa, que o cercava por completo, enquanto que, ao lado, havia um espaço livre, um pequeno reduto onde eram mantidos coelhos.

A destruição total do complexo, que no século XVIII ainda era chamado de "palácio, a que chamam castelo", decorreu ao longo da época moderna e intensificou-se nos últimos séculos. Atualmente, apenas uma torre de menagem e parte das antigas muralhas estão preservadas.





48

Torre do Relógio
Mogadouro

Perto do Castelo de Mogadouro, encontra-se a marcante Torre do Relógio, composta por três pavimentos, sendo um deles projetado para abrigar sinos. A sua cobertura é em formato piramidal e nos quatro cantos existem pináculos em granito. Esta edificação possui planta quadrangular, estando construída com pedras de diferentes tamanhos, No alçado Sul, exibe ainda um relógio de Sol gravado.

49

Convento de São Francisco
Mogadouro

Esta igreja, construída no século XVII, possui uma planta de cruz latina com três naves. Acredita-se que tenha sido construída após a edificação do convento, que remonta ao século XV. O altar-mor e as pinturas nele presentes, feitas por M. Lopes Matos, são de grande importância e por isso estão também classificados. No entanto, o convento passou por várias reconstruções ao longo do tempo devido a dois incêndios que o destruíram, perdendo assim a sua traça original.

A reconstrução da Igreja de São Francisco, que fazia parte do convento, começou em 1618 e foi concluída em 1689. Os altares laterais do transepto, seguindo uma estrutura arquitetónica maneirista, são ricamente adornados com talha dourada em honra a Nossa Senhora da Conceição e Santa Cruz, exibindo obras de artesãos especializados.



Os altares laterais da nave apresentam estilos artísticos diversos, desde o barroco até ao rococó. Atualmente, a maioria dos altares ainda abriga imagens dos santos venerados pelo culto franciscano. Importa destacar o coro-alto construído na área do nártex, com um cadeiral decorado com motivos vegetalistas, zoomórficos e antropomórficos, simbolizando o espírito missionário franciscano. Nos dias de hoje, funciona como casa dos Paços do Concelho.





50

Igreja de São Mamede
Mogadouro

Apesar de não serem muito abundantes, os documentos referentes à Igreja Matriz de Mogadouro – ou Igreja de São Mamede – constituem uma preciosa janela para a história deste templo e do passado da vila. Neles é possível compreender, por exemplo, a proximidade funcional entre esta e o Castelo de Mogadouro.

Sabemos assim que a atual igreja de três naves data dos finais do séc. XVI, embora tenha tido como origem um simples templo românico de uma só nave. De estilo maneirista, contém no seu interior belos retábulos de talha barroca do séc. XVIII. No altar-mor podemos ver um interessante retábulo de estilo rocaille pombalino, do séc. XVIII, que substituiu um retábulo maneirista do séc. XVII, atualmente na sacristia.





51

Igreja da Misericórdia
Mogadouro

Após resposta positiva do Papa Pio IV – que concedeu a bula papal e várias indulgências – ao pedido do benemérito D. Luís Álvares de Távora, esta igreja de estilo maneirista e influência barroca foi mandada construir, também como consequência da fundação da Misericórdia de Mogadouro em 1559. A sua fachada frontal é rasgada por um portal de volta perfeita encimado por um nicho com uma magistral Pietá – uma representação tipificada da Nossa Senhora da Piedade. As fachadas são rebocadas e pintadas de branco, de embasamento saliente, pintado de cinzento, flanqueadas por cunhais em cantaria e rematadas por cornija de cantaria ou beiral. Enorme destaque merece ainda o altar-mor, um exemplar magnífico, de talha dourada e pintado a preto, datado da segunda metade do séc. XVII.



53

Igreja de Santa Maria
Azinhoso

A igreja de Santa Maria de Azinhoso é um dos principais exemplos de arquitetura românica em Trás-os-Montes, juntamente com a igreja de Algosinho.

No que diz respeito ao estilo deste templo, os seus arcos ogivais decorados com elementos românicos indiciam que terá sido construído nos séculos XIII e/ou XIV. A imponente igreja de Azinhoso, com uma fachada de tamanho considerável, alta e rematada por um campanário de duas sinetas, possui uma única nave no seu interior amplo. A igreja apresenta três portais com arcos góticos. O portal sul é elegante, composto por três arquivoltas ornamentadas com uma decoração fortemente românica. De destacar a abertura cruciforme, em vez da típica abertura ocular ou rosácea.

Ao longo das cornijas laterais, assim como na igreja vizinha de Algosinho, chamam a atenção uma série de modilhões esculpidos, que podem chegar a 120, alguns dos quais muito desgastados e com múltiplos sentidos crípticos, típicos do simbolismo românico. De ambos os lados, sucedem-se as mais variadas representações: máscaras, cabeças de animais e seres humanos em poses distorcidas, além de motivos provavelmente de ordem lúdica ou decorativa.



54

Monóptero
Mogadouro

Localizado na Quinta Nova, também conhecida como Quinta de Nogueira, este monumento data do século XVIII e foi construído pela família Távora, antigos senhores desta região, em homenagem a São Gonçalo, padroeiro dos caçadores. Diz-se que é um monumento único dentro do seu género na Península Ibérica.

Apresenta um estilo barroco de grande raridade e não possui uma função específica atribuída. É uma estrutura circular, semelhante a um pavilhão, assente sobre um soco de quatro degraus em forma de toro e escócia invertidos. Sobre esse soco, encontram-se seis colunas salomónicas de 1,90 metros de altura, com capitéis jónicos, entablamento e uma balaustrada como remate, ocultando a cobertura em cúpula que abrigava a imagem central de São Gonçalo no seu interior.

Anteriormente, no local onde o Monóptero de São Gonçalo foi erguido, havia uma ermida com a mesma invocação. Fundado por volta de 1571, na Quinta Nova, propriedade dos Távoras, esse templo já estaria bastante arruinado em 1720, quando foi reconstruído pela família em homenagem a São Gonçalo.



55

Castelo de Penas Roias
Penas Roias

O castelo de Penas Roias foi uma das principais fortalezas medievais de Trás-os-Montes durante o século XII. Ao longo desse período, enquanto o reino de Portugal se afirmava perante o Islão e o vizinho reino de Leão, este castelo teve um papel fundamental na defesa das regiões fronteiriças.

Pertencendo originalmente aos Templários, a parte preservada da fortificação resume-se agora a uma torre alcantilada de planta quadrangular, com 5 metros de lado, de estrutura simples e construída com xisto quartzítico misturado com argamassa. A cantaria é predominante nas janelas voltadas para Sul e Leste, enquanto a porta está localizada a Oeste, a cerca de seis metros de altura, também em cantaria. No entanto, a estrutura frágil da torre não permite atualmente o acesso ao interior.

Perto desta, podemos encontrar uma outra pequena torre circular com base em talude, recentemente construída.

A presença dos Templários é comprovada por uma epígrafe na torre de menagem datada de 1172, em vez da data tradicionalmente aceite de 1166. Efetivamente, a torre faz parte de um amplo programa de construção de castelos românicos templários em todo o país, todos eles comemorados por epígrafes e empreendidos por Gualdim Pais, mestre da Ordem.



Trindade Coelho

José Francisco Trindade Coelho (1861 – 1908), que dividira a sua atividade entre a escrita e o Direito, é lembrado não só enquanto autor de grande mérito mas também como um importante ativista na democratização do ensino e na consciencialização política do povo português. Natural de Mogadouro, onde fez a sua instrução primária com o apoio de dois padres em Estudos de Latim, refletiria mais tarde as suas origens de forma sublime através dos seus contos rústicos – área onde é considerado até hoje como um dos grandes mestres nacionais. Prosseguiu os estudos secundários no Porto e formou-se depois em Direito em Coimbra, onde deu também explicações e colaborou em vários jornais. Ainda estudante casou e foi pai, agravando a sua difícil situação económica. Camilo Castelo Branco, que o tinha em grande consideração, ajudou-o a ingressar na magistratura, sendo colocado inicialmente no Sabugal como Delegado do Procurador Régio. Passou ainda pela comarca de Portalegre, onde fundou foi jornais, Ovar e Lisboa. Ao longo de toda a sua carreira, foi sempre considerado um magistrado de elevada craveira moral. Tragicamente, a desilusão com a sociedade do seu tempo acabou por levá-lo ao suicídio, na primavera de 1908.



58

Castelo de Algoso
Algoso

O castelo roqueiro de Algoso, construído no século XII, desempenhou outrora um papel central como sede da autoridade real em Terras de Miranda. Por volta de 1224, o castelo foi doado por D. Sancho II aos Hospitalários, que realizaram importantes obras, incluindo a edificação da torre de menagem e da cisterna abobadada que perduram até aos dias de hoje. Este castelo constitui uma das fortalezas medievais mais importantes do nordeste transmontano, relembrando as guerras com Leão, as tentativas de afirmação de autoridade na região, e ainda a presença da comenda hospitalária que aqui se estabeleceu em 1224.

A história do castelo de Algoso remonta ao século XII, durante a fase final do reinado de Afonso Henriques, quando Sancho I já estava envolvido no exercício do poder régio. De acordo com as informações das Inquirições de 1258, este terá sido construído por D. Mendo Rufino em troca da vila de Vimioso.

A arqueologia confirmou que, ainda antes da construção do castelo durante a Idade Média, deram-se aqui várias fases de ocupação, com vestígios materiais dos períodos calcolítico (especialmente moldes de fundição de machados de bronze), proto-histórico e romano.



59

Ponte Medieval
Algoso

A ponte de Algoso, localizada sobre o estreito vale formado pelo rio Angueira, é uma das notáveis estruturas viárias da época medieval desta região. Destaca-se não só pela própria construção, mas também por fazer parte de uma rota que inclui troços medievais. Esta estrada terá sido estabelecida quando Algoso se tornou sede de uma comenda hospitalária, a partir de 1224, e ao redor da qual diversas unidades de produção agrícola se desenvolveram.

Ao longo do tempo, a ponte passou por algumas reformas, o que levou a que o seu tabuleiro apresentasse um perfil predominantemente horizontal, diferente do habitual formato inclinado (em cavalete) utilizado na Idade Média. A estrutura possui três arcos centrais, um indicativo de sua cronologia pós-medieval, e é reforçada por talhamares triangulares. O preenchimento da ponte, incluindo as partes centrais da parte inferior dos arcos, é irregular e feito de pequenas pedras de xisto, enquanto que as aduelas dos arcos são compostas por pedras talhadas com maior precisão.





60

Pelourinho de Algoso
Algoso

O pelourinho de Algoso, provavelmente erguido após a concessão do foral manuelino, encontra-se localizado em frente à antiga casa da câmara, num largo em direção ao castelo.

É composto por uma base de quatro degraus quadrangulares feitos de pedra trabalhada. A base sustenta a coluna, o capitel e o remate do conjunto. Sendo um paralelepípedo liso, a base é quadrangular, semelhante a um quinto degrau, com o topo inclinado para se encaixar no início do fuste, de anéis hexagonais moldurados. O fuste é de seção hexagonal, dividido em dois segmentos de tamanho idêntico, ornamentados com florões quadrifólios em faces alternadas. Junto ao topo do segmento inferior, existe uma argola de suporte de ferro cravado na face frontal. O terceiro segmento, que atua como capitel, é mais curto do que os anteriores e é decorado com florões e carrancas em faces alternadas. Este suporta um ábaco em forma de cruz, com braços curtos salientes adornados com florões nas extremidades, enquanto as faces são novamente ornamentadas com carrancas. O remate é um prisma elevado com o brasão de armas de Portugal encimado por uma coroa aberta, com flores de lis, na face frontal. O conjunto conta ainda com uma esfera armilar ao topo.

Pombais Transmontanos

Troço 6 Algoso → Salsas

Pontilhando a paisagem ao longo das terras transmontanas, os pombais tradicionais são um ícone rural que desperta a curiosidade de quem, ao visitar-nos, começa a aperceber-se da sua omnipresença. Tomando esta rota, descobrirá o seu significado e funções ancestrais e modernas, aproveitando também para desvendar outras igualmente fascinantes construções em xisto e pedra, bem como as marcantes eclosões festivas que por aqui se dão.



64

Ponte de Frieira
Frieira

Ponte de pedra lançada sobre rio, construída em alvenaria de cantaria de xisto, com cinco arcos de volta perfeita, sendo o arco central maior do que os restantes.

Olival

Campos de oliveiras (*Olea europaea L.*) que tão bem caracterizam a típica paisagem de Trás-os-Montes.

63

Pelourinho de Frieira
Montesinho

65

Pelourinho de Sanceriz
Sanceriz

No coração da povoação, encontra-se o Pelourinho de Sanceriz, uma construção que se acredita ter sido erguida durante o séc. XIV, na fase entre a emissão dos dois forais. Apresenta uma simplicidade e uma robustez que espelham a essência da região durante a Idade Média.



62

Ponte Medieval
Santulhão/Izeda

Alguns metros a jusante do atual viaduto, conserva-se ainda a antiga ponte comummente referida como "romana", com estrutura de cavalete sobre três arcos de volta inteira, tipicamente medieval.



61

Igreja de São Sebastião
Algoso

Esta Igreja Matriz é encimada pela cruz dos Cavaleiros de Malta. No seu interior, conservam-se ainda muitos outros símbolos da Ordem dos Cavaleiros de Malta, que administraram outrora as rendas da Comenda.



Uva
Vimioso

Existem cerca de 30 pombais recuperados na aldeia de Uva que contribuem hoje para a manutenção de populações de algumas rapinas emblemáticas.

Grijó de Parada
Parada
Coelhoso
Paradinha Nova
Paradinha Velha
Argozelo
N218
N317
62
Santulhão
Vinhó
Matela
Campo de Víboras
N219
Rio Angueira
Vale Algoso
Uva
Algoso
61
Rio Maçãs
Rio Sabor
Mora

Uva
Vimioso

A aldeia de Uva, apesar do seu pequeno aglomerado populacional, apresenta características culturais ímpares. Situada nas margens da ribeira das Fragas, este povoado permite-nos conhecer elementos arquitetónicos tradicionais muito peculiares – os pombais. Estes possuem uma forma em ferradura ou circular e permitiriam, em tempos, criar pombos para alimentação das populações e fertilizante para os terrenos agrícolas.

Hoje em dia, existem cerca de 30 pombais recuperados nesta aldeia que, para além dos propósitos que tiveram outrora, contribuem agora para a manutenção de populações de algumas rapinas emblemáticas, como o caso da Águia de Bonelli (*Aquila fasciata*).

Antigamente, as populações mantinham os pombais para aproveitarem o estrume que os pombos produziam – o "pombinho" – para fertilizante.



Em muitos casos, também se alimentavam desta espécie, concretamente dos mais jovens, os chamados "borrachos". Os pombos eram também úteis porque, nestas zonas cerealíferas, limpavam os campos – o que explica o posicionamento tradicional dos pombais no meio dos campos agrícolas. Nessa época, manter vários pombais era considerado um seguro sinal de riqueza.





62

Ponte Medieval
Santulhão/Izeda

Pelo extremo meridional de Santulhão tem-se acesso a Izeda. A estrada desce lentamente a encosta até alcançar o rio Sabor. Alguns metros a jusante do atual viaduto, a cota baixa, conserva-se ainda a antiga ponte comummente referida como "romana", com estrutura de cavalete sobre três arcos de volta inteira. A estrutura de alvenaria, em rocha xistosa da região apresenta um amplo arco central bastante aberto e mais quatro outros arquetes, levemente apontados e de tamanhos desiguais. Sendo uma construção inequivocamente do baixo-medieval, esta ponte mostra-se estreita e dotada de guardas, sob a forma de muretes de topo abaulado.

Esta ponte sobre o rio Sabor possibilitou durante vários séculos a ligação do concelho de Vimioso a terras de Bragança, sendo que os documentos existentes a datam do século XIII.

Em 1860, devido a uma grande cheia, sofreu danos consideráveis e, por volta de 1938, deram-se obras de renovação.

A partir de ambas as margens, trutas, bogas, escalos, lúcios e góbias podem aqui ser pescados.



Azeite

A oliveira é umas das árvores com mais impacto no desenvolvimento civilizacional e cultural humano, não só por permitir a produção do azeite, mas também pelas simbologias a ela associadas, tanto nos meios religiosos como seculares. Foi trazida para a Península Ibérica pelos fenícios e gregos e terá chegado à região do Nordeste Transmontano já pela mão dos romanos. Aqui, desenvolve-se ora em extensos olivais com um rigoroso ritmo de plantio ora, no caso das encostas mais agrestes, em plantações feitas ao cochavo, emergindo cada árvore de uma caldeira murada que a protege. Em ambos os casos, o seu efeito na paisagem é surpreendente e encantador. Preferindo terrenos secos e rochosos e o clima mediterrâneo, esta árvore adapta-se muito bem às pendentes marginais dos cursos de água que fluem para o Douro, desenvolvendo particularidades singulares nas zonas de transição entre a Terra Quente e a Terra Fria. Este efeito é especialmente notório na localidade de Santulhão, onde se originou uma variedade própria de azeitona – a designada santulhana. O azeite de Trás-os-Montes é um produto já reconhecido internacionalmente pela sua excelência, sendo disso testemunho os vários prémios alcançados por algumas das marcas que o comercializam em prestigiados concursos internacionais. Consta também, desde 1996, no registo comunitário das denominações de origem.

63

Pelourinho de Frieira
Frieira

Marcando o poder conquistado por Frieira através do foral concedido por D. Dinis, o Pelourinho de Frieira continua de pé, ao centro da povoação. Embora tenha sofrido algumas alterações ao longo do tempo, a sua essência primitiva permanece intacta.

Construído em granito, uma das matérias-primas mais abundantes na região, o pelourinho assenta atualmente sobre uma plataforma prismática de feição rústica, aproveitando o declive do terreno. A base da sua coluna é cilíndrica, assim como o fuste, composto por dois tambores de superfície lisa. O capitel é formado por quatro braços dispostos em cruz grega, sendo rematado por uma peça cónica intercisa. No total, o pelourinho possui uma altura de 2,20 metros, contando a partir do escadório.

Embora os fragmentos originais tinham sido perdidos, o formato do pelourinho permite associá-lo a outros exemplos semelhantes, como os pelourinhos de Bemposta, Mogadouro e Azinhoso.





64

Ponte de Frieira
Frieira

Esta modesta travessia de pedra encontra-se sobre o rio Vale de Moinhos, no percurso atual de uma estrada municipal que se situa a cerca de duzentos metros da ponte entre Vinhas e Izeda.

Esta ponte é construída em alvenaria de cantaria de xisto, com cinco arcos de volta perfeita, sendo o arco central maior do que os restantes. As aduelas com que foram construídos são estreitas placas de xisto aparelhadas. Tem talhamares que reforçam a estrutura, sendo cilíndrico o único que se encontra a jusante.

O tabuleiro é rampeado, fazendo cavalete sobre o maior e central arco, sendo delimitado por guardas construídas com pedras de xisto colocadas verticalmente e apresentando sinais de restauro. Encontra-se pavimentada com calçada portuguesa.

Festa de Santo Estêvão
Parada de Infanções

As raízes desta festa tradicional são ancestrais e, até há pouco tempo, eram obrigatoriamente os homens casados os responsáveis pela sua conservação. Ao longo do ano, os mordomos angariavam dinheiro para, no dia de Santo Estevão, assarem sardinha, depois oferecida à população num almoço que reunia dezenas de pessoas, apelidando-se de "Mesa de Santo Estevão". Os homens casados que se ofereciam para organizar a festa do ano seguinte eram carregados, pela aldeia, num carro de bois puxado por homens solteiros. Com o passar do tempo, a tradição tem vindo a alterar-se, dado o envelhecimento da população e a falta de jovens.

Se a tradição se desfez das restrições de estado civil no que toca à organização da festa, também o carro de bois que era puxado apenas por rapazes solteiros, já não é exclusivamente. Ainda assim, a animação continua a contagiar a população e as pessoas saem à rua para ver o carro de bois passar. A acompanhar esta procissão, nunca faltam os típicos caretos acompanhados de gaiteiros. Tudo culmina na noite de "galhofa", onde os rapazes dão um espetáculo de luta livre, mantendo viva a ancestral prática desta arte marcial portuguesa, cujas demonstrações acontecem tipicamente dentro dos palheiros (para que as quedas possam ser amortecidas).







Festa de Santo Estêvão
Grijó de Parada

Estas festas dão-se ao longo dos dias 26 e 27 de dezembro, período durante o qual a aldeia de Grijó vive verdadeiramente em torno das celebrações. O primeiro dia é composto por uma ronda de Boas Festas e peditório, com "rei" e "bispo" e atuação de caretos, incluindo ainda a mesa de Santo Estêvão – um tradicional almoço comunitário – e a bênção do pão. Os caretos locais, vestidos de vermelho, que hoje incluem já jovens e velhos, homens e mulheres, tomam os papéis principais. São eles que, com ou sem máscara, vão juntando a multidão e fazendo a festa ao som de tambores e gaitas – e, claro, com muitas partidas e tropelias pelo meio.

As rondas pelas casas começam logo pela manhã, lideradas pelos "mordomos", onde os integrantes do grupos que geram as principais comoções são recebidos com comida e bebida. No segundo dia, após muita folia, divertimento e mais atuações dos caretos, dá-se o convite dos novos mordomos e, já depois do pôr do sol, a tradicional "corrida à rosca".

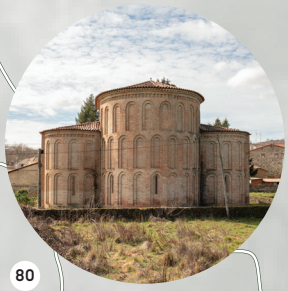
À volta da Serra da Nogueira

Troço 7 Salsas → Zoio

O património que há a descobrir neste troço é um dos mais diversificados das Terras de Trás-os-Montes. Pitorescas povoações entrecorrem um dos mais emblemáticos e bem preservados castelos portugueses, a partir do qual se vigiam serras a toda à volta. Um convento dedicado à ordem mendicante de São Francisco descobre-se após encostas de trigais, centeeiras, pinhais e Vinhas Velhas. Figuras como a Morte, o Diabo e a Censura tingem a imaginação e o folclore. Mas o melhor é descobrir por si mesmo.

Fontes

Vila Boa de Ousilhão



80

Mosteiro de Castro de Avelãs
Castro de Avelãs

Para se poder conhecer o seu importante património onde se eleva um antigo mosteiro clunicense do sec XII, uma visita a aldeia de Castro de Avelãs é indispensável.

Carrazedo

N206

N316

Zoio

Martim

Refoios



78

Igreja de Santa Maria
Bragança

Celas

Mós de Celas



77

Convento de São Francisco
Bragança

Edificado no século XIII para acolher a ordem mendicante de São Francisco, a lenda do convento atribui a sua fundação ao próprio Santo.



69

Pelourinho de Rebordãos
Rebordãos



67

Pelourinho e Fonte de Rebordainhos
Rebordainhos

Apresentando decoração antropomórfica desgastada – possivelmente uma cara, uma lua e uma cruz em aspa ou de Santo André – no seu pináculo, este pelourinho data do séc. XVI.

Souteiro de Mourisco

67

Rebordainhos



66

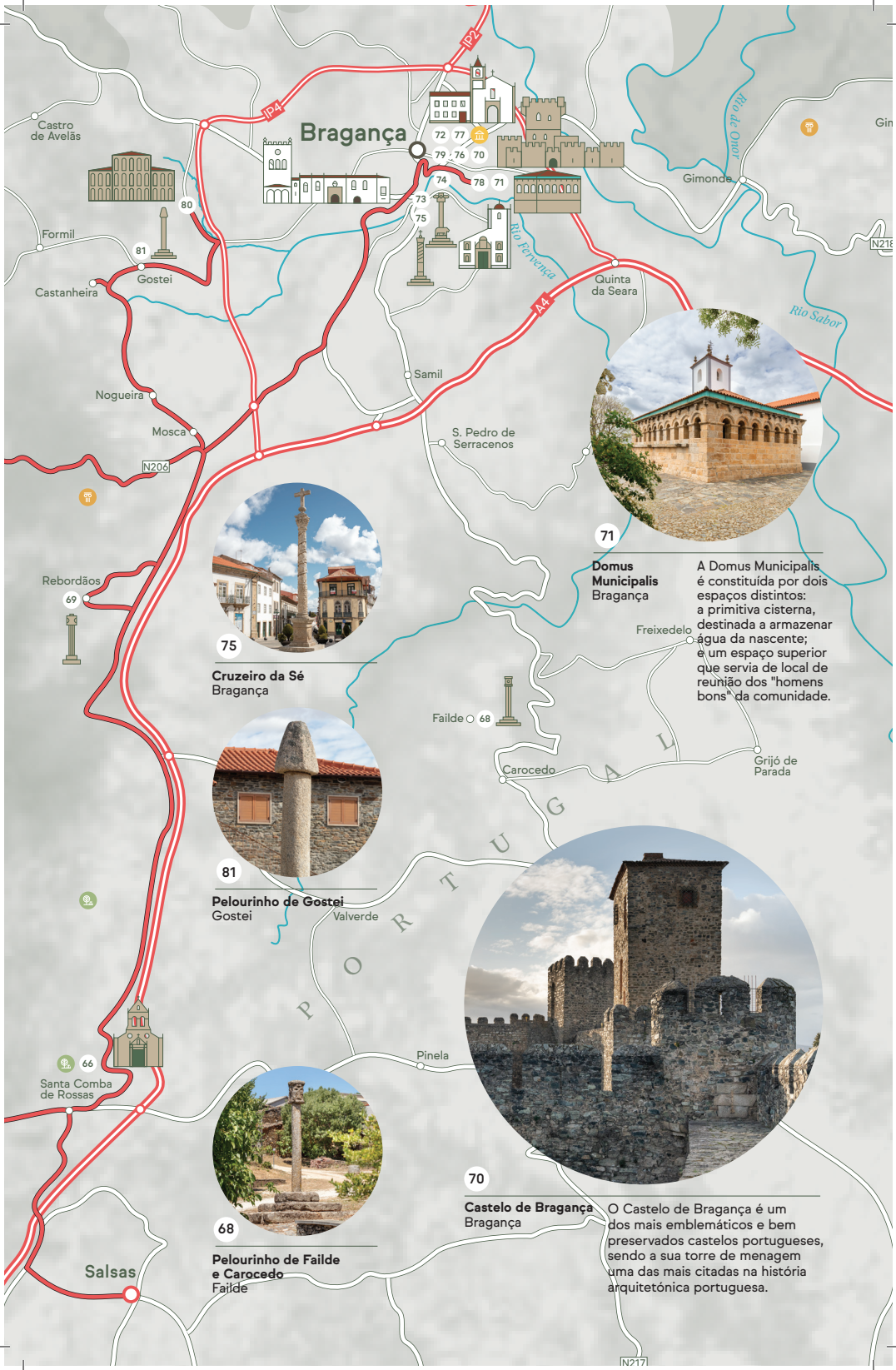
Igreja de Santa Comba
Santa Comba de Rossas



74

Pelourinho de Bragança
Bragança

N316



75

Cruzeiro da Sé
Bragança

81

Pelourinho de Gostei
Gostei

68

Pelourinho de Failde e Carocedo
Failde

71

Domus Municipalis
Bragança

A Domus Municipalis é constituída por dois espaços distintos: a primitiva cisterna, destinada a armazenar água da nascente; e um espaço superior que servia de local de reunião dos "homens bons" da comunidade.

70

Castelo de Bragança
Bragança

O Castelo de Bragança é um dos mais emblemáticos e bem preservados castelos portugueses, sendo a sua torre de menagem uma das mais citadas na história arquitetónica portuguesa.

Bragança

Ao longo da história, Bragança foi um importante ponto de defesa da fronteira portuguesa – e, a prová-lo, resistem ainda as muralhas que envolvem a parte antiga desta cidade, bem como a famosa torre de menagem do seu castelo. Como povoação, existe desde o século XII, tendo D. Sancho I concedido-lhe foral em 1187 e, já às mãos de D. Afonso V, recebido nova carta de lei aquando da sua elevação a cidade.

É ainda sede do município e pertence ao distrito de mesmo nome, sendo estes reconhecidos em conjunto pela sua riqueza cultural e folclórica, bem como pela sua majestosa e muito procurada gastronomia local.

70

Castelo de Bragança
Bragança

O emblemático Castelo de Bragança, classificado como Monumento Nacional desde 1910, é uma das mais significativas e bem preservadas fortificações portuguesas. É fácil compreender a pertinência da sua localização quando, a partir do alto dos seus muros, avistamos as serras de Montesinho, de Sanabria, de Rebordões e a de Nogueira.

A história da ocupação humana nas redondezas remonta até ao período Neolítico. Apesar de perdida a maior parte dos dados relativos a outras cercas defensivas mais ancestrais, aceita-se que os esforços de fortificação neste exato local terão ocorrido no séc. XII.

Com grande precisão, sabemos no entanto que a maior campanha de construção – e também a mais marcante do ponto de vista arquitetónico – decorreu no reinado de D. João I, no contexto da afirmação da nova dinastia. Neste período, foi erigida a imponente torre de menagem quadrangular de dois pisos, com torreões circulares nos vértices, à qual se juntou uma cintura de muralhas igualmente dotada de torreões circulares.

Como pode o visitante observar, a cerca interior, que define o espaço intramuralhas e que apresenta uma planta quase circular, revela a racionalidade e o carácter radiocêntrico do projeto.



A cerca exterior, com o seu inconfundível formato de coração, envolve os quase três hectares que compõe a antiga cidadela e que hoje constituem o âmago do Centro Histórico da cidade. Na secção norte desta muralha, há a descobrir a Torre da Princesa, cuja lenda romântica deixaremos para os mais curiosos desvendarem.





71

Domus Municipalis
Bragança

Alguns detalhes da história e particularidades da Domus Municipalis, ex-libris da cidade e único exemplar de arquitetura civil em estilo Românico existente na Península Ibérica, constituem ainda um enigma para os historiadores. Vejamos: no espaço inferior, situa-se uma primitiva cisterna para armazenamento de água de nascente, assentando numa planta em pentágono irregular de vários níveis, documentada a partir de 1446 mas que aponta ser anterior a esta data; no espaço superior, sustem-se o local para a reunião dos "homens bons" da comunidade, que terá sido erigido por ordem e com orientação do Duque de Bragança, em carta de 1510. No entanto, a sua edificação em granito é invulgar, sendo este tipo de estruturas, à época, construídas em madeira – dado nem o Estado nem o poder municipal terem meios para financiar obras civis deste género. Chegam-nos também hoje documentos datados de 1503 que se referem ao edifício como "Sala da Água" (produto da municipalização de Bragança nos primeiros anos do séc. XVI). No entanto, alguns dos medalhões presentes, bem como as aberturas em forma de losango e a organização das janelas, parecem colocar a estrutura no início do séc. XIV ou finais do séc. XIII. Para lá disto, um dos escudos que figuram na Domus foi identificado como tendo sido esculpida na época moderna e, junto a uma das entradas, encontra-se uma placa de bronze utilizada pelo arqueólogo Gomez Moreno para indicar as suas investigações na estrutura. A cobertura, um telhado de cinco águas, que terá substituído as originais telhas de madeira, foi colocada no séc. XX durante uma grande campanha de restauro.



72

Igreja de São Vicente
Bragança

Entre as paredes deste resiliente templo, deram-se alguns dos episódios mais marcantes da história de Portugal. Remontando as suas origens ao séc. XIII, época em que funcionou como igreja paroquial, acabou por ser reconstruído em 1571, por ordem do então bispo D. António Pinheiro. No entanto, devido a uma derrocada, viria a ser novamente reconstruído em 1683, mantendo a estrutura medieval na cabeceira mas com notários alterações ao estilo barroco. Foi aqui que se deu, em 1352, o episódio lendário do casamento secreto de D. Pedro, – rei entre 1357 e 1367 – com a dama de corte Inês de Castro, celebrado pelo deão da Sé da Guarda D. Gil. Foi também aqui que o General Sepúlveda proclamou perante o povo de Bragança a oposição à invasão francesa de 1808 – facto que se encontra ilustrado num painel de azulejos na fachada Sul, com data de 1929.

73

Igreja de São João Batista
Bragança

O Duque D. Teodósio e a Câmara mandam construir convento para clarissas no terreno da "Cruz de Pedra", junto às eiras do Arcebispo, pertencente ao Mosteiro de Castro de Avelãs. O edifício foi entregue à Companhia de Jesus em 1561, que o transformou em colégio. Com a expulsão da Companhia de Jesus do território nacional, em 1759, o edifício passou para a posse da Coroa. Em 1764 o templo foi elevado a Sé, quando a sede de diocese foi transferida de Miranda do Douro para Bragança. Em 1766 foi instalado na parte do antigo colégio o Seminário Diocesano.

Trata-se de um imóvel de planta composta por nave retangular de quatro tramos e capela-mor de dois tramos, contrafortada e coberta por abóbadas estreladas de combados manuelinas. É iluminada por vãos com decoração maneirista. Possui claustro quadrangular, à volta do qual se desenvolvia o edifício, com pátios dos Estudos disposto a leste e com duas alas paralelas prolongadas no século XIX.





74

Pelourinho de Bragança
Bragança

O Pelourinho de Bragança é um dos mais antigos do país, seguindo uma tipologia própria da região nordestina. Símbolo de autonomia e poder senhorial, é composto por uma base proto-histórica (500 anos a.C), em forma de berrão, onde assenta uma coluna datada de séc. XII ou XIII, decorada no topo.

A decoração do topo da coluna é singular, pois apresenta quatro braços de pedra em forma de cruz, habitualmente feitos de ferro com argolas, onde se amarravam em praça pública os condenados. No alto, a terminar o pelourinho, uma figura humana segura um brasão com o escudo da cidade.

Símbolo do poder municipal está, desde 1860, no Jardim dos Oficiais, antiga Praça de São Tiago. Provavelmente quinhentista, tem capitel com quatro braços, em cruz grega, rematados com figuras zoomórficas e encimado por figura sentada segurando um escudo.

Com mais de seis metros de altura assenta num berrão com cerca de 2 metros de comprimento, popularmente designado por Porca da Vila.



75

Cruzeiro da Sé
Bragança

Local de grande centralidade na cidade de Bragança, em plena praça da Sé, o Cruzeiro da Sé de Bragança funciona habitualmente como ponto de encontro para os locais e visitantes. Este local é um dos pontos mais fotografados da cidade, apresentando uma excelente panorâmica do centro histórico e castelo.

Este monumento esteve feito em bocados, no cemitério público, desde o ano de 1875 ao ano de 1931. Foi o Presidente da Câmara Municipal, José Carlos Ledesma Pereira de Castro, que o derrubou e fez em bocados, tirando-o da Praça da Sé, apesar do povo de Bragança se mostrar revoltado e impotente diante da força armada, protestando com lágrimas, gritos e berros, chegando a guardar e a beijar os pedacinhos de pedra que iam caindo. A partir de 1875 os pedaços do cruzeiro ficaram encostados ao muro do cemitério. Graças ao "Grupo de Amigos dos Monumentos e Obras de Arte de Bragança" presidido pelo Abade de Baçal, todos os pedaços do antigo cruzeiro foram recompostos e colocados numa base de granito, no ano de 1931.

76

Igreja de São Bento
Bragança

A Igreja de São Bento está integrada num convento – o mosteiro beneditino de Bragança –, fundado no século XVI pela dama nobre D. Maria Teixeira, sob a proteção de Santa Escolástica (irmã do patriarca São Bento). Ainda hoje são visíveis na fachada do templo as pedras de armas da família desta benemérita, que terá doado as casas que formaram a base para a sua construção. As monjas fundadoras ter-se-ão para aí mudado em 1590, oriundas do Mosteiro de Vairão. Originalmente, a igreja edificada seguiria uma arquitetura austera, tendo sido posteriormente adornada com exuberância já no século XVIII, em exaltação da fé e do louvor a Deus. As pinturas no seu magnífico teto abobadado – cujo tema central é a Santíssima Trindade ladeada por São Bento e Santa Escolástica – foram executadas por Manuel Caetano Fortuna. Também no seu interior, destaca-se ainda a capela-mor com retábulo de 1721, cujo teto apresenta um excelente e raro exemplo da arte mudéjar em Portugal.



77

Convento de São Francisco
Bragança

Edificado no século XIII para acolher a ordem mendicante de São Francisco, a lenda atribui a sua fundação ao próprio Santo. A Rainha Isabel, mulher de D. Dinis – que muito provavelmente aqui pousou em 1282 – teria favorecido o convento. Foi reedificado na primeira metade de seiscentos a partir de uma estrutura medieval de que subsistem elementos. A fachada maneirista data de 1635. Todo o convento sofreu novas intervenções ao longo de setecentos. Em 1800 a fachada da igreja foi renovada.

Na 2.ª metade do séc. XIX, na zona conventual, depois de sujeita a obras de readaptação, instalou-se o Hospital Militar e, posteriormente, o Asilo Duque de Bragança. De entre os vários retábulos setecentistas, destaca-se o da capela de N. S. da Conceição em que são já visíveis algumas aplicações rocailles. Nesta capela evidencia-se a pintura cenográfica do teto. O retábulo do altar-mor é neoclássico, recentemente fizeram-se obras de conservação na igreja. Estas intervenções deixaram visíveis aberturas na abside e pinturas murais no altar-mor: Nas pinturas destacam-se a representação da Sra. do Manto, temática que viria a identificar as Misericórdias (é provável que a sua execução se reporte a finais de quinhentos ou início da centúria seguinte) e motivos geométricos (de execução posterior).





As Nevadas

Sabemos que a neve e o gelo são das ocorrências mais associadas à imagem que o forasteiro tem das "Terras Altas do Nordeste". No entanto, esta imagem não corresponde inteiramente – ou pelo menos não tão frequentemente assim – à realidade. As nevadas não acontecem com regularidade e o gelo não perdura o suficiente para que a carambina – o nome local que é dado ao sincelo, o gelo que pende das árvores, dos beirais dos telhados e de outras estruturas e que resulta da congelação do orvalho ou da chuva miúda – paralise a atividade.

Ainda assim, um nevão nas serras da Coroa, Nogueira ou Montesinho, pendurando os flocos nas copas desfolhadas dos carvalhais ou estendendo o alto manto nos "abexedos" das encostas, imprime à paisagem um espetáculo de força e grandeza que nos permite compreender facilmente o porquê de tal perceção.



78

Igreja de Santa Maria ou de Nossa Senhora do Sardão
Bragança

Situando-se dentro dos muros da Cidadela de Bragança – mais precisamente na cerca do castelo, à esquerda da Domus –, esta é tida como a igreja mais antiga de Bragança. Foi edificada no século XIV, inicialmente no estilo românico. No entanto, foi modificada ao longo dos dois séculos seguintes, resultando num estilo barroco que preservou poucos vestígios do seu traçado original.

A sua fachada apresenta um portal ricamente decorada com duas colunas salomónicas, adornadas por folhas de vides e cachos. Conta com uma pintura cenográfica na cobertura do corpo do edifício, representando a Assunção da Virgem. O seu interior é formado por três naves separadas por colunas poligonais, que sustentam os arcos. Destaca-se ainda a capela-mor e a capela dos Figueiredos, o retábulo a Santo Estêvão e a imagem de Santa Maria Madalena.



Morte, Diabo e Censura
Bragança

A Morte, o Diabo e a Censura – sai à rua na zona histórica da cidade de Bragança. A partir daqui, fazem o seu percurso habitual pelos bairros mais antigos. A finalidade que têm em mente é perseguir as moças; quando as alcançam, castigam-nas com seus chicotes; quando elas se refugiam em casa, o Diabo arranja maneira de entrar; não sendo possível entrar pela porta, saltam pelas janelas ou varandas.

Tudo isto se justifica: estamos na Quarta-feira de Cinzas e necessário se torna lembrar às pessoas que devem fazer penitência. Contudo, o ritual acaba por se tornar um momento de diversão; por isso, se diz que Bragança tem mais um dia de Carnaval.

Num passado não muito remoto, os ritos executados pelas personagens da morte, do diabo e da censura assumiam proporções verdadeiramente aterradoras. Era essa a finalidade que se pretendia atingir.

Tal como no passado, a Quarta-feira de Cinzas em Bragança continua hoje a ser um dia divertido. A morte já não participa na procissão de Cinzas, porque até esta se perdeu, mas executa os rituais ditos profanos devidamente acompanhada pelo diabo e pela censura.

Formam-se várias equipas de três personagens, percorrendo indiscriminadamente os espaços públicos da cidade. Armados de gadanhas, tridentes e chicotes, percorrem as ruas, largos e vielas da zona histórica da cidade. Com isto batem às raparigas e às mulheres.



79

Museu do Abade de Baçal
Bragança

As raízes deste museu remontam a 1897, tendo sido o mesmo reinstalado em 1912 num antigo Paço Episcopal – cujo recheio foi adicionado ao espólio original de coleções de arqueologia e numismática. Abrindo a público em 1927 e funcionando com a denominação de Museu Regional de Obras de Arte, Peças Arqueológica e Numismática de Bragança sob a direção do Abade de Baçal, acabou por tomar a designação atual em 1935 à data da jubilação do mesmo. Este, Padre Francisco Manuel Alves, foi um grande historiador que contribuiu largamente para a expansão e melhoria deste acervo, bem como para a conservação da memória cultural de Trás-os-Montes e, em particular, do distrito de Bragança. Para lá de inúmeros e inestimáveis exemplares de arqueologia e epigrafia datados de períodos tão distintos e distantes como o do Paleolítico ou a da ocupação romana, encontram-se aqui também depositados importantes legados de figuras dos últimos séculos, como os de Sá Vargas, Guerra Junqueiro ou Trindade Coelho.



Casas Senhoriais
Bragança

Em Bragança, resistem também testemunhos históricos que refletem vivências para lá do quotidiano popular, do passado militar ou da cultura religiosa. São disto exemplo as diversas Casas Senhoriais que aqui se conservam e que hoje servem diversos fins, desde a exploração privada à hotelaria, passando pelo abrigo museológico até à reserva de espólio. Pela sua singularidade e emblemática beleza, destacamos o Solar dos Calaínhos (Praça da Sé), o Solar dos Teixeiras (Costa Grande), o Solar dos Figueiredos (Costa Pequena), a Casa dos Sepúlvedas, a Casa do Arco – também tida como Solar dos Pimentéis – e ainda a Casa dos Sá Vargas, que hoje alberga o Centro de Arte Contemporânea Graça Morais).

80

Mosteiro de Castro de Avelãs
Castro de Avelãs

Para se poder conhecer o seu importante património onde se eleva um antigo mosteiro clunicense do sec XII, uma visita a aldeia de Castro de Avelãs é indispensável. Filia-se na tradição românica mudéjar da meseta duriense castelhana, constituindo no país exemplo raro, senão mesmo exemplar único. Aqui se hospedou em março de 1387 o Duque de Lancaster, John of Gaunt, com mil homens de armas que o acompanhavam, quando se encontrou com D. João I no planalto de Babe.

A Igreja de Castro de Avelãs é um dos monumentos mais simbólicos do nordeste transmontano, ilustrando simultaneamente a arte românica e a vida monacal da região. De um ponto de vista estilístico, são indiscutíveis as influências mudejares e leonesas.



No interior possui estrutura do antigo púlpito, no lado do Evangelho, dois retábulos colaterais, de planta reta e um eixo e o retábulo-mor em talha dourada de planta côncava e um eixo, todos do estilo barroco nacional. No absidíolo da Epístola, existe arca tumular, dos séculos XIII e XIV, o qual deve ter sido concebido para integrar um arcossólio, talvez no exterior sul da igreja primitiva ou na parede interior norte, dado que as inscrições se localizam na mesma face.



Atravessando o Tuela

Troço 8 Zoio → Sobreiró de Cima

Eis que, subitamente, a paisagem muda. Chegando à bacia do Tuela, descobrimos encostas pedregosas, irrigadas por muitas linhas de água que derivam do caudal principal do rio, marcando o terreno de colinas e outeiros. Urze, estevas e rosmaninho despontam dos matos rasteiros, a par e passo com os dominantes castanheiros. Por todo lado, ouvimos falar do fumeiro e dos máscaros, do castelo, das igrejas, das ruínas ancestrais, do parque biológico e da vida sincopada aos intentos da natureza.

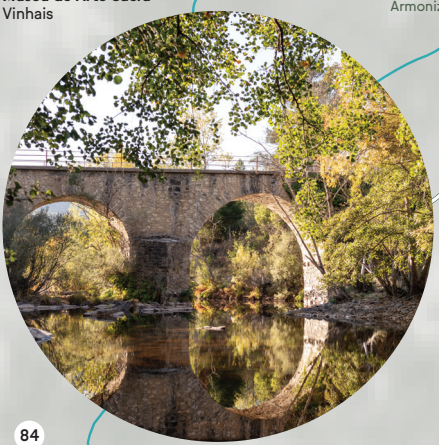
Sobreiró de Cima
Soutelo
Sobreiró de Baixo
Vinhais
Alvaredos
Ermida
Armoniz
Cidões
P O R T U G A L
Rio Tuela



87
Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção
Vinhais



90
Museu de Arte Sacra
Vinhais



84
Ponte da Ranca
Nunes

Entre Ousilhão e Vinhais, onde a estrada passa o Tuela na Ponte da Ranca, uma ponte medieval com cinco arcos de volta redonda, com talhamares, sobre um belíssimo trecho do rio, com mouchões cobertos de choupos e amieiros.



86
Igreja de São Facundo
Vinhais



Caminho de Santiago

Marcação indicativa de um itinerário histórico pertencente ao Caminho de Santiago.



91
Solar da Corujeira
Vinhais



92
Centro Cultural Solar dos Condes de Vinhais
Vinhais

Paçó

Vila Verde

Nunes

Romariz

Ousilhão

Vila Boa de Ousilhão

Zoio

Melhe

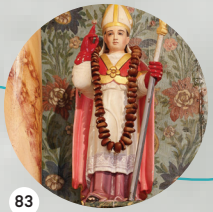
N206

N316



94

Pelourinho de Paçó
Paçó



83

Igreja de São Cipriano
Nunes



95

Ruínas do Forte da Modorra
Vila Verde

A funcionalidade da estrutura é desconhecida, mas tendo em conta a proximidade à estrada romana, poderia tratar-se de uma estrutura de apoio aos viajantes.



89

Igreja de São Francisco e Seminário dos Missionários
Vinhais

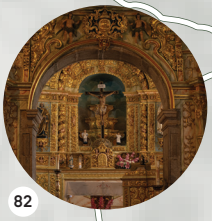
Na fachada da igreja aparece a imagem de Nossa Senhora da Encarnação, acompanhada no lado esquerdo pelo Arcanjo Gabriel. Segundo uma lenda, um pedreiro encarregue de assentar as cantarias da cornija resvalou e caiu, não se magoando por "milagre".



93

Parque Biológico
Vinhais

A vegetação da área envolvente é dominada pelos bosques de carvalhais (Quercus pyrenaica), presentes em grande parte do território.



82

Igreja de São Pedro
Zoio

Vinhais

A primeira referência documentada a Vinhais surge em meados do século XIII, mas a ocupação deste território data de tempos ancestrais, como testemunham os inúmeros vestígios arqueológicos que se podem encontrar nesta região, desde inscrições rupestres, edificações de tipo dolménico ou fortificações castrejas. Talvez mais do que em qualquer outro local, aqui as tradições não são memórias mas hábitos de todos.

Em todos os sentidos, Vinhais é remoto. E nessa distância, se conserva a sua magia.



85

Castelo de Vinhais
Vinhais

O Castelo de Vinhais é uma composição harmónica e simétrica, característica da arquitetura das vilas urbanas dionisinas. Este castelo desempenhou um importante papel no século XIV, na conturbada conjuntura do reinado de D. Fernando e da revolução que se lhe seguiu. Entre 1369 e 1371 foi ocupado por tropas castelhanas e, um ano depois, o seu alcaide tomou o partido espanhol. O estatuto periférico da fortaleza, reforçado pela extrema proximidade do reino de Castela, com o qual dispunha de fáceis vias de acesso, terá acentuado a maior ligação dos senhores do castelo aos invasores, facto que se repetiu em 1397, quando o alcaide João Afonso Pimentel se revoltou contra D. João I e abraçou a causa castelhana, só voltando à posse nacional em 1403.

Nos finais da Idade Média, o castelo foi objeto de várias reformas, havendo notícia de trabalhos realizados no reinado de D. Afonso V, quando o comando da fortaleza se encontrava estabilizado na linhagem dos condes de Atouguia. Ao longo da época moderna foram edificados uma barbacã e vários torreões complementares, estes últimos datados do século XVI. Contudo, este é efetivamente o período da destruição do sistema defensivo, em benefício do avanço de construções privadas, que rapidamente se adossaram aos velhos muros.



Caminho de Santiago

Ao longo da Idade Média, as peregrinações a Santiago de Compostela, na Galiza, mobilizaram milhões de peregrinos que atravessaram toda a Europa para venerar o túmulo do Apóstolo São Tiago Maior. Vários estudiosos apontam até para este fenómeno motivado pela devoção como um dos principais fatores da consolidação europeia, tanto em termos identitários como culturais.

No contexto moderno, as peregrinações jacobeias conhecem um novo e fortíssimo apelo, que tem vindo a motivar a recuperação dos itinerários históricos. Entre estes, conta-se a Via do Sudeste, também conhecida por Via de La Plata, proveniente de Sevilha e Zafra. Esta Via contem um troço alternativo que evita a Sanabria, desviando em Zamora para atingir Xinzo de Limia e Ourense através de território português. Este desvio, que tem tradições próprias e historicamente comprovadas, atravessa a Terra Fria, de Quintanilha a Sandim, passando por Bragança e Vinhais.

86

Igreja de São Facundo
Vinhais

Apesar do templo atual ser, provavelmente, posterior ao século XIII, o seu orago ainda confessa uma fundação pré-românica, eventualmente situada nos séculos IX–X, fase de particular expansão do reino asturiano alcançado. Nesse período Vinhais foi palco de um importante processo de povoamento e restruturação administrativa. O centro da vila foi deslocado para a zona do castelo, então em construção, o que determinou a localização relativamente excêntrica da igreja.

Esta terá sido integralmente remodelada, de acordo com um figurino tardo-românico, embora manifestando algumas características típicas da arquitetura medieval transmontana, como o excessivo prolongamento vertical da fachada principal, para receber campanário de dupla sineira. O projeto é modesto, compondo-se de nave única e capela mor retangular, entretanto substituída por outra, no período maneirista.



A obra ter-se-á concluído no século XIII, uma vez que data de 1305 a referência concreta à igreja, constante do testamento do Abade de Outeiro de Facundo, que escolheu ser enterrado no templo.





87

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção
Vinhais

Igreja simples, com uma nave, em cuja fachada se distingue o portal de verga lisa, que está concluído por duplo vão onde aparecem os sinos. No acabamento do conjunto uma empena circular com uma cruz latina. Na porta lateral pode ler-se a seguinte legenda: M.DCC.XXIII.AN (1723). Imagina-se que a igreja terá sido edificada usufruindo a perfusão de materiais, presentes no local, oriundos do pano de muralha ou da Torre de Menagem.

O povo de Vinhais tem muita veneração pela sua grandiosa padroeira. Segundo a tradição, a sua imagem pertencia à igreja de São Facundo, templo antigo que a lenda diz ter sido constituído pelos godos e que foi dentro dele que os dois fidalgos galegos Facundo e Primitivo, em combate com os bárbaros, sofreram o cruel martírio na defesa da fé cristã. Em tempos de seca transporta-se a imagem da igreja paroquial para a de São Facundo, afirmando ainda hoje alguns que, ao regressar em dia de céu límpido, forte aguaceiro de água punha em caos a procissão.

88

Pelourinho de Vinhais
Vinhais

É ao período manuelino que remonta a edificação do pelourinho que, até à sua destruição em finais do século XIX, se erguia nas proximidades da casa da câmara e da cadeia. Assim, o exemplar atual resulta de um restauro com reutilização do remate, de indiscutível interesse plástico e iconográfico.

Construído em granito, é sobre soco hexagonal de cinco degraus que repousa a base prismática da qual arranca o fuste liso da coluna, de igual configuração, despojado, porém, de capitel.

No topo sobressai, no entanto, o volumoso bloco profusamente lavrado com motivos manuelinos (escudo nacional, duas mãos, dois pés e duas maças), envolvido por "corrente" (também ela inscrita na gramática decorativa manuelina) e coroado por quatro braços culminados em cabeça de serpente com argola na boca e ladeada de florões, suportando base troncocónica ostentando esfera armilar pétrea que, na origem, terminaria na característica cruz de Cristo. Esta descrição é sugerida pela aguarela, datada de 1937, do ilustrador Alberto de Sousa.





89

Convento e Igreja de São Francisco e Seminário dos Missionários
Vinhais

Este excecional conjunto arquitetónico barroco é constituído por fachada corrida assente em duas cotas, correspondendo a sobranceira à Igreja conventual e a um campanário parietal de três arcos sineiros e a outra ao corpo do convento onde se insere a chamada Igreja de Nossa Senhora da Encarnação. Esta é também conhecida como "Igreja Grande" (por ser a maior da vila) e foi fundada em 1751 pelo Mestre de Campo José de Morais Sarmento, que a cedeu posteriormente ao Padroado Real. Embora de uma só nave, é um templo vasto com cinco altares com belíssimos retábulos de talha, pintura e imaginária. Há ainda uma interessante lenda associada à sua construção e que explica a inclusão da imagem de Nossa Senhora da Encarnação, acompanhada no lado esquerdo pelo arcanjo Gabriel, na sua fachada – um pedreiro encarregue de assentar as cantarias da cornija terá resvalado e caído, não se magoando por "milagre", o que motivou um artista a esculpir a imagem da padroeira dos franciscanos que habitavam o seminário como forma de agradecimento.

Junto à Portaria, encontra-se a também notável Capela do Senhor dos Perdidos e de Nossa Senhora das Dores e um magnífico coro com crucifixo atribuído à goiva de Frei Domingos, irmão Terceiro de São Francisco. Já o convento, conserva ainda um claustro com arcadas e no meio um chafariz octogonal com uma estátua da fama.



93

Parque Biológico
Vinhais

O Parque Biológico de Vinhais encontra-se instalado no Viveiro Florestal de Prada, inserindo-se portanto no Perímetro Florestal da Serra da Coroa, em pleno Parque Natural de Montesinho – e a meros dois quilómetros da vila de Vinhais. Aqui, poderá conviver com os elementos verdes mais típicos da envolvente, entre os quais se contam Carvalhais, Amiais Ripícolas, Salgueirais Arbóreos de Amieiro, Salgueiro-negro ou Sanguinho-de-água e ainda Urzais, Jotais e Giestais. Ao longo da visita, poderá avistar diversos animais fascinantes que habitam a zona, como os Javalis, Veados, Corços, Lobos ou Raposas, ou ainda ficar a conhecer o imponente Cão de Gado Transmontano e familiarizar-se com as 51 raças autóctones ligadas à atividade pecuária e agrícola. Também aqui se encontra instalado o muito procurado Centro Micológico, equipamento dedicado à interpretação e divulgação dos recursos micológicos silvestres, bem como da gastronomia a que estes se associa. Após a visita, certamente cimentará as suas bases na identificação de fungos, proporcionando-lhe um maior usufruto das saídas de campo e das riquezas do Parque Natural de Montesinho.



95

Ruínas do Forte da Modorra
Vila Verde

As Ruínas do Modorro, também conhecido por Torre ou Castelo, localizam-se num esporão pouco pronunciado sobre o Tuela. Imediatamente a norte passava a antiga via romana, atravessava a Ponte de Soeira.

Isoladas a meio de um esporão encontram-se as ruínas de uma estrutura. Aparenta ser um edifício retangular, de boa construção, de paredes argamassadas. O tipo de construção e a argamassa apontam para uma cronologia romana. Entre os derrubes apenas se notam algumas telhas de meia cana e alguns tijolos ou tegulae, mas há registos do aparecimento de materiais de clara cronologia romana, acompanhados dos restos de outras construções, que atualmente não são visíveis.

A funcionalidade da estrutura é desconhecida, mas tendo em conta a proximidade à estrada romana, poderia tratar-se de uma estrutura de apoio aos viajantes. A entrada do esporão fica do lado norte e nesta zona, numa pequena propriedade agrícola vedada por uma sebe, a roda de um trator se afundou num espaço vazio, colocando a descoberto alguns materiais cerâmicos, nomeadamente tijolos ou telhas.

Segundo o Abade de Baçal, foi nesta mesma zona, cerca de 50 metros a norte da estrutura, que apareceu uma sepultura, sendo possível que se trate de uma necrópole.

Entrudo dos Máscaros de Vila Boa
Vila Boa de Ousilhão



Apesar de outrora associados maioritariamente às celebrações em honra de Santo Estêvão, que ocorrem também nesta localidade nos dias 25 e 26 de dezembro, já há muito que os Máscaros de Vila Boa irrompem também pelas ruas da aldeia com as suas tropelias no dia do Entrudo. As celebrações começam logo após o romper do sol, com a aparição de grupos de homens vestidos de demónios carnavalescos, ostentando fatos garridos, tilintando chocalhos pesados e envergando sobre o rosto as tradicionais e fabulosas máscaras de madeira, cortiça. couro ou lata produzidas pelos artesões locais. Nesta ronda, que atravessa toda a localidade e que não poupa nenhuma casa nem adega, seguem também os grupos de gaiteiros, contribuindo para o frenesim com o som das suas gaitas de foles. Bebem e comem onde quer que sejam recebidos, lançam farinha e água sobre os populares e interpelam moças e mulheres com as suas brincadeiras.

Ao longo do percurso, vão igualmente "roubando" objetos e reunindo-os num só local – estes, mais ao final do dia, servirão para alimentar a dantesca fogueira comunitária à volta da qual se reunirão os foliões. Chegada essa altura, os máscaros bailam à volta das chamas, atravessando até as labaredas com valentia, estendendo-se a pândega até às horas que as almas (e os estômagos) aguentarem.





Festa de Santo Estêvão
Ousilhão

Tendo as suas origens em celebrações pagãs, associadas ao solstício de inverno, marcavam a passagem dos adolescentes à vida adulta, a Festa de Santo Estêvão de Ousilhão realiza-se nos dias 25 e 26 de dezembro. O início das festividades faz-se com os máscaros, os quatro moços e o grupo de gaiteiros, que fazem as tradicionais rondas pelas casas da aldeia. Os moços ao som dos gaiteiros dançam desejando as boas festas e os máscaros fazem as suas tropelias.

No dia 26, durante a manhã, repete-se o ritual do dia anterior e já no período da tarde é celebrada a eucaristia em honra de Santo Estêvão, onde participam o "rei e dois vassalos". No final da missa a população reúne-se à volta da mesa comunitária, onde vão estar sentados os reis e vassalos e são da coroados o novo rei e respetivos vassalos. Durante esta celebração é oferecido ao povo "pão bento" e vinho.

Nas noites de 25 e 26 realizam-se as tradicionais "galhofas" ao som dos gaiteiros.

Porco Bísaro

O Porco Bísaro é um testemunho vivo da ancestralidade da região. A raça descende dos porcos trazidos pelos povos celtas no Século VI a.C. e as suas características físicas inconfundíveis parecem teimar em lembrar-nos que na sua genética resistem ainda traços de javali. Porém, se a sua corpulência insiste em indiciar o seu primitivo antepassado, o temperamento dócil do Bísaro trai completamente essa pretensão. Tal como o fazem as suas orelhas pendentes e andar algo desajeitado que, no entanto, contribuem vivamente para o seu fabulado charme e encantamento, tantas vezes refletido e celebrado nas manifestações culturais locais. Reconhecível também pela sua pelagem geralmente malhada, mas também preta ou branca, o Porco Bísaro é uma espécie autóctone que está intimamente ligada à subsistência tradicional dos povos. Daí resultam incontáveis anos de conhecimento e refinamento de receitas, modos de transformação e preservação da carne, e até de diferentes segredos para o aproveitamento integral do animal. Nos dias de hoje, a nobreza da raça assinala-se através do fumeiro regional de Vinhais, sendo a sua carne marmoreada e macia responsável por iguarias como o salpicão, a chouriça de carne, a linguiça, o presunto, a alheira, o chouriço azedo, a chouriça doce ou o butelo.





Castanha

Os soutos locais mantêm-se imperturbáveis há séculos e a sua beleza remete-nos para um passado onde a castanha era a base da alimentação e sobrevivência das populações. Apesar da introdução da batata em Portugal por volta de 1789, as povoações souberam preservar os seus soutos e mantiveram viva até hoje a tradição da apanha tradicional da castanha – recolhida do chão, sem qualquer interferência com a queda natural dos ouriços. Os incontáveis anos de aproveitamento deste produto fizeram-nos chegar inúmeras receitas que fazem uso da castanha como protagonista ou acompanhamento dos pratos e, nos últimos anos, temos assistido a um renovado interesse na sua exploração em diferentes e novas práticas culinárias.

Sendo particularmente apreciada pelo seu sabor pronunciado, a Castanha da Terra Fria DOP é proveniente dos castanheiros da variedade Longal, a mais antiga da região. Esta é geralmente avermelhada, muito brilhante, pequena e marcada por estrias escuras. Dada a diversidade das biotipologias naturalmente ocorrentes, a produção de castanha na região também contempla os castanheiros das variedades Judia, Côta, Amarelal, Lamela, Aveleira, Boa Ventura, Trigueira, Martaínha e Negral.



Fumeiro de Vinhais (IGP)

Os produtos de fumeiro da região são geralmente apontados como o seu cartão de visita. Em particular, a Feira do Fumeiro de Vinhais, realizada anualmente desde 1981, tem cada vez mais visibilidade nacional e internacional e tem tido um papel crescente não só na divulgação da riqueza gastronómica local, mas também da sua tradição cultural.

Em termos de apreciação, a excelência do sabor do fumeiro de raça bísara rivaliza apenas com a diversidade das suas receitas: do Presunto à Chouriça Doce, do Chouriço Azedo ao Chouriço de Pão, passando pelo Salpicão e Alheira, é fácil reconhecer a qualidade dos produtos e difícil resistir a qualquer um deles. Para tal, e para lá das virtudes das matérias primas, há que referir os conhecimentos e habilidade dos produtores tradicionais que, controlando a fumagem e selecionando as madeiras, são ainda hoje guardiões de alguns dos segredos que possibilitam a criação de tão apetitosas peças.

Cuscos

Os cuscos são uma das mais inalteradas receitas Portuguesas e um produto que só quase miraculosamente conhecemos – ou temos a oportunidade de provar – nos dias de hoje. No Portugal do século XV, o consumo de cuscos fazia parte do dia a dia alimentar das populações, mas, com a introdução da batata e do milho das Américas, deu-se o seu quase desaparecimento. Com a progressiva modernização, a produção morosa e trabalhosa dos cuscos tornou-se cada vez mais incompatível com os ritmos de vida. Simultaneamente, o trigo Barbela, o cereal indispensável enquanto base deste produto e outrora abundante, foi também sendo substituído por outras variantes mais fáceis de trabalhar. Felizmente, algumas reduzidas bolsas populacionais, particularmente em Vinhais, mantiveram viva a tradição e os segredos da sua confeção. Hoje, assistimos a uma recuperação e reintrodução do trigo Barbela, fruto da conscientização global para a diversidade alimentar, o que tem possibilitado também a apreciação e redescoberta dos cuscos.



Caminho do Rabaçal

Troço 9 Sobreiró de Cima → Moimenta

Possivelmente, este é o traçado que mais toca a imaginação dos visitantes à Terra Fria. Há a descobrir estradas caracoleantes que acompanham os caprichos dos ribeiros, antigas minas de ouro hoje cobertas de castanheiros e algumas das adegas mais antigas do país. Do cima das encostas, avistam-se esporões e memórias de povoados proto-históricos, entre vales encaixados cuja exposição solar providencia microclimas mediterrânicos. E isto quase sem referir o riquíssimo património arquitetónico e folclórico.



97

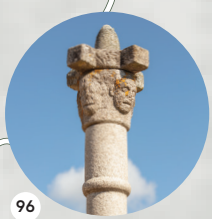
Igreja de Nossa Senhora da Assunção
Gestosa

Dedicada à Nossa Senhora da Assunção, a restauração desta Igreja envolveu o restauro do telhado, a substituição do forro, soalho e portas, bem como a pintura das paredes interiores e exteriores.



99

Praia fluvial de Sandim
Sandim



96

Pelourinho de Vilar Seco da Lomba
Vilar Seco de Lomba



98

Ponte da Gestosa
Gestosa

Ponte Medieval da Gestosa que atravessa o rio Rabaçal fazendo a antiga ligação à aldeia de Santalha através da Calçada que teria ligações ainda ao povoado da Cigadonha.

Rio Rabaçal
Pinheiro Novo
101
100
Pinheiro Velho
Sernande
Quiraz
Contim
PARQUE
Santalha
98
Passos de Lomba
Gestosa
97
96
Vilar Seco da Lomba
Penso
Rio Mente
PORTUGAL
99
N308
Frades
Sandim
Brito de Lomba
Ferreiros
Candedo
Vilar da Lomba
S. Jomil



100

Pelourinho de Pinheiro Novo
Pinheiro Novo



101

Moinho e Parque de Merendas
Pinheiro Novo



102

Santuário de Nossa Senhora dos Remédios
Tuizelo

A fachada deste santuário decorado por ondulantes ornatos rocaille está forrada a azulejos de estampilha amarelos e brancos.



Adegas
São Jomil

Este emblemático núcleo de adegas constitui, provavelmente, um dos mais antigos do país.

Manzalvos
E S P A Ñ A
Moimenta
Carvalhal
Casares
Cerdedo
Vilarinho das Touças
Montouto
Lindedo
Seixas
Quadra
N A T U R A L D E M O N T E S I N H O
N316
102
Tuizelo
Salgueiros
Vilar de Ossos
Cabeça da Igreja
Peleias
Zido
Sobreiró de Cima
N103
Aboa
Sobreiró de Baixo





Adegas
São Jumil

A cerca de 29 quilómetros de Vinhais e alguns metros para lá do povoado da aldeia de São Jumil, encontram-se aquelas que são, provavelmente, as adegas mais antigas do país. Neste contexto, "adega" não significa apenas um local para produção, armazenamento ou conservação de vinho e aguardente, mas também um espaço para a sua comercialização e consumo – muitas vezes acompanhado por petiscos, como o salpicão assado ou o presunto na brasa. Este local, também conhecido por "Bairro da Alegria", "Bairro das Adegas" ou "Travessa" é constituído por 49 adegas retangulares perfeitamente integradas com a paisagem, dispostas em banda e mantendo ainda o traçado e características originais, datando do séc. XVIII. Ao nível arquitetónico, a única alteração que sofreram ao longo dos tempos foi a substituição dos telhados de colmo por telha, o que lhes permitiu conservar o seu identitário aspeto rústico. Antigamente, este conjunto de construções estava ao centro da vida social das gentes da aldeia – especialmente dos rapazes, que muitas vezes estendiam o convívio até de madrugada. Hoje, apenas 20 destas adegas permanecem ativas, mas preservam ainda a qualidade do afamado vinho que aqui era e continua a ser produzido. Este local terá sido eleito pelas suas características climatéricas, permitindo manter os vinhos à temperatura ideal.





96

Pelourinho de Vilar Seco de Lomba
Vilar Seco de Lomba

A par do edifício da casa da câmara, remanesce destes tempos e em bom estado de conservação, o Pelourinho de Vilar Seco, símbolo maior da autonomia municipal, ainda que subsistam algumas dúvidas relativas à sua originalidade. Com efeito, já o Abade de Baçal referia que a plataforma do pelourinho corresponderia, na realidade, a uma mó de um moinho assim reutilizada, acrescendo o facto de o desenho que então esquissou do mesmo não se coadunar integralmente à realidade posterior, a mesma que acabaria por ser demolida e substituída por versão mais moderna e sem respeitar a preexistência. Até ao seu derrube, o pelourinho granítico era formado por plataforma de quatro degraus, sobre a qual se erguia a coluna de fuste liso de secção cilíndrica, com pequeno anel a um terço acima da base e capitel com quatro carrancas lavradas sobrepujado por quatro braços terminados em cabeça de serpente formando uma cruz grega tornando-se um arranjo único no distrito de Bragança.



Festa da Senhora dos Remédios
Tuizelo

A romaria em honra de Nossa Senhora dos Remédios acontece no dia 8 de setembro, congregando centenas de fiéis no santuário, que participam na eucaristia e, de seguida, na imponente procissão – que tem como símbolo máximo um peculiaríssimo andor de vários metros de altura, profusamente decorado e coroado pela figura deste ícone tão celebrado localmente.

Por detrás desta reverência, está a lenda de uma menina muda a quem terá aparecido a Virgem dos Remédios em três ocasiões distintas. Destas aparições terá resultado a cura da menina, a revelação de uma nascente de água tida como medicinal e ainda as instruções para a edificação de um novo templo – que viria a ser conhecido como Santuário de Nossa Senhora dos Remédios.



102

Santuário de Nossa Senhora dos Remédios
Tuizelo

Reza a lenda que num dia de verão uma rapariga muda andava a pastar o gado no lugar de Pereiros, junto das ribeiras de Santa Maria, onde terá sido abordada pela Virgem dos Remédios, que lhe ofereceu água de uma fonte aberta no chão. No regresso a casa a menina pensava num modo de transmitir estes acontecimentos à sua família, quando se apercebeu de que já conseguia falar.

A fachada deste santuário decorado por ondulantes ornatos rocaille está forrada a azulejos de estampilha amarelos e brancos. O portal principal está encimado por um óculo quadrilobado, gradeado e com vidraça, que se encontra sob o brasão das quinas. No topo, a coroar este conjunto surge uma coroa de ferro forjado. Obra de arquitetura do então moderno rococó.

No local da nascente, depois batizado com o nome de "Hortinha do Conde", há uma fonte de granito, onde muitos habitantes de Vinhais iam buscar água tidas como medicinais.





Cristas Quartzíticas
Vale do Assureira

Sendo fáceis de identificar visualmente, os quartzitos são rochas de génese sedimentar ou mesmo metamórfica, constituídos essencialmente por quartzo (geralmente acima dos 75%), um mineral translúcido de grande dureza e resistência. Quando estes assumem uma disposição linear nos cumes e pendores das serras e se tornam proeminentes por erosão das formações xistosas envolventes – constituindo-se como excrescências informes de dimensão relevante e, se não contínuas, pelo menos alinhadas – formam-se as cristas quartzíticas.

Na Terra Fria, estes relevos residuais afloram em diversos locais, com uma orientação aproximadamente noroeste-sudeste, constituindo invariavelmente ocorrências de grande valor paisagístico.

Em Pinheiro Novo e Pinheiro Velho, nas vertentes do vale do Assureira, é possível testemunhar o seu inconfundível efeito particularmente bem. No entanto, estes extensos alinhamentos são igualmente observáveis noutros pontos da Terra Fria, como na Serra da Nogueira, em Rio de Onor, no vale do rio Maçãs ou em Deilão, entre outros exemplos. Em Deilão, curiosamente, a superfície dos quartzitos apresenta uma cobertura de corpos cilíndricos filiformes com o aspeto de cordões torcidos e sobrepostos, prováveis vestígios fossilíferos que a erosão pôs a nu e que, por semelharem caracteres alfabéticos, são afloramentos localmente conhecidos por "Pedras Escrevidas".



Montesinho

Troço 10 Moimenta → Rio de Onor

Este traçado demonstra a especial capacidade do território transmontano para escudar as suas tradições em perfeita harmonia com a natureza. Nas suas léguas descobrirá aldeias inalteradas, orgulhosas das suas eiras, moinhos, lagares e forjas comunitárias, onde ainda se atravessam pontes medievais e a vida em comunidade preserva tradições. Também aqui, todas as paragens garantem pratos de caça e fumeiro capazes de saciar até os mais meticulosos apetites.



104

Igreja Matriz de São Pedro
Moimenta

As origens da Igreja Matriz de Moimenta remontam ao século XIV, mas o edifício atualmente existente resulta da campanha de obras efetuada no final do século XVII.



106

Ponte das Vinhas
Moimenta

A ponte das Vinhas é uma obra de arte técnica medieval, provavelmente do séc. XVI e faz parte do velho caminho para Mofreita.



107

Fornos de Cal
Dine



109

Ruínas do Antigo Santuário da Senhora da Hera
Cova de Lua

N-525
A52
ZA-L-2698
N308
N103
103
104 105
106
107 108
109
Moimenta
Ermesende
Montouto
Rio Tuela
Serra da Coroa
Sta. Cruz
Fresulfe
Maçãs
Fontes de Transbaceiro
Parâmio
Serra de Montesinho
P A R Q U E N A T U R A L
Cova da Lua
Terroso
P O R T U G A L
Carragosa
Soeira
Gondesende
Vila Verde
Sabariz
Castrelos
Donai
Rio Baceiro



Parque Natural de Montesinho

O esplendor natural deste refúgio de 75 mil hectares é praticamente inabarcável. Em qualquer uma das suas manchas, a beleza é apenas rivalizada pela harmonia dos ecossistemas.



Montesinho
Bragança

A aldeia de Montesinho, conhecida devido ao Parque Natural que apelida, é uma povoação que conta com um aglomerado composto por vários imóveis que mantêm a arquitetura popular transmontana.



105

Solar dos Ataídes Figueiredo
Moimenta

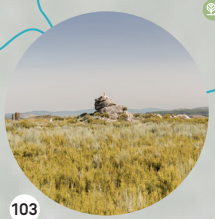
Moimenta apresenta um aglomerado onde se encontram várias casas interessantes, mas a casa dos Ataídes de Figueiredo é o único solar desta aldeia.



108

Lorga
Dine

Esta curiosa gruta, popularmente conhecida como Casa da Moura Encantada, ainda hoje alimenta a imaginação e o folclore local.



103

Fraga dos Três Reinos
Moimenta



110

Igreja de Nossa Senhora da Assunção
Sacoias

ESPANHA

DE MONTESINHO

Montesinho
Portelo
Calabor
França
Rabal
Meixedo
Baçal
Sacoias
Varge
Aveleda
Rio de Onor
Vila Nova
Vale de Lamas
Babe
Caravelas

ZA-925
ZA-V-2639
ZA-921
N308
N103-7
N218-3
N308-3
Rio Sabor
Rio de Onor



Parque Natural de Montesinho

Até para quem o habita, o esplendor natural do Parque Natural de Montesinhos é inabarcável. Em qualquer mancha dos seus 75 mil hectares, somos brindados com uma biodiversidade vasta ao ponto de alarmar – imediatamente antes de apaziguar – o espírito. Entre planaltos ondulados e vales profundos, a vida sincroniza-se às estações.

As orlas dos bosques chamam à descoberta, as serras convidam à aventura, os riachos apresentam-se antes de os ouvirmos. Os rumores de lobos-ibéricos, corças, veados, javalis e raposas passam a sinais palpáveis. Urzais, estevais e giestais florescem ou estacam-se perante o tempo. Um moinho ancestral sugere-se na distância enquanto as mesas se enchem de jóias gastronómicas.

E algo de imemorável protege-se ainda entre os soutos.





104

Igreja Matriz de São Pedro
Moimenta

Apesar das origens da Igreja Matriz de Moimenta remontarem ao século XIV, o edifício atualmente existente resulta da campanha de obras efetuada no final do século XVII. O templo original, que desde 1545 pertencia à Diocese de Miranda, apresentava dimensões reduzidas, facto que terá conduzido à sua ampliação seiscentista – erguendo-se, então, as suas distintas torres sineiras.

Os paralelismos com a fachada da antiga Sé de Miranda do Douro são inegáveis. No interior, de três naves separadas por arcos de volta perfeita assentes sobre pilares facetados, destacam-se particularmente os exímios retábulos de talha dourada. Na capela-mor, cujo teto de caixotões de talha dourada enquadra representações de cenas da vida de Cristo, há a destacar o retábulo, com nicho central e dois laterais, dourado no decorrer do primeiro quartel do século XVIII.



106

Ponte das Vinhas
Moimenta

Por cima do rio glacial que, depois de um percurso em Espanha, entra em Portugal através da freguesia da Moimenta, passa a Ponte medieval das Vinhas. O percurso de Moimenta até à ponte sobre o rio Tuela, além da beleza paisagística também permite conhecer vários elementos arqueológicos como a cigadonha, a fraga das almas e fraga da ponte das vinhas.

A ponte das Vinhas é uma obra de arte técnica medieval, provavelmente do séc. XVI e faz parte do velho caminho para Mofreita. Tem tabuleiro horizontal, com uma largura máxima de cerca de 3 metros, assente num único arco quebrado, em cantaria. O seu piso encontra-se muito alterado, já não conservando qualquer laje, sendo constituído por saibro compactado. As guardas são constituídas por muretes de alvenaria de xisto.

107

Fornos de Cal
Dine

A utilização da cal para fins construtivos é uma prática que vem desde a antiguidade até meados do século XX. Na Terra Fria Transmontana, como de resto acontece com outros locais onde se produzia tradicionalmente cal, a sua cultura está inevitavelmente associada às características geológicas da paisagem e prende-se diretamente com a existência de fontes de matéria-prima que a sustentem, nomeadamente, afloramentos calcários. No norte dos concelhos de Bragança e Vinhais "a ocorrência de afloramentos de calcário e dolomitos (...) é considerável, repartindo-se por formações diversas." (Redentor, 2003). Embora existam ou tenham existido fornos de cal nas aldeias de Casares, Moimenta e Soeira, em Vinhais, e em Rabal e Aveleda, localizados em Bragança, o aproveitamento dos afloramentos calcários para produção de cal foi feito de uma forma mais intensiva em Cova de Lua, Bragança, e em Dine, Vinhais.







Rochas Ultrabásicas
Donai

De idade indeterminada, mas provavelmente de origem pré-câmbrica, estas rochas provenientes da consolidação de magmas de composição ultra-básica – e portanto com menor teor de sílica do que até os basaltos – são relativamente raras. Em Portugal, ocorrem apenas no Alto Alentejo e em dois muito evidenciados maciços nordestinos – um entre Bragança e Vinhais e outro na serra de Morais.

O conjunto destas escassas rochas básicas, integra anfibolitos, serpentinitos, peridotitos e gabros, entre outros. A serpentinite, uma distinta rocha esverdeada – por sua vez constituída por serpentina, maguetite, clorite e talco – é ainda hoje explorada na freguesia de Donai e comercializada como pedra para fins ornamentais. Em Meixedo e Lagomar (Donai), podem ser encontrados peridotitos e, em Gondesende, até há pouco tempo ainda se encontravam ativas as minas de Sete Fontes, fornecendo talco para as indústrias da farmacêutica e da cosmética.

Aldeia de Montesinho
França

Totalmente recuperada, mas genuína, a aldeia de Montesinho é composta por várias casas que mantém a arquitetura popular transmontana, construídas em granito com telhados em lousa e varandas em madeira.

A aldeia de Montesinho, muito conhecida devido ao Parque Natural que apelida, é acima de tudo uma povoação que conta com um aglomerado composto por vários imóveis que mantêm a arquitetura popular transmontana, sendo visível em várias casas, algumas recuperadas recentemente para alguns negócios locais, como turismo rural, lojas de artesanato e de venda de produtos regionais.

Situada em pleno Parque Natural de Montesinho, encaixada na Serra, faz fronteira com Espanha, onde a exposição viva de paisagens, a simplicidade e afeto das gentes, aliada a uma arquitetura singular são motivos que apelam à visita.



É uma das aldeias mais emblemáticas e mais bem preservadas da Terra Fria Transmontana e está localizada a 1030m de altitude, sendo uma das aldeias mais altas de Portugal e a mais alta da serra de Montesinho.



108

Lorga
Dine

Esta curiosa gruta, popularmente conhecida como Casa da Moura Encantada, tem alimentado a imaginação e o folclore local ao longo de vários séculos. Os seus períodos de ocupação ancestral estão bem documentados e passam maioritariamente pela Idade do Cobre e pela Idade do Bronze, embora alguns vestígios menores indiciem também aqui atividade humana durante a Idade do Ferro.

Seguramente, a sua envolvente também terá contribuído para a formação de lendas, uma vez que esta se localiza num dos escassos maciços calcários existentes no nordeste transmontano. Simultaneamente, a sua utilização atestada enquanto necrópole, ainda que apenas em determinados ciclos, terá deixado ecos na tradição oral.

O seu espólio, resgatado em diversas escavações, é abundante e muito significativo, contando com grande quantidade de objetos cerâmicos, entre os quais vasos inteiros e profusamente decorados. Muitas destas peças encontram-se expostas e podem hoje ser admiradas no Núcleo Interpretativo da Lorga de Dine.





109

Ruínas do Antigo Santuário da Senhora da Hera
Cova de Lua

Embora apenas subsista um arco da capela medieval que invocaria Nossa Senhora da Hera, a sua localização e envolvente, em Cova da Lua, permite-nos adivinhar a força da devoção local a esta padroeira. Sendo também conhecida como Capela da Senhora da Hedra, Capela da Senhora da Edra e Capela da Senhora da Idera, estes nomes são hoje igualmente atribuídos a uma construção religiosa mais recente que dá continuidade à missão da estrutura em ruínas.



Festa dos Rapazes
Varge

A festa dos rapazes de Varge tipicamente decorre no dia de Natal e no dia de Santo Estêvão (26 de dezembro). Os rapazes solteiros são os atores privilegiados deste acontecimento pois são eles que preparam e fazem a festa, composta por rondas, missas, peditórios, bailes e loas. Reúnem-se na Casa da Festa, cedida especialmente para a ocasião, onde só se pode entrar com autorização do mordomo, que determina o início e o fim das atividades. É aí que o grupo faz as refeições e se vai preparando para as várias etapas.

De todas as manifestações, destacam-se as rondas e as loas. As rondas podem ser noturnas, de alvorada ou de boas-festas, de acordo com a altura do dia ou com o objetivo. Os rapazes, mascarados ou vestidos de caretos, percorrem a aldeia acompanhados por músicos e pelos mordomos, pedindo à população um contributo para a festa. O momento mais importante é a ronda de Boas Festas, quando percorrem todas as casas da aldeia fazendo o peditório.

A Missa do Galo é integrada na festa, onde os rapazes, que ficam num lugar de destaque perto do altar, são os primeiros a «beijar o Menino» e a sair, para se irem vestir de caretos e dar continuidade à festa. Após a cerimónia, encaminham a população para o sítio onde ocorrerão as loas. As loas designam os momentos em que os rapazes relatam episódios caricatos que tenham acontecido durante o ano na aldeia, em quadra, a maior parte das vezes com forte crítica social.

Lombada

Troço 11 Rio de Onor → Quintanilha

É neste traçado que se descobre a mais emblemática das aldeias nordestinas, onde o comunitarismo ainda impera e as linhas fronteiriças não circunscrevem as identidades. Também aqui nos deparamos com espécies animais puramente autóctones e com exemplos ancestrais de arquitetura popular, nos quais as paredes fazem uso pleno do xisto e os telhados da lousa. Há ainda vestígios civilizacionais romanos e locais de culto com impressionantes recheios a desvendar.

Rio de Onor

112

111

Rio de Onor

Guadramil



111

Igreja de São João Baptista
Rio de Onor

Esta igreja é dedicada a São João Baptista e foi construída no séc. XVI. A cerca de 500 metros da mesma, encontra-se a quase gémea Igreja de Rihonor de Castilla, indiciando a indivisibilidade que existe entre as partes portuguesa e espanhola desta localidade.

P A R Q U E

EN308



115

Castro de Gimonde
Gimonde

Labiados

A sua localização estratégica, naturalmente defendida pelos curso do rio em três das suas frentes, terá estado na origem da escolha deste local pelo povoado antigo que ali se estabeleceu e se fortificou. Entre outros vestígios de ocupação, podem ainda ser descobertos um fosso artificial e um posto avançado.

Varge

111



Rio de Onor
Bragança

Em Rio de Onor subsiste uma das mais emblemáticas e inalteradas comunidades nordestinas, povoando a aldeia comunitária que, em 2017, foi eleita Sétima Maravilha de Portugal – Aldeia em Área Protegida.

N103-7

Sacoias

P O R T U G A L

Baçal



116

Ponte de Gimonde
Gimonde

Rio Sabor

EN308

116

Gimonde

115

N308-3



Arquitetura popular
Guadramil

Em Guadramil, podemos descobrir vários exemplos de casas de arquitetura popular em xisto, que se distinguem também pelas suas paredes grossas preparadas para fazer frente aos "nove meses de inverno" que pautam a Terra Fria.



112

Ponte de Rio de Onor
Rio de Onor

Durante muitos anos, esta ponte sobre o rio Onor oferecia a única forma de circulação entre os dois lados da aldeia.



117

Igreja de São Vicente
Veigas

Este templo de estilo românico, bem como o seu recheio, que inclui pinturas murais e retábulos, é classificado Imóvel de Interesse Público desde 1993.



113

Museu Rural de Palácios
Palácios

Este museu encontra-se instalado num antigo lagar, contando com um acervo de objetos quotidianos, mas cada vez mais em desuso, das populações locais, dando especial destaque à tradição do uso da lousa na construção de telhados.



114

Brasão de Babe
Babe

Riomanzanas
Vilarino de Manzanas
Deilão
Vila Meã
S.J. Palácios
Babe
Réfega
Quintanilha
Veigas
Rio Maçãs
N218
A4
ESPANHA
NATURAL DE MONTESINHO

Rio de Onor

Em Rio de Onor subsiste uma das mais emblemáticas e inalteradas comunidades nordestinas, povoando a aldeia comunitária que, em 2017, foi eleita Sétima Maravilha de Portugal – Aldeia em Área Protegida. Ainda hoje é considerada um exemplo próximo do comunitarismo medieval, onde a partilha da terra e dos recursos continua a ecoar. Aqui, a troca de bens e produtos assenta muitas vezes na confiança mútua e na garantia da palavra honrada. A entreajuda entre todos os habitantes é um pressuposto com valor de lei, sustentando a partilha dos fornos comunitários e dos terrenos agrícolas, utilizados e trabalhados por todos. Até um rebanho único com cerca de 300 ovelhas e 100 cabras é pastoreado à vez pelos "vizinhos" ao longo dos terrenos comunitários.



A aldeia é atravessada a meio pela fronteira internacional entre Portugal e Espanha, sendo a porção espanhola oficialmente denominada Rihonor de Castilla, embora os habitantes não encontrem nesse marco uma clivagem. A linha divisória cria um "povo de acima" e um "povo de abaixo", mas todos se identificam enquanto membros do mesmo povoado. Aliás, "uma aldeia, dois países" é das expressões que aqui mais se proferem.





116

Ponte de Gimonde
Gimonde

A pitoresca Ponte de Gimonde ou Ponte velha, como é conhecida localmente, ergue-se sobre o rio Malara – sendo este, em si, um canal que faz parte dos rios Igrejas e Onor.

Na origem, tratar-se-ia de uma estrutura edificada durante o processo de romanização desta região, integrando a denominada Via XVII, que estabelecia a ligação entre *Bracara Augusta* (Braga) e *Asturica Augusta* (Astorga), passando por *Aquae Flaviae* (Chaves) e que serviria de igual modo os habitantes do Castro de Gimonde – onde, aliás, têm sido identificados e recolhidos inúmeros vestígios de ocupação romana. No entanto, no que toca a esta estrutura, apenas escassos vestígios persistem da sua construção original, que seria primitivamente uma alvenaria em xisto, a matéria-prima mais abundante na região, argamassada com barro. A construção que resiste até aos dias de hoje resulta de uma profunda intervenção conduzida durante o período medieval, tendo sido então utilizada pelos peregrinos que se deslocavam a Santiago de Compostela. A ponte tem 144 metros de comprimento por uma largura total de 4,5 metros e o seu tabuleiro em corcova encontra-se delimitado por guardas de xisto. No centro da estrutura existiu ainda um grande olhal redondo que terá servido para conduzir água para um moinho adjacente.



117

Igreja de S. Vicente
Veigas

Em pleno centro da pequena aldeia das Veigas, a meia colina e com inclinação este/oeste, descobre-se a Igreja de São Vicente. Esta construção apresenta uma mistura de estilos arquitetónicos religiosos: românico, maneirista e barroco. A sua estrutura é românica, com uma planta comprida que inclui uma nave, uma capela-mor mais alta e estreita e uma sacristia do lado direito. A fachada principal foi renovada no século XX e tem um formato triangular interrompido por duas torres sineiras e um portal em arco abatido. As fachadas têm cantos simples, um remate em beiral e são decoradas com portais românicos esculpidos, de dupla arquivolta apoiada em impostas salientes. Na fachada esquerda, encontram-se janelas retangulares em capialço, com características maneiristas.

No interior, as coberturas são de madeira, com vigas na nave e abóbadas de berço na capela-mor. Podem ser encontrados vestígios de pinturas murais de estilo maneirista. O retábulo-mor é uma peça de talha dourada e policromada em estilo nacional. A igreja é de origem românica, mantendo a estrutura e as portas travessas, mas foi posteriormente reformulada nos séculos XVII e XX, quando a fachada foi alterada.



Cão de Gado Transmontano

O possante Cão de Gado Transmontano é, desde há muito, companhia assídua dos pastores da região e guardião dos seus rebanhos de ovinos e caprinos. O seu porte e afamada valentia tornam-no um excelente dissuasor de lobos, evitando que estes ataquem os rebanhos. Morfologicamente, partilha algumas caraterísticas com os chamados "mastins ibéricos" e pertence ao ramo dos portentosos e corpulentos molossóides – o que se fundamenta geneticamente a teoria que os seus antecessores terão chegado ao território na companhia de povos pastores nómadas oriundos da Ásia Menor. Está perfeitamente adaptado às condições do território e à função que desempenha, apresentando-se forte e rústico, de porte altivo, olhar sóbrio e andar ligeiro. Apesar de geralmente reservado, tem um temperamento surpreendentemente dócil. A sua referenciação como raça é recente, datando do início dos anos 90 do século passado. As pelagens mais vistas são as brancas malhadas de preto, de amarelo, de fulvo ou de lobeiro.



Javali

O javali (*Sus scrofa*), sendo dotado de um corpo robusto e protegido por uma densa camada de pêlos rijos, é um dos mais respeitados animais selvagens que povoam esta região.

É reconhecível também pela sua cabeça grande e triangular, o seu poderoso pescoço musculado e dentes caninos que se projetam para fora na boca (nunca parando de crescer) e ainda pela sua coloração acastanhada. Tradicionalmente, conseguir caçá-lo constituía um acontecimento afortunado para qualquer família. Daí a reverência à sua utilização gastronómica e a existência de um lado quase sacro nas suas receitas. De todas estas, o Javali Estufado, acompanhado com o também ancestral Puré de Castanhas, assume-se como a receita mais tradicional.



Ovelha Churra Galega Bragançana

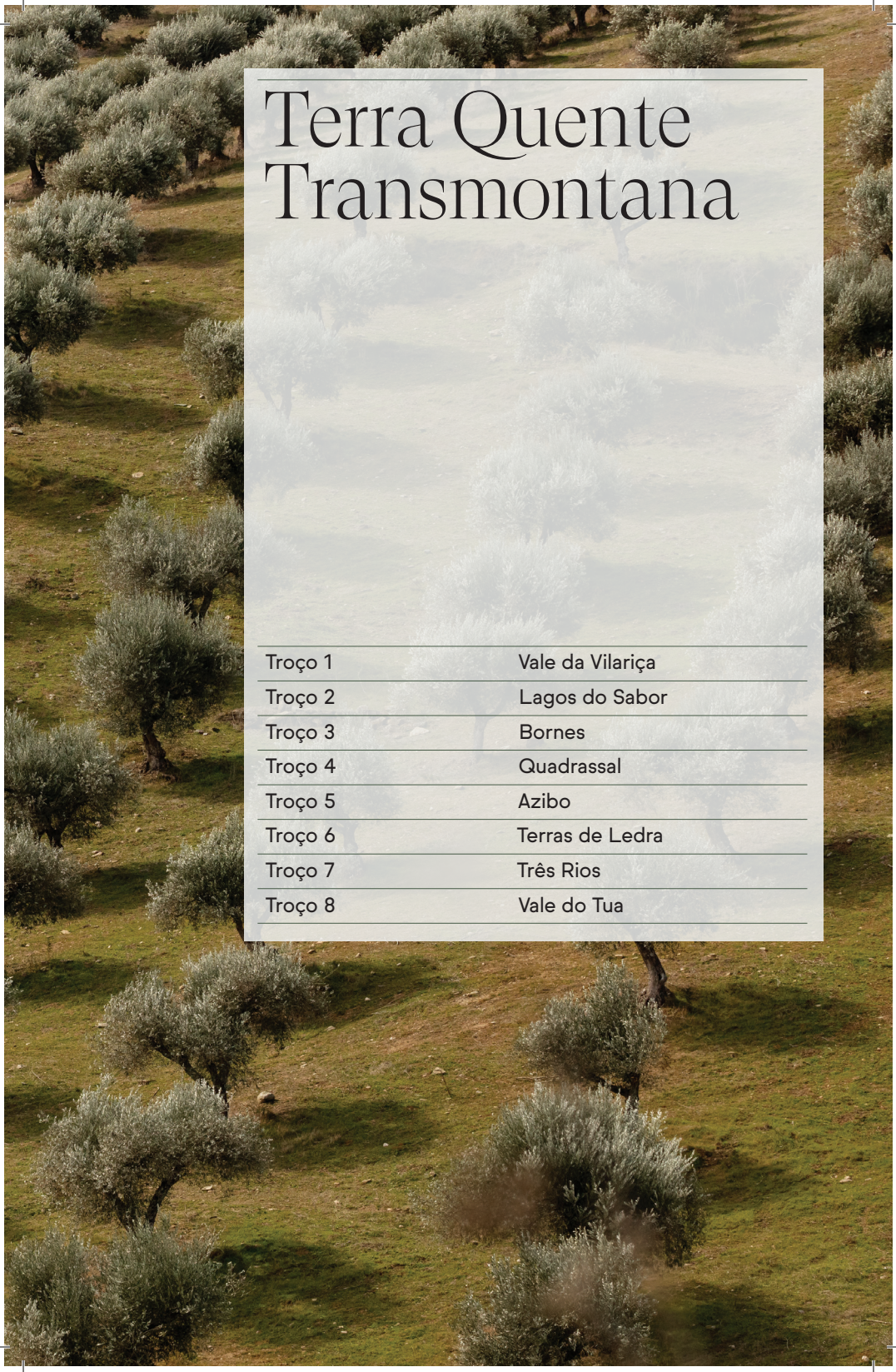
O ovino Galego Bragançano partilha o mesmo tronco genético da ovelha Mirandesa mas, comparativamente, exibe um porte mais robusto e produz uma lã de fibras menos compridas. A sua estatura vai de média a grande, resultando o seu característico aspeto pernalteiro da altura relativa dos seus membros e tórax.

O indivíduo de coloração branca ou amarelada apresenta distintivas manchas escuras à volta dos olhos, orelhas e lábios.

No entanto, o indivíduo preto, outrora quase extinto e recentemente recuperado, apresenta uma só coloração escura ao longo de todo o corpo.

É desta raça que nasce o famoso Cordeiro Bragançano DOP, sendo a sua carne extraordinariamente suculenta, macia e agraciada com uma gordura consistente que inspira o palato. O segredo para o paladar tão apreciado desta carne passa pela alimentação dos cordeiros, que são nutridos apenas com leite materno e, a partir dos dois meses de idade, com apoio exclusivo de forragem tradicional.





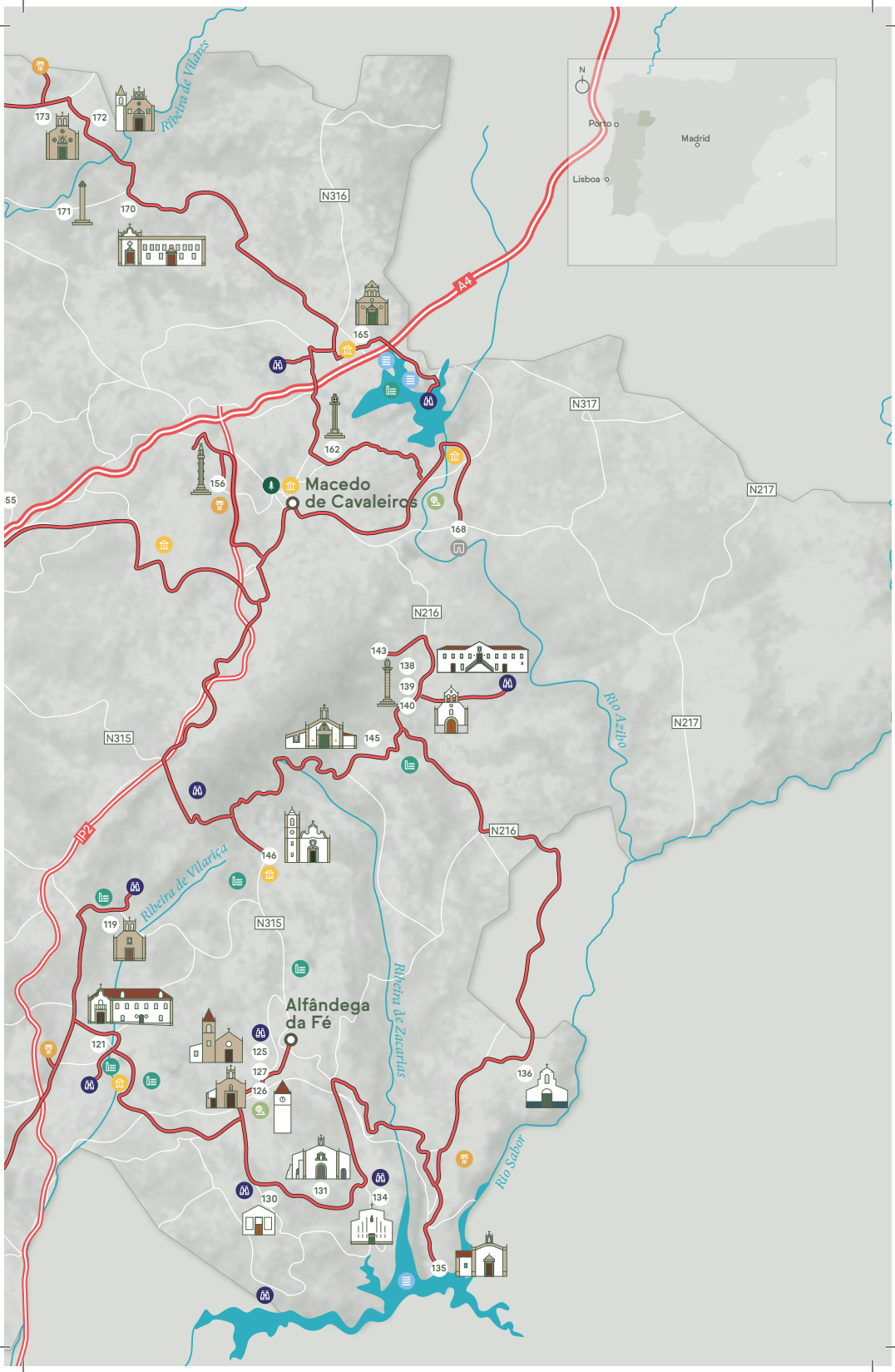
Terra Quente Transmontana

Troço 1	Vale da Vilariça
Troço 2	Lagos do Sabor
Troço 3	Bornes
Troço 4	Quadrassal
Troço 5	Azibo
Troço 6	Terras de Ledra
Troço 7	Três Rios
Troço 8	Vale do Tua

Terra Quente Transmontana

Palavra dita, é em braços
de boa-fé que recebemos quem
vem à Terra Quente Transmontana.
É igual a nós quem caminha
entre nós, quem bate à porta.
Demore-se, se tiver essa fortuna.
Assim poderá reconhecer o jeito
da oliveira, o balido da ovelha
Churra, os laços que há entre
a cestaria e as provisões.
Entre no gáudio das festividades
e entenda como os poucos se
tornam numa multidão quando
aclamamos a ancestralidade.
Como homenageamos
a terra e os rigores do tempo.
No silêncio encontrará jóias
e à mesa companheiros.




N
Porto
Madrid
Lisboa
Ribeira de Vilares
173
172
171
170
N316
A4
165
162
156
55
Macedo
de Cavaleiros
168
N317
N217
N216
143
138
139
140
145
N315
Rio Azibo
IP2
146
Ribeira de Vilarica
119
N315
Alfândega
da Fé
121
125
127
126
131
130
134
135
136
Ribeira de Zacarias
Rio Sabor

Vale da Vilariça

Em torno do Vale da Vilariça, deslumbrante nos seus ubérrimos terrenos e graças naturais, há um traçado de achados civilizacionais, maravilhas arquitetónicas religiosas e civis, solares nobres e miradouros a descobrir. Quem sabe, se vier na altura certa, talvez observe ainda as erupções de pessegueiros e as movimentações migratórias das aves.



Pessegueiros da Vilariça
Vila Flor

Quando florescem os pessegueiros, o vale da Vilariça fica pintado de tons cor-de-rosa, oferecendo um espetáculo que nunca causa indiferença.



Santa Comba de Vilariça
Vila Flor



120

Centro Interpretativo de Cabeço da Mina
Assares



118

Miradouro de Nossa Senhora do Socorro
Vilares da Vilariça

N214
M603
Sta. Comba de Vilariça
120
Assares
Rio Sabor
M587
Vilarelhos
121
123
122
124
P O R T U G A L



124

Barragem Santa Justa
Eucisia



123

Barragem Salgueiro
Vilarelhos

N102

Vale Bom

M586

119

118

Vilares de Vilariça

Vilares de Baixo



Vilares da Vilariça
Alfândega da Fé

É na zona mais elevada do vale de Vilariça (encosta sul da Serra de Bornes) que fica a Aldeia de Vilares de Vilariça, dotada de um vasto património arquitetónico religioso e civil, que inclui um solar brasonado.



122

Miradouro de Nossa Senhora dos Anúncios
Vilarelhos

Além do Santuário de Nossa Senhora dos Anúncios, no alto da freguesia de Vilarelhos encontra-se o miradouro que permite avistar toda a beleza do vale da Vilariça.



119

Igreja de Santa Catarina
Vilares de Vilariça

Nesta igreja do século XVII dedicada a Santa Catarina, é possível admirar cinco altares, a antiga Capela de Santa Cruz que esta acopla e ainda um tranquilo adro circundante.



Vale da Vilariça
Alfândega da Fé e Vila Flor

No vale da Vilariça, os últimos tempos foram marcados pelo regresso da produção de hortícolas como a abóbora, as couves, o tomate, o feijão, o melão ou os morangos.



121

Solar do Morgado de Vilarelhos
Vilarelhos

Solar com detalhes barrocos e ladeado por capela, datado dos meados do séc. XVIII, outrora pertencente à família mais nobre da localidade.

Vale da Vilariça
Alfândega da Fé e Vila Flor



Os cerca de 34.000 hectares do vale da Vilariça não são mais do que uma falha tectónica que foi ocupada por depósitos decorrentes de enxurradas. Localmente, deu-se o nome de "rebofas" a este fenómeno que resulta do retrocesso das águas do rio Sabor e da ribeira de Vilariça por ocasião de cheias no Douro. A fertilidade dos terrenos onde isto acontece dispara.

Além de ter servido algumas experiências de cultivo de tabaco, a região tornou-se afamada pela produção de linho de cânhamo, cereais e produtos hortícolas, com destaque para o melão, o feijão e o grão. Desde o século XX que a vinha passou a dominar a paisagem, tomando o lugar de outras culturas.

Os últimos tempos foram, no entanto, marcados pelo regresso ao vale da produção de hortícolas como a abóbora, as couves, o tomate, o feijão, o melão ou os morangos. Cursos de água como a ribeira de Vilariça e o Ribeiro Grande, assim como as albufeiras de rega, tornam o vale num ponto de passagem conveniente para as aves migratórias.





Vilares da Vilariça
Alfândega da Fé

Desdobrando-se em Vilares de Cima e Vilares de Baixo, é na zona mais elevada do vale de Vilariça, na encosta sul da Serra de Bornes, que podemos encontrar esta povoação, cuja freguesia está parcialmente integrada na região demarcada do Douro.

Possui um abundante património arquitetónico religioso e civil, que inclui mesmo um solar brasonado. Servida por férteis terrenos agrícolas, merece especial destaque a produção de azeite, vinho, frutas e hortaliças.

Também dignas de contemplação são as vistas desta zona, sobremaneira beneficiadas por amplos horizontes e uma exposição solar privilegiada. Se ascendermos à localidade de Colmeais, é quase certo sermos presenteados com as mais extraordinárias paisagens do concelho.



Santa Comba de Vilariça
Vila Flor

Esta peculiar e recatada freguesia pertencente ao município de Vila Flor registava, no censo nacional de 1864 – no qual é referida simplesmente como Santa Comba – 436 habitantes. Em 2011, contavam-se aqui 407 residentes, indiciando que "os filhos da terra" não a deixam esmorecer. Curiosamente, entre 1841 e 1853, a freguesia pertenceu ao concelho da Alfândega da Fé.



120

Centro Interpretativo de Cabeço de Mina
Assares

Na década de 1980 dava-se no Cabeço da Mina um relevante achado arqueológico, que viria em 2014 a ser classificado como Bem de Interesse Público. Esta é a origem do Centro Interpretativo de Cabeço da Mina (CICM), que em 2017 foi inaugurado na localidade de Assares, na área do Vale da Vilariça que faz parte do concelho de Vila Flor, com o propósito de dar a conhecer o património natural e cultural da região da Vilariça.

O conjunto de estelas antropomórficas que aí encontramos datam de há 4.000 anos (cerca de 2.000 a.C.) e são atribuídas às primeiras comunidades agro-pastoris que habitaram o vale.

O simbolismo subjacente a estas formas escultóricas permite-nos perceber uma ampla rede de relações, em concordância com o universo mental da Europa daquele período, especialmente o da região mediterrânica.

O Centro Interpretativo transporta-nos através da evolução geológica da zona, numa escala de muitos milhões de anos, desde o seu contexto de base até ao preenchimento sedimentar da Falha da Vilariça. Destaca ainda a biodiversidade da fauna e da flora autóctone.

122

Miradouro de N. Sra. dos Anúncios
Vilarelhos

Situando-se no alto da freguesia de Vilarelhos, este é um dos pontos mais privilegiados para admirar a paisagem – que daqui se aparenta infindável – abrangida pelo belíssimo Vale da Vilariça. O manto de retalhos de terra de várias formas e colorações que constitui este vale protagoniza uma das mais distintas visões que a região tem para oferecer e, invariavelmente, observá-lo a partir deste miradouro é aceitar também um convite à contemplação. Também o Santuário de Nossa Senhora dos Anúncios aqui se alberga e, na encosta do monte, foram ainda descobertos um castro e uma necrópole, indiciando que outrora terá existido aqui um povoado da Idade do Ferro.





121

Solar do Morgado de Vilarelhos
Vilarelhos

Ladeado por ruas empedradas, o Solar do Morgado de Vilarelhos remonta a 1744, data inscrita sobre o portal que dá acesso ao seu pátio interior, onde encontramos ainda uma profusão de detalhes ornamentais de beleza singular. Distingue-se também pelas sua porta central de verga curva, flanqueada por dois pequenos óculos e ladeada por dois vãos gradeados no 1º piso. Do 2º piso, rasgam-se seis janelas de guilhotina com molduras recortadas e decoradas com elementos vegetalistas. A fachada principal é orientada a este e ladeada a sul por uma capela de estilo barroco. As duas alas restantes do solar encontram-se orientadas a norte e sul. Tendo pertencido àquela que, à época, era a família mais abastada e nobre da localidade, sofreu ainda alterações no séc. XIX, tendo a sua planta longitudinal original sido transformada em U. Juntamente com as habitações tradicionais e os monumentos religiosos, é considerado um dos maiores pontos de destaque da localidade – e por boas razões.





124

Barragens da Burga, de Sta Justa e Salgueiro
Alfândega da Fé

O conjunto das barragens de Burga, Santa Justa e Salgueiro nasceu para responder às necessidades de regadio das áreas circundantes ao Vale da Vilariça, aquele que é um dos vales mais férteis e viçosos do mundo Transmontano e Alto Duriense. Graças a estes empreendimentos, incontáveis variedades hortícolas, leguminosas e frutícolas continuam a beneficiar do micro clima aqui existente, bem como dos seus solos ímpares, munindo assim os mercados nacionais com produtos de qualidade superior e potenciando a atividade económica local. As envolventes naturais são igualmente reconhecidas pela abrangência da sua beleza e biodiversidade, constituindo sistemas que encontram também apoio nestas barragens.



123

Raça Churra da Terra Quente

As ovelhas atualmente mais emblemáticas de Trás-os-Montes – até pela sua aparência rústica – pertencem à raça Churra da Terra Quente, sendo animais absolutamente autóctones da região. Anteriormente, esta raça era igualmente designada por Tarrincha ou Terrincha. A sua génese remonta ao final do século XIX e início do século XX, quando animais das raças Churra Badana e Churra Mondegueira começaram a ser cruzados – e que, por sua vez, partilham antepassados originários do tronco ibérico dos Pirenéus. No entanto, a sua denominação e esforço de caraterização é relativamente recente, tendo-se dada a oficialização da raça em 1987, no âmbito da trigésima oitava *Annual Meeting of European Association of Animal Production*.

Estes ovinos enquadram-se no grupo dos ovinos churros, com um velo quase exclusivamente composto por madeixas grossas, compridas, lisas e pontiagudas, rudes ao tato, deslanados na cabeça e regiões inferiores dos membros. Apresentarem estatura média, aparência forte e harmoniosa.



Lagos do Sabor

A envolvente dos Lagos do Sabor, um dos mais cintilantes espaços panorâmicos do país, inclui castros milenares, santuários que emanam tranquilidade e incríveis miradouros. Pontua-a ainda uma vida selvagem que faz rotineiramente as delícias dos visitantes, entre a qual se contam Lontras, Grifos e Águias-perdigueiras.



126
Torre do Relógio
Alfândega da Fé



125
Igreja Matriz de São Pedro
Alfândega da Fé



132
Miradouro da Loca
Cerejais

Além de ter uma vista de cortar a respiração, o miradouro da Loca alberga uma fonte esculpida por Carlos Barreira, onde se vê representado o pelourinho já inexistente e a história e a antiguidade da zona que hoje conhecemos como Alfândega da Fé.



127
Igreja da Misericórdia
Alfândega da Fé



133
Miradouro do Calvário
Cerejais

No monte que abriga o Santuário de Cerejais, existe ainda a denominada Varanda de Pilatos, estrutura de betão formando miradouro avançado sobre a paisagem.

Alfândega da Fé
Valverde
125
127
126
N315
IC5
N215
128
130
Sendim da Serra
131
Cerejais
134
132
133
Sendim da Ribeira
Parada
N315
Sardão
Quinta de São Pedro
135
129
Rio Sabor



129

Miradouro de Cabreira
Ferradosa



136

Capela de Santo Amaro
Legoinha



137

Pelourinho de Castro Vicente
Castro Vicente



135

Santuário de Santo Antão da Barca
Parada

O novo santuário de Santo Antão da Barca conta com um pequeno núcleo museológico, cujo espólio inclui algumas pinturas em tela, uma coleção de ex-votos e o registo fotográfico e em vídeo da trasladação do santuário.



128

Miradouro da Ribeira de Zacarias
Sendim da Ribeira

N216

Saldonha

Castro Vicente

137

Vilar Seco

Vilar Chão

136

Brunhoso

Valverde

PORTUGAL

Alfândega da Fé

Contando já com uma longínqua fundação por graça de D. Dinis em 1294, este concelho estende-se por cerca de 320 km², repartidos entre a Serra de Bornes, os planaltos de Alfandeguinha e Vilarchão-Parada, o vale do rio Sabor e o vale da Vilariça. A encantadora vila de Alfândega da Fé está assente numa colina a 575 metros de altitude, conservando traços e encantos de um passado rico em história, onde imperam ainda costumes ancestrais e se conhecem lendas centenárias.



Lagos do Sabor

Os Lagos do Sabor surgiram com a construção da Barragem do Baixo Sabor e estes 70 quilómetros de água límpida ligam os concelhos de Alfândega da Fé, Macedo de Cavaleiros, Mogadouro e Torre de Moncorvo. Neste percurso encontram-se o Lago dos Santuários, Lago de Cilhades, Lago do Medal e o Vale das Fragas do Sabor.

Estendendo-se da barragem até à foz do Azibo, ajudam a formar um santuário de vida selvagem e brindam-nos com paisagens estonteantes, propícias à contemplação. Fazem também a ponte com tradições milenares e vivências sem igual.

A somar a isto, temos um sem fim de trilhos, formações rochosas e, claro, uma pulsante vida selvagem, da qual fazem parte os Grifos, as Águias-de-Bonelli e as patuscas Lontras.

Também de património histórico é rica a área, onde se pode apreciar castros milenares, conventos e santuários centenários, vilas medievais que contam momentos da história de Portugal.

125

Igreja de São Pedro
Alfândega da Fé

Até aos dias de hoje, as circunstâncias em torno da construção original da Igreja Matriz de Alfândega da Fé continuam a ser alvo de debate e investigação. Situando-se no alto da vila, a sua edificação é consistente com a primeira expansão extramuros do antigo castelo – o que a colocaria entre o final do século XV e inícios do XVI. A atestá-lo, sobrevive a sua primeira documentação em inventário, datada de 1540. No entanto, outros dados afirmam a existência de uma Igreja Matriz dedicada a São Pedro em Alfândega da Fé em 1295.

Independentemente do seu ponto de origem, é natural que os traços arquitetónicos que hoje vemos resultem de sucessivas intervenções que alteraram a construção inicial, razão que contribuiu para a difícil datação da antiguidade da igreja. O que, por sua vez, impossibilita uma decisão final sobre se as duas referências apontam ou não para uma e a mesma Igreja Matriz.







126

Torre do Relógio
Alfândega da Fé

É presumível que a Torre do Relógio da Alfândega já existisse no século XVI, embora não existam certezas sobre a sua cronologia de construção ou a sua função inicial. Se a suas dimensões e as características do terreno envolvente não indiciam que originalmente se tratasse da torre sineira de uma igreja, no seu topo existiram em tempos aberturas onde cabiam outros quatro sinos. Tendo funções militares, foi alvo de várias reformas na época medieval.

Foi no romper do século XIX que começou a ser usada como Torre do Relógio. Possui planta quadrangular e um telhado em coruchéu piramidal com um cata-vento no topo. Foi restaurada nos nossos dias, o relógio está em funcionamento e a torre está acessível ao público, albergando a exposição fotográfica “Quando o relógio voltou a dar horas”, do arquiteto João Morgado.



127

Igreja da Misericórdia
Alfândega da Fé

No nicho do frontispício da igreja podemos ver uma figura escultórica do século XVI, representando Nossa Senhora da Piedade em calcário pintado. Acredita-se que o edifício seja da mesma altura. Sabe-se que desde o século XVIII que pertence à Santa Casa da Misericórdia de Alfândega da Fé, embora se desconheça se sempre terá sido propriedade sua.

Localizada na zona mais antiga da vila, ficaria perto de uma das portas de entrada do castelo, dentro do perímetro da antiga muralha, que, entretanto, já não existe. A área envolvente teria o nome de "rossio da Misericórdia". Não se vislumbrando vestígios da igreja matriz intramuros, é de crer que outro edifício tenha existido naquele mesmo espaço.

A igreja apresenta planta longitudinal de nave única, uma capela-mor e um frontispício em empena truncada por uma sineira. No interior, o olhar recai sobre os retábulos colaterais barrocos de estilo nacional e o retábulo-mor.



130

Capela de Santa Eufémia
Sendim da Serra

Podemos identificar a Capela de Santa Eufémia como uma capela alpendrada de Época Moderna, posteriormente sujeita a uma reforma contemporânea.

De planta retangular, a escassa iluminação interior é garantida por fresta lateral. A fachada principal culmina em empena, sendo o sustento do alpendre garantido por pilares assentes em muretes. Esta fachada é rasgada por uma porta de verga reta e uma janela.

Na área circundante encontramos uma necrópole medieval de sepulturas escavadas no afloramento xistoso, de contorno retangular, com duas dispostas em paralelo, uma delas de menores dimensões.



131

Santuário de N. Sra de Jerusalém
Sendim da Serra

Com a sua fachada com portal de arco de volta perfeita com aduelas tipo pedra almofadada, este templo é uma obra da arquitetura neoclássica. Sobre a porta, mas sem dela fazer parte, podemos ver um frontão curvo interrompido, do qual surge um nicho com pilastras adossadas dominado por um frontão triangular.

A capela demonstra já ter estado muito deteriorada, podendo ver-se na abóbada de berço da nave restos de pintura envolta por grosseiros "restauros" de cimento. Numa das paredes surge como prolongamento do altar uma pintura ao natural representando cenas da vida da Virgem Maria. O arco triunfal expõe pinturas simples de inspiração vegetalista. Na capela-mor, além do altar entalhado, sobressai o teto em caixotões, pintado com momentos da vida da Virgem e temas fitomórficos.



135

Santuário de Santo Antão da Barca
Parada



A capela de Santo Antão da Barca, conhecida pelo seu santuário e popular romaria, descende de outro templo, que se localizava do lado direito do leito do rio Sabor, freguesia de Parada, e cujas últimas obras tiveram lugar em meados do século XVIII.

Motivado pela construção da barragem do Baixo Sabor o edifício foi em 2012/2013 trasladado quase por completo, incluindo as pinturas murais que albergava, para a atual capela, que foi construída numa zona próxima, a meio da encosta, com uma vista deslumbrante que faz deste um excelente miradouro para os Lagos do Sabor.





134

Santuário do Imaculado Coração de Maria
Cerejais

Este santuário mariano é uma obra de arquitetura religiosa novecentista que inclui igreja, Via Sacra e Loca dispostos em três elevações distintas repletas de obras de arte de escultores de renome dos quais se destacam o Comendador José Ferreira Thedim, Mestre José Rodrigues, Avelino Vinhas, João Fragoso, Hélder de Carvalho, Joaquim Cardoso, entre outros.

O núcleo principal é o da igreja, cuja planta é retangular, possui três naves, capela-mor facetada, tetos de madeira, somando-se um anexo e duas capelas profundas. A fachada principal revela a disposição interna dos espaços e é atravessada por um portal de verga reta, flanqueado por vãos segmentados e escalonados. As fachadas laterais possuem frestas na nave central e portas transversais nas laterais esquerda, além de grupos de três vãos alongados, à semelhança do que acontece na capela-mor. No interior, as naves são separadas por pilares, apresentando tetos planos e uma iluminação abundante que atravessa os vitrais coloridos.



Há um coro alto betonado, duas capelas laterais profundas no lado da Epístola e uma capela-mor facetada, com um altar elevado, decorada na parte superior e na parede frontal com painéis de azulejos que representam a Nossa Senhora de Fátima e as Almas.

No monte que abriga este núcleo, existe ainda a denominada Varanda de Pilatos, estrutura de betão formando miradouro avançado sobre a paisagem, de planta quadrangular, assente em pilares de betão e com guarda em ferro tubular, intercalada por plintos.

No último fim-de-semana de maio o santuário acolhe a Festa de Cerejais em honra de Nossa Senhora de Fátima, assumindo-se como uma das principais romarias da região.



136

Capela de Santo Amaro
Legoinha

A obras de renovação levadas a cabo na Capela de Santo Amaro, na Legoinha, vieram travar o avançado estado de degradação em que esta se encontrava. A intervenção estendeu-se ainda aos notáveis frescos presentes no templo religioso. Trata-se de um interessante conjunto de pinturas murais datadas do século XVI e que ocupam uma considerável área do edifício. Este conjunto integra também a Rota da Pintura Mural: História a Fresco, um projeto que engloba 23 capelas e igrejas em torno dos Lagos do Sabor.





137

Pelourinho de Castro Vicente
Castro Vicente

Este é um pelourinho datado do século XVII, tudo indicando que veio substituir outro mais antigo. De pinha fusiforme, com soco octogonal de quatro degraus, onde assenta a base circular e o fuste oitavado, encimado por um cubo ostentando elementos heráldicos. O capitel paralelepipédico tem um escudo por face, que se encontram já muito esbatidos, mas vendo-se num deles as armas de Portugal, rematado em pirâmide cónica.



Gnaisse e Geossítio Descontinuidades de Conrad e Moho Lagos

Milhões de anos antes da formação do supercontinente Pangea – bem como dos continentes que conhecemos hoje e que resultam da sua divisão – outras crostas mapeavam o planeta Terra. Entre estas, constava o pequeno continente Armórica, cuja existência é testemunhada pela formação rochosa que se ergue na margem direita do Rio Sabor, muito perto da aldeia da Lagoa. É este povoado que inspira o título dado a esta rocha metamórfica com mais de 500 milhões de anos, cunhando-a assim enquanto Gnaisse de Lagoa. A sua caraterística mais distintiva são os seus cristais alongados, que se devem à pressão ponderosa e aos movimentos a que a rocha foi sujeita ao longo dos milénios.

A esta gnaisse associa-se também o vizinho geossítio Descontinuidades sísmicas de Conrad e a de Moho. Neste local, temos a oportunidade única de observar à superfície os resultados de um fenómeno que ocorre invariavelmente a dezenas de quilómetros de profundidade no interior do planeta – a separação clara de diferentes tipos de materiais em superfícies distintas. As Descontinuidades são tipicamente alvo de estudo dada a influência que têm na propagação das ondas sísmicas – mas a sua beleza é mais do que suficiente para atrair a atenção até dos visitantes menos apaixonados por geologia.

Amendoeiras em Flor

Em 450 a.C., vindo da Grécia, o cultivo amendoeira é disseminado nas costas do Mediterrâneo pelos Árabes. Portugal foi um dos países que, de coração aberto, recebeu esta pequena árvore de folha caduca que perde as folhas longas e pontiagudas no outono. Mas a flor, pintada de tons suaves de rosa e branco, cativa os sentidos com a sua generosidade, anunciando a chegada da primavera.

O ar carrega um aroma doce e envolvente carregado pelo suave vento nas folhas. O fruto da amendoeira nasce depois de fecundadas as flores. São elas que dão origem a uma drupa – fruto carnudo com caroço – coberta por uma pele fina e aveludada que vai ficando rija à medida que amadurece e que, finalmente, se abre para libertar o caroço. É dentro deste caroço (o endocarpo) que se encontra a semente: a amêndoa. Este bem precioso está na base de dois doces típicos de Alfândega da Fé: os barquinhos e os rochedos que assumem a particularidade de um ser feito com os "desperdícios" do outro, ou seja, os barquinhos têm na sua composição a gema do ovo os rochedos são feitos com a clara.



Bornes

Se a Serra de Bornes é um marco no que toca às maravilhas naturais, com os seus encantadores bosques, florestas e maciços rochosos, a área que lhe é circundante oferece experiências impagáveis no que toca à arquitetura e arte religiosa, gastronomia e expressão cultural genuína.

Grijó de Vale Benfeito



149

Miradouro da Serra de Bornes

Do miradouro da Serra de Bornes avistam-se montanhas e vales que se conjugam em paisagens de puro deleite, que vão dos campos agrícolas aos maciços rochosos, passando por encantadores bosques e florestas.

N102



148

Barragem de Sambade
Sambade



146

Igreja Matriz de Sambade
Sambade

Padroeira da freguesia, encontramos a imagem em mármore de Nossa Senhora da Assunção inscrita no nicho da Igreja Matriz de Sambade.



143

Igreja do Divino Sr. Santo Cristo
Malta, Olmos

Mourele

IP2

149

Soeima

Vila Nova

N315

P O R T U G A L



147

146

Sambade



147

Centro de Interpretação do Território
Sambade

148



142

Poço dos Paus
Chacim



138

Solar de Chacim
Chacim



141

Convento de Balsamão
Chacim



139

Pelourinho de Chacim
Chacim

O Pelourinho de Chacim está desde 1933 classificado como Imóvel de Interesse público e deu o nome à praça onde se encontra.







Serra de Bornes

A região onde se insere a belíssima Serra de Bornes compreende também pequenos planaltos de altitude, vales profundos e alguns cursos de águas e áreas de vale aberto.



145

Capela de São Bernardino
Gebelim

A capela de São Bernardino data de 1741 e recebe hoje em dia uma importante romaria na aldeia de Gebelim.



140

Igreja de São Sebastião e Santa Eufémia
Chacim

A Igreja de Chacim apresenta traços maneiristas e barrocos. Destacam-se o altar-mor de transição do maneirismo para o barroco e os retábulos neoclássicos do arco triunfal.



144

Real Filatório
Chacim



Serra de Bornes

Despontando do Maciço Antigo, uma das cordilheiras ancestrais da Península Ibérica, a encantadora Serra de Bornes é ladeada pelos rios Sabor e Tua, situando-se a sul do concelho de Macedo de Cavaleiros e a norte do concelho de Alfândega da Fé. A sua elevação máxima, conhecida por Cabeço de Bornes, atinge os 1199 metros. O corpo da serra conta com 621 metros de proeminência topográfica e estende-se por mais de 12 quilómetros de comprimento e 5 quilómetros de largura. Abre-se ainda perante o verdejante vale de Vilariça – também notório por estabelecer uma linha migratória importante para muitas aves, dados os cursos de água e albufeiras de rega ali existentes.

Entre as várias maravilhas naturais que aqui podemos encontrar, destacam-se luxuriantes planaltos de altitude, zonas de vale aberto que convidam à prática de asa delta e parapente, e ainda vários outros vales cavados e profundos. A sua flora é constituída por idílicos e exuberantes bosques de castanheiro e sobreiro, que se revezam com oliveiras, amendoeiras, cerejeiras, laranjeiras, vinha e vegetações rasteiras. Famosamente, até há alguns anos, cultivava-se aqui centeio a cerca de mil metros de altura. Hoje, ao longo da sua cumeada, podem ser avistadas as torres de três parques eólicos.



143

Igreja do Divino Senhor Santo Cristo
Malta, Olmos

Malta é uma povoação adstrita à freguesia de Olmos, do município de Macedo de Cavaleiros. A sua igreja, de Malta, consagrada ao Divino Senhor Santo Cristo, integra cinco tábuas quinhentistas com as figuras de Nossa Senhora, Cristo Ressuscitado, São Cristóvão, São Miguel e São João Baptista bem como outros óleos de valor, estando todo o conjunto erguido sobre um antigo templo dedicado ao deus pré-cristão do povo Zela, Aerno. A aldeia de Malta foi assim batizada por homenagem aos Cavaleiros da Ordem de Malta, seus antigos donatários, sendo durante séculos conhecida como de São Cristóvão. A festa que lhe está associada, ao Divino Senhor, é das mais celebradas e antigas da região.

141

Convento de Balsamão
Chacim

O Convento de Balsamão – pertencente à Congregação dos Marianos da Imaculada Conceição – é um famoso e antigo templo edificado no cabeço do monte de Caramouro ou de Balsamão, junto ao rio Azibo. Neste lugar onde a natureza e espiritualidade se querem em constante diálogo, todo o espaço envolvente convida à contemplação e à descoberta de silêncios e sons, tons e cores. Este convento reserva uma área especificamente pensada para acolher hóspedes, a "Casa de Retiro e Repouso de Balsamão". Esta possui 37 quartos luminosos e funcionais, tendo os visitantes ainda a oportunidade de se sentarem à mesa do refeitório comum para uma viagem a um mundo de sabores preservados no tempo. A sua área museológica inclui um acervo composto por pintura, ex-votos, esculturas sacras e alfaias litúrgicas, assim como outros objetos devocionais como livros e paramentos.



Chacim
Macedo de Cavaleiros



O distinto Pelourinho de Chacim está desde 1933 classificado como Imóvel de Interesse Público e dá nome à praça onde se encontra. Trata-se de uma construção setecentista, de bloco prismático, com soco quadrangular de três degraus, onde vai assentar a base simples e fuste octogonal, encimado por braços crucíferos com decoração fitomórfica, de onde evoluem os ferros de sujeição. O remate é paralelepipédico, com elementos heráldicos. A coluna é ornada por pequenas rosetas em algumas das suas faces. Além das armas de Portugal, a presença dos símbolos heráldicos dos Sampaios leva a crer que estes tenham sido os primeiros donatários. Há ainda uma figura masculina com uma chave na mão, embora por identificar, e uma figura feminina, tida como a Nossa Senhora de Balsamão. Aproveitando a visita a Chacim, recomendamos igualmente a descoberta da sua Igreja Matriz e do Solar.





142

Poço dos Paus
Chacim

Integrando-se no Terras de Cavaleiros Geoparque Mundial da UNESCO, este geossítio permite a observação de rochas que se formaram há cerca de 420 milhões de anos, durante a expansão do oceano primitivo Rheic – oceano este que acabou por desaparecer devido à colisão dos continentes que o limitavam. Aqui se encontra a prova da presença de uma crosta oceânica antiga, pois as rochas existentes permitem afirmar assegurada-mente que estamos perante o mesmo tipo de rochas que constituem as profundezas do oceano Atlântico. É possível observar bandas de rochas de cor escura (diques máficos) que romperam através de rochas com minerais claros e escuros (gabros). Estes diques máficos representam os canais por onde as lavas provenientes do interior do planeta ascenderam até ao fundo do oceano.



144

Real Filatório
Chacim

Sobre resguardo da aldeia de Chacim, escuda-se uma das pérolas mais ímpares do património português: o Real Filatório. Apesar de sobreviver apenas enquanto ruína, aquilo que resta do edifício construído em 1788 – para lá de cativar o imaginário – confirma a sua importância enquanto fábrica de fiação de seda com vigor económico e patrocínio régio. A estrutura remanescente indicia o uso da água enquanto força motriz e fornece-nos preciosas pistas sobre a atividade proto-industrial transmontana. Tendo funcionado simultaneamente como escola e fábrica de fiação de seda, ali terão sido introduzidos conhecimentos e técnicas trazidas de Itália, à época o produtor por excelência de seda na Europa. Assim, é no sopé da serra de Bornes que se descobre uma faceta pouco divulgada da história da economia nacional, sobretudo quando conjugada com a visita ao Centro Interpretativo do Real Filatório de Chacim, que, mesmo ao lado da ruína, traduz os dados sobre a antiga fábrica e sobre o espólio recolhido nas intervenções arqueológicas aí realizadas ao longo das últimas décadas.

145

Capela de São Bernardino
Gebelim

Esta capela dedicada a São Bernardino data de 1741 e recebe hoje em dia uma importante romaria na aldeia de Gebelim.

A sua fachada modesta é dominada por um portal de verga reta ladeado por grossas pilastras adossadas, que rematam em pirâmide boleada. Por sua vez, o frontão tem um pequeno nicho e prolonga-se até à empena, que é cortada por um campanário de estranhas proporções com uma ventana com um sino. Os cunhais da fachada são em cantaria e possuem remates piramidais. Do lado direito vê-se um alpendre sustentado por quatro colunas facetadas, sem decoração e assentes num pequeno muro. Do lado esquerdo está a sacristia. A cornija é em cantaria.

No espaço interior, composto por uma só nave, destaca-se a capela-mor com talha de feição rural. A cobertura de madeira policromada dá conta de uma representação rara de S. Bernardino, que se encontra bastante deteriorada.



146

Igreja de Nossa Senhora da Assunção
Sambade

Sendo a padroeira da freguesia, encontramos a imagem em mármore de Nossa Senhora da Assunção inscrita no nicho da Igreja Matriz de Sambade, classificada como imóvel de interesse público.

Quando se realizaram obras na igreja, foram encontrados vestígios de construções anteriores. A construção do imponente edifício que hoje vemos findou em 1798 e crê-se que tenha sido demorada, dado o seu custo elevado, que ficou a cargo da população e de uma família de apelido Silva.

Enquadrando-se na arquitetura barroca e neoclássica, a sua planta é longitudinal, com a capela-mor mais baixa e estreita que a nave, uma torre sineira ao endireito da fachada, a sacristia do lado norte e do outro lado a Casa das Almas. A fachada principal é bastante recortada e rematada por um frontão interrompido por aletas, com cruz no meio. De configuração semelhante à fachada, o portal tem um frontão semicircular, de onde rompe uma janela de linhas curvas.





147

Centro Interpretação do Território Sambade

O Centro de Interpretação do Território – que procura preservar os bens que compõem a história e acompanhar o desenvolvimento das comunidades transmontanas – localiza-se na aldeia de Sambade e foi inaugurado em 2015. Auxiliado pelas novas tecnologias, é capaz de traduzir para a atualidade vivências e diferentes formas de vida do passado, recorrendo também a fotografias com descrições imagéticas, diversas sinaléticas, instalações de vídeo e painéis linguísticos. Encontrando na figura do pastor o medidor da sua experiência interativa, o CIT proporciona aos visitantes experiências sensoriais relacionadas com elementos desta atividade, da natureza e da cultura que as interseciona.

Cereja

A cerejeira (Prunus avium) é oriunda da região da Ásia Menor mas, dada a popularidade do seu fruto colorido e suculento, hoje podemos encontrá-la em vários locais do mundo – desde que estes exibam um clima temperado que possibilite períodos consideráveis de exposição ao frio. Esta árvore prefere também um solo solto, de profundidade razoável e ligeiramente arenoso.

Em Trás-os-Montes, o seu cultivo é já uma tradição relativamente longínqua que vem a ser cada vez mais valorizada. Entre abril e maio, as cerejeiras enchem-se de belas flores brancas ou cor-de-rosa, dando nas vistas como umas das delícias visuais primaveris mais esperadas, sobretudo quando se encontram em pomares alargados. É comum ouvir-se dizer que a flor da cerejeira é uma das mais deslumbrantes e, para o justificar, evoca-se frequentemente o seu formato, bem como a delicadeza e espessura das suas pétalas.

Depois da floração, aparecem as tão preciosas cerejas, que atingem o seu vermelho intenso e maduro a partir da segunda quinzena de maio. No concelho de Alfândega da Fé, hoje emblemático pela qualidade da cereja ali produzida, a apanha estende-se até meados de junho. É também por esta altura e neste local que se realiza anualmente a Festa da Cereja&-co, um evento cultural e gastronómico que celebra este tesouro transmontano e a sua afinidade com outras tradições populares. Uma curiosidade que orgulha os seus produtores é o facto desta já ter sido selecionada para rechear os famosos bombons Mon Chéri.

Quando, há mais de 50 anos, o Engenheiro Camilo de Mendonça projetou para o concelho de Alfândega da Fé a maior plantação de cerejais da Península Ibérica, provavelmente não imaginaria que a sua visão teria impacto ao ponto do Município adotar como logomarca uns “brincos” de cereja.

Ou talvez imaginasse.



Quadrassal

Ao longo deste pitoresco trecho, montanhas imponentes e vales verdejantes revezam-se com aldeias genuínas onde persistem as casas de pedra tradicionais, antigas pontes ferroviárias, ermidas e vestígios de povoados romanos. Imperdíveis são também as variedades de queijo artesanal, os vinhos locais e o fumeiro tradicional que aqui se produzem.



154

Ermida de Nossa Senhora de Jerusalém
Jerusalém de Romeu

Sendo uma capela de devoção, a Capela de Nossa Senhora de Jerusalém do Romeu foi construída com origem em lendas da Nossa Senhora.



152

Cortiços
Macedo de Cavaleiros



Avantos 155



150

Centro Hípico
Grijó

A4

N15

154

Jerusalém do Romeu

Romeu





Cernadela

Vale de Lobo



Vila Verdinho



P O R T U G A L



Vila Verdinho
Mirandela

Romeu
Mirandela

A história de Jerusalém do Romeu está intimamente ligada à história da família Meneres, que aqui investiram na agricultura e criam condições para o desenvolvimento da localidade.



155

Igreja de Santo André
Avantos

Estando catalogada como Imóvel de Interesse Público desde 1986, a Igreja de Avantos é reconhecida pelo singularidade do seu campanário bem como, avançando para o seu interior, o púlpito e arco cruzeiro, aos quais se junta ainda a sumptuosa talha dourada presentes nos altares.

Amendoeira

Vale de Pradinhos





Vale Pradinhos
Macedo de Cavaleiros

157

156

Pinhovelo



157

Terronha de Pinhovelo
Pinhovelo

O conjunto total das estruturas escavadas aquando desta intervenção arqueológica de emergência colocam o povoado da Terronha "como uma das estações romanas mais imponentes do nordeste português".



Pinhovelo
Macedo de Cavaleiros



156

Pelourinho de Pinhovelo
Pinhovelo

Situado no centro da aldeia, este pelourinho foi construído em granito, material predominante na região, ostenta um escudo nacional lavrado e encimado por uma coroa.

N102-1

153

152

Cortiços

IP2

Carrapatas



153

Núcleo Museológico do Azeite
Cortiços

Baseado num antigo lagar, recuperado em 2005, este núcleo museológico oferece aos visitantes a possibilidade de contactar com o mundo da olivicultura e do azeite, atividades centrais na agricultura destas terras.



Vale de Lobo
Mirandela

Grijó de Vale Benfeito

150 151

Vale Benfeito



Romeu
Mirandela

Situada no concelho de Mirandela, uma aldeia pitoresca, entre vales verdejantes e montes. Também lhe chamam a aldeia das rosas, pela quantidade destas flores que ali existem.

A história de Jerusalém do Romeu está intimamente ligada à história da família Meneres, que aqui investiram na agricultura e criam condições para o desenvolvimento da localidade. Reza a história que a capela foi construída pela comunidade, a pedido de uma pastora a quem a Nossa Senhora apareceu. Para atestar a verdade desta solicitação, fez a Nossa Senhora brotar água, escassa na altura, na fonte do cabeço. Assim como todo o dinheiro que era preciso para a construção da capela, a pastora encontrava num buraco ou numa lapa. No largo, ainda é possível visitar o coreto, o cruzeiro e a fonte.

O ambiente bucólico e calmo cria uma agradável e convidativa atmosfera rural. Do alto do Monte de Nossa Senhora de Jerusalém e do local da ribeira do Quadrassal avista-se uma deslumbrante paisagem.



Vale de Lobo
Mirandela

Vale de Lobo é uma das aldeias mais intocadas do Nordeste Transmontano, podendo ainda hoje descobrir-se, em pleno largo central, o seu Lagar Comunitário de Azeite.

Este lagar é propriedade comum da população, lembrando o típico comunitarismo transmontano que foi norma até tempos não assim tão distantes e que ainda hoje se manifesta em muitos aspetos do quotidiano local. Apesar deste lagar já não se encontrar em funcionamento, os populares guardam memórias vivas da sua laboração, indicando que última confeção de azeite se terá dado em 1984/85.

Cada habitante podia fazer livremente o seu azeite, articulando-se estes entre si para definirem o dia de uso que seria reservado a cada um. Todos ofereciam assistência a quem dela precise, num regime de entreajuda conhecido por "torna jeira" – um termo emprestado de outras atividades agrícolas onde se verificava igualmente este auxílio mútuo. É também do largo onde este se situa que parte o conhecido Trilho de Vale de Lobo, um percurso com quase nove quilómetros de extensão que abrange caminhos rurais entre esta aldeia e a cidade de Mirandela.

Vale Pradinhos
Macedo de Cavaleiros

Nos últimos anos, a ancestral e pitoresca aldeia de Vale Pradinhos tem visto muitas das suas casas típicas serem recuperadas e o envelhecimento de que sofria combatido por novas iniciativas. Um exemplo emblemático desta revitalização é o evento que aqui se realiza anualmente à volta da confeção da "maior açorda de cogumelos do mundo". Centenas de forasteiros, oriundos de vários pontos de Portugal e do mundo, deslocam-se já à aldeia sobretudo – mas não só – nesta altura para provar o petisco e participar nas saídas, convívios e *workshops* micológicos a ela associados.

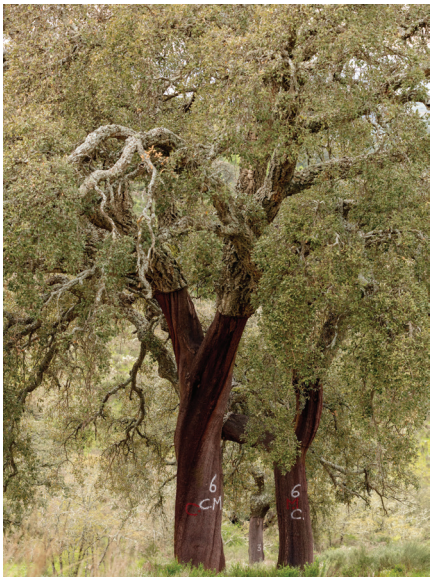
Também os conhecidos "vinhos de montanha" têm praticamente aqui o seu ponto de origem, situando-se o famoso *terroir* do Velho Mundo que os produz – uma exploração agrícola com 450 hectares estabelecida em 1913 – nas imediações da aldeia.





Cortiços
Macedo de Cavaleiros

A Aldeia de Cortiços estabelece-se como uma zona histórica, encontrando-se por toda a parte testemunhos dos tempos em que era uma "terra de fidalgos", vila e sede de concelho. Os três solares que se erguem no centro da localidade remontam aos tempos da Monarquia e, apesar de hoje terem detentores privados, continuam bem visíveis os antigos Paços do Concelho, cadeia, registo civil e tribunal. Mas há aqui outros marcos de referência na atualidade, como o Centro de Cyclin' Portugal – Quadrassal, cuja Porta de Entrada se localiza no requalificado edifício da antiga estação ferroviária de Cortiços. Esta faz ligação com a Porta de Entrada de Vale de Lobo, no município de Mirandela – que, por sua vez, motivou a requalificação do edifício da antiga escola primária dessa localidade.



Sobreiro

É no Quadrassal que se encontra a maior mancha contígua de sobreiro de floresta virgem da península ibérica, integrada na Rede Natura 2000, sendo a sua exploração particularmente importante para a subsistência da população das Terras de Trás-os-Montes. Até há relativamente pouco tempo, encontrava-se aqui em funcionamento uma fábrica de produção de rolhas, embora se encontre inativa de momento. É importante referir que os montados de sobro e os sobreirais têm também um importante papel ecológico, ajudando na conservação dos solos, na regularização dos ciclos hidrológicos e favorecendo a qualidade da água, para lá da produção de oxigénio e sequestro de carbono. Constituem ainda ecossistemas florestais extremamente ricos na sua biodiversidade e que agregam frequentemente a criação de espécies autóctones produtoras de carne e leite de qualidade, a prática da apicultura, ou ainda a recolha de cogumelos comestíveis.

150

Centro Hípico de Grijó
Grijó

Funcionando como centro nevrálgico para os entusiastas transmontanos da equitação – e sendo cada vez mais procurado por outros aficionados nacionais e internacionais – o Centro Hípico de Grijó foi recentemente remodelado e expandido. Hoje, para lá das concorridas aulas de equitação para crianças e adultos, oferece também espetáculos equestres e recebe eventos culturais que se intersectam com o hipismo.



151

Centro Interpretativo e Cercado do Corço
Grijó

O encantador corço é o menor cervídeo europeu, o que explica a razão pela qual é popularmente conhecido, por estas partes, como "Duende do Bosque". Num esforço de proteção deste animal, foi construído um cercado de cerca de 35 hectares munido com câmaras que facilitam o estudo do seu comportamento e hábitos reprodutivos. Os amantes da natureza encontram aqui a oportunidade para realizar a Rota do Corço e, ao longo de cerca de 6 km, contactar com esta espécie e com muitos outros exemplares da fauna diversificada que com eles partilha o habitat. Já no adjuvante Centro Interpretativo do Corço terá oportunidade de aprender mais sobre este animal fascinante e sobre a importância ecológica e cultural da conservação desta e de outras espécies.



153

Núcleo Museológico do Azeite Cortiços

O Núcleo Museológico do Azeite "Solar dos Cortiços", localizado na aldeia de Cortiços, integra a Rota do Azeite de Trás-os-Montes. É gerido pela família de Sá Miranda Patrício, edificando-se num antigo lagar, em xisto e granito, que deixou de laborar em 1953 e foi recuperado em 2005. Aqui, os visitantes têm a possibilidade de contactar com o mundo da olivicultura e do azeite, atividades centrais na agricultura transmontana, e ainda de descobrir a história da antiga Vila dos Cortiços.

Azeite

Ainda a região era denominada por *comarca de Trallos Montes* e já em torno do azeite giravam muitas das tradições do Nordeste. Os olivais de Mirandela, por exemplo, estão documentados como tendo originado na primeira metade do século XVI. Não é excessivo afirmar que esta é uma terra de azeites esplêndidos, entre os quais figuram objetivamente alguns dos mais bem cotados e amplamente apreciados do mundo – distinção que só é possível graças aos saberes milenares e chãos trabalhados ao longo de gerações pelas suas gentes. A sua cor amarela esverdeada é um dos seus fatores de distinção, sendo azeites de baixa a muito baixa acidez, qualificados como virgens ou extra-virgens, com cheiro e sabor a fruto fresco, por vezes amendoado, e com uma sensação notável de doce, verde, amargo e picante.



156

Pelourinho de Pinhovelo
Pinhovelo

Pinhovelo, um dos quatro lugares que compõem a atual freguesia de Amendoeira, constituiu um importante povoado medieval, tal como indicia a existência do seu pelourinho. Apesar de este não ter sido erigido aquando da elevação de Pinhovelo a vila, a sua eventual colocação viria reforçar a autonomia judicial do povoado, até pelo foral conferido por D. Manuel I em 1510.

O célebre sacerdote, arqueólogo e historiador brigantino Francisco Manuel Alves (1865-1947), commumente conhecido por Abade de Baçal, descreve-o com precisão: "é todo de granito aparelhado. Consta de pedestal assente sobre escadório de dois degraus, fuste oitavado, ornado por besantes em série, alternando com ponta de diamante, capitel quadrangular, tendo inscrita na frente a data de 1776, época provável em que foi reconstruído, paralelipípedo assente sobre o capitel, tendo na frente o escudo nacional com a orla de castelos, encimando tudo uma pirâmide cónica coroada por uma esfera, tudo de granito, como fica dito, alcançando quatro metros de altura." Está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1933.





157

Terronha de Pinhovelo
Pinhovelo

Situando-se na freguesia de Amendoeira, o imponente conjunto arqueológico da Terronha de Pinhovelo estende-se por uma área de cerca de 2,5 hectares. Funcionando originalmente como unidade doméstica para uma comunidade agro-pastoril e organizada em famílias nucleares de Zelas – uma divisão dos Ástures, um povo pré-romano que habitou no Noroeste da Península Ibérica –, este castro apresentaria ainda duas ou três linhas de muralha a Norte e dois taludes a Este e a Sul. Apesar destas defesas, os Zelas sofreriam eventualmente de ocupação romana como demonstra o espólio aqui exumado no âmbito do Projecto Terras Quentes. Entre as peças encontradas, há a destacar um artefacto em metal relacionado com um freio de animal, dois antoninianos, vastos exemplos de cerâmica comum, sigillatas, cerâmica de construção, vidros, moedas, utensílios de ferro, bronzes e ainda constituintes de moinho. A sua localização estratégica, permitindo o controlo sobre uma vasta área territorial dos vales adjacentes que se desenvolvem a Norte da serra de Bornes, na depressão de Macedo de Cavaleiros, terá motivado tanto a sua construção inicial como a sua posterior conquista.

Azibo

A área abrangente da Albufeira do Azibo oferece uma oportunidade de conexão com o mundo natural que funciona também como portal para a compreensão da cultura dos povos da Terra Quente. Ao apreendermos o entrelaçado dos ecossistemas, descobrimos os seus paralelos com os ritos ancestrais e os elos inquebráveis da vida em pequena comunidade.



158

Solar do Morgado Oliveira
Macedo de Cavaleiros

Também conhecido como Solar dos Morgados de Macedo, este esplendoroso solar brasonado do séc. XVII mantém-se na mesma família há mais de trezentos anos.



164

Casa do Careto
Podence

Os Caretos atravessaram fronteiras aquando do reconhecimento das Festas de Inverno de Podence como Património Cultural Imaterial da Humanidade. Esta é a sua casa por excelência.



162

Pelourinho de Vale de Prados
Vale de Prados



Aldeia de Banrezes
Vale da Porca



161

Santuário de Santo Ambrósio
Vale da Porca



167

Praia Fluvial da Ribeira
Podence

Lamas de Podence
N316
163
165
164
A4
Amendoeira
Arrifana
N102
Nogueirinha
N216
IP2
Vale de Prados
Pinhovelo
Macedo de Cavaleiros
158
159
Castelãos
PAISAGEM



163

Miradouro do Santuário de Nossa Senhora do Campo
Lamas



Paisagem Protegida do Azibo

A envolvente da Albufeira do Azibo é um resplandecente exemplo de equilíbrio ambiental, servindo tanto de santuário à biodiversidade como refúgio para os apreciadores da vida ao ar livre.



168

Estação da Biodiversidade
Santa Combinha

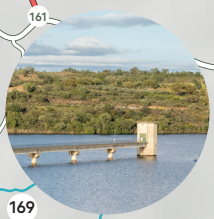
O percurso da Estação da Biodiversidade de Santa Combinha é um percurso pedestre circular, que permite observar 43 espécies de borboletas diurnas das 135 que se conhecem em Portugal Continental.



160

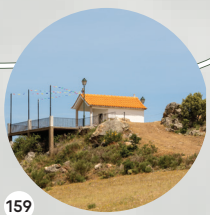
Museu Rural
Salselas

De essência etnográfica, o objetivo do Museu Rural de Salselas é, por meio do seu acervo, dar a conhecer o universo humano e a sociedade que são transversais a qualquer aldeia transmontana.



169

Barragem do Azibo
Vale da Porca



159

Santuário de São Marcos
Castelãos

Podence
Santa Combinha
Salselas
Vale da Porca
Rio Azibo
Limã
N216
167
166
168
169
160
161
ALBUFEIRA DO AZIBO
PROTEGIDA DA
PORTUGAL

Macedo de Cavaleiros

Macedo de Cavaleiros é um município especialmente notório pela singularidade das suas manifestações culturais – e que, contudo, são ainda rivalizadas pela beleza dos seus inúmeros tesouros naturais. Aqui, em pleno vale fértil, junto à Serra de Bornes, todos os recantos e encostas escondem uma maravilha própria: desde aldeias quase inalteradas, passando por preparos gastronómicos únicos, a folclores codificados e patrimónios ancestrais. No século XVIII, uma das principais atividades da região era a criação de bichos-de-seda, sendo hoje Macedo de Cavaleiros sede portuguesa da Rota Europeia da Seda. É também nesta região que se situa a famosa aldeia de Podence que, graças ao seus inconfundíveis Caretos, é hoje conhecida mundialmente.



Paisagem Protegida do Azibo
Macedo de Cavaleiros

Situada a 2 quilómetros de Macedo de Cavaleiros, a Paisagem Protegida da Albufeira do Azibo tem cerca de 4.000 hectares e está parcialmente incluída no Sítio de Interesse Comunitário "Morais", da rede Natura 2000. Os seus predicados ambientais integram-na também na Reserva da Biosfera Transfronteiriça da Meseta Ibérica, assim classificada pela UNESCO, a maior reserva da Europa. O nome Azibo é sinónimo de qualidade ambiental, beleza paisagística e de praias fluviais. Neste imenso lago, confluem espécies protegidas e há uma rede de percursos sinalizados, que encantam os adeptos de caminhadas e BTT. Existem ainda duas praias sucessivamente galardoadas com a Bandeira Azul: a Praia da Fraga da Pegada, a área balnear fluvial com mais Bandeiras Azuis em toda a Europa e a Praia da Ribeira, uma das 7 Maravilhas das Praias de Portugal.

166

Estação Náutica e Cais do Azibo
Macedo de Cavaleiros

Fazendo jus à beleza dos espelhos de água circundantes, a Estação Náutica e o Cais do Azibo foram pensados para potenciar a oferta náutica desta envolvente, facilitando a prática dos desportos aquáticos e promovendo as atividades recreativas nesta envolvente – e, de facto, têm vindo a ser cada vez mais procurados e reconhecidos pela qualidade e diversidade de experiências que proporcionam aos visitantes. A sua oferta procura integrar a descoberta da natureza e o reconhecimento da biodiversidade, potenciando também a observação das paisagens e a identificação da fauna e floras locais. Estes espaços funcionam também em articulação com outras atividades ao ar livre, nomeadamente as rotas, trilhos, percursos pedestres, cicloturismo e BTT, permitindo uma expansão destas práticas através de novos elos sobre água.







Aldeia de Banrezes
Vale da Porca

Partindo do Santuário de Santo Ambrósio, percorrendo um caminho de terra batida, começa inesperadamente a vislumbrar-se um vale onde, entre lameiros e montes, se compreendem as ruínas daquilo que aparenta ser uma população fantasma, completa com casas rurais e moinhos. Estamos perante a abandonada Aldeia de Banrezes – ou "Banrez", como se pronuncia localmente – que foi outrora sede de freguesia e que hoje se encontra completamente deserta. Os habitantes das redondezas explicam o fenómeno: há cerca de 150 anos, deu-se uma epidemia que dizimou quase toda a sua população. Tal espectro de infortúnio paira ainda hoje sobre a aldeia, desencorajando qualquer esforço de recuperação e alimentando o mito e as histórias que passam de boca em boca. Segundo a lenda, a doença ter-se-á espalhado na sequência da lavagem de um caixão comunitário, cujos vestígios terão contaminado a água das fontes e do rio Azibo. Os sobreviventes ter-se-ão mudado para as aldeias vizinhas, nunca regressando. Nas suas imediações, existe também uma ponte antiga, de provável construção medieval, cujo tabuleiro horizontal é suportado por um único arco de volta redonda.



161

Santuário de Sto. Ambrósio
Vale da Porca

Situando-se no planalto de Redondel – e, mais especificamente, no Alto de Redondelo –, a cerca de 3 quilómetros da aldeia de Vale de Porca, o Santuário de Santo Ambrósio é acolhido por uma envolvente muitíssimo arborizada e que convida à contemplação. A Festa que lhe é associada, em honra do padroeiro Santo Ambrósio, celebra-se há mais de um século no terceiro domingo do mês de agosto e arrasta verdadeiras romarias – chegando os fiéis aos milhares – até à localidade.

O conjunto do santuário é constituído por uma igreja, uma capela, casa da cera e apoiado por um bar e loja de recordações.





Geopark Terras de Cavaleiros
Macedo de Cavaleiros

Espreite a formação da Terra, descobrindo uma cadeia de montanhas geradas há cerca de 380-280 milhões de anos e que oferece testemunhos sobre a origem de dois continentes e um oceano – bastando para isto visitar o Geopark Terras de Cavaleiros.

Estendendo-se por uma área de cerca de 700 km^2, este geoparque inclui a majestosa Paisagem Protegida da Albufeira do Azibo, situada entre as serras de Nogueira e de Bornes, o Maciço de Morais, e ainda os exuberantes vales dos rios Sabor e Maçãs.

Entre uma copiosa variedade de paisagens naturais, encontrará 200 quilómetros de trilhos assinalados, distribuídos por 24 caminhos pedestres, e ainda 42 geossítios inventariados.

O geoparque é ainda lar de uma multiplicidade de espécies animais e vegetais, muitas das quais estritamente autóctones. Entre muitos outros seres vivos, as suas florestas de carvalho e pinheiro fornecem abrigo e sustento a veados, javalis, lobos e águias.

Os visitantes podem explorar a área recreativamente, através de um leque de atividades ao ar livre que incluem escalada, caminhadas pelas rotas ancestrais, observação de aves, ou canoagem ao longo dos rios "escultores", num convite ao contato direto com a história física da região.

Indispensável é também a fruição histórico-cultural junto das povoações que habitam esta região. Altamente recomendáveis, como não poderia deixar de ser em território transmontano, são as experiências gastronómicas que há a desvendar um pouco por todos os pontos habitacionais e de hospedaria do geoparque.

162

Pelourinho de Vale de Prados
Vale de Prados

Localizado na freguesia de Vale de Prados, este é um pelourinho de construção seiscentista, de tipo bloco prismático, com soco octogonal de três degraus, fuste octogonal, encimado por quatro braços pétreos, rematando em paralelepípedo com as faces ostentando elementos heráldicos. Um paralelepípedo assenta no capitel e as suas faces mostram uma figura lupina, um escudo, uma cruz e as armas nacionais. Rematando o conjunto, vemos um corpo lembrando um capacete com uma carranca humana na base. A base cúbica oitavada parece-se à do pelourinho de Torre de Dona Chama.





165

Igreja de Nossa Senhora da Purificação
Podence

Tendo-se também como igreja paroquial ou igreja matriz de Podence, este templo invoca Nossa Senhora da Purificação e foi construído no final do século XVII.

Embora pertença cronologicamente ao período barroco, a sua fachada segue um modelo comparativamente mais depurado, ao estilo tardo-maneirista.

Sendo precedida por escadaria e adro, esta igreja apresenta frontispício rasgado ao centro por portal de moldura reta, com pilastras laterais estriadas e rematado por um frontão triangular com nicho – conjunto este que termina numa empena rematada em sineira dupla. O interior, composto por nave única, com teto de madeira pintado com motivos de brutesco, possui coro-alto e púlpito, ambos de madeira. Nas paredes laterais, encontram-se dois retábulos rocaille – um dedicado ao Coração de Jesus e outro a Nossa Senhora – e ainda outros dois, de estilo barroco nacional com integração de elementos joaninos, em talha dourada, aludindo à vida de Cristo e a Santo António.

A capela-mor, coberta por teto de madeira pintado com a figura de Nossa Senhora com o Menino, tem ao centro um retábulo de talha tardo-maneirista, de estrutura tripartida, com a representação do Calvário ao centro. Nos painéis laterais, representa-se a Anunciação. Nos registos superior e inferior, as tábuas descrevem visualmente passagens da vida de Jesus.

Carnaval de Podence – Entrudo Chocalheiro
Podence

O Carnaval da Aldeia de Podence constitui um dos mais emblemáticos ícones culturais e folclóricos do país, sendo já uma referência no mundo inteiro. Este Entrudo Chocalheiro está desde 2019 classificado pela UNESCO como Património Cultural Imaterial da Humanidade, devendo-se a distinção maioritariamente ao simbolismo associado aos famosos caretos. Estas figuras – que se podem descrever como uma espécie de diabos saltimbancos – saem à rua envergando máscaras e trajes de farrapos de cores garridas, cobertos de chocalhos, para "atazanar as raparigas". Nestas manifestações, entrelaçam-se ecos de rituais de fertilidade ancestrais com outros conceitos, como a purga dos rigores do inverno ou as cerimónias de passagem à idade adulta ou de acesso à comunidade.

Mas o património da aldeia faz-se também da sua matéria física, aqui protagonizado pelo seu casario tradicional, composto por antigas residências rústicas, construídas em pedra. A este junta-se o também relevante edificado religioso, entre o qual se destaca a Igreja de Nossa Senhora da Purificação, que harmoniza manifestações da época barroca, do período neoclássico e arquitetura do século XX – e cuja simplicidade exterior contrasta com um interior sumptuoso.

Desde 2019, a aldeia conta também com grandes murais de arte urbana que, num estilo moderno e vibrante, recriam cenas do Entrudo Chocalheiro.





164

Casa do Careto
Podence

Aqui encontra-se o registo da tradição carnavalesca da aldeia de Podence, associada aos Caretos, representada nas telas das pintoras Graça Morais e Balbina Mendes e nas fotografias de António Pinto e Francisco Salgueiro.

Estão expostos os fatos, os chocalhos, as máscaras e toda a indumentária destas figuras sedutoras e enigmáticas, assim como os únicos seres que os Caretos respeitam nas suas tropelias, gritarias e chocalhadas no domingo e terça-feira de Carnaval, as marafonas.

Nesta casa podemos descobrir as raízes e desvendar o simbolismo por detrás deste ritual, bem como aquilo que o distingue ou aproxima de outras celebrações análogas típicas da região.

Ao longo da exposição, somos transportados até ao "tempo longo", quando os hábitos das pessoas se organizavam em torno dos ritmos do ciclo agrário e compreendemos como as funções sociais e culturais do Entrudo ultrapassam largamente o assinalar do final dos rigores de inverno e a entrada no ciclo produtivo da primavera.



Terras de Ledra

No século XII, Ledra regia-se enquanto importante divisão administrava acabada de integrar nas Terras de Portugal – e muitos marcos desse tempo longínquo resistem até aos dias de hoje. Ao longo deste traçado, descobrirá não só documentos arquitetónicos mas também particularidades das tradições ancestrais, que incluem o papel da oliveira e do azeite para o desenvolvimento das comunidades e a função da sátira nas celebrações festivas.



Torre de Dona Chama
Mirandela



175

Pelourinho de Torre Dona Chama
Torre Dona Chama



179

Castro de São Juzende
Arcas

O Castro de São Juzenda, situa-se num local elevado junto à aldeia de Vale de Prados perto do rio Tuela. Este castro foi edificado na Idade do Ferro, sendo constituído por duas linhas de muralha de xisto. Foi novamente povoado durante o período romano.



176

Ponte sobre o rio Tuela
Torre de Dona Chama

Inicialmente de construção romana a ponte sofreu posteriores alterações que, no entanto, não lhe retiraram nem o seu carácter, nem a sua qualidade arquitetónica.



177

Igreja de São Mamede
Guide

Rio Tuela
Vila Nova da Rainha
N206
174
Torre de Dona Chama
175
176
177
Guide
178
Vilares
179

Agrochão

Argana



Argana
Macedo de Cavaleiros



172

Igreja de Santo Antão
Vilarinho de Agrochão

Denominada Igreja Santo Antão de Vilarinho de Agrochão, em honra do Santo padroeiro da aldeia, este templo foi edificado no primeiro quartel do séc. XVIII.

Lamalonga
173

Vilarinho de Agrochão
172



173

Igreja de Nossa Senhora dos Reis
Lamalonga

Foi construída em 1767, data inscrita na fachada, por cima do portal, num nicho onde se vê a imagem de Santo António.

P O R T U G A L



171

Igreja e Pelourinho de Nozelos
Nozelos

Os fragmentos deste pelourinho permitiram a reconstrução de um fuste octavado, com capitel e um pequeno remate, talhado no mesmo bloco.



178

Praia Fluvial de Guide e Ribeirinha
Torre Dona Chama

Arcas
170

Nozelos
171



170

Solar das Arcas
Arcas

Este importante Solar é amplamente considerado um dos melhores exemplos da casa nobre setecentista transmontana.



174

Castro Luso Romano do Monte de São Brás
Torre de Dona Chama



Argana
Macedo de Cavaleiros

No extremo noroeste do concelho de Macedo de Cavaleiros, integrando-se na freguesia de Lamalonga, há a descobrir a serena e cativante aldeia de Argana – onde, incrivelmente, podemos ainda calcorrear as mesmas ruas marcadas a granito que ali foram traçadas nos longínquos tempos da ocupação romana. Por aqui se estende, por exemplo, o Caminho do Bugio, um troço da Via XVII, a mais antiga das vias romanas do noroeste peninsular, construída entre os anos 5 e 2 a.C. Recentemente, foram feitas novas investigações no sentido de identificar outros troços ancestrais que por aqui passavam, dadas as informações dadas pelos populares sobre "estradas antigas" que aqui existiriam. Desse esforço, entre outras descobertas, resultou a identificação de um miliário – um dos marcos que eram colocados de milha em milha ao longo das vias romanas – até aqui por catalogar. Na memória popular está ainda hoje presente a noção de que Argana seria, em tempos muitos antigos, o "centro do mundo". Para lá da interpretação mais mitológica desta noção enquanto *axis mundi* – o centro nevrálgico da civilização, favorecido na sua ligação entre a realidade terrena e outros planos –, este conceito pode referir igualmente um ponto de origem ou de interseção de várias rotas, o que parece ser plausível no caso de Argana.

Ainda a lembrar a ocupação romana, também aqui pode ser visitada uma fonte de mergulho típica dessa época, juntando-se esta a muitas outras que podem ser encontradas um pouco por todas as freguesias de Macedo de Cavaleiros.



170

Solar das Arcas
Arcas

O Solar das Arcas, situado no concelho de Macedo de Cavaleiros e classificado como Monumento de Interesse Público, afirma-se como um dos mais importantes exemplares da casa nobre transmontana do século XVIII. Tal como é norma vigente no que toca às residências citadinas senhoriais barrocas, desenvolve-se em comprimento, incluindo uma capela privada numa das extremidades da fachada.

A sua planta retangular apresenta dois pisos e a fachada é marcada por um ritmo simétrico de vãos, entre os quais sobressai o brasão de armas esquartelado dos seus proprietários originais. A capela integrada apresenta uma nave única cujo retábulo-mor *rocaille* se encontra em talha dourada e pintada em ricos tons de azul.

O seu jardim requintado e de risco erudito merece especial nota de destaque, até pela raridade da ocorrência deste tipo de espaço de lazer na região.



172

Igreja de Santo Antão
Vilarinho de Agrochão

Distinguindo-se imediatamente pela sua fachada robusta em granito – um dos apanágios arquitetónicos da região – este templo de estilo barroco foi construído no primeiro quartel do século XVIII, sendo dedicado a Santo Antão, padroeiro da aldeia de Vilarinho de Agrochão. Também na fachada, há a salientar a presença de várias imagens em nichos. Apesar de apresentar uma única nave, o seu interior é particularmente rico em detalhes: o teto inclui caixotões pintados a óleo com cenas do calendário hagiológico, antecipando o coro-alto em madeira que surge mais ao fundo; o arco triunfal é enquadrado por moldura de talha dourada e ladeado por dois altares ornamentados; a capela-mor é revistada por pinturas com motivos florais e, não menos impressionante, é o seu retábulo-mor, em talha com tribuna e trono, onde se insere ainda o sacrário.

174

Castro Luso Romano do Monte de São Brás
Torre de Dona Chama

O Castro de São Brás localiza-se na freguesia Torre de Dona Chama no lugar conhecido por São Brás. A sua ocupação remonta, provavelmente, ao Bronze Final, atendendo aos machados de dupla face do tipo monteagudo aqui descobertos. A documentação, cruzada com os vestígios de superfície, sugerem uma ocupação de forma contínua desde o Bronze Final, com uma nítida presença no período romano, até à Idade Moderna. No período romano a via XVII, que ligava Braga a Astorga, passaria pelo Castro de São Brás, havendo, possivelmente, nas zonas baixas, e onde é hoje a zona antiga da Torre de Dona Chama, uma mutatio – na Roma antiga, uma mutatio era uma zona de paragem, para descansar e cuidar dos animais que se utilizavam como transporte.

Acredita-se que este castro terá servido de oppidum, um tipo de refúgio fortificado elevado.





175

Pelourinho de Torre de Dona Chama
Torre de Dona Chama

O Pelourinho de Torre de Dona Chama fica localizado no Largo Padre António Moas na zona antiga da Vila de Torre de Dona Chama.

O pelourinho ergue-se sobre plataforma constituída por três degraus quadrangulares de aresta, de pedra de granito aparelhada, estando o térreo enterrado no solo. A coluna possui base quadrangular, afeiçoada no topo, de forma a aproximar-se da secção do fuste. Encima-o um colarinho e ábaco saliente, ao modo de tabuleiro, no qual assentam quatro braços em cruz, ao modo de cachorros, com cabeças de animais salientes nos ângulos.Estas representações zoomórficas são por vezes identificadas como berrões. A peça de remate é composta por um grande bloco prismático, com o escudo das quinas numa das faces, e um largo tabuleiro saliente no topo. A coroar o monumento, uma pequena peanha quadrada sustenta um pináculo bojudo de bom tamanho, com remate esférico.

A datação deste pelourinho tem sido motivo de várias especulações. Tem sido atribuído ao reinado de D. Dinis, no século XIII, mas parece mais provável que o conjunto final resulte de várias intervenções, cronologicamente desfasadas.





176

Ponte Sobre o Rio Tuela
Torre de Dona Chama

Situa-se sobre o rio Tuela, a cerca de três quilómetros da sede de freguesia da Torre de D. Chama, e tem ainda utilização rodoviária, servindo como travessia à EN 206, entre a primeira localidade e Valpaços. Terá sido inicialmente uma construção romana que sofreu posteriores alterações que, no entanto, não lhe retiraram nem o seu carácter, nem a sua qualidade arquitetónica. Esta monumental ponte em alvenaria de cantaria de granito é constituída por seis arcos de volta perfeita, com um raio de cerca de 4,4m, reforçados, junto aos pegões, por talhamares que atingem a cota do tabuleiro e que acabam por funcionar também como contrafortes da estrutura. As aduelas dos arcos encontram-se colocadas em cunha sendo bem visíveis as marcas de fórfex.

O seu tabuleiro retilíneo e horizontal, protegido lateralmente por guardas, tem cerca de 100m de comprimento por uma largura de 6,3m e encontra-se a uma altura de cerca de 6,5m acima do leito do rio. Eventualmente, esta ponte, junto da qual se encontrou um marco miliário anepígrafo, integraria a via romana que das atuais Léon e Astorga se dirigia a Zamora e Salamanca. Durante a Idade Média passaria por aqui um importante eixo viário regional que de Guimarães se dirigia a Bragança.



177

Igreja de São Mamede
Guide

A fachada principal da Igreja de Guide é dominada pela portada de verga reta, encimada por um frontão triangular interrompido, sobre o qual se insere um pequeno nicho. A empena tem ao centro uma janela-óculo e é cortada por um campanário em granito com dois sinos, que termina com duas pequenas urnas e uma pequena cruz. Os cunhais são sobrepujados por urnas idênticas às do campanário.

No interior o pavimento tem demarcadas as sepulturas onde outrora se procedia à inumação dos paroquianos. A cobertura é de madeira em abóbada de berço e está pintada com as armas de Portugal, rodeadas por um pequeno filete fitomórfico. Os dois altares colaterais de talha policroma ligam-se aos dois altares colocados em chanfra, formando com o arco triunfal um conjunto único. Na capela-mor tem um retábulo de talha dourada com colunas salomónicas a suportar o arco polilobado e o trono central. O teto curvo de madeira pintada tem um grande medalhão central.



173

Igreja de Nossa Senhora dos Reis
Lamalonga

Constituindo um dos exemplares mais singulares do barroco transmontano, a Igreja Matriz de Lamalonga – popularmente conhecida como Igreja de Nossa Senhora dos Reis – foi inaugurada em 1767. Diferencia este templo o facto de todos os seus elementos arquitetónicos e artísticos pertencerem exclusivamente ao período barroco, tendo quase todos estes sido executados ao longo da segunda metade do século XVIII.

Deste conjunto, há a destacar a composição de pintura e talha dourada que estrutura as portas, janelas, arco triunfal, retábulo da capela-mor e o próprio teto – no qual figuram 55 caixotões de talha decorados com composições pictóricas. Entre os seus visitantes, um atrativo muito popular é o presépio setecentista de ímpar raridade que ali pode ser descoberto.

Festa de Santo Estêvão
Torre de Dona Chama

A Festa dos Caretos, dos Rapazes e de Santo Estêvão, que decorre nos dias 25 e 26 de dezembro e constitui Património Cultural Imaterial, é um bastião identitário para os filhos da freguesia de Torre de Dona Chama – que ritualmente retornam à origem para participar destes dias. Mesmo inserindo-se num território altamente marcado por festividades próprias, esta Festa dos Caretos reúne algumas das mais peculiares manifestações culturais de todo o mundo transmontano. A premissa que dá pano de fundo a todos os acontecimentos é a recreação de uma batalha semi-lendária entre "mouros" (aqui representados pelos caretos) e "cristãos" (representados pelos mordomos) que terá culminado na reconquista do castelo (ou "torre") associado à povoação local. No entanto, esta teatralização parece ter origens ainda mais longínquas, advindo de tempos ancestrais onde a luta exibida oporia forças alegóricas do "bem" e do "mal". Com o tempo, esta batalha tomaria a temática que é hoje recriada. Mas este é apenas um dos constituintes das celebrações.

Na noite de 25, dá-se o acender do madeiro, uma gigantesca fogueira tradicional, e inicia-se o fulguroso ritual de sátira social "Manda el Rei meu Senhor que Saiam os Jogos à Praça". No decorrer desta noite, os rapazes sequestram, semi-encenadamente, diversos burros pertencentes a membros da povoação. Isto acontece para replicar a ideia de que, na véspera da referida batalha, os "cristãos" teriam roubado as montarias aos "mouros", de modo a enfraquecê-los. A mascarar a operação, aparece o *Pastor e o Seu Rebanho* (um adulto que acompanha as crianças da aldeia) que teatralmente distraem as vítimas (cooperantes) para que estas não se apercebam do furto dos animais.



Na madrugada seguinte, rebenta a pândega: dá-se a cavalgada dos burros e a saída da "ciganada" e das "madamas" (rapazes vestidos de raparigas e raparigas vestidas de rapazes).

À tarde, celebra-se a missa a Santo Estêvão, onde se inclui a bênção do pão e, de seguida, acontece a "batalha" propriamente dita, com lutas corpo a corpo simuladas e o assalto final ao castelo que simboliza a estocada final e derrota dos "mouros".



Três Rios

Ao longo dos séculos, a Bacia do Tua foi habitada por diferentes povos, que aqui deixaram riquíssimos testemunhos da sua passagem – desde abrigos rupestres a antigas aldeias, passando por igrejas e castelos medievais. Certamente, terá sido a mesma resplandecência da natureza, que até hoje continua a impressionar os visitantes, que terá motivado a sua fixação neste local.



184

Praia Fluvial da Maravilha
Mirandela

Este local condensa três atrativos principais: a Praia Fluvial da Maravilha, a Piscina da Maravilha e o Parque de Campismo e Caravanismo de Mirandela. É aqui que se conjugam os "Três Rios", denominação dada ao encontro dos caudais do Rabaçal e do Tuela, que assim dão origem a um "terceiro rio", o Tua.



182

Praia Fluvial de Miradeses
Miradeses



192

Pelourinho de Lamas de Orelhão
Lamas de Orelhão



Rio Tua

O rio Tua está rodeado de paisagens arrebatadoras que impressionam pela sua beleza natural, sendo protagonista de um cenário imperioso onde se respira toda a imponência da natureza.



183

Praia Fluvial de Vale Juncal
Vale Juncal



191

Buraco da Pala
Passos

O Buraco da Pala e os "Abrigos rupestres do Regato das Bouças" estão situados na Serra de Santa Comba – num dos cumes e na costa Leste da Serra, respetivamente.



185

Ponte Sobre o Tua
Mirandela

A Ponte sobre o rio Tua ou Ponte Velha, fica situada na freguesia e lugar de Mirandela, faz a ligação entre a Rua D. Manuel I, onde se implanta a zona antiga da cidade, e a Avenida Nossa Senhora do Amparo, situada na margem direita.

Rio Torto

Póvoa de Lila

Pai Torto

PORTUGAL

São Pedro de Veiga de Lila

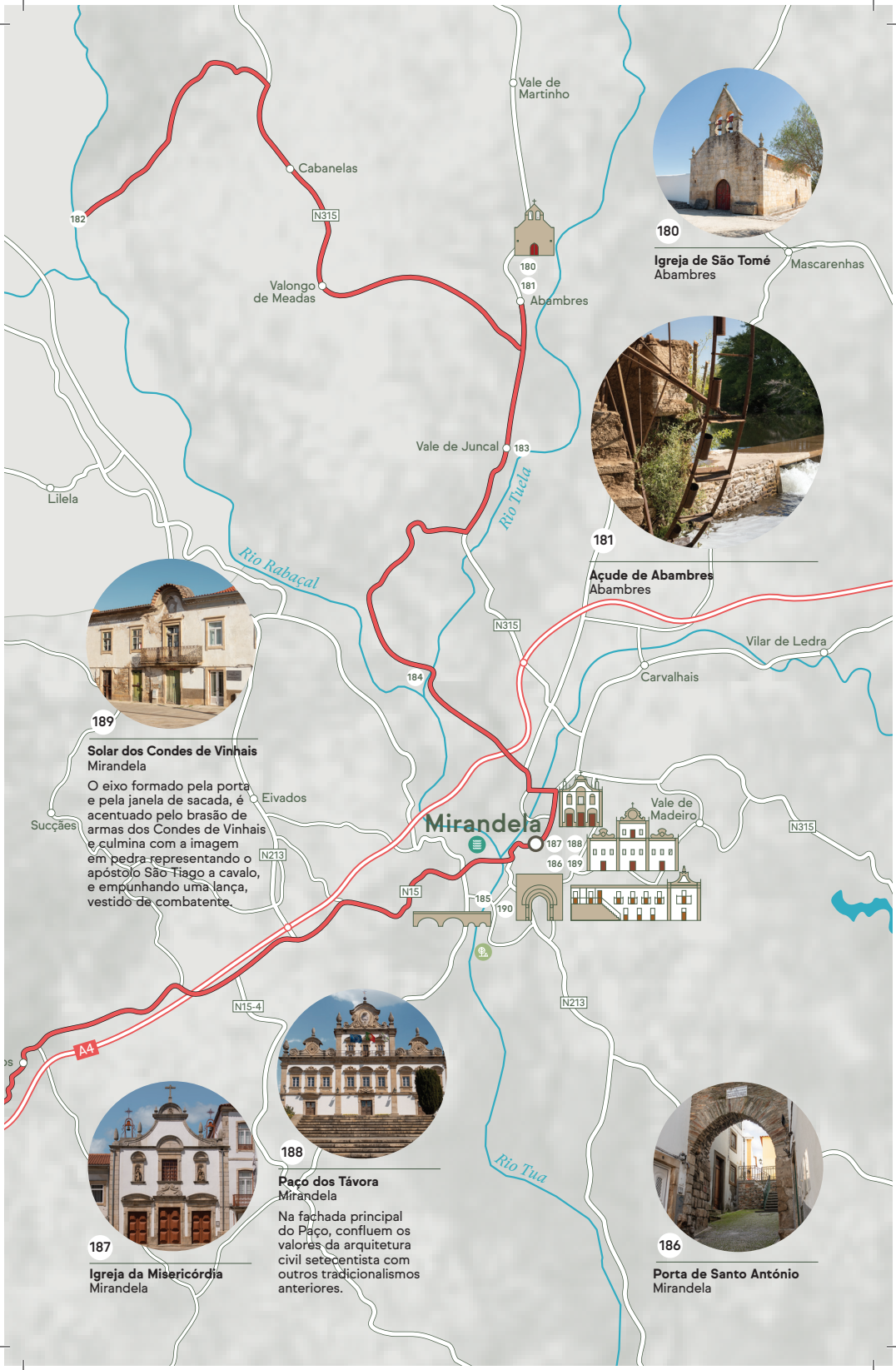
Passos

191

Lamas de Orelhão

192

Franco



180

Igreja de São Tomé
Abambres

181

Açude de Abambres
Abambres

189

Solar dos Condes de Vinhais
Mirandela

O eixo formado pela porta e pela janela de sacada, é acentuado pelo brasão de armas dos Condes de Vinhais e culmina com a imagem em pedra representando o apóstolo São Tiago a cavalo, e empunhando uma lança, vestido de combatente.

188

Paço dos Távora
Mirandela

Na fachada principal do Paço, confluem os valores da arquitetura civil setecentista com outros tradicionalismos anteriores.

187

Igreja da Misericórdia
Mirandela

186

Porta de Santo António
Mirandela

Mirandela

Sendo popularmente conhecida como Princesa do Tua e assumindo-se como "cidade-jardim", Mirandela – cidade que é também sede do município de mesmo nome – situa-se em pleno Vale do Ria Tua, numa zona aplanada de altitude relativamente baixa, complementada por solos férteis e generosos. Em contraste, rodeiam-na montes elevados, pelo que aqui se desenvolve um microclima muito propício ao cultivo de fruta e oliveira – sendo o azeite um dos mais aclamados produtos gastronómicos daqui provenientes, a par da famosa alheira.



185

Ponte Romana
Mirandela

Encontrando-se classificada como Monumento Nacional desde 1910, esta ponte emblemática faz a ligação entre a zona antiga da cidade, na margem esquerda, e a parte mais recente, na margem direita. Ao longo dos tempos, sofreu várias intervenções e reconstruções, mas integra ainda hoje indícios daquela que terá sido a sua primeira encarnação. No séc. XV, terá conhecido uma primeira reconstrução mas foi no século a seguir, durante o reinado de D. Manuel I, que se iniciou a edificação mais próxima do imóvel que hoje conhecemos. Em 1909, devido a grandes cheias, deu-se a derrocada de quatro dos seus arcos. Em 1910, este foram substituídos por dois outros de maiores dimensões, resultando nos 17 arcos hoje visíveis.





Queijo de Cabra Transmontano DOP e Cabrito Transmontano DOP
Mirandela

Constituindo o único queijo de cabra DOP (Denominação de Origem Protegida) português, este produto é altamente apreciado pelo seu sabor puro e de ligeiríssimo travo picante, pasta semi-dura, textura agradável e aroma intenso. Na sua produção, conservam-se ainda os métodos tradicionais, sendo o leite que lhe dá origem exclusivamente proveniente de cabras autóctones de raça Serrana. Da mesma maneira, o maneio dos animais segue princípios ancestrais, como a alimentação livre em pousios, à base de vegetação espontânea – princípios estes imprescindíveis para garantir a este queijo as suas qualidades inconfundíveis. É também a partir desta antiquíssima raça caprina rústica que se obtém o famoso Cabrito Transmontano DOP, uma carne apreciada pela sua elevada palatibilidade, ternura e suculência e que constitui um dos maiores ícones da gastronomia transmontana.



Alheira de Mirandela IGP
Mirandela

A Alheira de Mirandela IGP (Indicação Geográfica Protegida) ocupa o imaginário nacional como um dos mais reconhecíveis e procurados produtos gastronómicos provenientes do Nordeste Transmontano. Apresenta-se enquanto enchido fumado, aproximadamente cilíndrico e em forma de ferradura. Entre os ingredientes que a compõem encontram-se a carne de porco, a carne de galinha ou peru, o pão de trigo tradicional, o azeite local e a banha – virtuosamente condimentados com sal, alho e colorau e/ou picante. Outras versões igualmente típicas da receita incluem também carne de animais de caça, carne de vaca, salpicão e presunto envelhecido. A partir da combinação destes ingredientes obtém-se a pasta fina e grumosa que perfaz o interior da alheira, entre a qual se distinguem sempre apetitosos pedaços de carnes desfiadas. Rematando-a, encontra-se um invólucro de tripa natural, de vaca ou porco. De acordo com os registos existentes, a sua notoriedade e sabor são assuntos de imprensa pelo menos desde 1957.

180

Igreja de S. Tomé
Abambres

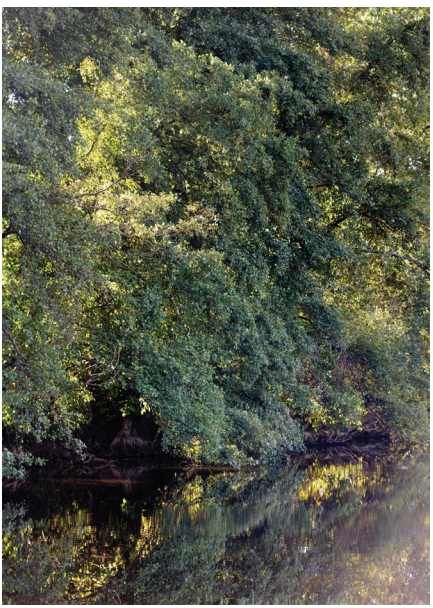
A Igreja de S. Tomé é uma edificação do século XIII, onde se destaca sobretudo o considerável acervo de pintura mural que decora o seu espaço interior. Este mesmo interior, com cobertura em falsa abóbada de berço abatido com tirantes de metal, exibe um coro-alto, pia batismal sob o coro, retábulo no lado da Epístola, púlpito com bacia quadrangular no lado do Evangelho com escada de pedra e guardas de madeira com balaústres polícromos. O paramento da nave no lado do Evangelho possui pinturas murais em *trompe l'oeil* de composição retabular com arquiteturas fingidas. Apresenta um arco triunfal pleno, com intradorso revestido a talha dourada formando caixotões e aduelas pintadas de motivos vegetatistas. Nas ilhargas, há fragmentos de pinturas murais figurando, do lado da Epístola, inferiormente o "Martírio de São Sebastião" e superiormente a "Descida da Cruz". No lado do Evangelho, surge um fragmento de outra cena da Paixão e, sobre o arco triunfal, o "Calvário". A Capela-mor está cobertura de madeira curva pintada com balaustrada e motivos vegetalistas, medalhões vários e as armas de Portugal. Os alçados laterais estão decorados com pinturas murais onde figura "A Última Ceia", no lado do Evangelho, e "a Natividade", no lado da Epístola. O Altar-mor apresenta talha com sacrário e trono central, ladeado por duas telas figurando São Pedro e São Paulo, entre colunas salomónicas.



183

Praia Fluvial de Vale Juncal
Vale Juncal

Enquanto umas das maravilhas veraneantes menos conhecidas da região, a praia fluvial de Vale de Juncal e o seu magnífico açude continuam a servir a povoação da aldeia que lhe dá nome e a fazer as delícias dos ainda raros visitantes. O rio não tem correntes nem remoinhos, o que o torna apropriado para toda a família, existindo ainda uma zona de apoio com bar e parque de merendas.





184

Praia Fluvial da Maravilha
Mirandela

Justamente onde os rios Rabaçal e Tuela se encontram, originando o rio Tua, fica localizada a Praia Fluvial da Maravilha. Trata-se de uma zona verdejante e calma, onde é possível ir a banhos em plena harmonia com a natureza, desfrutar de um relaxante passeio de canoa ou até pescar recreativamente. A água é tipicamente calma e apresenta geralmente uma temperatura agradável, rondando os 24 °C. Neste epicentro veraneante, encontrará também a Piscina da Maravilha e o Parque de Campismo e Caravanismo de Mirandela.





Antiga Linha do Tua

A antiga Linha da Tua constitui uma das mais afamadas – e não menos romantizadas – ligações ferroviárias do país. A sua famosa via estreita acompanhou 134 quilómetros das mais deslumbrantes paisagens mundiais, ligando Foz Tua até a cidade de Bragança. Até aos dias de hoje, a parte do percurso que seguia a sinuosidade do vale do rio Tua (desde a sua foz no rio Douro) até Mirandela, continua a ser dos troços ferroviários mais fabulados e apreciados da história. A partir daí, as locomotivas atravessavam o planalto transmontano numa subida permanente até Rossas, a estação a maior altitude do país, antes da descida até Bragança. Sendo inicialmente denominada Linha de Mirandella, esta ligação emblemática foi construída em duas fases e, quando concluída, incluía 10 túneis, 4 viadutos e 17 pontes.

Desativada desde a década de 90 do século anterior, esta linha está agora a ser aproveitada para ecopista que liga Bragança a Mirandela.

Rio Tua

Ladeando-se de paisagens impressionantes e quadros naturais incomparáveis, o rio Tua comporta cerca de 40 quilómetros e resulta do convergir dos rios Rabaçal e Tuela, rios estes com nasceste em Espanha. Na sua extensão passa pelos concelhos de Mirandela, Vila Flor, Carrazeda de Ansiães, Murça e Alijó e constitui um imperioso afluente da margem direita do rio Douro.

186

Porta de Santo António
Mirandela

Originalmente, o Castelo de Mirandela possuía uma muralha e quatro portas – a porta de Santo António, a porta de Santiago, a porta da Portela e ainda o postigo de São José. Em frente à porta de Santo António, por onde apenas se entrava para o interior da muralha a pé – uma vez que a rua era muito íngreme – existiu a uns 15 metros de distância uma barbacã (muro construído diante das muralhas e mais baixo do que elas), destinada a defender este ponto de acesso. E é justamente a porta de Santo António, formada por um arco de 2,60 por 1,80 metros, a única que resta da ancestral muralha do castelo de Mirandela. A rua de Santo António, onde se situa o arco, era outrora a mais movimentada e mercantil da vila. Do lado de dentro do arco ainda se notam as ranhuras que recebiam os gonzos do antigo portão ferrado.





188

Paço dos Távora
Mirandela

É na fachada principal do Paço que se concentra todo o dinamismo dos valores da arquitetura civil de setecentos, com a tendência horizontalizante da casa comprida, seccionada por pilastras. Mas também ali observamos a persistência de tradicionalismos vários, como a memória da casa-torre, e a acentuada verticalidade do corpo central, com três pisos.

No corpo mais elevado, o remate central é constituído por aletas e por uma cartela onde figurava o brasão, que foi picado após a desgraça que se abateu sobre os Távoras, acusados de tentativa de regicídio, em 1758. Foi o brasão já picado, substituído em 1863, pelo dos Condes de São Vicente, que ficaram á posse do Paço deixando o edifício ao abandono e à ruína. Este brasão é o que ainda hoje se mantém no edifício convertido nos Paços do Concelho (Câmara Municipal).

No átrio do Paço, e na parede do arco central fechado, encontra-se colocado um painel de azulejos datado de 1956, com representação do brasão da Vila de Mirandela, elevada a cidade em 16 de maio de 1984.

187

Igreja da Misericórdia
Mirandela

Afigurando um dos mais vultuosos marcos religiosos da zona antiga de Mirandela, a Igreja da Misericórdia remonta a finais do século XVII e compõe um exemplo do estilo maneirista. A sua construção é originalmente encomendada em 1671 pela Irmandade da Misericórdia de Mirandela – que ali se tinha instalado em 1518 – após a ruína do seu templo inicial na Rua da Ponte. No entanto, o mestre pedreiro Manuel da Veiga não terá cumprido os termos do contrato e as obras acabam por ser adjudicadas novamente em 1675, desta vez a António Gomes.

A sua planta apresenta dois volumes retangulares, a nave e a capela-mor. Três registos com três panos distintos compõe a fachada: no primeiro, destacam-se três portas com moldura, sendo as laterais encimadas por frontões semicirculares e do centro por volutas; no segundo, destaca-se um janelão ladeado por dois nichos que incluem as imagens de São João da Mata e São Félix de Valois (os fundadores da Ordem dos Trinos). O frontispício é rematado por frontão com pináculos, encontrando-se ao seu centro uma Pietá.

No interior, a nave apresenta dois púlpitos de pedra lavrada policromada e ainda quatro retábulos laterais – dois afetos ao Evangelho, dedicados a Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora do Rosário e, do outro lado, dois afetos à Senhora da Cana Verde e à Nossa Senhora dos Prazeres.

A bandeira da Misericórdia e uma representação de Cristo fazem-se enquadrar pelo arco triunfal, de volta perfeita. A capela-mor é encimada por abóbada de caixotões de talha dourada e as suas paredes são decoradas por pintura mural com azulejos e mármores em *trompe-l'oeil*. Há ainda a destacar o retábulo de talha dourada, com tribuna e trono, que inclui intrincados relevos em madeira de castanho e que foi edificado já no século XVIII, denotando influência Barroca.



190

Museu da Oliveira e do Azeite
Mirandela

Estabelecendo-se nas antigas instalações da Moagem Mirandelense – em si uma peça de arqueologia industrial – e resultando de um projeto auspicioso do arquiteto Manuel Graça Dias, o Museu da Oliveira e do Azeite constitui um espaço muito rico e surpreendente em termos espaciais e históricos. Ao longo da visita, compreendemos a transformação – e não dissipação – do edifício original em termos verdadeiramente narrativos, fazendo uso de compartimentos e acrescentos, materializados em madeira, ferro e betão e girando em torno de um pavilhão central quadrado, em pedra. Também a luz e a sua imensidão são captadas ou omitidas ao longo do trajeto arquitetónico, resultando numa experiência que metaforiza os ciclos associados à olivicultura e à produção do azeite. Já a exposição propriamente dita apresenta o mais diverso material etnográfico e explora não só a componente agrícola, gastronómica e cultural associada a estes produtos, mas também áreas tangenciais como a indústria farmacêutica, iluminação, aquecimento, cosmética e indústria conserveira.



191

Buraco da Pala
Passos

Num dos cumes da Serra dos Passos – formação montanhosa cuja importância é já reconhecida pela Federação Internacional de Arte Rupestre – localiza-se o Buraco da Pala, um abrigo rochoso de um único compartimento que terá conhecido três momentos distintos de ocupação humana. O primeiro terá acontecido ainda no período Neolítico, entre 2800–2500 a.C. e outros ter-se-ão estendido até à Idade do Cobre. A sua função terá também variado entre espaço sazonal de habitação e local de armazenamento de produtos agrícolas. Alguma pintura mural esquemática aqui realizada resiste até aos dias de hoje.





Cabra Serrana

A Cabra Serrana é facilmente reconhecível pela sua pelagem comprida – é, aliás, a única raça caprina autóctone que apresenta esta característica –, coloração cinza e cornos dirigidos para trás em forma de sabre. Embora estes atributos indiciam a sua proximidade genética com a cabra selvagem, este animal é especialmente querido no imaginário popular local pelo seu temperamento gentil, inteligência e sensibilidade. É desta raça que se produz o Cabrito Transmontano DOP e também o Queijo de Cabra Transmontano DOP. O segredo para a qualidade extraordinária destes produtos está na alimentação dos animais, que pastam livremente sobre a vegetação espontânea existente na região.



192

Pelourinho de Lamas de Orelhão
Mirandela

Erguendo-se num largo da localidade de Lamas de Orelhão – freguesia que foi villa e sede de um extenso concelho entre 1259 e 1853 –, este pelourinho medieval está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1931. Assenta sobre plataforma de três degraus circulares de aresta, muito rústicos, completados por um tronco cónico liso, com dupla moldura toral superior. É esta peça que serve de base à coluna, de fuste cilíndrico e liso, com ligeira entasis, adelgaçando junto ao topo. Nele repousa um capitel circular, antecedido por fino astrágalo e moldura circular saliente, e encimado por ábaco também circular. O remate é do tipo bragançano, sendo composto por quatro braços em cruz mas sem decoração no topo. A decoração apresenta fieiras de botões nos espaços entre cada braço. A peça terminal é um tronco cónico com quatro saliências cantonais de expressão zoomórfica. Embora vários pelourinhos do mesmo tipo possam ser vistos no distrito de Bragança, este exemplar possui a particularidade de não ter as representações zoomórficas no topo dos braços em cruz, mas sim na peça de remate.



Festa dos Reis de Vale de Salgueiro
Vale de Salgueiro

A Festa dos Reis de Vale de Salgueiro incorpora tradições profundas e que refletem os códigos comunais que ali se foram desenvolvendo ao longo de milénios, sendo passados de geração em geração.

O início das festas acontece à chegada dos gaiteiros à aldeia, no dia 5 de janeiro.

Estes acompanham depois o Rei – o popular selecionado no ano anterior, responsável pela organização das festas no ano vigente e que enverga uma coroa de ouro emprestada e detida por todos os habitantes – na distribuição de vinho e tremoços por todas as casas da aldeia. À noite, dá-se a primeira reunião e convívio dos populares no largo. Na madrugada do dia seguinte, Dia de Reis, o Rei faz uma nova ronda pelas casas com objetivo de reunir fundos que permitam cobrir o custo das celebrações. Após a missa da hora do almoço, um novo Rei é consagrado.

Depois de cumprida a Dança da Murinheira, dá-se, ao final da tarde, a despedida dos gaiteiros. Nessa mesma noite, os populares mais incansáveis voltam a reunir-se – pelo menos até que acabe o fogo de artifício ou se esgotem o vinho e os tremoços.



Vale do Tua

Serpenteando o vale, o rio Tua guia-nos através de colinas verdejantes e encostadas soalheiras, sobre as quais as videiras reclamam as propriedades que tantos apreciadores dos vinhos da região exultam. Aqui, quase se acredita que as amendoeiras e as cerejeiras competem entre si para determinar quem imprime mais beleza nas paisagens. Aqui, o legado dos povos quase se confunde com as vontades da natureza.



Ribeirinha
Vila Flor



Frechas
Mirandela



Vieiro
Vila Flor



200

Ponte de Abreiro
Abreiro

A partir deste ponto é possível apreciar-se o rio, a antiga Linha do Tua, a calçada da Alpendurada e a antiga Ponte Velha.



Abreiro
Mirandela



198

Forca de Freixiel
Freixiel

Forca de garrote, onde os condenados não eram executados por estrangulamento por suspensão, mas por garrote, ficando depois em exposição prolongada.



Freixiel
Vila Flor





Cobro
Barcel
Longra
Ribeirinha
N213
Rio Tua
PARQUE NATURAL
Abreiro
200
N314
Vieiro
Freixiel
199
198
PORTUGAL
Folgares



Vilarinho das Azenhas
Vila Flor

Frechas

Vale de Sancha

Cachão

REGIONAL DO VALE DO TUA

N213

Vilarinho das Azenhas



193

Santuário de Nossa Senhora da Assunção
Vilas Boas

Erguido no século XIX no alto de um monte que domina toda a paisagem envolvente, representa um dos pontos mais altos do concelho, com cerca de 760 metros de altitude.

N214

Meireles

193

Vilas Boas



196

Fonte Romana de Vila Flor
Vila Flor



195

Arco de D. Dinis
Vila Flor

Do presumível castelo resta uma porta de arco apontado granítico, onde são visíveis os entalhes para o encaixe das portas, designada por Porta da Vila ou de D. Dinis.



194

Pelourinho de Vila Flor
Vila Flor

Roios

N215

Vila Flor

N214

197

194 195

196



197

Igreja de São Bartolomeu
Vila Flor

IC5

Vila Flor

Consta a lenda que Vila Flor, outrora denominada Póvoa d'Além-Sabor, foi assim rebatizada por D. Dinis. Quando o rei se encontrava a caminho de Miranda para se encontrar com a sua noiva Isabel de Aragão, terá aqui passado e, achando o lugar tão belo e florido, assim o renomeou poeticamente. Foi o mesmo quem lhe concedeu foral em 1286 e o mandou rodear de muralhas – embora desta fortificação apenas resista a Porta Sul. Hoje, esta vila é também sede de concelho e, para lá do seu vasto património edificado, é reconhecida pela produção de azeite de altíssima qualidade.



O pitoresco Centro Histórico de Vilar Flor compreende uma aglomeração surpreendente de monumentos históricos e locais de interesse recreativo e cultural. Geralmente, considera-se a Fonte das Bestas, uma fonte de mergulho do séc. XIV ou XV envolta em lendas, como ponto de entrada. A partir daí, deparamos com a Igreja da Misericórdia, originária do séc. XVII, em pleno Largo do Rossio. Ali perto, numa outra praça principal da localidade, encontra-se a Igreja Matriz de Vila Flor também conhecida como Igreja de São Bartolomeu, e que se afirma pelas suas duas imponentes torres sineiras. Nas suas imediações, destacam-se a antiga Judaria, o medieval Arco de D. Dinis – parte remanescente de um castelo desaparecido – e ainda a Fonte Romana. Já na praticamente contígua Praça da República, que abre também portas para dois jardins e um anfiteatro, há a descobrir o Museu Municipal Dra. Berta Cabral, cujo rico espólio inclui uma moeda de ouro do tempo dos Visigodos e o documento original que testemunha o Foral Manuelino atribuído à vila. Entre outros atrativos, este centro é ainda enquadrado por casas senhoriais e casas agrícolas associadas à produção de vinho e de azeite.

195

Arco de D. Dinis
Vila Flor

Outrora, terá existido um castelo em Vila Flor, apontando a documentação existente para uma construção de 1286 ordenada por D. Dinis. Embora sejam parcos os vestígios que sobrevivem até hoje, este arco – também conhecido como "porta da vila" – atesta a existência passada de uma cerca de muralhas em redor da vila. Esta seria uma das únicas cinco portas, todas de arco quebrado, edificadas ao longo da fortificação. A parede esquerda indicia a possibilidade deste arco estar anexado a uma torre semicircular ou forte que garantiria a proteção deste ponto de acesso virado a sudeste. A vila nunca esqueceu a dívida para com D. Dinis pelo foral que o monarca lhe concedeu no ano de 1286 e, por sua razão, esta porta é geralmente referenciada como "Arco de D. Dinis".





193

Santuário Nossa Senhora da Assunção
Vilas Boas

O Santuário da Nossa Senhora da Assunção é o maior e um dos mais importantes santuários Marianos de Trás-os-Montes. Erguido no século XIX no alto de um monte que domina toda a paisagem envolvente, representa um dos pontos mais altos do concelho, com cerca de 760 metros de altitude. A sua história é milenar visto ter existido um povoado fortificado da idade do Ferro neste magnífico monte. Possui uma igreja de nave única e capela-mor retangulares, várias capelinhas espalhadas pelo recinto e um monumental escadório, tudo envolto em imensos tufos de floresta.

Foram ainda descobertas duas belíssimas peças de arqueologia artística e/ou religiosa no Santuário da Nossa Senhora da Assunção. O torque de Vilas Boas, uma das mais belas peças de ourivesaria europeia da Idade do Ferro, foi descoberto em 1965 na vertente sul do Santuário. Adicionalmente, um grande berrão em granito, medindo 1,5 metros de comprimento e uma altura de 1,3 metros, que hoje se encontra no museu Municipal de Vila Flor.

Festa da Senhora da Assunção
Vilas Boas

A romaria da Senhora da Assunção ou popularmente conhecida como a "Romaria do Cabeço", constitui uma secular manifestação de religiosidade popular. Desde o século XVII que ao "cabeço", onde se erigiu o atual Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Assunção, se tem dirigido muitos milhares de romeiros, provenientes das mais diversas geografias. A este local, vindos do Além-Tua, Além-Sabor e Além-Douro, por diferentes caminhos de peregrinação, criados e sistematizados ao longo de séculos, num raio de mais de 100 Km, em redor do Santuário, ocorrem muitos milhares de devotos da Senhora da Assunção, particularmente no dia 15 de agosto, dia da Assunção de Maria.

Até 1843, o Santuário reduzia-se a pouco mais do que uma pequena ermida situada no topo do "cabeço" sagrado e para onde afluíam, com muita dificuldade de acesso, muitas centenas de peregrinos, principalmente na festividade de Nossa Senhora.



A dinamização do Santuário e da sua romaria muito se deve ao momento chave que foi a aparição, por diferentes vezes, de Nossa Senhora da Assunção à jovem menina Maria, natural de Vilas Boas, no ano de 1673. Daqui em diante, os romeiros aumentaram em grande número e os milagres sucederam – se, tal como relatava, em 1712, Frei Agostinho de Santa Maria, em Santuário Mariano.





196

Fonte Romana de Vila Flor
Vila Flor

Embora atraiçoada pelo nome de antiguidade "Fonte Romana", esta é na verdade uma fonte quinhentista, datada do século XVI. É formada por quatro pilares e seis colunas jónicas que suportam uma cúpula de tijolo.

É definitivamente um conjunto de duas fontes de épocas cronológicas distintas. A principal, de maior interesse arquitetónico, tem a particularidade de conciliar uma fonte de mergulho de origem medieval, terminada superiormente por moldura provavelmente de feitura posterior, com um mirante superior, construído em 1578, conforme assinalado na inscrição, com carrancas de diferentes tipos a decorar os ângulos e a zona central, em duas das faces, da arquitrave.

Crê-se que este recinto, em forma de templete greco-galaico, tenha sido utilizado para a realizações de reuniões municipais dos homens bons da paróquia. Provavelmente de início era entaipado com pranchas de madeira de coluna a coluna.



197

Igreja de São Bartolomeu
Vila Flor

Distinguindo-se especialmente pela sua escala majestosa, este templo foi construído no século XVIII para substituir a igreja ali existente anteriormente e que desabara a 31 de janeiro de 1700 – tendo a maior parte das pedras ornamentadas do edifício mais antigo sido reintegradas no novo. É um exemplar paradigmático da arquitetura barroca, com planta longitudinal composta por uma nave e capela-mor, com capela lateral e sacristia adossadas. Tem uma altura exterior de mais de 15 metros, 14 metros de largura e 42 metros de comprimento. Possui ainda torres que se elevam até aos 24,6 m. No interior, apresenta um total de seis altares, três dos quais incluem retábulos de talha dourada. Os seus dois altares colaterais merecem especial destaque pela sua complexidade artística e antiguidade, sendo datados do século anterior à construção da própria igreja. Por sua vez, o altar-mor, mais moderno (1787), apresenta um venerável painel do pintor Vilaflorense Manuel de Moura.

198

Forca de Freixiel
Freixiel

Elevando-se nas imediações de Freixiel, persiste um desconcertante monumento da Idade Média que nos recorda da implacabilidade dos conceitos de justiça dessa era – a Antiga Forca. Resistindo à pressão do tempo, mantêm-se de pé até hoje os dois pilares em granito que sustentaram a já desaparecida trave horizontal onde o laço era pendurado. As marcas na base destes pilares relevam também a existência passada de um estrado de madeira.

No entanto, a distância a que os orifícios que suportavam a trave ficam quer do solo quer do estrado impossibilitaria o estrangulamento por suspensão. Tratar-se-ia então de uma forca de garrote – sendo o condenado tipicamente deixado depois em exposição no local, pendurado pelo pescoço. Segundo as crenças da época, os sentenciados não podiam ser sepultados em locais consagrados e, por esta razão, eram enterrados num campo próximo, conhecido como "Fiéis de Deus".

De acordo com o conhecimento atual, este são os únicos vestígios sobreviventes deste tipo de estrutura em toda a Península Ibérica.





Freixiel
Mirandela

Entre duas colinas, ao fundo do magnífico Vale de Freixiel – que se faz envolver pelas serras dos Folgares, Cabreira, Mós, Pessegueiro e Vieiro – situa-se a aldeia que se faz reconhecer pelo mesmo nome. Embora a população se concentre hoje em dia neste núcleo, a área geral do Vale terá sido habitada desde tempos pré-históricos. A indiciá-lo, há a descobrir aqui testemunhos como um castro antigo, a Necrópole do Salgueiral, uma fonte e um lagar romanos e ainda as ruínas de uma ponte medieval. Mas há também edificações de séculos comparativamente menos longínquos, como o importante Pelourinho manuelino, alguns solares brasonados e ainda a desconcertante Forca – monumento deste tipo único em Portugal e que relembra a implacabilidade dos conceitos de justiça de outras eras. Para lá da oliveira, a vinha marca a paisagem, ou não estivéssemos em plena Região Demarcada do Douro.



199

Pelourinho de Freixiel
Freixiel

Estima-se que o primeiro foral de Freixiel datará de 1112, sendo este novamente atribuído em 1515 por D. Manuel – tendo este pelourinho sido erguido no à época largo principal da povoação para assim assinalar concretamente a autoridade municipal. Este exemplar apresenta grande parte das características manuelinas tradicionais, sendo o seu bloco prismático, com soco quadrangular de quatro degraus – encontrando-se o térreo parcialmente embebido no terreno, com desnível acentuado – e o seu fuste octogonal encimado por capitel simples e paralelepípedo com elementos heráldicos.



Abreiro
Mirandela

Integrando-se no concelho de Mirandela, a aldeia de Abreiro localiza-se num vale abraçado pelo rio Tua e é guardiã de um valiosíssimo património arqueológico. Desde logo, destacam-se a calçada que ligava a localidade à antiga ponte de Abreiro – edificação medieval que não resistiu às cheias de 1909 –, as ruínas da própria ponte e o dólmen megalítico da Arcã. Em plena aldeia, saltam à vista imponentes casas senhoriais que se revezam com as humildes casas de granito típicas da região e que aqui se notabilizam por serem rematadas com varandas de madeira. A visitar há ainda, até pelo seu bom estado de conservação, o pelourinho e o cruzeiro da localidade, bem como a fonte antiga. A envolvente é dominada pela oliveira, que tem um papel importante na cultura e economia de Abreiro, mas também a figueira tem expressão. Para os mais atentos, há ainda a desvendar uma literal marca histórica muito rara – gravada no granito de uma parede do edifício que foi outrora câmara municipal – e que era usada como medida pelos comerciantes de tecido.



Vilas Boas
Mirandela

A povoação de Vilas Boas tem um passado riquíssimo, e bem conhecido dos historiadores, mas que não seria facilmente adivinhado pelos visitantes, não fosse a resistência do seu Pelourinho. Na verdade, Vilas Boas foi vila e sede de concelho desde o século XIV até 1836. Em 1512, aquando da emissão dos "Forais Novos" durante o reinado de D. Manuel – renovando presumível foral dado por D. Afonso IV – a reafirmação da municipalidade da localidade terá implicado a construção deste monumento. Em termos formais, está assente sobre uma plataforma formada por um escadório quadrangular, sendo o fuste prismático encimado por um capitel que sustenta um corpo com as armas nacionais e a esfera armilar. Goza do estatuto de Imóvel de Interesse Público desde 1933.



Vilarinho das Azenhas
Vila Flor

A aldeia de Vilarinho das Azenhas irrompe após a margem do rio Tua, antecedendo-a as ruínas de duas antigas azenhas – os únicos vestígios arquitetónicos sobreviventes da outrora frutífera atividade que lhe terá dado nome. No entanto, outros vestígios ali presentes falam-nos na ancestralidade do seu povoamento, como os resquícios de uma acrópole que ainda podem ser visitados ao centro da aldeia. Também o fervor religioso marca esta localidade, como se pode verificar pela edificação da Igreja de Santa Justa – um exemplar do estilo barroco do século XVIII – e, sobretudo, pela proximidade do Santuário de Nossa Senhora dos Remédios. Este último situa-se no cabeço do monte vizinho, sendo sobranceiro tanto à aldeia como ao rio, parecendo prestar-lhes proteção. É igualmente aqui que se situa o estonteante Miradouro das Azenhas do Tua, que proporciona vistas emocionantes sobre a extensão do Vale.



Frechas
Mirandela

A pitoresca aldeia de Frechas, bem como a freguesia de mesmo nome que capitaneia, situa-se num outeiro nas encantadoras margens do rio Tua. O povoamento desta área remonta à pré-história, como demonstram inequivocamente os vestígios arqueológicos aqui existentes e para o qual terão contribuído os solos ricos e as condições climatéricas extraordinárias que ainda hoje aqui se verificam. Ao longo dos tempos, aqui se estabeleceram povos tão diversos como os Celtas, Romanos, Visigodos e Árabes e, em 1513, Frechas era vila e sede de concelho em virtude de foral atribuído por D. Manuel I – concelho este que perduraria ainda até 1836, data da sua integração em Mirandela. Funcionando como memória viva dos antigos foros, conserva-se ainda na freguesia o seu portentoso Pelourinho. Também algumas casas solarengas e construções apalaçadas aqui presentes remetem para as dinâmicas do mesmo período. Contrapondo o rio, a freguesia é paralelamente delimitada pela via férrea da Linha do Tua que, cruzando a paisagem ampla e serena, contribui ainda mais para o charme idílico da localidade.

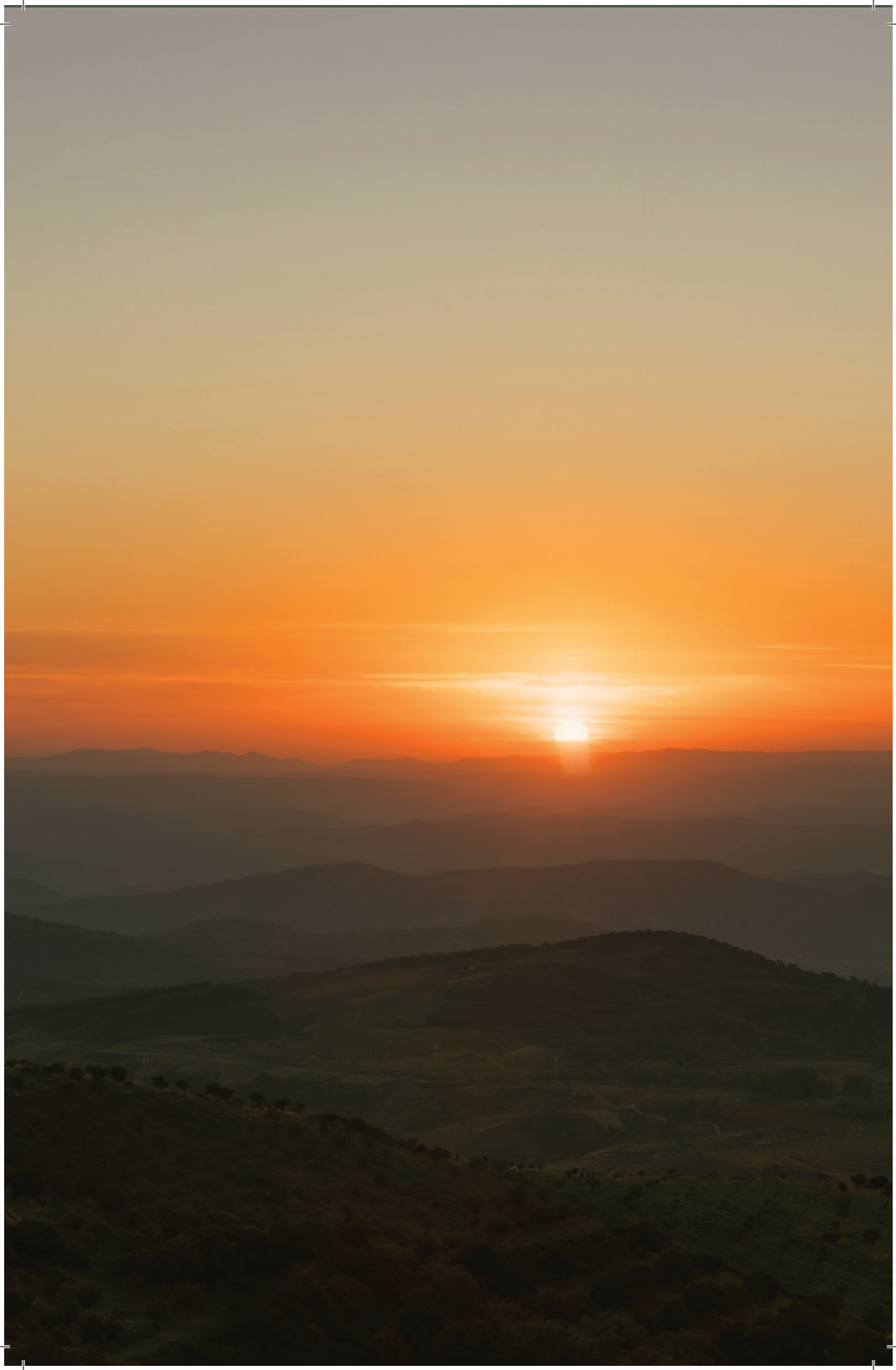


Vinhas

Entre os vários aliciantes oferecidos pelo concelho de Vila Flor – como o azeite, a amêndoa, o cabrito e cordeiro, a doçaria, o pão de forno a lenha, o queijo e o mel –, o vinho tem um impacto significativo na economia e cultura locais. Enquadrando-se uma parte do seu território na Região Demarcada do Douro, a vinha marca naturalmente a paisagem, a par do amendoal e olival. Mas, se hoje tomamos como certa a qualidade e capacidade produtiva do Douro, há a relembrar que não fora a incansável resiliência do homem ao longo de séculos e não desfrutaríamos hoje dos néctares durienses.

Engenhosamente, os antepassados foram capazes de domar os difíceis terrenos íngremes e solos de xisto, transformando-os em socalcos e patamares que permitiram ampliar largamente as áreas de trabalho e cultivo. Assim, otimizaram a longevidade das vinhas e a fruição das condições climatéricas do Douro que, apesar de muitas vezes adversas aos humanos, são ideais para a uva. Em Vilar Flor, o clima é particularmente quente e árido – o que possibilita uvas de prestígio que apresentam mais açúcar e mostos mais concentrados, contribuindo para a fama extraordinária da localidade no que toca à produção de vinhos do Douro e à disputa dos seus cachos pelos mais reputados produtores de Vinho do Porto.

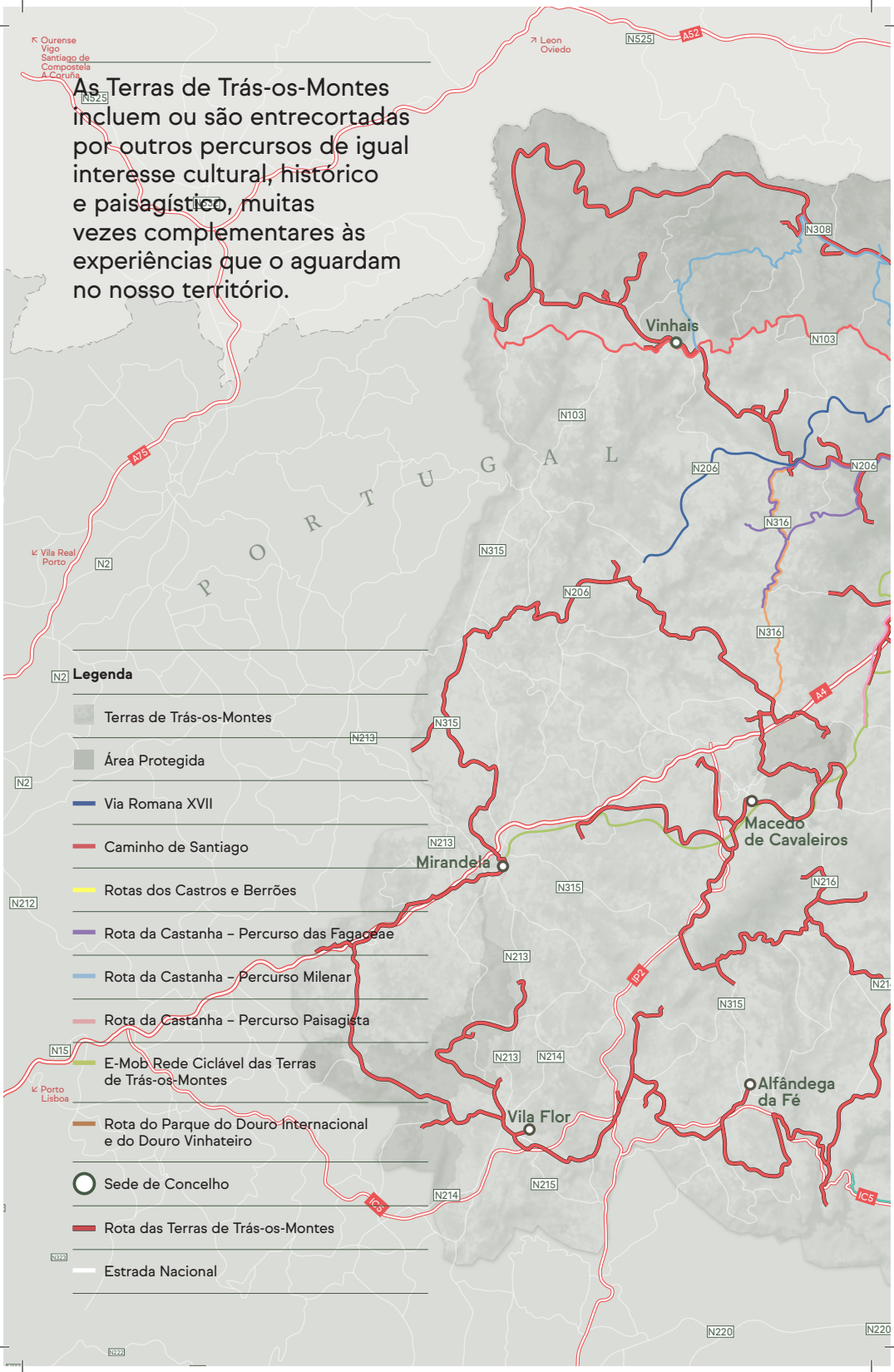


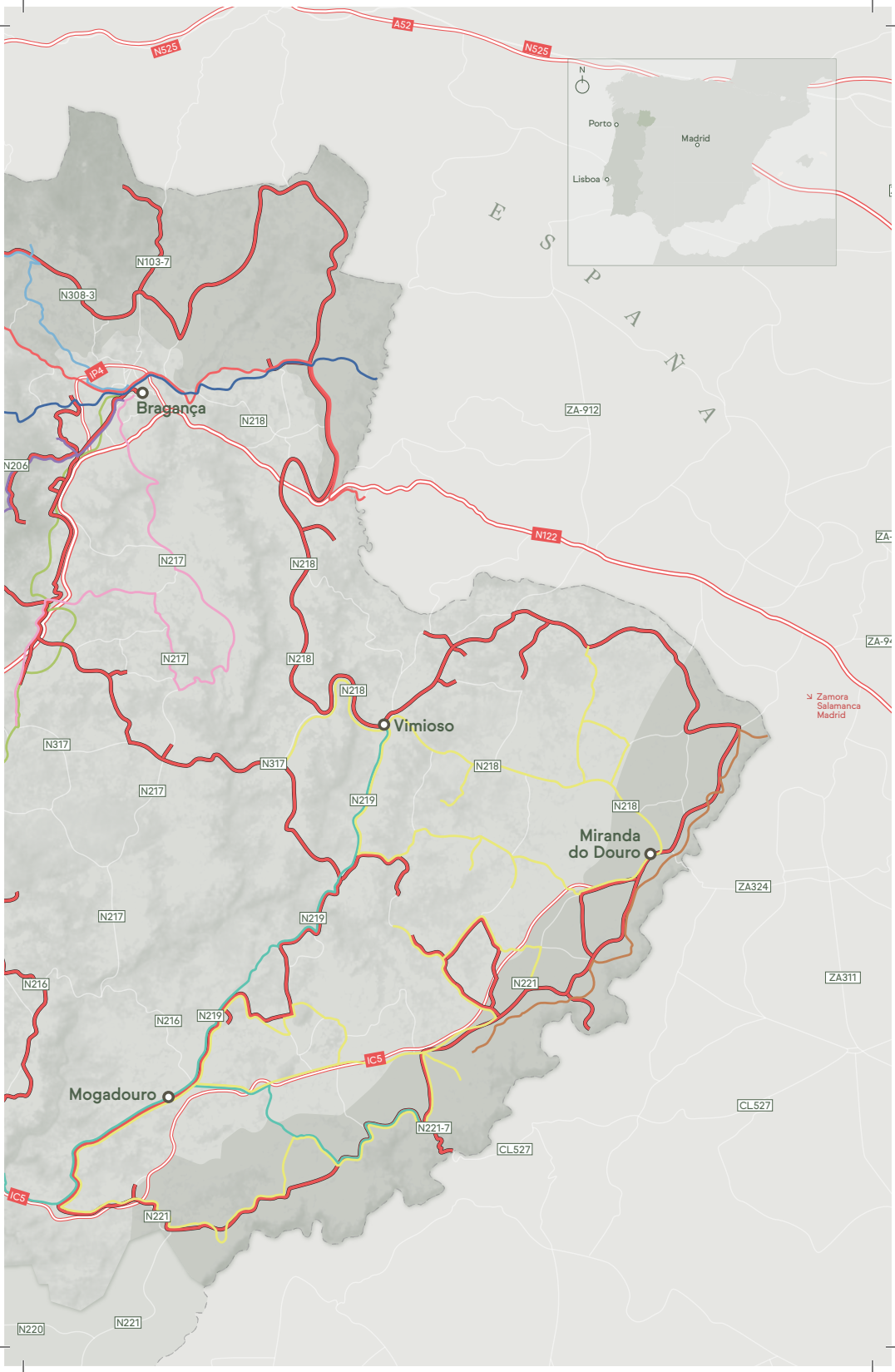


Outras Rotas

- Via Romana XVII
- Caminho de Santiago
- Rota dos Castros e Berrões
- Rota da Castanha
- Rota do Parque do Douro Internacional e do Douro Vinhateiro
- E-Mob Rede Ciclável das Terras de Trás-os-Montes

As Terras de Trás-os-Montes incluem ou são entrecortadas por outros percursos de igual interesse cultural, histórico e paisagístico, muitas vezes complementares às experiências que o aguardam no nosso território.




N525
A52
N525
N
Porto
Madrid
Lisboa
ESPAÑA
N103-7
N308-3
IP4
Bragança
N218
N206
ZA-912
N122
N217
N218
N217
N218
N218
Vimioso
N317
N317
N218
N217
N219
N218
Miranda
do Douro
ZA324
N217
N219
N216
N221
ZA311
N216
N219
IC5
Mogadouro
CL527
N221-7
CL527
IC5
N221
N220
N221
Zamora
Salamanca
Madrid



Rituais de Inverno



Festa da Cabra e do Canhoto	Cidões, Vinhais	31 de outubro
Festa de Santa Luzia / Festa do Velho e da Galdrapa	São Pedro da Silva, Miranda do Douro	13 de dezembro (ou domingo mais próximo)
Festa dos Rapazes	Varge, Bragança	25 e 26 dezembro (ritos preparatórios em 24 de dezembro)
Festa dos Rapazes	Aveleda, Bragança	25 e 26 dezembro
Festa de Santo Estevão	Arcas, Macedo de Cavaleiros	25 e 26 de dezembro
Festa de Santo Estêvão	Parada de Infanções, Bragança	25 e 26 dezembro (ritos vão até 30 de dezembro)
Festa de Santo Estêvão / Festa das Varas	Rebordelo, Vinhais	25 e 26 de dezembro
Festa de Santo Estêvão	Ousilhão, Vinhais	25 e 26 de dezembro
Festa de Santo Estêvão / Festa dos Caretos	Torre de D. Chama, Mirandela	25 e 26 de dezembro
Festa dos Velhos	Bruçó, Mogadouro	25 de dezembro
O Careto e a Velha	Valverde, Mogadouro	25 de dezembro
Festa do Velho Chocalheiro	Vale de Porco, Mogadouro	25 de dezembro e 1 de janeiro
Festa de Santo Estêvão	Rebordãos, Bragança	26 de dezembro
Chocalheiro	Bemposta, Mogadouro	26 de dezembro e 1 de janeiro
Festa de Santo Estêvão	Grijó de Parada, Bragança	26 e 27 de dezembro
Festa de Santo Estêvão	Travanca, Vinhais	27 de dezembro

Festa das Morcelas ou da Mocidade	Constantim, Miranda do Douro	28 e 29 dezembro (os ritos preparatórios iniciam em 27 dezembro)
A Encamisada	Vale das Fontes. Vinhais	Noite de 31 dezembro
Festa do Menino e do Farandulo	Tó, Mogadouro	1 de janeiro
Festa do Menino / Festa da Belha / Festa do Ano Novo	Vila Chã da Braciosa, Miranda do Douro	1 de janeiro
Festa dos Reis	Rio de Onor, Bragança	Fim-de-semana anterior a 6 janeiro
Festa dos Reis	Baçal, Bragança	Fim-de-semana mais próximo de 5 e 6 janeiro
Festa dos Reis	Salsas, Bragança	1 a 6 de janeiro
Festa dos Reis	Vale de Salgueiro, Mirandela	6 de janeiro
Festa dos Reis	Rebordainhos, Bragança	6 de janeiro
Festa dos Reis e dos Roscos	São Pedro da Silva, Miranda do Douro	5 de janeiro
Carnaval	Vila Boa de Ousilhão, Vinhais	Sábado e Domingo Gordo
Entrudo Chocalheiro	Podence, Macedo de Cavaleiros	Sábado a Terça-feira de Carnaval
Carnaval	Santulhão, Vimioso	Terça-feira Carnaval
Morte e Diabo	Vinhais	Quarta-feira de Cinzas
Morte, Diabo e Censura	Bragança	Quarta-feira de Cinzas



Festas e Feiras Anuais



Feira da Caça e Turismo	Macedo de Cavaleiros	Último fim de semana de janeiro
Amendoeiras em Flor	Alfândega da Fé	Fevereiro - Março
Festival de Sabores Mirandeses	Miranda do Douro	Segundo fim de semana de fevereiro
Feira do Fumeiro	Vinhais	Segundo fim de semana de fevereiro
Feira de Alheira	Mirandela	Último fim de semana de fevereiro
Festival do Butelo e das Casulas	Bragança	Fim de semana do Carnaval
Amendoeiras em Flor	Mogadouro	Março
Entrudo Chocalheiro	Macedo de Cavaleiros	1 a 4 de março
1000 Diabos à Solta	Vinhais	Sábado depois da Quarta-feira de Cinzas
Amendoeiras em Flor	Vila Flor	Março
Feira do Pão	Caçarelhos	Fim de semana anterior à Semana Santa
Sábado de Aleluia	Algoso	Sábado de Páscoa
Feira da Rosquilha	Argozelo	Abril
Encontro de Rituais Ancestrais	Bemposta	Abril
Tua Walking Fest	Mirandela	Finais de abril
Festival da Bola Doce Mirandesa	Miranda do Douro	Terceiro fim de semana de abril
Feira de Artesanato	Bragança	30 de abril a 4 de maio
Feira das Cantarinhas	Bragança	2 a 4 de maio
Feira do Azeite e da Azeitona Santulhana	**Santulhão**	Primeiro fim de semana de junho
Ronda das Adegas	Atenor, Miranda do Douro	Segundo fim de semana de junho
Careto air Show	Bragança	Terceiro fim de semana de junho
Festa da Cereja	Alfândega da Fé	Junho
Feira de São Pedro	Macedo de Cavaleiros	Último fim de semana de junho

EXPOVILLA	Vila Flor	Julho
Festival D'Onor	Bragança	Terceiro fim de semana de julho
Festival Terra Transmontana	Mogadouro	Último fim de semana de julho
Festival PAN	Alfândega da Fé	Último fim de semana de julho
Red Burros Fly In	Mogadouro	Último fim de semana de julho
Festa Verão	Bragança	Primeiro fim de semana de agosto
Festival Intercéltico	Sendim, Miranda do Douro	Primeiro fim de semana de agosto
Noite dos Bombos	Mirandela	Primeira sexta de agosto
Festival Circ'Bô	Vilares da Vilariça	Primeiro fim de semana de agosto
Festa da História	Bragança	Terceira semana de agosto
Tua Walking Festival	Vila Flor	Setembro
Feira dos Gorazes	Mogadouro	15 e 16 de outubro
Feira da Castanha	Vinhais	Terceiro fim de semana de outubro
Festa da Montanha	Alfândega da Fé	Novembro
Cachico: mercado rural	**Carção**	Novembro
Aldeia Natal	Alfândega da Fé	Dezembro
Bragança, Terra Natal e de Sonhos	**Bragança**	Dezembro
Terra Natal	Miranda do Douro	Dezembro
Jardim Natal	Mirandela	Dezembro
Vila F'Liz Natal	Vila Flor	Dezembro
Feira de Artes, Ofícios e Sabores de Vimioso	**Vimioso**	Segundo fim de semana de dezembro
Fogueira do Galo	Miranda do Douro	24 de dezembro
Festival Geada	Miranda do Douro	Último fim de semana de dezembro

Contactos úteis

SOS – 112

Alfândega da Fé

Guarda Nacional Republicana
T. 279 462 103

Bombeiros Voluntários
T. 279 462 429

Centro de Saúde
T. 279 462 686

Posto de Turismo
T. 279 462 739

Bragança

Guarda Nacional Republicana
T. 273 300 530

Polícia de Segurança Pública
T. 273 409 129

Bombeiros Voluntários
T. 273 300 210

Hospital
T. 273 310 800

Posto de Turismo
T. 273 240 020

Macedo de Cavaleiros

Guarda Nacional Republicana
T. 278 420 030

Bombeiros Voluntários
T. 278 428 530

Hospital
T. 278 428 200

Posto de Turismo
T. 278 099 166

Miranda do Douro

Guarda Nacional Republicana
T. 273 430 010

Bombeiros Voluntários
T. 273 432 122

Centro de Saúde
T. 273 430 040

Posto de Turismo
T. 273 430 025

Mirandela

Guarda Nacional Republicana
T. 278 201 000

Bombeiros Voluntários
T. 278 201 080

Hospital
T. 278 260 500

Posto de Turismo
T. 278 203 143

Mogadouro

Guarda Nacional Republicana
T. 279 340 210

Bombeiros Voluntários
T. 279 340 020

Centro de Saúde
T. 279 340 300

Posto de Turismo
Casa das Artes e Oficios
T. 279 340 501

Vila Flor

Guarda Nacional Republicana
T. 278 518 130

Bombeiros Voluntários
T. 278 518 150

Centro de Saúde
T. 278 510 000

Posto de Turismo
T. 278 510 104

Vimioso

Guarda Nacional Republicana
T. 273 512 216

Bombeiros Voluntários
T. 273 512 115

Centro de Saúde
T. 273 510 030

Posto de Turismo
T. 273 518 120

Vinhais

Guarda Nacional Republicana
T. 273 770 090

Bombeiros Voluntários de Vinhais
T. 273 771 012

Centro de Saúde
T. 273 770 150

Posto de Turismo
T. 273 770 309

Ficha Técnica

Edição
CIM-Terras
de Trás-os-Montes

Equipa Coordenadora
Rui Caseiro
Pedro Morais
Sónia Lavrador
Luís Meirinho
Isabel Andrade

Fotografia
Raio Verde
João Pedro Marnoto
(p. 246-247, 284-285)
José Jambas
(p. 38-39)
José Pedro Costa
(p. 27, 141, 146)
António Fernandes
(p. 120)
Bob Brewer
(p. 33)

Texto
Pedro Tavares

Tradução
Cláudia Tavares

Estudo e
Caracterização
SPI

Design
united by

Produção
Orgal impressores

ISBN
978-989-36317-0-6

Depósito Legal
549380/25

Tiragem
1000 exemplares
©2025 CIM-TTM
Todos os direitos
reservados.